



DIÁLOGOS EJA INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

OS AVANÇOS, OS DESAFIOS E O LUGAR
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
NOS INSTITUTOS FEDERAIS EM GOIÁS

DE 15 A 17/10/2014
NO TEATRO DO IFG - CÂMPUS GOIÂNIA

**TRANSCRIÇÃO DIÁLOGOS
EJA 2014**

REALIZAÇÃO:



PARCERIA:



APOIO:

CAPES
OBSERVATÓRIO
DA EDUCAÇÃO



15 a 17 de
outubro de 2014

Transcrição Diálogos EJA 2014

RODRIGO DE FREITAS AMORIM (ORG.)

TRANSCRIÇÃO DIÁLOGOS EJA 2014

GOIÂNIA - GOIÁS

2016



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO FEDERAL GOIANO

PARCERIA:

FÓRUM GOIANO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA -
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÂNIA

APOIO:

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
(CAPES)
PROJETO OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO (OBEDUC)

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Josué Vidal Pereira (Coord. EJA/Proen - IFG)
Cláudio Virote de Lacerda (Coord. EJA/Proen - IFGoiano)
Maria Margarida Machado (Coord. Geral Projeto Capes-OBEDUC/FE/UFG)
Mad´Ana Desirée Ribeiro de Castro (Coord. Núcleo de EJA - IFG)
Sebastião Cláudio Barbosa (Núcleo EJA - IFG)
Jaqueline Maria Barbosa Vitorette (Núcleo EJA - IFG)
Ádria Assunção (Núcleo EJA - IFG)
Renata Rosa Franco (Proen - IFG)
Karla Ferreira Dias Cassiano (IFG - *Campus* Inhumas)
Lucivânio Oliveira Silva (IFG - *Campus* Valparaíso)
Alix Costa Lima Pinto B. dos Santos (IFG - *Campus* Aparecida)
Adriely Tatagiba (Discente/Bolsista /IFG - *Campus* Goiânia)
Bruno Bueno (Discente/Bolsista/IFG - *Campus* Goiânia)
Marcelo Mendes dos Santos (Discente/Bolsista/IFG - *Campus* Goiânia)
Ariadiny Cândido (Mestranda - FE/UFG)

TRANSCRIÇÃO E EDITORAÇÃO GRÁFICA:

Rodrigo de Freitas Amorim (Mestrando - FE/UFG; docente IFG - *Campus* Uruaçu)

SUPERVISÃO E COORDENAÇÃO DA TRANSCRIÇÃO:

Prof.^a Dr.^a Maria Margarida Machado - Coord.^a OBEDUC/FE/UFG
Prof.^a Dr.^a Maria Emília de Castro Rodrigues - Coord.^a Portal Fórum Goiano EJA

AUTORIZAMOS A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUAISQUER MEIOS, CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

IV SEMINÁRIO DIÁLOGOS EJA INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
- IV: 2014. Goiânia - GO. Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás. Transcrição Diálogos EJA 2014. Goiânia: OBEDUC/CAPES/UFG, 2016.

IV SEMINÁRIO DIÁLOGOS EJA INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
- Transcrição Diálogos EJA - Rodrigo de Freitas Amorim (org.)

Modo de acesso: <http://forumeja.org.br/go/>

1. Educação 2. Educação de Jovens e Adultos 3. Educação Profissional

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
PROGRAMAÇÃO	08
1 TRANSCRIÇÃO DA ABERTURA DO EVENTO - DIA 15/10	09
2 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 16/10 - TARDE	49
3 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 16/10 - NOITE	88
4 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 17/10 - TARDE	123
5 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 17/10 - NOITE	176
ANEXOS	216

APRESENTAÇÃO

O presente documento intitulado *Transcrição Diálogos EJA 2014* é o resultado da audição e edição das falas dos sujeitos do VI Seminário Diálogos EJA integrada à Educação Profissional, realizado no Instituto Federal de Goiás, campus Goiânia, entre os dias 15, 16 e 17 de outubro de 2014, por meio da parceria entre o Instituto Federal de Goiás, o Instituto Federal Goiano e a Universidade Federal de Goiás, que teve como temática “Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais em Goiás”.

Gestores(as), servidores técnicos administrativos, pesquisadores(as), professores(as), alunos(as) da EJA e de licenciaturas tiveram a oportunidade de discutir a temática do evento a partir de seus contextos acadêmicos, profissionais e pessoais. O conjunto das discussões que melhor se expressa pela palavra “diálogos” enriqueceu este novo campo epistemológico do conhecimento, que no dizer de Paiva trata-se de “uma nova epistemologia para compreender o que se passa com as necessidades de aprendizagem de trabalhadores, formando-se para e no trabalho, inicial e continuamente.”

Todo o evento foi registrado por meio de gravações em vídeo pela equipe de bolsistas do Projeto Observatório da Educação (OBEDUC), coordenada pela Prof.^a Maria Margarida Machado e a equipe do Portal do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos, coordenada pela Prof.^a Maria Emília de Castro Rodrigues. Estes registros perfizeram um total aproximado de 13 horas de gravações em vídeo no formato .MTS que foram ouvidas e transcritas para o programa Microsoft Word (formato .docx). Vale ressaltar que esse trabalho de audição e edição dos vídeos, além de representar parte do trabalho como bolsista do OBEDUC para compor material que tanto servirá ao Centro Memória Viva quanto à divulgação no Portal Fóruns de EJA, também tem sido objeto de análise na construção da dissertação de mestrado que investiga a formação do trabalhador no Proeja, especificamente no cotejamento entre aquilo que está dito nos documentos oficiais do programa e das instituições, com aquilo que é expresso por meio dos sujeitos que participam dos Diálogos.

O processo de ouvir e editar os vídeos constituiu-se numa trajetória árdua, solitária e até enfadonha, em alguns momentos. Não cabe neste espaço emitir juízos

sobre as falas dos sujeitos, mas é necessário afirmar que todo o material aqui apresentado procurou ser o mais fiel possível à fala dos interlocutores, de modo que as audições foram exaustivamente conferidas para evitar equívocos ou mesmo a “traição” do sentido da fala dos sujeitos. Em alguns casos foi necessário criar uma legenda para informar ao leitor sobre dificuldades na compreensão da fala do interlocutor, seja por problemas técnicos da aparelhagem de som, seja por questões de dicção ou mesmo pelo estranhamento com o microfone, como se evidenciou em alguns momentos. Assim, para reproduzir de forma fidedigna ao máximo possível as falas dos interlocutores, especialmente aquelas cujo áudio apresentou maior dificuldade de compreensão, foram ouvidas diversas vezes os mesmos trechos.

Quando não se conseguiu chegar à compreensão de uma palavra utilizamos uma interrogação entre colchetes [?] para ocupar o espaço desta palavra na fala do interlocutor. Para a não compreensão de duas ou três palavras utilizamos duas interrogações entre colchetes [??]. Quando uma frase completa com mais de três palavras não foi compreendida utilizamos três interrogações entre colchetes [???]. E, quando uma palavra ou expressão ficou duvidosa, foi utilizada uma interrogação entre parênteses logo após a grafia do termo, por exemplo, a palavra “cálculo(?)” no discurso de um interlocutor teria ficado duvidosa.

A oralidade é marcada pela espontaneidade imbricada com os traços da personalidade de cada interlocutor. Nervosismo, timidez, autoconfiança, domínio de determinado conhecimento, insegurança, constrangimento, etc., são traços que ficam bem perceptíveis na fala. Como consequência desses fatores, muitas vezes o discurso oral varia entre a emissão bem elaborada das ideias e a dificuldade de emitir plenamente o sentido do que se está pensando. Por isso, procurou-se preservar os vícios da linguagem oral de cada interlocutor reproduzindo-se as repetições da fala, as interrupções, os sons, até mesmo o gaguejar. Quando se observar no texto expressões como “é é é” ou “essa essa”, são repetições do interlocutor (não são falhas na digitação!). Toda vez que o discurso oral foi interrompido, isto é, quando uma oração não foi completada pelo interlocutor, utilizamos as reticências (...). Quando aparece o “é” ou “a” seguidos do “h”, ou seja, “éh”, “ah”, tratam-se de momentos na fala em que o interlocutor se demora um pouco mais na emissão vocálica do som e que geralmente reflete um momento de organização do pensamento ou a mudança do ritmo no discurso oral.

Deixamos estas observações ao leitor para que este possa ler o texto como

uma representação escrita fidedigna da oralidade dos Diálogos, salientando que por maior esforço que tenhamos feito para manter a estrita fidelidade das falas é possível que algo tenha passado despercebido. Em que pese esta possibilidade, frisamos que este material tem sido extremamente útil no desenvolvimento de minha pesquisa de mestrado, bem como o pode ser para outras pesquisas que se interessem pelo conteúdo dos Diálogos e pela discussão da integração entre EJA e Educação Profissional.

Meus agradecimentos à Prof.^a Margarida e à minha orientadora, Prof.^a Maria Emília, que me propiciaram esta oportunidade de constituir parte da equipe do OBEDUC/CMV e dos trabalhos do Portal do Fórum Goiano de EJA. Esperamos que este documento preserve a memória e a importância da Educação de Jovens e Adultos trabalhadores como sujeitos históricos de direitos na luta por sua própria autonomia e emancipação humana.

Rodrigo de Freitas Amorim
Docente IFG - *campus* Uruaçu
Mestrando em Educação pelo PPGE-FE/UFG
Bolsista CAPES/OBEDUC

Goiânia-GO
Janeiro de 2016

PROGRAMAÇÃO

15/10 - quarta-feira:

17h - Credenciamento

19h - Atividade cultural

19h30 - Mesa de abertura

20h - Palestra de abertura

O currículo integrado na EJA

Prof. Osmar Lottermann - IFFarroupilha

8

16/10 - quinta-feira:

14h - Atividade cultural

14h30 - Mesa redonda:

Formação docente na EJA integrada à Educação Profissional

17h30 - Apresentação de pôsteres

19h - Atividade cultural

19h30 - Mesa redonda:

O perfil e o lugar dos sujeitos da EJA integrada à Educação Profissional nos Institutos Federais

17/10 - sexta-feira:

14h - Atividade cultural

14h30 - Mesa redonda

Permanência, retenção e “evasão” na EJA integrada à Educação Profissional

17h30 - Apresentação de pôsteres

19h - Atividade cultural

19h30 - Mesa redonda

Práticas político-pedagógicas de currículo integrado na EJA

1 TRANSCRIÇÃO DA ABERTURA DO EVENTO - DIA 15/10

Cerimonial: [...] Espaço de discussões e trocas de experiência sobre as ofertas de educação de jovens e adultos integrada à educação profissional no Estado de Goiás. Considera-se que a expansão da oferta de cursos nesta modalidade implica o reconhecimento da EJA como uma modalidade historicamente negligenciada das políticas públicas, o que redundará em grandes desafios políticos e pedagógicos para sua consolidação no âmbito das instituições da Rede Federal. Desse modo, demanda-se no âmbito destas instituições uma efetiva articulação entre a gestão, a extensão e a pesquisa, de modo a pensar coletivamente o enfrentamento das dificuldades em vista da oferta de cursos com qualidade social para o público constituído pelos jovens e adultos trabalhadores. Sejam todos muito bem-vindos! Agora, vamos assistir uma apresentação do coro de câmara do IFG, sob a regência do professor Vinícius.

Prof. Vinícius: Boa noite a todos! Em primeiro lugar nós queremos agradecer a todos [???] à coordenação do evento, Prof. Sebastião. E... estamos muito felizes... professor... espero que vocês apreciem... Nós vamos fazer algumas peças sacras, algumas peças populares... Duas peças sacras: a primeira do compositor italiano Francesco Bocceli, depois nós vamos fazer uma “Ave Maria” do compositor Franco Flamenco Acadelti. Esses são compositores da Renascença.

(Apresentação do coro - 1ª peça)

Prof. Vinícius: [??] dessa peça que nós cantamos em latim, diz “nós te adoramos Senhor, porque por sua santa cruz tu redimiste o mundo.”

(Apresentação do coro - 2ª peça: Ave Maria)

Prof. Vinícius: [??] de Chico Buarque.

(Apresentação do coro - 3ª peça)

Prof. Vinícius: A gente vai fazer mais duas peças pra gente se despedir desejando a

todos vocês um ótimo encontro e até a próxima oportunidade. Vamos fazer de Vinícius de Moraes com João B... [] “canta canta mais”, e do Milton Nascimento e Fernando Brante, para encerrar, “Maria Maria”. Som de Natália Afonso.

(Apresentação do coro - 4ª peça) [aplausos]

Cerimonial: Agradecemos ao coral formado por estudantes do IFG e a seu regente, Prof. Vinícius, pela belíssima apresentação. Agora procedemos a composição da mesa de autoridades para a abertura deste Seminário. Convidamos o Prof. Paulo Henrique de Souza, representando o magnífico reitor Jerônimo Rodrigues de Souza; a Prof.^a Maria Emília de Castro Rodrigues representando a Universidade Federal de Goiás; o chefe do departamento I do IFG, Prof. Felipe Balocci, representando o diretor do campus Goiânia; Mad’Ana Desirée Ribeiro de Castro, coordenadora da pesquisa Capes/Obeduc do núcleo do IFG; Cláudio Virotte, coordenador do ensino médio técnico do IFGoiano; e Prof. Josué Vidal Pereira, coordenador do Seminário Diálogos EJA integrada à Educação Profissional e da EJA do IFG. [aplausos]

Prof. Josué: Boa noite a todos e a todas! Sejam muito bem-vindos ao IV Seminário Diálogos EJA Integrada à Educação Profissional. Antes da gente continuar falando, eh... eu tô com dificuldade aqui em relação à luz... ãh!... eu acho que a luz... acho que tá faltando luz para o público... [terminô]... É... eu acho que antes da gente continuar falando aqui, seria importante, acho que de fundamental importância um representante dos discentes da Educação de Jovens e Adultos. Eu gostaria de convidar a aluna Marialva para fazer parte da mesa representando os alunos. Ela se encontra? Por gentileza. Falha nossa aqui. [Aplausos! A referida aluna toma assento à mesa.] Então, gente, éh... eu acho que... pra todo mundo aqui e pra nós da comissão organizadora... éh... motivo de grande satisfação a gente está reunido aqui pela quarta vez nesta Instituição com o objetivo exclusivo de discutir a educação de jovens e adultos integrada à formação profissional. Obviamente, que isso é um desafio muito grande, né?... para todas as instituições envolvidas, né!... nessas ofertas de educação de jovens e adultos... há uma série de questões aí que não vai dar tempo aí... né!... da gente adentrar... mas... éh... talvez valha à pena... éh... acenar que estas dificuldades tem haver com o fato de ser uma educação destinada... éh... as classes menos favorecidas da sociedade. Então, a gente tempo historicamente uma

tendência das políticas públicas de negligenciar os trabalhadores desse país. É uma dificuldade muito grande. Eu tenho certeza... éh... o coordenador aí do IF Goiano vai concordar... né!... os colegas... né!... de todas as instituições, da pesquisa aqui representada, da UFG, representada pela professora Maria Emília e todo mundo que... é... um desafio muito grande de reunir esse tanto de gente, reunir... de todos esses segmentos para discutir a educação de jovens e adultos, no qual a gente consegue isso com muito trabalho, diga-se de passagem, [] por mais simples que seja ele já vem sendo pensado e já tem sido organizado há bastante tempo, né!... Pelo menos em termo de trabalho duro... pelo menos dois meses, né?... Então, pra gente chegar aqui hoje, né!... nesse momento é... uma grande satisfação. Éh... gostaria de parabenizar a todos os professores pelo Dia dos Professores... uma salva de palmas para todos os professores [aplausos]... Especialmente os professores que atuam na educação de jovens e adultos [risos]... [aplausos]... Então... enfim... é uma função não tão reconhecida, né?... [cochicha com a pessoa ao lado]... tudo bem... Éh!... Então!... Ah... eu acho que a gente... antes de até de passar a palavra para o representante... aqui... da Reitoria que... do IFG... é fazermos os agradecimentos... eu acho que é... fundamentais... sem os quais esse evento não taria sendo realizado, né?!... éh... quero aos coordenadores dos cursos da EJA do Instituto Federal de Goiás, Instituto Federal Goiano... né!... pela... né!... pela participação no evento e por ter ajudado a mobilizar as pessoas, os discentes, os servidores... por estarem aqui, né!... Aos membros do projeto Proeja-Capes/OBEDUC, né?!... representado aqui pela professora Maria Emília, né?!... éh... ao Coral do IFG... né!... acho que a banda do IFG que estará aqui amanhã... a gente agradece... né!... A direção geral do campus Goiânia... éh... o laboratório de eventos que tem contribuído bastante, né!... com o evento... éh... a comunicação social... éh... do IFG, sobretudo através do trabalho da colega Renata que fez um trabalho muito importante, né!... éh... A Pró-reitoria de ensino... éh... dos dois Institutos... éh... nessa... ah!... o nosso Pró-reitor de ensino, ele está de viagem, então, não pode participar, mas nós enquanto... enquanto parte da pró-reitoria estamos aí representando... né!... Adriana?... éh... A Secretaria Municipal de Educação... eu... nós não identificamos ninguém aqui da Secretaria Municipal a qual é parceira também da realização do evento... Secretaria Municipal de Goiânia... né!... A Faculdade de Educação da UFG. Ao Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos. Aos servidores desse Teatro, também, né!... agradecemos. Éh!... e... principalmente, né?!... aos discentes, aos docentes, né?!...

Aos pesquisadores e militantes da educação de jovens e adultos. Enfim, todo mundo que de alguma forma contribuiu para que esse evento... éh... se realize, né?!... nessa quarta edição. Éh... vamos passar a palavra aqui para o professor Paulo, que representa nesse ato o Reitor do IFG.

Prof. Paulo: Boa noite a todos e a todos! Éh... inicialmente... éh... motivo de muita alegria... né!?!... ver lotado... né!?!... esse espaço para uma importante discussão, né!?!... o diálogos EJA. Esse evento, né!... ele ocorreu em 2013 e eu estava nesse evento como professor da EJA. E aprendi muito porque realmente foi um diálogo. Não foi um monólogo. Nós, realmente, precisamos refletir sobre a educação de jovens e adultos. Precisamos pensar que tipo de educação que nós queremos. Se estamos acertando, onde estamos errando. É importante a participação de todos vocês, nesse momento, dialogando, questionando se realmente nosso ensino é emancipador e não alie nante. Esse é o momento. Nós estamos aqui, o Instituto Federal de Goiás, o Instituto Federal Goiano, a UFG, para estar debatendo, refletindo, que tipo de educação que nós queremos nestas instituições. E, vocês, principalmente os alunos, tem muito a nos ensinar. Aqui não é um momento do pesquisador e do professor, é o momento dos que atuam na educação, dos que querem uma melhoria para essa educação. Então, eu gostaria de inverter, né... parabenizando toda a comissão, né!... cumprimentando o representante do Instituto Federal Goiano, o representante do campus Goiânia, na pessoa do professor Felipe, né!... representante da UFG, e cumprimentar a todos os colegas e professores e servidores técnicos-administrativos da instituição, que nesse momento faz possível esse evento. E, quero cumprimentar a todos os alunos. E, especial, aos meus ex-alunos de Jataí, que estão aqui... no ano passado vieram somente quatro e nesse momento está aí um ônibus imenso aqui presente que muito me alegra. Muito obrigado a todos! [aplausos]

Prof. Felipe(?): Boa noite pessoal! Éh... vou ficar sentado mesmo, tá certo!? Éh... em primeiro lugar, como representante da direção do campus Goiânia, gostaria de dar as boas vindas a todos nesse ambiente, nesse espaço, e... para que todos nós celebremos esse momento, né!?!... éh... de modo favorável ao tema proposto, né!?!... o mais interessante nesse ano... éh... até comento com o coordenador do evento, professore Josué Vidal, é que agora estamos falando de EJA e não mais de

PROEJA. Eu acho isso... ah... o grande marco deste evento, nesse ano. Ou seja, trata-se de uma modalidade consolidada na Instituição e mais do que nunca devemos, sim, salientar a vocação da Instituição nesse segmento educacional. E aí, professor Josué, eu lamento que ainda tenha professores que não entendem essa modalidade de ensino, ou não querem entender. Daí não atuarem... nesse segmento. Sobretudo, numa Instituição como a nossa... chama a atenção porque nós somos de uma carreira E.B.T.T. Nós temos claramente a nossa vocação institucional, e que muitos professores... eu falo... inclusive no Dia dos Professores... não compreendem a importância e o sentido que esta modalidade de ensino tem dentro do IFG. É lamentável que ainda exista esse tipo de coisa. Ah... porém... tem... por outro lado... tem aquelas pessoas que abraçam de fato, compreendem a missão institucional em acolher, não só no aspecto... ãh... inclusivo... da sociedade - evidentemente isso é uma conquista - mas no sentido de que diz respeito a oferta de uma formação que é de direito do cidadão... certo? E, concluo a minha fala, além do agradecimento ao professor Josué, a todos aqui que estão presentes na mesa... ãh... dizendo... a partir do momento que somos EJA dentro do Instituto Federal de Goiás, temos que admitir cursos... certo?!... que acolham não apenas a demanda de mercado mas que acorra para uma formação humana, tá certo?!... uma formação... aí faça minhas palavras do professor Sebastião Cláudio Barbosa, uma formação omnilateral [riso] que possa acolher de forma ampla a formação humana do cidadão. Muito obrigado! [aplausos]

Cláudio Virotte: Éh... gostaria de dizer que, sem dúvidas, é um prazer imenso está diante dum... dum... dum... evento tão importante pra nós. Éh... prá nós enquanto professores, enquanto atuantes, pra nós enquanto representantes das instituições... e... gostaria de dizer que na figura do professor Vicente, reitor do IF Goiano e, também, do professor Virgílio, pró-reitor de ensino, nós estamos entendendo uma luta bastante significativa e, porque não dizer, histórica... éh... com essa união das instituições - o IF Goiás e o IF Goiano. Nós realizamos aqui o segundo ciclo... o segundo encontro do segundo ciclo de formação... né... em parceria com o IFG, e estamos agora realizando esse evento em prol do diálogo a ser feito na educação de jovens e adultos. Isso é muito importante! Achei interessante uma fala do professor aqui... gostaria inclusive de parabenizar a coragem de chamar a atenção... que eu acredito seja um problema... um problema crônico dessas instituições... é que... a resistência de alguns docentes em não atuar no Proeja, na educação de jovens e

adultos, né?!... e... até muito casos... até... prejudicar o andamento desse processo. Gostaria de dizer que o IF Goiano tá num momento de reestruturação, de revitalização do Proeja... nós inclusive fizemos... éh... semana passada... essa semana, visitas sistemáticas aos campus, né?!... motivo pelo qual nossa presença não pode ser tão marcante quanto nós queríamos... viu Josué?!... eu quero que você entenda que enquanto você lutava de cá, vocês lutavam de cá, nós estávamos lutando de lá, em prol de uma revitalização, em prol de um... de um reforço para que a gente possa ter uma educação de jovens e adultos de fato como ela deve ser. Gostaria de agradecer a oportunidade de participar enquanto... coadjuvante... eu vou dizer... viu ôh... ôh... Josué! Mas, sem dúvida nenhuma muito importante, muito significativa. Em nome do IF Goiano, em nome do IFG, também, gostaria de dar as boas a todos. E todos que tenham o maior proveito possível aqui desse encontro, desse seminário, com os nossos diálogos. Obrigado! [aplausos]

Prof.^a Maria Emília: Bom... como professora eu não dô conta de ficar sentada não, gente... [risos]... é o hábito de professora que foi alfabetizadora treze anos e meio. Então, a gente não dá conta de falar sentado, né?! Boa noite a todas e a todos! E, realmente é com muita emoção que a gente vê, né?!... esse quarto encontro Diálogos Proeja que a gente viu nascer... éh... um trabalho de pesquisa, de envolvimento dos profissionais da educação, pensando, refletindo sobre a educação de jovens e adultos, que historicamente a gente tem uma dúvida com este grupo... a gente sabe... e a gente sabe também que as políticas públicas também não se voltam... né... o seu olhar pra esse grupo que... ou não tiveram a oportunidade de ter acesso à escola... ou tiveram, mas pelas circunstâncias materiais, né?!... circunstâncias da vida, tiveram que deixar seus estudos e só retornam ao processo de escolarização agora, né?!... seja na juventude, na terceira idade... mas que isso precisa ser visto por todos comum um direito. Um direito de todo cidadão brasileiro. E é por isso que nós, né?!... estamos aqui reunidos... Instituto Federal... Goiano... Goiás, né?!... Nesse trabalho... Universidade Federal, a própria Secretaria... aqui também os alunos... enfim... não vi [aqui] professor, que a luz aqui gente tá muito forte. A gente não tá conseguindo enxergar direito vocês. Mas é importante nesse trabalho contarmos com a parceria das várias instituições envolvidas, pra que os trabalhos possam acontecer e acontecer com mais qualidade. E é nesse sentido que a gente acredita nesse grande encontro... um encontro de muitas vozes de

educandos, vozes de educadores, de pessoas que estão pesquisando sobre a educação de jovens e adultos e que estão buscando, de formas mais alternativas, um ensino de educação de jovens e adultos com a educação profissional na perspectiva da integração, não somente na perspectiva, né!... de um currículo que seja... ah... só aproximando a educação básica, né!... de formação geral com a educação profissional, mas que haja realmente uma perspectiva de integração desse currículo. Um olhar para esse educando e com metodologias que realmente atinjam e possibilitem a aprendizagem significativas. E esse é nosso maior desejo, não é!?... que o profissional, o educador ele só se realiza quando o educando aprende. Não tem outra forma, né?! Então, é isso que a gente tá buscando aqui nesse encontro e que nós vamos, né!... aqui nesses três dias vamos buscar refletir, discutir, debater, apontar elementos e nada melhor do que os educandos para tá dizendo pra nós o que melhor seria nesse processo de ensino-aprendizagem para eles. É por isso que a nossa escuta tem que ser uma escuta muito sensível nesse Diálogos. Então, que seja um diálogo muito profícuo pra todos! [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana Desirée Ribeiro de Castro: É... muito... éh... boa noite a todos e a todas! Meus colegas aqui que me antecederam já falaram belas palavras, questão do direito, da emancipação, não há coadjuvantes nessa história, né! Cláudio? [] a idade todos nós somos iguais... então... o IF Goiano parceirão aí sempre... então... às vezes não tá próximo fisicamente mas tá próximo nas batalhas que a gente faz aí ao longo dos anos e em vários espaços, né!?... nos nossos encontros... nossa aluna aqui, enfim... E, a gente tá num momento muito especial... éh... nós estamos às vésperas de tomar uma decisão extremamente importante pro nosso país... e eu não queria deixar de dizer que em 2006, né!?... com a Portaria 5.840 essa Instituição e a Rede Federal de Educação Tecnológica ficou mais bonita... né?!... éh... o Decreto 5.840, né?!... [riso] ela ficou mais bonita porque ela ficou mais universal, porque nós tivemos aqui... éh... a oportunidade de dialogar com trabalhadores, né!... éh... com cidadãos que estavam afastados da escola. E a gente é mais bonito quando a gente vai fazer mais diálogos e agente vai expandindo essa nossa capacidade de dialogar. Então, em 2006, importante processo ocorreu no país, pelo menos... éh... em nível de educação profissional, que foi a entrada dessa modalidade de educação de jovens e adultos na Rede Federal. Nós estamos no quarto Diálogos EJA, né?! Então [] o professor Felipe da importância dessa ampliação aí do conceito, porque como bem

disse ele também é uma modalidade, que vamos dizer, consolidada. Daqui ninguém nos tira mais. Estamos aqui só para ampliar e avançar. Tanto é que um dos títulos nosso é “os avanços” da Educação de Jovens e Adultos, fez por todos nós que estamos aqui. Professores... éh... alunos, gestores, comunidade externa. Aí eu só queria finalizar... emblemático aqui a música do Chico Buarque em tempos de eleição, mas é emblemático também não é... éh... que é preciso ter raça e a gente tem, é preciso ter gana e a gente tem, e é preciso ter sonho e a gente tem muito sonho e nós vamos realizar esse sonho cada vez mais no processo de democratização dessa instituição e de ampliação de nossos cursos, e humildemente dialogando com todas as pessoas, com todas as categorias, com todos os trabalhadores aqui... é só assim que a gente ama uma escola de excelência, se a gente tiver gente e muito gente aqui de diversos... de diversas cores... de diversas opções... diversas classes... enfim... né!... então, que tenhamos aqui bons diálogos até sexta-feira e que a gente se encontre também pelos corredores e que a gente troque telefone, e-mail, pesquisa, conhecimento, dicas... né?!... então, sejam muito bem-vindos. Brigada! [aplausos]

Aluna Miralva: Boa noite, gente! Eu sou Miralva. Não vou falar o sobrenome todo porque é cansativo... é muita coisa... [risos]. Mas, enfim, eu sou aluna do 6º período do Técnico em Cozinha. Me sinto muito honrada em está compondo esta mesa pela segunda vez. O ano passado eu participei. Éh... quero parabenizar hoje os professores que estão aqui presentes... que não estão... os que estão aqui também. Parabéns! Vocês são pessoas muito especiais. Muito... muito... muito corajosas... muito, muito guerreiras e, que modificam a nossa vida. Parabéns pra vocês! Éh... eu... eu ano passado fiz uma fala, foi a minha primeira vez... né!... fiz uma fala um pouco diferente do que vou fazer hoje, mesmo porque eu fui pega de improviso [risos]... o professor Josué que me convocou... mas enfim... mas falar sobre o Proeja não é nada difícil. Eu me sinto muito privilegiada... éh... de ter retornado aos meus estudos numa Instituição como esta... éh... ter me deparado com professores muito bons. Claro, que também, nada cem por cento, nem poderia ser, senão nós não estaríamos aqui discutindo... né! Nada pode ser assim linear senão o mundo não vai pra frente. Éh... mas, eu... eu creio de seja assim um desafio muito grande pra vocês lidarem com um público tão diferente e com expectativas diferentes, mas eu... eu... eu acho que isso pode ser, ao longo do tempo, mas... pode ser... superado... (jus)justamente por causa

de eventos como esse onde vocês vão ouvir o que a gente tem pra falar e, assim, eu gostaria que os alunos Proeja participassem mais, se dedicassem mais... óh... ao curso... éh... porque sem eles, sem a observação deles, eu creio que num... não tem como andar, né!?... Mas enfim, mas hoje eu gostaria de conchamar os alunos Proeja, que são alunos, às vezes, um pouquinho mais jovens do que eu, um pouquinho mais experientes. Essa coisa de velho não existe, né!?... éh...eu... eu... toda vez que tem alguma algum evento e que... éh... o evento voltado pro Proeja, que o aluno é ouvido, às vezes o aluno fala... tem aluno que fala que não tem nada a reclamar... acho isso perigoso! A gente tem sempre algum... sempre alguma coisa a reclamar. E essa história de dizer que tá tudo muito bem... não... não está tudo bem... é porque o aluno não observou. Então, assim, essa coisa de postura política, de reclamar das coisas, isso não é só dos jovens, gente! Isso é pra todas as idades. Então, eu gostaria que todos, todos os Proeja, agora EJA [risos], que todos pudessem repensar mais um pouco, né?!... e... e... realmente tecer as suas suas críticas e também elogios, claro, de maneira construtiva, mas não deixar de observar as coisas, porque só assim é que as coisas vão melhorar. Eu creio só assim que as coisas melhoram. Éh... eu já estou no 6º período. Ano que vem termino, né! Se [risos] tudo ocorrer bem [risos] não tiver nenhuma greve [risos], mas as greves são fundamentais mas atrapalham a vida de todo mundo, né!? Claro... éh... mas eu quero, eu quero também falar... ãh... da emoção do aprendizado. Eu não me canso de falar isso. Eu sou uma apaixonada pela experiência de aprender. Eu acho que eu já nasci... eu falei isso no ano passado, eu vou me repetir porque se às vezes repetir é bom... eu sou apaixonada (pe)pela, pelo fato de você tá aprendendo. Isso não idade. Não tem idade. Porque o mundo, o mundo tá aí, aberto, cada vez que você descobre algo diferente é esplendoroso, é maravilhoso. Então que cada aluno, cada aluno não fique só focado no que tem... só na Instituição... procure conhecimento, procura... procura que vocês conseguem. Eu não tenha essa que coisa falar não [ênfase] porque eu já tenho determinada idade eu não vou aprender, vai sim, querer é poder, querer é poder. Então, aproveitem a oportunidade, lutem pelo curso, não deixem de se engajar em tudo que tiver aqui dentro dentro da Instituição que seja pró... não é... ôh... éh... pró o curso obviamente, mas não deixe de se engajar, colaborar, pra que esse curso se torne cada vez melhor e possa, e possa, privilegiar outras pessoas além de nós, né?!... com essa experiência maravilhosa do aprendizado. Muito obrigada! [aplausos].

Prof. Josué: Obrigado, Miralva! Um pouco na direção do que a professora Mad'Ana tava falando eu gostaria de colocar uma história muito rápida pra vocês, porque eu sei que nosso tempo aqui é curto e nós temos um palestrante aqui para fazer um falar, pra fazer uma fala, sobre... né!... o currículo integrado na EJA. Mas, em 1996, antes da aprovação, da elaboração do Fundo de Desenvolvimento... éh... éh... do Magistério... Fundo Nacional da Educação e Desenvolvimento do Magistério, FUNDEF, né!, assim conhecido como FUNDEF... FUNDEF... em 96... FUNDEF. Em 96... éh... nós tivemos um governo que alterou a Constituição Federal, Emenda 14 de 96, pra poder excluir as matrículas da EJA do FUNDEF que seria aprovado em seguida... né!... Isso significa que a partir de então... éh... as escolas públicas do Brasil inteiro ficaram sem nenhum estímulo pra ofertar, pra educação de jovens e adultos. Ofertar vagas, cursos, porque simplesmente não existia financiamento. Então, durante muito tempo, desde a década de 90, durante, ao longo de toda a década de 90, e a partir daí, inclusive, a EJA ficou totalmente entregue... né!... então... éh.. essa fala que eu tô colocando aqui pra vocês tem haver com esse momento que a gente tá vivendo... né!... esse momento político importante... né!... um momento onde... enfim... a população vai definir o que, qual que é o projeto que se, que se quer, pra esse país... né!... Então, eu acho que é importante a gente refletir, pesquisar, tentar identificar quem é que tem... éh... um projeto de inclusão do campo educacional. Nós da EJA, me parece que é quase unânime essa preocupação em relação à continuidade daquilo que existe de bom hoje na educação de jovens e adultos, pois diga-se de passagem, a educação de jovens e adultos integrada à educação profissional mais comumente conhecida como Proeja na Rede Federal é... é tão cara quanto dos demais estudantes da Rede Federal. Só que a maioria dos políticos acham acham que não deve gastar tanto dinheiro assim com a educação de jovens e adultos. É tanto assim que a gente tem uma série de possibilidades, inclusive, de certificação sem a menor frequência às instituições escolares. Então há um... todo um estímulo para que vocês não frequentem a escola, né!... então, nesse sentido, é bom a gente fazer essas nossas reflexões aqui, né!... eu acho que a gente enquanto militante... eu tô falando isso aqui enquanto militante da educação de jovens e adultos, embora esteja aqui na mesa como... né!... coordenador da EJA também do IFG, mas eu posso falar sobretudo como militante... a gente vai continuar sendo militante... independente de onde a gente vai estar. Aí essa preocupação em relação ao tipo de educação que a gente quer pra esse país, sobretudo, que tipo de

educação a gente quer pra classe trabalhadora desse país. E, pensando, inclusive, nessas ofertas, como o professor Felipe falou, ofertas orgânicas da Instituição, é que nós, né!... que a Instituição tenha revisto inclusive, né!... a própria nomenclatura do programa. Então, a gente já não tá mais falando Proeja. Oficialmente, os documentos como um todo já não se referem mais como Proeja, porque Proeja remete a programa, que remete a descontinuidade. E nós estamos nesta Instituição aqui, o IFG, aprovado, nos congressos da Instituição... temos a lei que cria os Institutos Federais que coloca lá 50% de oferta para egressos do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos... né!... temos lá o Decreto 5.840 que fala em 10%... então a gente tem que ir... andar pra frente... né!... e andar para frente significa consolidar essas ofertas aqui... né!... Aí essa nossa preocupação que eu falei aqui enquanto militante. Éh... só pra concluir essa parte aqui gente, eu gostaria... éh... de agradecer ao... eu... eu gostaria inclusive que os diretores de campus que se encontram aqui que se... ficassem de pé, os diretores de campus pra gente identificar quais são os diretores [intervalo na fala]... professores... [intervalo]... professora ali de Aparecida, professor Daniel de Anápolis, professor [] de Senador Canedo... né!... professora Mad'Ana aqui do Goiânia Oeste... né!... então, nós temos quatro diretores aqui... né!... muito obrigado pela presença de vocês... isso mostra que vocês dão importância à educação de jovens e adultos. Gostaria, rapidamente também, de identificar os coordenadores de cursos da educação de jovens e adultos... gostaria que ficassem de pé, rapidamente, então, os coordenadores de cursos da educação de jovens e adultos, não vou saber o nome de todo mundo aí. Professora de Jataí. Professor Ramon de Goiânia Oeste. [aplausos] Professor de Formosa. E a professora Aides... Aides [risos] [gargalhadas] [aplausos] Professora Aides que é de Aparecida de Goiânia [] éh... nós... ah... professora Mônica [aplausos] de Goiânia... muito bem... professora Reis também do Técnico em Cozinha... professora Mônica do Técnico em Informática... desculpa... de Informática... tem mais algum coordenador que eu não assinei... gente a galeria tá praticamente lotada, tá!?... éh... Exato. Tá lotada, mesmo, né! Então, agora, a gente gostaria... éh... nós percebemos nas inscrições que havia pessoas de outros Estados. Então, gostaria que quem não é do Estado de Goiás... né!?... que se manifestasse, que ficasse em pé, se identificasse... você é de onde?

Sujeito não identificado: Do Instituto Federal de São Paulo. [aplausos]

Prof. Josué: Obrigado, obrigado!

Sujeito não identificado: Instituto Federal Catarinense. [aplausos]

Prof. Josué: Muito obrigado! São Paulo, também! [aplausos] Mais alguém? Éh... eu gostaria também de chamar por cursos, né?! O pessoal do Técnico em Cozinha do campus Goiânia!? Favor se manifestem! [aplausos] Muita gente lá... uma salva de palmas. [aplausos] Pessoal do Técnico em Informática do campus Goiânia!? [aplausos] Pessoal do Técnico em Transporte Rodoviário!? [aplausos] Todos, bem-vindos! Éh... os campus Uruaçu... alguém de Uruaçu? [aplausos] Éh... Senador Canedo!? [aplausos] Éh... tá tendo a Secitec também... né!... professor... então tá dificultando de todos estejam aqui... Formosa?! Alguém de Formosa? [aplausos] Aluno de Luziânia!? [aplausos] Luziânia se encontra alguém? Éh... Jataí! Jataí! O ônibus de Jataí! [aplausos] Os alunos de Aparecida! [aplausos] Alunos de Goiânia Oeste... do campus Goiânia Oeste! [aplausos] [gritos] Muito bem! Campus Itumbiara!? [aplausos] Muito bem! Campus Cidade de Goiás!? [aplausos] Bem-vindo! Éh... gente é muito campus do IFG... quinze... catorze campus em funcionamento... [] Águas Lindas!? Alguém de Águas Lindas? Valparaíso?! Alguém de Valparaíso? [aplausos] Gente... o pessoal do IF Goiano!? [aplausos] Ceres!? [aplausos] Urutaí!? [aplausos] Bem-vindos..., professores bem-vindos! Rio Verde!? Alguém de Rio Verde? Morrinhos?! Mais alguém? Mais algum campus, professor? Bem gente... sejam todos bem-vindos! O Instituto Federal de Goiás... Instituto Federal Goiano... da Rede Municipal de Educação de Goiânia...

Prof.^a Mad'Ana: Tem o pessoal da especialização, da especialização da educação de jovens e adultos. [aplausos]

Prof. Josué: Muito bem! [aplausos] Também gostaríamos de agradecer os que estivessem com as licenciaturas... né... esse evento é também promovido pensando no público das licenciaturas... futuras... futuro público da educação de jovens e adultos. [aplausos] Obrigado pela presença de todos vocês!

Cerimonial: Agradecemos a participação das autoridades e pedimos que a mesa seja desfeita para darmos início à primeira palestra do nosso seminário. [desfaz-se a mesa] [???] mesa. Ele é doutorando em educação em ciências na Universidade

Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) e servidor público com dedicação exclusiva no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Farroupilha, campus Santo Augusto, onde atua como docente na disciplina de Geografia. [aplausos]

Prof. Josué: Então, gente! Nós vamos, então, iniciar... éh... a palestra do professor. Mas antes... éh... nós temos uma apresentação dos dados de uma pesquisa que foi feito... éh... junto aos docentes do Instituto Federal de Goiás. Nós também tínhamos uma pesquisa... éh... aliás temos uma pesquisa em relação aos discentes que vai... vai... éh... que tem que ser apresentada posteriormente porque nós tínhamos um problema com o arquivo... não abriu de jeito nenhuma aqui... então... mas... éh... de algum modo a gente poupou algum tempo aqui, né?! Mas, então, a professora Mad'Ana... éh... sim... então... [acenos com a cabeça para alguém]

Prof.^a Mad'Ana: Gente, só situando aqui um pouquinho. Uma das coisas que nós aprendemos com a educação de jovens e adultos é que é importante conhecer quem são os nossos educandos, nossos estudantes... éh... e aí a gente sempre faz um diagnóstico. Não queremos ficar no diagnóstico, obviamente, mas a questão da pesquisa ela é fundamental pra traçar rumos, né!... pra nós dar mais possibilidades de acertar um pouco mais nas nossas... éh... nos nossos encaminhamentos. Nós fizemos... éh... com a ajuda de... dos professores, dos alunos da educação de jovens e adultos aqui do... do Instituto Federal de Goiás, com a ajuda dos coordenadores dos cursos... éh... nós fizemos... éh... levantamento... éh... aplicamos, né!... questionário com os docentes e com os alunos. Hoje a gente vai apresentar aqui uma prévia desse... do resultado, né!... éh... dessa pesquisa que nós realizamos com os professores que dão aula na educação de jovens e adultos em todos os campus... éh... do Instituto Federal de Goiás. [a professora se dirige ao computador que projeta os slides para o público] Amostra... ela... éh... 82 professores... bom... 82 docentes de vários campus responderam o questionário... éh... este questionário inclusive... éh... alguns professores fizeram umas ponderações sobre... éh... a forma dele, né!... tá aqui até o professor Ramon que fez algumas considerações importantes... Ramon, aí eu acho que pra próxima vez a gente amplia e qualifica melhor, né!... esse questionário. O que eu tô salientando é que é uma construção coletiva, né!... Então, isso é importante pra gente que atua na educação de jovens e adultos. Então, nós temos

82 docentes... as... as respostas dizem respeito a estes 82... 82... éh... docentes. São resultados preliminares... éh... nós ainda precisamos fazer um levantamento de quantos docentes nós temos nos Instituto Federal de Goiás ah... éh... atuando na educação de jovens e adultos pra gente ter... éh... basilar melhor, comparar melhor esses dados. Mas de qualquer forma vamos... vamos pensar que os dados dizem respeito a 82 docentes. Mas, nós vamos continuar a aprofundar esta pesquisa e a gente vai publicando aí pra vocês... pra vocês terem acesso. Eu vou apresentar aqui pra vocês e não vou fazer nenhum comentário, né!... porque isso aí fica pro nosso diálogo, tá ok!?... só pra vocês terem... éh... uma noção. [a professora se dirige à projeção dos slides]A primeira pergunta: “Qual a sua formação acadêmica?” 54% dos nossos docentes da educação de jovens e adultos tem mestrado, seguido de especialização, graduação e espe... éh... doutorado. Então, a maioria são mestres. “Qual o seu tempo de trabalho no IFG?” 83% tem menos de cinco anos... então... são jovens professores dentro do Instituto, jovens de estadia também, né!... no Instituto. Ok?! “Qual o tipo de vínculo... faltou ali... qual o tipo... éh... de vínculo... aqui tá... contratual com o IFG?” 79%... éh... professor efetivo... dado importante, né!?... 19[%] substituto e 8[%] professor temporário. “Qual o seu regime de trabalho?” 77% tem dedicação exclusiva, 12 quarenta horas e 11 vinte horas. “Qual o tempo... éh... quanto tempo professor na educação de jovens e adultos nos IFG?” 37% menos de um ano... éh... 22% quatro anos ou mais, 17% dois anos, 15% um ano, 9% três anos. “Você tem alguma formação específica na educação de jovens e adultos?” 70% não tem... nenhuma formação específica na educação de jovens e adultos, 16% sim... em cursos de curta duração... [alguém pede que retorne o gráfico anterior e aponta] ... quatro anos ou mais... 22%... “Por que você é professor das turmas de educação de jovens e adultos no IFG?” 58%... por opção, por afinidade com a modalidade, 13% para completar a carga horária, antes, ne!... 25% outro motivo e 4% por imposição da gestão. [...] éh... faz parte, né!... “Qual o principal desafio na sua atuação como professor/a na educação de jovens e adultos?” 42%, a dificuldade dos estudantes na compreensão dos conteúdos, 26%, a falta de uma política institucional em relação ao desenvolvimento da educação de jovens e adultos, 20%, os desafios são os mesmos das demais modalidades e níveis de ensino da instituição e 12% a falta de formação para trabalhar com a educação de jovens e adultos. “Em relação aos desafios, o que você tem feito para superá-los?” 67%, compreender as especificidades dos estudantes. 12%, dialogar com os colegas sobre os desafios e trocar experiências.

11%, buscar formação para melhorar no exercício da profissão em relação a educação de jovens e adultos. 6%, participar de ações objetivando o estabelecimento e/ou consolidação de uma política institucional para a educação de jovens e adultos. 4%, outro. “Considerando a proposta pedagógica dos cursos de educação de jovens e adultos do IFG, como você melhor realiza a integração curricular na sua área de conhecimento?” 57%, adotando metodologias que favorecem a participação dos estudantes na construção da aprendizagem. Os outros itens, né! 11%, buscando relacionar conhecimento inclusive com os impactos social e ambiental. 10%, trabalhando com eixos temáticos e/ou temas geradores, buscando diálogo entre as áreas de conhecimento. 7%, por meio do diálogo das temáticas da área de conhecimento específico com as outras áreas de conhecimento. E, 6%, atividades conjunta com outros professores. “Observando o desenvolvimento do seu trabalho, qual o resultado você julga mais relevante em relação à aprendizagem dos estudantes?” 35%, uma visão mais ampla do conhecimento. 26%, visão mais crítica acerca da ciência e da sociedade. 22%, melhor compreensão dos conhecimentos específicos. 16... éh... por cento... uma formação cidadã. E, 1%, não percebeu [?], sentiu [?] nenhuma diferença na aprendizagem. “Algum trabalho específico realizado pelas coordenações de curso que favorece o desenvolvimento das suas atividades em relação à educação de jovens e adultos?” 35% respondeu... não... somente aquelas que são realizadas para todos os cursos. 26%... éh... não tem conhecimento. 23%, sim, realização de reuniões para discussão e avaliação das atividades desenvolvidas junto às turmas. 16%, sim, mas são atividades esparsas e pontuais que contribui apenas de maneira restrita ao trabalho desenvolvido junto às turmas. “Sobre a formação dos estudantes, de que maneira a superação das dificuldades decorrentes do seu afastamento da escola?” 54% diz que é bom. 33% regular. 8% ruim. E, 6% excelente. “Sobre a sua atuação nos cursos de jovens e adultos no IFG, de que maneira tais práticas repercutiram no seu exercício profissional?” 76% respondeu: despertou a necessidade de compreender as especificidades dos estudantes da educação de jovens e adultos e/ou dos demais estudantes. 9%... ali... contribuiu para minha atuação questionando e ampliando a minha formação inicial. E, 6%, fez-me perceber a relação dos conteúdos específicos que trabalho com as demais áreas do conhecimento da sociedade. “Você possui algum trabalho de pesquisa e/ou extensão sendo desenvolvido com estudantes da educação de jovens e adultos no IFG?” 84% respondeu que não e 12% que sim. Então, são dados aí, pra

gente começar a dialogar. [aplausos]

Prof. Josué: Então, vamos passar diretamente para o professor Osmar.

Prof. Osmar Lottermann: Boa noite, a todos e a todas... éh... um público bem variado, né!... então eu vou fazer a saudação a cada segmento aqui presente, inclusive já... isso já foi feito pela... pela coordenação dos trabalhos. Éh... eu vou... falar um pouquinho, muito rapidamente... éh... da minha satisfação de estar aqui. Como foi anunciado antes sou o professor Osmar Lottermann. Eu venho do Rio Grande do Sul. Do Instituto Federal Farroupilha, campus de Santos Augusto. No Estado do Rio Grande do Sul nós temos 13 Institutos Federais. E eu, já... de saída quero dizer pra vocês que me impressionei com a integração aqui neste trabalho, dos dois Institutos Federais do Estado de vocês, né!... da Universidade Federal... éh isso, né?! Então, já acho assim um avanço, no sentido até de todo mundo... ãh... está emanado no mesmo objetivo e fazendo um trabalho em conjunto, acho que é muito importante. Éh... eu ouvi de uma professora, de uma colega antes, que os alunos do Paraná... do Rio Grande do Sul... vamos ver como é o sotaque... se o sotaque é forte, né!... Às vezes as pessoas acham que todos nós lá do Rio Grande do Sul falamos assim “barbaridade, mas que baaar-baridade”, não é assim, né! A gente... na verdade existem alguns vocábulos e algumas formas de expressão que estão mais presentes no nosso gauchês, mas não é tanto assim. Quero dizer pra vocês, então, da minha alegria... também da minha honra, né!... da satisfação de receber este convite... éh... do professor Josué e dos demais colegas. Eu até pedi pra uma colega colocar o nome de todo mundo aqui da coordenação, mas como nós queremos atropelar aí um pouco a... ah... parte aí da apresentação pra sobrar mais um tempo pra nós dialogarmos então eu vou na pessoa do professor Josué agradecer a todos e a todas que estão na coordenação deste seminário, né!... Em especial a... a... Mad’Ana que foi me buscar e enfim... me deu assessoria e a Alex!? Isto? Alex... não é... então agradecer ao professor Josué e das duas colegas... a toda a coordenação desse evento... então... pelo convite, né!... e pela... pela honra que me causa... me causa estar aqui. Éh... por uma questão de disposição do ambiente eu vou tentar ir olhando um pouco pra cada... pra cada espaço, né!... fazendo então que isso represente eu estar falando para cada um... eu sei que é um pouco difícil em função da luz... do tamanho também né do ambiente... mas vamos tentar fazer isso da melhor maneira

possível. Eu penso que seria interessante... éh... colocar pra vocês inicialmente de onde eu falo. Isso é uma coisa que eu aprendi... éh... nos... nos poucos estudos que a gente já conseguiu fazer na vida... mas eu fui aprendendo que a gente tem que dizer um pouco de onde a gente fala, né!... E eu queria que nesse instante... éh... acredito que seja mais importante dizer de onde eu falo enquanto professor Osmar. E... eu tenho absoluta certeza que o convite ele veio em função de sermos colegas em função de eu estar... éh... eu ter pesquisado na área... atuar na educação de jovens e adultos também. E, eu diria que, como se diz lá no Sul “se virou no que viu e acertou no que não viu”, porque eu sou... ah... para além de todas essas poucas... dessas coisas aí... eu sou mais do que isso um trabalhador estudante desde os catorze quinze anos de idade, inclusive, com vida escolar interrompida entre aos treze e retomada aos dezesseis, então, conheço [...] tem essa junção do mundo do trabalho e do mundo da escola, e só não fui... éh... só não frequentei ensino... ah... de educa... né!... só não frequentei cursos na educação de jovens e adultos que na época se chamava supletivo, né!... porque no lugar onde eu estava a gente fazia o curso regular na parte da noite... mas eu sou um trabalhador estudante deste a sexta sétima série do ensino fundamental até todos os cursos que eu venho a fazer até hoje. Então, eu conheço bem a realidade dos trabalhadores que ao mesmo tempo fá... né... fazem a atividade de produção de existência e continuam com o trabalho de outra natureza que é o trabalho de ser estudante. Então, quero me solidarizar com os estudantes da educação de jovens e adultos aqui... dizer que eu conheço bem este ambiente... não só do lado de cá olhando enquanto professor para os nossos educandos, enquanto educador, mas conheço sobretudo como educando também da educação de trabalhadores. Éh... a proposta do seminário de vocês, a proposta de diálogo, né... me parece... éh... interessante, sobretudo porque... éh... faz uma homenagem... a qual o título que vocês vem dando aí a esses seminários... ah... ah... há vários anos... faz uma... uma menção ao que é muito... éh... precioso para todos nós que buscamos que atuamos na educação de jovens e adultos porque nos lembra o professor Paulo Freire que não cansou de afirmar que os homens em diálogo dizem a palavra, dizem da palavra sobre o mundo, não é!... E... dizem a palavra para ser mais... não é um diálogo que faz com que as pessoas... éh... queiram uma vencer sobre o pensamento da outra, né!... não é uma disputa de teses, de posicionamentos... mas quando dialogam sobretudo numa... num posicionamento que todos ganham, né!... e que tenha com objetivo central a coletividade. Então eu penso

que o título do seminário que vocês propõem é um título bastante feliz. Éh... como eu prometi... éh... deixar um... tal... talvez a maior parte do nosso tempo pra nós de fato dialogarmos, eu vou tentar dar uma controlada no tempo. Mas eu acho que só faz alguns minutinhos que eu comecei, não é!? Bom... éh... quero dizer pra vocês que pra gente fazer uma reflexão, conversar um pouco sobre educação de jovens e adultos, eu [?] rapidamente assim a alguns tópicos que... que conseguirei... interessantes referir... vejam bem... não é pra fazer aqui uma palestra... né!... ou quem tá aqui para dar aula sobre a história da educação de jovens e adultos no Brasil, qualquer coisa dessa natureza. Éh... eu quero assim só colocar alguns aspectos... por isso fiz um recorte temporal... éh... bem modesto... pegando apenas os anos 30, 40 do século XX pra nós fazermos algumas referências que serão capazes de nos ajudar a refletirmos um pouco sobre a questão. Num segundo momento, depois de eu fazer um... um... um repasse... né... uma uma pequena incursão... por... por estas décadas de lá para cá eu também quero falar um minutinho sobre a concepção de currículo integrado. Sei que para os professores, para os educadores que estão rede federal, especialmente, na educação básica técnico tecnológica, essa discussão ela é bem comum pra vocês... inda bem que muita gente já tem estudado bastante sobre os referenciais teóricos do currículo integrado. Mas, eu penso que mencionar algumas coisas aqui se faz necessário na medida em que nós temos também aqui os nossos... éh... discentes... né!... os nossos educandos da educação de jovens e adultos, nossos... éh... também... acadêmicos das licenciaturas que eu considero muito valiosa a presença aqui... éh... e por isso também eu vou fazer algumas referências. E, depois então pra gente abrir a discussão eu quero chegar então no decreto já mencionado aqui nesta mesa, 5.840, que trouxe então pra rede federal, em especial, a possibilidade de ter o programa para ofertar, como dizem eles, educação de jovens e adultos integrada... integrando a educação profissional à educação propedêutica, a educação básica. Então, eu vou colocar alguns aspectos desses itens aí... e em seguida a gente abre para nós podemos fazer de fato o diálogo aqui pra que não fique um monólogo. Éh... eu procurei algumas questões e eu quero dizer inicialmente... éh... vou citar aqui alguns autores mas que isso não se torne aquela fala cansativa de palestrante que começa desfilando citações... ah... para alguns... né!... tentando dizer quantos livros ele já leu, pra outros tentando mostrar pra quem não leu que é necessário ler, que acho... talvez é alguma coisa que fosse útil... mas também existe toda aquela questão ética de também nós não ficarmos falando de

um lugar que não é nosso sem dar os devidos créditos. Então, pessoal, nossos colegas educadores sabem disso. Então eu vou mencionar já inicialmente... éh... um conjunto de autores que balizam a minha fala e isso torna desnecessário eu tornar a cada vez que eu falar em algum tópico... dizendo... ah... isso... não é... fala a partir de fulano... a não ser que isso se faça necessário. Éh... como a minha fala aqui ela tem muito haver com a dissertação de mestrado que eu escrevi, eu então, a partir daqueles referenciais teóricos eu posso mais ou menos dizer pra vocês aqui... éh... agora de que lugar eu falo do ponto de vista... éh... teórico-metodológico. Basicamente a... a minha pesquisa... ela... ela assentou na questão de quais são os referenciais que iluminam a proposta de currículo integrado e na educação de jovens e adultos fiz uma... uma incursão sobre a história da educação de jovens e adultos no Brasil... éh... pra trazer uma base de uma experiência que vivemos, que eu considero extremamente importante no campus Santo Augusto, no Rio Grande do Sul, que foi desenvolvido de algumas turmas que nós chamamos de Proeja-FIC, que eu já fiquei sabendo aqui que vocês tem várias turmas em desenvolvimento, fiquei muito feliz. Infelizmente... ah... lá no Instituto Farroupilha essa experiência ela é... simplesmente parou, né!... a partir de uma determinada gestão e... e infelizmente nós não conseguimos dar passos adiante nessa... com esse público na formação inicial e continuada de trabalhadores. Então, os autores que eu falava... éh... pra trabalhar a concepção de currículo integrado, basicamente... e... e... é importante que se diga isso... a...a nossa... nosso pensamento se orienta por uma concepção de trabalho, de conhecimento... éh... que remonta o pensamento da tradição marxista... né!... acho importante dizer isso... éh... a a nossa fala... né... e a nossa escrita e a nossa reflexão ela parte dos pressupostos já da tradição de Marx embora não tenha atuado como teórico da educação mas nos deixou pistas que foram muito bem desenvolvidas por vários educadores. Então, a partir de uma concepção... né... que já de Marx, passando, sobretudo, em função de se tratar de currículo integrado, na minha leitura o currículo integrado é filho da concepção de escola unitária de Antônio Gramsci. Então... é o referencial e, penso, que mais vivo do que nunca em termos de disputa que nós estamos vivendo no campo da educação. Então... éh... a partir de sua ideia de escola unitária isso alimentou a minha reflexão, a minha pesquisa... éh... então depois vindo para o [?] da questão do currículo integrado evidentemente corre [?] a politecnia de Saviani e os textos e a pesquisa, né!... e grande produção de fôlego realizada aí por... pelo Gaudêncio Frigotto, pela Maria Ciavatta, pela Marise Ramos

e... e mais alguns educadores que tem se dedicado. Então, [?] a minha fala sobre currículo integrado será com esse tipo de referencial. E o referencial sobre a educação de jovens e adultos... éh... a professora Vanilda Pereira Paiva foi, digamos assim... ah... o meu... meu guia... né!... Paiva foi o meu guia para poder fazer uma retomada de toda a história de... da educação popular e educação de adultos no Brasil... éh... também o professor Paulo Guiraldelli Junior também... né... me ampara bastante nesse... nessa leitura que... que fiz e faço da educação de adultos no Brasil. Como tópicos, então, pra nós seguirmos na nossa introdução do diálogo, eu peguei mais ou menos o que seria a educação de jovens e adultos ou educação de adultos mais especificamente nos anos de 1930... né... talvez finalzinho da década de 20 em diante. Todos nós que somos da área de educação enquanto pesquisadores sabemos disso, mas o público em geral... a gente chama a atenção... a educação brasileira... ela é... é palco de... de produção, de reflexão... teórica e de construção de projeto de educação muito nos anos 20 a partir dos chamados pioneiros da educação brasileira. E... em especial na educação de adultos isso já começa produzir algum resultado no ano de 1928, quando nós já temos um decreto tratando um pouco da temática da educação de adultos, educação profissional, enfim... do povo brasileiro. Nos anos 30 e 40... especialmente esta preocupação com a educação de adultos e ao mesmo tempo com a educação profissional... éh... algo que está muito restrito ao Distrito Federal... né... na época e alguma coisa em alguns outros estados mais centrais da República brasileira... éh... pra ser bem direto... Estados que estavam necessitando, sob o processo de urbanização, de alguns processos de, entre aspas, qualificação de trabalhadores... né?! Então... a educação de adultos nessa preocupação nessa perspectiva nos anos 30 e 40 ela está muito relacionada ao projeto de Brasil... urbano industrial, né... com as [?] a partir de 1930... então... ela começa aparecer e começa começa se fazer prática de educação de adultos e com preocupações de educação profissional nos anos 30 e 40. Éh... neste época aí... éh... o nome entre os pioneiros da educação que mais se dedica neste aspecto da educação é Paschoal Lemme... então diz... que encontrei alguns textos extremamente interessantes do Paschoal Lemme sobre a educação de adultos, inclusive, apesar de ele se... éh... alguém vinculado... ah... ao partido comunista na visão de transformação radical da estrutura da sociedade, portanto não... não advogar a ideia de que a educação é capaz de ter uma contribuição mais significativa na transformação social, mesmo assim nos seus textos, ele coloca a importância dos jovens e dos adultos

que estão frequentando os cursos profissionalizantes dos anos 30 e 40 e, inclusive, a sua inserção em determinados posicionamentos políticos do Brasil nessa época. Então, mesmo Paschoal Lemme que não é alguém que... éh... seja assim adepto da ideia de educação dialógica capaz de fazer a... aa... libertação [?] mas ele mesmo reconhece, então, a importância dessa educação. Depois da segunda guerra mundial, em 1949, nós vamos ter uma Conferência Mundial de Educação de Adultos e a partir disso o Brasil também vai ter uma repercussão extremamente forte... éh... na formação de... adultos, né... e... de educação de adultos em detrimento dos anos 50 e início dos anos 60 a temática central disso é a alfabetização. Embora nós poderia... podemos dizer que até hoje em dia ela ainda é necessária... né... educação de adultos para alfabetização, mas evidentemente que hoje num patamar bem inferior... talvez... éh... se fôssemos falar de grande... hoje a educação de jovens e adultos integrada com a educação propedêutica com os conteúdos da chamada educação básica seja a maneira fundamental... E... e... eu coloco isso para dizer então que esses anos 50 e inícios dos anos 60... éh... nós vamos ter no Brasil as grandes experiências de educação popular referentes à educação de adultos. Aqui, quando eu referir de educação popular, evidentemente, estou falando de um concepção de educação popular que se aproxima da concepção... éh... de Conceição Paloso ou outros autores que não vão evidentemente falar de educação do popular mas de educação popular mesmo, no sentido de uma educação que liberta as pessoas e que faz a todos crescer... né... em processos de educação que todo mundo deve participar. Então a educação de adultos do final dos anos 50 e início dos anos 60, ela... ela... ela é muito... rica... porque na verdade vai e... mesmo dizer hoje dessa riqueza... que boa parte aqui que vocês educandos da educação de jovens e adultos, todos vocês... ah... estudantes da licenciatura escutam de seus educadores dos seus professores acadêmicos, né?!... éh... tem muita raiz nessa experiências dos anos... éh... final dos anos 50 e início dos anos 60 porque nesta época nós vamos ter... éh... já uma dicotomia muito clara em relação a educação de adultos. Existem correntes que defendem já de... de década anterior uma educação... eu poderia chamar de funcionalista... ou seja, a gente leva os adultos para a escola para prepará-los pra se tornarem mão-de-obra para o trabalho e uma concepção... éh... libertária da educação... né... libertadora da educação...que é... os jovens e adultos devem ter acesso às letras, acesso a formação, a escolarização não deste ponto de vista apenas de preparação para o trabalho, mas sobretudo, como um direito de todos e

todas, trabalhadores... éh... terem acesso a educação. E, é nessa perspectiva então libertadora que nós vamos ter o grande legado da educação de adultos que nós podemos falar nos dias atuais. ãh... entre o final da década de 50 e mesmo antes, na década de 60, antes evidentemente da ditadura de 1964... nós vamos ter aí... éh... um ambiente extremamente favorável de debate de discussão de experiências, sobretudo, de alfabetização, que vão trazer com expoente maior, ao final desse processo, a figura, então, do professor Paulo Freire, com os processos de alfabetização em Angicos e que depois de espalham pelo Brasil. Éh... nessa época mesmo nós temos o currículo como um campo em disputa nas forças, bem dizer, libertadoras de educação, sobretudo, os centros populares de cultura da União Nacional dos Estudantes, numa interpretação marxista de educação e aí nós podemos começar, inclusive, a... a... perceber os nossos próprios colegas, nós educadores, na sala de aula, dessa perspectiva... éh... ao conhecimento... e... bem separado entre aquilo que a população de modo geral tem, e aquilo que o conhecimento escolar traz para aí... nessa visão... nesses centros, né!... Por outro lado nós temos a experiência da Igreja Católica progressista, nós temos a experiência... éh... dos movimentos de alfabetização que diz que o saber popular tem que ser constituinte do... do conhecimento que se vai fazer então parte na educação, na alfabetização da época, e eu diria hoje na nossa formação básica e profissional. E, eu acho que essa é a grande herança que nós temos dos anos de 1960 na educação de jovens e adultos. Nós sabemos hoje, nós estamos convencidos hoje que... ah... esses saberes precisam dialogar. Os saberes do mundo do trabalho, os saberes da realidade de cada um, os saberes da nossa realidade enquanto trabalhadores do dia a dia, ele precisa ser cooperativo, ele precisa estar junto com esse conhecimento que a ciência acumulou, que a escola é o lugar organizado para trazer a todos nós. Então, nesse sentido, eu quero deixar a primeira provocação e, em especial, para os nossos educando que aqui estiverem e, também, para os colegas educadores, será que nós estamos conseguindo fazer esse diálogo, será que nós estamos... éh... conseguindo fazer com que esse conhecimento do... do mundo, da vida da prática, do concreto... né... da ação ele dialogue com aquele conhecimento acumulado... e... e que é necessário e que a escola tem sim que trazer para todo mundo. Será que esse diálogo tá acontecendo? Éh... eu vi... nos chama a atenção dos gráficos aí... que me parece que colocava muito mais, assim, uma distância... em relação a isso pra alguns dados que apareceram, talvez, às vezes,

alguns colegas centrando... ah... o problema é do aluno... né... talvez outros... discentes também centrando, o problema é do professor... e eu diria, assim, o problema é de todos nós. Né?! O problema é de todos nós! Nós temos que ser sujeitos desse processo de condução, de descoberta... e como nós vamos resolver ou como nós vamos encaminhar estas questões. Porque eu penso que nós não podemos capitular diante disso, e aí eu convido colegas, educadores, convido colegas estudantes de licenciatura, companheiros trabalhadores da educação de jovens e adultos que frequentam os mais diferentes cursos dos institutos de vocês. Eu os convido todos pra nós nos sentirmos parte do trabalho, da tarefa... dessa grande tarefa que a gente tem de resolver isso. O dia que nós formos capazes... eu não tô dizendo com isso que a gente tem que... nós... o professor chegar na sala de aula com o velho discurso do [?] sem nada, eu vim aqui aprender com vocês... na verdade o professor tem uma caminhada, tem um acúmulo que tem a obrigação de apresentar, mas... o dia que nós tivermos a capacidade de... éh... educadores e educandos, admitir, que a aprendizagem, que o ensino-aprendizagem é a tarefa que nós precisamos dar conta, e que a realidade concreta na qual nós todos estamos inseridos é fundamental, como mediadora desse processo de aprendizagem, eu acho que nós estaríamos lutando bem, em paz. Né?! A categoria da mediação eu acho muito interessante e penso que ela tá muito presente nisso... como alguém que viveu enquanto educando adulto na educação básica como eu vivi e depois como educador da educação de adultos, eu percebo isso... ah... nós... ainda temos dificuldade de fazer e de entender esta realidade como a grande mediadora, eu diria que, de primeira ordem nesta relação entre ensinar e aprender. Nós, em geral, somos, ou educadores com certa distância da realidade concreta, ou então, nós somos educandos com certa aversão e preconceito com relação ao conhecimento já acumulado. É preciso fazer estas duas coisas se encontrarem. E eu penso que pra nós fazermos essas duas coisas se encontrarem, sobretudo, nós precisamos de mudar. Ah... a palavra beleza como ela tá muito desgastada... né... ôô... interessante o Freire antes de ir, ele deixou uma outra... parece que... cai bem pra nós... né... a boniteza de ensinar e aprender. Então, eu acho que essa boniteza do processo de ensinar e aprender precisa ser resgatada entre todos nós que fazemos parte, então, dessa... dessa grande comunidade aí em busca de avançar. Evidentemente que, depois, dessas experiências de educação popular nos anos 60... nós temos a interrupção desses processos... nós temos o famigerado MOBREAL... né... Movimento Brasileiro de Alfabetização, que aqui aqueles

que já estudaram o assunto conhecem, os mais jovens talvez nem tenham ouvido, talvez, como piada... né?... porque assim ficou... o MOBRAL é muito mais motivo de piada, de chacota, do que qualquer outra coisa, que na realidade foi uma tentativa do Governo Militar de desmobilização e desmonte de todo acúmulo que se tinha feito de experiências de educação de adultos no Brasil. Há o absurdo de se afirmar sim... que o MOBRAL até pode ter utilizado de recursos e meios que Freire usou, mas de forma não ideológica, diziam eles... ora, todos nós sabemos que o ideológico está presente em todas as coisas que nós fazemos ou deixamos de fazer, a diferença é que alguns se intulam donos da verdade não-ideológicos e outros dizem que, então, há campos que são ideológicos... né?! A Marilena Chauí que não deixa esse pessoal mentir, pelo menos, dizendo que a ideologia funciona como um processo que muitas vezes muito mais obscurece a visão... né!... tira a visão da realidade do que traz. Então... éh... havia esse argumento no desenvolvimento das atividades do MOBRAL até que se pudesse usar alguns meios nos quais o professor Paulo Freire usava mas que não colocasse ideologia no caminho. E isso foi o MOBRAL [?]. Na década de 80 o MOBRAL ele... ele termina. Nós temos uma incipiente experiência da Fundação Educar que nada mais serviu que criar uns cabidezinhos de emprego em Brasília e outros... espalhados pelo Brasil que não deu em nada... foi-se junto com o então Fernando Collor... né?! Éh... evidentemente, os anos 90 ele está também... todo... numa mudança no discurso da educação que começa a aparecer desde as habilidades e as competências... né?!... uma guinada bem na direção de uma visão neoliberal na educação e que esta visão vai ser sim interrompida, então, com a eleição... éh... do governo Lula já no ano de 2002, nos lentos processos de algumas mudanças que o governo Lula conseguiu ir fazendo no decorrer... éh... dos seus mandatos. Que dentre essas mudanças então chegamos naquilo que... ah... que já foi colocado aqui, que é através do decreto... éh... primeiro 5.478... né?!... que cria o projeto de integração da educação básica com a educação profissional e, depois, o 5.840 de 2006 que transforma isso num programa mais amplo, nacional, e que deu a possibilidade dessas experiências, inclusive, que nós estamos vivendo... e que vocês bem mais que nós, de Proeja-FIC também [?] uma integração da educação básica com a educação profissional já nas séries do ensino fundamental, na formação inicial e continuada. [bebe água] Mais um pouquinho e eu chego no final da minha explanação pra nós poder abrir pra o debate. Eu... eu só queria fazer uma referenciazinha, então, ah... na questão do currículo integrado, já que... o decreto

5.840 fala de integração entre educação profissional e educação básica e parece que a minha parte neste seminário é falar um pouco do currículo integrado na educação de jovens e adultos, então, eu penso que eu preciso dizer algumas coisinhas pra vocês a respeito de... o currículo integrado. E eu penso que a primeira coisa que se tem de dizer e eu tenho procurado dizer isso em todos os lugares que eu vou e que eu estou e tenho ligado muito gente por isso, mas a gente vai ficando chato no lugar que a gente tá mais tempo, nos outros as pessoas as vezes nos toleram. Eu tenho dito que... éh... não é uma estratégia metodológica... não é um jeitinho de fazer a junção entre a educação das disciplinas ditas propedêuticas ou das do ensino básico juntando com disciplinas da educação técnica ou da formação técnica. Currículo integrado... pelo menos assim... a não ser que eu tenha estudado tudo errado do que eu vi até hoje... currículo integrado na sua origem não é isso... né?!... e eu vou dizer uma coisa pra vocês... eu participo de um grupo de pesquisa que nós... e eu fiz questão de continuar participando deste grupo de pesquisa... porque... éh... lá as pessoas falam o tempo inteiro... éh éh... parece que... eles criaram o grupo de pesquisa currículo integrado... me convidaram para participar... e... eles parecem que passou... a meio que fazer mau pra eles falar currículo integrado, então, eles falam integração curricular... ãh!?... [risos no auditório]... sabe por que eles falam integração curricular e não currículo integrado? Porque currículo integrado tem uma conotação política... praqueles que entendem um pouquinho... e integração curricular tem uma conotação de professores... né!... integração curricular tem aquela conotação de professoresco que é o professor tentando um jeito, montando uma tática pra poder juntar essas coisas que alguém manda juntar... eh!... portanto, não xinga o professor, né?!... né... desculpas as meninas aí, só falei por brincar, porque elas são mais tradicional [?] ... não xinguem a professorinha... né!... [?]... Então, me parece assim que até dentro de um grupo de pesquisa as pessoas não querem encarar o fato de que currículo integrado tem origem e tem compromisso e currículo integrado tem origem na tradição socialista... né!... é preciso que se diga... currículo integrado é... tem... suas raízes na pedagogia socialista. Currículo integrado tem suas origens na ideia de transformação radical da sociedade. Currículo integrado tem compromisso com um resposta do século XX e agora XXI para a sociedade industrial e pós-industrial. E, é por isso que Antônio Gramsci é tão importante nisso, porque ele vai falar de uma dualidade entre a educação para aqueles que vivem do trabalho manual e uma educação para aqueles que vivem e dirigem as sociedades. Ele diz,

tem que terminar com isso e, por isso, ele fala da escola unitária. E a escola unitária que ele fala, e aí nós ficamos um pouco... éh... deserdados... né!?!... porque... o o... o Antônio Gramsci não tá falando de fazer isso com adolescentes de 14, 15 e 16 anos como nós fazemos na educação técnica, dita regular, na idade adequada, né! Ele tá falando que primeiro os alunos até deveriam [?] fazer uma educação apenas da escola desinteressada, de cultura desinteressada, que nada mais é do que saber música como esses meninos aqui de vocês sabem, que nada mais é do que saber... hoje... de química, de física, biologia, história, enfim... todas as áreas que o conhecimento humano foi acumulando. Eles primeiro [?] fazem isso depois escolheria uma área profissional, o que não é ter uma escola pra cada classe, né?! Evidentemente que trazendo isso prum debate de transformação da área de educação brasileira num momento em que o mundo do trabalho [?] na idade de nossos adolescentes. Isso o Saviani vai trazer como discussão na politecnia, ou seja, a ideia de que a formação seja... num é... quem é aí que falou antes... omnilateral, né!... palavrinha difícil de dizer, né?!... que é a formação do homem no seu todo que na verdade tem raiz lá na tradição... né... marxista... de falar do trabalho que é alguma coisa muito além de produzir existência material... o trabalho foi o princípio, né... como... como gênese, como origem, como parte constitutiva do humano, né... isto é trabalho lá em Marx... em determinados momentos históricos é que o trabalho é transformado em algo que inclusive é estranho ao próprio ser que o realiza, que é chamado na sociedade industrial de alienação e que nós podemos chamar de qualquer outra coisa... foi escravidão na Roma Antiga ou foi servidão na Idade Média Europeia... ou... o que a gente pode chamar do que quiser. Este é é uma parte do trabalho, né... mas o trabalho na sua... na concepção marxista, no seu todo, né... e aí há uma pressão de Luckács, vale lembrar, o trabalho aqui é que nos torna humano e, portanto não é o tripalium não é a escravidão não é nenhuma forma de exploração como nós conhecemos. Bom... como... ah... é essa a origem... nós... pega um Brasil que precisa sim de seus jovens para trabalhar então o que que acontece? Nós vamos ter um avanço dessa tradição, interpretação marxista, a partir da politecnia de Saviani, com Frigotto, com Ciavatta, propondo uma integração... ou... desculpa a palavra... não gosto de dizer integração... propondo um currículo integrado, né... que seja capaz de oferecer para os estudantes brasileiros uma formação que ao mesmo tempo lhe habilita ao mundo do trabalho e a carreira de cidadão nos mais diferentes aspectos da vida social que dá até para que possam

ser, como todos os outros, ou melhor, como aqueles poucos outros, que se faziam antes no Brasil, dirigentes... né!... então o currículo integrado ele tem esse compromisso de propiciar um espaço de conhecimento que dê conta de fazer com que todos os trabalhadores possam se habilitar a ser de um lado, produtores de sua existência material sim... não é?!... nós vamos fazer o caminho [?] todo mundo precisa trabalhar, mas de outro também, precisamos todos... todos nós precisamos também ser habilitados a ser dirigentes. Primeiro de sua própria vida fazendo suas escolhas, e nós estamos num momento muito importante disso agora, né?!... momento de nós fazermos as nossas escolhas e, sobretudo, fazermos escolhas coletivas, fazendo as nossas escolhas e dirigirmos a vida social que nós temos pela frente... né!... então, participar da história enquanto alguém capaz de ser um participante legítimo das decisões e até mesmo das concepções que se vai vivenciar. Esse é o compromisso currículo integrado que a gente poderia dizer então está sustentado... éh... teoricamente nessas... ah... nessas visões, de modo que dão rumo para as nossas propostas de integração... ah... seja no ensino técnico de nossos jovens seja na educação de jovens e adultos... e aí... se chame ele de Proeja ou não se chame de Proeja, o fato é que... eu percebi que vocês aqui no Estado de Goiás estão fincando o pé, no sentido de dizer que, vocês não abrem mão de fazer, sim, educação na sua plenitude, educação integrada... não é... fazendo, construindo junto com nossos educandos, aquilo que Tomaz Tadeu chamaria de identidade, currículo como identidade, construindo a identidade então que faça com que todos possam verdadeiramente participar da vida social e política e econômica deste país. E, eu acho que vocês estão de parabéns nisso! Bom... lidamos com um sujeito da educação de jovens e adultos que traz uma série de problemas, evidente que sim, né?! Se eu fosse projetar aí [?] eu até faria uma citação do Miguel Arroyo que ele fala de uma série de colocações em relação ao público da EJA... eu acho isso um pouco... enquanto metodologia de atividade eu acho muito complicado, professor... pedir pra pra professores que olha se eu não tiver que colocar a lâmina... desanimo logo se não vai parecer que tô dando aula... já tem que ficar aqui na frente, não é?!... mas pelo menos a gente tá todo mundo sentado tentando dá [?] que estamos numa roda de conversa. Então, não tem citação na lâmina. Na verdade também que o Arroyo fala assim um pouco dessa dessa condição... eu acho que se a gente começa a colocar uma visão muito fatalista da condição do público da EJA... né... a gente começa meio que dizer que nós falamos de um lugar diferente... né... acho que nós

todos trabalhadores da educação, embora, evidentemente, podemos conhecer alguns em condições melhores do que outros... né... nós sabemos mesmo, por exemplo, que a rede federal... entre as outras redes... que a rede federal nos dá uma condição bom... nós todos trabalhadores vivemos de alguma forma, condições de opressão, condições de exploração, condições de ter alguns de nossos direitos negados, evidentemente que o nosso público de trabalhadores que não tiveram acesso ou não conseguiram permanecer na escola na idade adequada tem sim uma trajetória de obstáculos, talvez, diferente... né... mas... como também outras... ah... formas de enriquecimento deste... deste currículo pessoal... né... acho que isso é uma coisa que nós precisamos inclusive incluir nas nossas falas quando nós estamos tratando de EJA. Se por um lado, o nosso público de EJA, o nosso discente, o nosso campi EJA, ele vem de trajetórias de vida às vezes marcado por frustração, por interrupção, por exemplo, na vida escolar numa sociedade que supervalorizou no passado a ideia de escolarização, por outro, ele também traz um conjunto extremamente rico de ambientes educativos, dentro dos quais ele foi capaz de desenvolver e produzir a própria vida, tanto que está aí... né... se nós recebemos hoje trabalhadores numa faixa entre 18 e 60 anos... eu imagino que vocês tenham esta realidade aqui porque nós temos. A gente recebe pessoas dos 18 aos 65... né... já tivemos inclusive no Mulheres Mil pessoas como uma senhora com 82 anos frequentando o Mulheres Mil que muito nos orgulhou... né... acho que aí traz a ideia de educação, não ao longo da vida, eu até queria comentar isso com vocês antes, nós na... na educação, nós somos vítimas permanentes de crises [?] nas expressões utilizadas... né... as forças conservadoras são especialistas em apropriar-se das... dos vocábulos, das palavras que nós usamos nos nossos... nossos discursos de educação transformadora... e elas vão se desgastando e perdendo o efeito e nós temos que produzir outras... e algumas nascem também como equívoco... né... por exemplo, essa história da educação ao longo da vida, a última delas... né... expressão que... que se desgastou e que perdeu [?] tá harmonizando e que as pessoas tem que elas individualmente se responsabilizar pelo seu aprimoramento ao longo da vida... né... meio que tá controlando isso e falando de educação e de acesso a via escolar como direito... né... Moacir Gadotti traz isso então... ah... e... a educação como direito humano. Então, as pessoas tem direito de estar na comunidade escolar todos os momentos, então, que a gente use a expressão ao longo da vida, mas que elas possam estar permanentemente frequentando a comunidade de escolarização mas

não porque isso vai lhe render um emprego melhor ou pior [?] sobretudo porque elas tem direito de estar num espaço como esse. E eu acho que elas trazem nas suas vidas experiências que são... ah... importantes pra nós... ah... incluímos na nossa... na nossa discussão de formação. Bom... então gente... eh... como já são 9h20 e nós temos que sair 10 horas [?] eu vou abrir então pra nossa conversa, senão, vai ficar só uma promessa não cumprida aqui... né... então [?]...qual é a ideia... não sei se o pessoal levanta a mão, se manifesta... não sei o que vocês acham melhor... temos um bom tempo aí então... temos aí 40min para conversar... [aplausos]

Prof. Josué: [?] Primeiro gostaria de agradecer as contribuições iniciais do professor... né... além do debate aqui o professor estará numa mesa amanhã à tarde também... aqui deste evento... né... então... éh... eu [?] o professor que é da rede federal, então, eu acho que sobretudo ele trata de um lugar que é também o nosso lugar... né... as experiências com a educação de jovens e adultos também são uma das nossas experiências aqui nos Institutos Federais de Goiás. Eu acho que a gente poderia fazer pelo menos umas duas rodadas... éh... no sentido... a gente tá percebendo que tá havendo um certo esvaziamento e é compreensível por conta da questão do calor que está muito forte. Mas a gente gostaria de pedir então a tolerância e a paciência dos dos colegas e dos participantes como um todo, pra gente fazer então um pouco... um pouco esse di... [?] nós fazamos duas rodadas de... de umas cinco perguntas. Pode ser professor? E aí, faz-se cinco, e aí retoma-se... né... cê dialoga... a gente faz...

Prof. Antônio(?): [Alguém do auditório interrompe e diz “professor”] Eu tô a cinco anos... eu fiz concurso pra bioquímica e fui ensinar química... pro Proeja [?] então... eu sou uma pessoa que não tem formação para trabalhar com o Proeja, nem o concurso público eu fiz para atuar na área, além do mais [?] aulas pro Proeja e não tem nem laboratório para levar o aluno, eu acho que isso... tanto o professor quanto o aluno... [?] aula teórica sem ter a capacidade sem ter meios de trabalhar direito... tá... esse é um protesto que eu faço... desculpe aí [?]...

Prof. Josué: Ok, professor, você pode falar mais perto mas fique à vontade. [?] Vamos tentar organizar as falas aqui... professor Sebastião... desculpe professor... professor Otávio... Ádria... isso... quem mais pra fechar as cinco... Jus Jus... Jusceli...

Maria Emília. Ok, vamos lá Sebastião.

Prof. Sebastião: Então, eu tava falando ali, tô preocupado com a fala do Lottermann... assim que... a gente... a fala do Lottermann... ela... ela... ela é muito a nossa fala... parece que esse “cara” é que a gente tá fazendo, esse cara sou eu... né... aí eu falei... poxa... coisa boa saber que o cara tá lá do outro lado do país e... e... com essas preocupações... né... de fazer análises na educação a partir do materialismo histórico com tanta... sem vulgarizar né... buscando livros importantes dentro da tradição... mas eu queria assim... focar no currículo integrado... né... a gente tem estudado isso por aqui... e... e você menciona aí Marise Ramos, esse povo da Federal Fluminense, Gaudêncio Frigotto... e aí... ela fala que... tem uma afirmação dela... que eu até acho que está num texto seu... que é aquela coisa de educar... éh... pára de educar para o trabalho, pára de educar para a vida, e pra educar é o sentido de... pelo trabalho e na vida... pelo trabalho e na vida... essa é uma expressão... né... dela... eu acho que no texto dela e que depois parece que você também... eu acho ? o sentido qual nesta perspectiva do que é o sentido da construção do currículo integrado. E o currículo integrado, que eu concordo plenamente com esta coisa de integração curricular, é currículo integrado mesmo com toda essa conotação socialista, da esquerda, de tudo isso que você mencionou, e aí... eu sempre digo pro pessoal assim... olha o currículo integrado é fato, uma opção, ele tem uma exigência política prévia, ele exige que você se posicione politicamente e é de uma determinada maneira... e então... o... a construção do currículo integrado, neste sentido, não é o lugar que você chega, é um caminho que você trilha, é um caminho que você trilha no sentido coletivo, da construção coletiva, porque às vezes as pessoas tem a perspectiva de que essa coisa da religião, da teologia mal entendida que é assim, você acorda, você vai chegar, você vai se salvar e... essas coisas de inferno e paraíso... essas coisas todas parece que elas atrapalham as dinâmicas educacionais... porque de fato, se você assume o currículo integrado como perspectiva de construção pedagógica parece que você tem que trilhar o caminho, o caminho da reunião, o caminho do diálogo, o caminho da horizontalidade, e parece que isso é básico no que você disse. Eu queria que você falasse mais disso, que já colocou bastante.

Prof. Otávio: Primeiramente, parabéns! [?] Eu eu trabalho em Jataí. Sou proveniente do antigo território federal de Roraima. Lá ainda trabalha com a educação popular e,

desde 96[?], eu fiz parte da primeira comissão que implantou o Proeja no Instituto, de edificações. Tenho trabalhado ao longo do tempo com isso. A minha área é educação física. E eu venho... porque... éh... faz parte de uma vocação trabalhar, desde que morava em São Paulo, formando, já trabalhava [?] com meninos da antiga Febem, hoje, Lar Educando, né?! E, então, parece que [?] nessa última, no ano passado com a implantação do curso de secretariado, eu tenho tido a honra, inclusive os alunos estão aqui, eu tenho tido a honra de fazer parte da comissão de implantação do curso e tudo isso me deixa muito angustiado no sentido de que esse currículo integrado ou integração curricular é muito difícil de ser feito, principalmente a nível ou em nível... éh... interno de uma Instituição. Se você não consegue dialogar mesmo, nem mesmo dentro do seu campus, quanto mais uma Rede igual a nossa, de 14 campus, onde não há um livre trânsito desse aluno. Eu creio que só lá em Jataí tem secretariado, não é? Então, o aluno está refém daquela própria localidade ele tem que terminar o curso lá. E isso nos traz algumas angústias no sentido de... o senhor falou vem... você falou uma questão a respeito... éh... sobre concepções, as vontades, o conhecimento adquirido, as experiências que esses alunos tem enquanto cidadãos historicamente instituídos naquele local que, talvez, não seja o local de origem mas que venha da fazenda, lá do Nordeste, assim como nós temos muitos ali... éh... esse currículo é um currículo oculto? E como avaliar esse conhecimento que o aluno já traz? Isso é muito angustiante e eu gostaria... claro que você tem a resposta... mas tem muitos alunos aqui que eu gostaria desta contribuição... professor, eu gostaria de ser assim que fosse assim, gostaria que me avaliasse olhando para o modo mais amplo do meu estilo de vida... essa é... o nosso posicionamento.

Prof. Josué: [?] pessoal teve necessidade de sair por conta da turma que ele tem que levar. O senhor fica a vontade... [apontando em direção à galeria do auditório] mas essa discussão docente vai retomar... nós vamos retomar amanhã à tarde... né... haverá uma mesa sobre formação docente... então... [?]... tá ok?!... fica a vontade... Professora Ádria... e depois... Jusceli...

Prof.^a Ádria: Boa noite! Boa noite a todos! Boa noite professor Osmar! Eu gostaria que o senhor falasse um pouco... ah... deixe eu me apresentar... eu sou professora do campus Itumbiara... não trabalho com Proeja, eu trabalho com a disciplina de EJA

com os alunos que fazem licenciatura de Química. Então, eu tento levar algumas discussões, que nós fazemos... né... pra tentar contribuir com a formação deles, porque, provavelmente eles vão trabalhar com este público... né... Éh, então, uma coisa que eu gostaria que o senhor discutisse um pouco é sobre... ah... os desafios que nós temos para construir esse currículo integrado pensando que o ensino médio é uma etapa da escolarização que é um tanto indefinida, historicamente assim... o seu papel... não é... éh... pra preparar para o vestibular, é pra preparar para o ingresso no ensino superior... nós sabemos que não tem vaga pra todos mundo, então, que objetivo é esse... né... integrar essa... esse ensino médio que de uma certa forma também é conteudista... né... tem... éh... uma carga horária, as matrizes curriculares são bastante... ah... pesadas... se a gente for pensar na quantidade de conteúdos que os alunos tem de estudar no ensino médio, nos três anos de ensino médio, e, integrar isso a uma formação profissional, que ao mesmo tempo... eh... se espera que... que dê condições desse sujeito integrar-se no mundo do trabalho mas que também tem uma exigência de aligeiramento. Então, conteudismo de um lado, aligeiramento da formação do outro. Como nós ficamos assim... né... como superar essa contradição?

Aluna Jusceli: Boa noite! Eu sou aluna do Técnico em Transporte Rodoviário, 2º período, e eu queria que vocês explicassem melhor esse... essa mudança de Proeja pra EJA. O que a gente ganha com isso? Quais as nossas vantagens com isso? E, outra pergunta que eu queria fazer é: por que que aumentou mais um ano, sendo que, tem muitas pessoas que já chegam com a idade avançada, querem se profissionalizar, mas a preocupação delas é mais com a idade, porque hoje em dia o mercado de trabalho tem uma questão assim... eu acho que... um pouco... éh... como se diz... preconceituosa com a idade. Certa... certas pessoas como eu mesmo, quando eu terminar o curso eu vou tá com 42 43 anos... pra mim fazer uma faculdade, igual eu queria fazer de engenharia... pra mim já vai ser numa idade avançada. O que vocês dizem sobre isso? Obrigada!

Prof.^a Maria Emília: Bom... Osmar... [?] eu queria dizer que você tocou num aspecto muito interessante que é o movimento da década de 60 e que foi vivenciado por vários movimentos de educação popular, não só no processo de alfabetização. Que a luta era pela educação básica... né... que à época a educação de adultos não tinha

acesso à escolarização... então seria a educação básica que à época era também as séries iniciais que corresponde hoje à 1ª a 4ª série, mas que à época era educação básica. Que a nossa luta hoje pela educação básica que já não é só mais de 1ª a 4ª. É do 1º ao ensino médio... né... então, a luta da educação de jovens e adultos ela é antiga e já tocando na questão da colega... éh... que princípios são esses... né... da educação popular... você mencionou... a Paludo que tem toda uma discussão sobre educação popular... que princípios são esses que são fundamentais que o... nós resgatemos e [?] para o trabalho com a educação de jovens e adultos, seja aquele profissional que está na formação atuar em anos iniciais no curso de Pedagogia, numa licenciatura... né... seja ela qual for... seja desse educando que está aqui no ensino médio... então, o Proeja ele é EJA... ele é um Programa de EJA... ele já é EJA... só que quando se coloca EJA não é que tá diminuindo... né... está abarcando todo esse universo da educação de jovens e adultos... né... que são sujeitos que estão aí vivenciando essa educação. Então, eu queria que você trouxesse um pouco mais desses princípios da educação popular articulando com a questão do conhecimento técnico científico. Por que? Porque é o que o Gramsci colocava e é o que o Vygotsky também coloca... né... Gramsci falava do bom senso no senso comum que está ali... né... no senso comum e que precisava vincular aos conhecimentos técnicos científicos [?]... da mesma forma, Vygotsky também vai trazer essa discussão pra nós na relação com a construção do conhecimento. Então, fale um pouquinho mais sobre isso.

Prof. Josué: Tem alguém mais que gostaria de fazer alguma questão ou a gente encerra nesse bloco aqui?

Sujeito não identificado: [?] Essa questão que você [?] claramente... a questão... questão político ideológica [?] na educação popular que tem suas raízes no pensamento marxista... ah... e uma fala sua sobre a questão de que nós professores quando adentramos a sala às vezes usamos um discurso... éh... pseudo... né... pseudo neutro no sentido de dizer que nós estamos aprendendo com os alunos, tamo ali pra adquirir conhecimento e... e omiti o conhecimento que eles precisam acessar... não é... elaborar teoricamente tentativas de metodologia de leitura de aprofundamento pra que... ah... o conhecimento que nós supostamente detemos, acadêmico... né... sistematizado pelo... pela formação tradicional, que nós sabemos que detemos mas

que nós não socializamos com a tentativa de encontrar metodologias e práticas que... que... que consigam alcançar esse estudante... éh... isso... isso é revelador de uma postura política muito clara... né... isso é ideológico também... camuflar aquilo que sabemos porque... usamos o recurso de dizermos que não demos conta de alcançar através de uma metodologia. Então é o seguinte... né... nós temos uma lógica insana... né... de... de... de boicote... né... a educação de jovens e adultos. Através de um discurso de profissionais que estão habilitados pelo... pelo sistema formal político desse país a serem docentes. Nós temos uma política de formação. Como é que nós vamos fazer então pra que a gente... éh... coloque um discurso mais veemente no sentido de impedir... impedir essa política de ausência, de omissão, desses profissionais... não é... que brigam com espaço na sala de aula quando vão minimizar a atividade docente... dizer que não se sentem tão preparados para lidar com a educação de jovens e adultos. Eu acho grave... a gente começar a pensar que isso é... ééé... uma questão de escolha, que o sujeito tem que ser muito bem preparado, acho que o sujeito tem que se apropriar e aí é um movimento do sujeito professor em buscar se... se... se... né... buscar referência teórica, discussões, participações em debates, mas ficar nessa... nessa... ostra de dizer que eu não tô preparado, eu não fui preparado, isso aí é omitir uma... uma atitude, uma atuação docente que é exercício de um tipo de política e prática de excluir dentro da escola que ele já está excluído de tantos outros processos. Então, como é que a gente quebra esse processo de uma maneira mais eficiente nas instituições? Como é que a gente então entra nessa crise dessa temática de ficar permitindo esse discurso de... mais... de que eu não tenho formação, de que eu não tô preparado, de que esse público é complicado... não é... isso isso já cansa... é uma... é uma retórica absurdamente vazia de sentido, vazia de posicionamento que não deu conta da realidade. Então, assim... a gente precisa mudar esse discurso... nós precisamos enfrentar esse discurso com uma rigidez teórica... aí... né... mas, esse tipo de discurso não cabe mais... eu não tô preparada eu não dou conta... vai estudar, sujeito! [aplausos]

Prof. Osmar Lottermann: Bom, gente, vamos lá... né... vamos ver o que dá pra nós fazermos... né. Bom... a primeira questão... acho que o colega... éh... [?] começemos aqui pelo professor Sebastião... fez na verdade mais um comentário do que... do que... uma uma questão... e eu agradeço o comentário... acho que foi uma enorme contribuição... muito obrigado! Éh... eu penso que o comentário [?] do professor

Sebastião... ele já lança luz um pouquinho adiante nesse caminho porque isso é o que eu mais escuto... professor... de que... ah, mais e... eu até anotei aqui a ideia de produto final... não sei se... se... se... se você... posso falar você, né?!... eu não sei se você chegou a usar esta expressão, mas eu coloquei aqui caminho não produto final... então as pessoas tem bem isso... essa visão de que nós temos que ter um começo um meio e um fim e... e não é isso né... e aí eu gostaria um tanto de dizer essa questão pedindo que... desculpas pro Otávio... deixar numa terceira fala e jogar uma junto e vamos tentar... éh... quem sabe falar um pouco de cada um dos temas que acabaram assim meio que aparecendo. Éh...nessa ideia de caminho... né... e é o Gramsci que me deixa mesmo [?] na ideia de professorês... né... como é que eu vou fazer... né... éh... porque a ideia de caminho ela é um... é uma situação de tensão e nós historicamente não gostamos de lidar com esse espaço de tensão, espaço de que as coisas não se resolvem definitivamente. Nós, pela cultura que nós temos, em especial, do próprio sistema econômico, não é... tem que levar a resultado... qual é o resultado né... a pergunta sempre é esta, você tem uma questão que você tem que encaminhar, tem que ter meios para ir chegar ao resultado. Bom gente, isso é pedagogia empresarial. Se nós não vamos fazer pedagogia empresarial a gente não tem que tá preocupado com... ah... qual vai ser o produto final e eu acho que existe essa preocupação e aí que vem a integração curricular... então como é que a gente faz esse negócio? Que dizer... alguém vai e conta pra gente como é que faz... e... éh... ah... eu acho que muito com a fala do... do Sebastião dá pra... dá pra pegar a preocupação da área... quando ele coloca assim... ah... sobre os desafios de construir um currículo integrado para um futuro... né... éh... tendo que lidar com um... de um lado com o conteudismo... não é isso né... de um lado conteudismo e de outro lado... ah... o aligeiramento a ideia de que... ah tem que... fazer um curso tem que... éh... tem que dá conta disso para... né... ter resultado e eu diria que junto com isso pensar numa formação do indivíduo... né... para... ah... na vida né? Aquela expressão a formação no trabalho e na vida. Em relação a isso me... me ocorre algumas coisas assim... quem é... envolve mesmo você está conversando com os colegas, e são conversar até do dia a dia, inteiramente pedagógicas, no campus... as pessoas assim... mas eu tenho que dá conta... tal tal tal.. conteúdo... e daí a pergunta é: “quem disse pra você que tem que dá conta de tudo isso?” Dois: “quem disse que passar por tudo isso na sala de aula é dar conta?” ... né?... [?] tô falando como reflexão aqui pra nós... né... a gente tem isso... diz isso pra nós... “tem que dar conta”... em primeiro lugar: quem disse que

a gente dá conta. Dois, isto é dar conta? Será que um professor, desculpe-me o pessoal das exatas, mas eu posso usar o nome exata e um das áreas das ciências humanas, porque professor em ciências humanas... éh... consegue às vezes tapiar [?] sem ter muita noção da ciência dele e professor de matemática também... né... ele dá uma... “trocentos” conteúdos lá e ao final... uma recuperação com isso [?]... aprovado... falta né e cobra né tudo aquilo que passou naqueles três anos de ensino médio pra saber quanto as pessoas sabem... quantos de nós aqui que estamos na formação superior quanto nós sabemos daquela formação dita necessária... né... que tem que dar conta no ensino médio... nós sabemos?... áh... tem o nosso aluno aí que não sabe... pois é não acompanha... que é até a preocupação aí [?]... áh... é muito complexo... com é que eu vou dar conta disso?... esse aluno da EJA não vai entender isso!... nem você!... né... tem um monte de coisa que nós também não entendemos... nós também não entendemos... também não sabemos... né... se eu pegar aqui pra puxar para a matemática... né... depois que sair uma regrinha de três, número simples e composto, no máximo uma matriz, ninguém mais que eu acho que não é da área vai dar conta e tem um monte de coisa aí que a gente não dá conta do ensino médio... então assim... éh... e aí poderia pegar de ciências humanas também como exemplo... quem é que sabe as fases aí da Revolução Francesa... então... ninguém sabe. Éh... éh... então assim... acho que a gente tem que tentar, e isso aí é uma luta política que tem que se fazer, é parar de aceitar que alguém nos diga quanto que nós temos que dar conta e porque que nós temos que dar conta e aí de fato temos que ir atrás daquilo que, coletivamente, julgamos importante... né... eu acho que esse é o grande desafio. Vestibular... né... [?] tá com os dias contados, praticamente esse processo... né... já já já virou... mas enfim... penso que essa preocupação de... de conteúdo, essa preocupação de dar conta... né... essa... essa é uma outra questão que... éh... que a gente precisa repensar, precisamos pensar e daí fazer o currículo integrado, pra voltar um pouquinho assim, e talvez como avaliar que a preocupação que o professor tava... né... como avaliar esse aluno com aquilo que ele traz... eu diria que eu faço aqui um convite... não é... não é receita porque eu não tenho... eu vou dizer uma coisa pra vocês... eu venho de uma realidade que nós temos muito mais problemas na educação de jovens e adultos, que eu acho do que vocês... que vocês tem aqui... né... me parece que o debate de vocês, me parece que a ação de vocês... não tô dizendo pra agradar [?]... mas assim... não é pra agradar ninguém que eu tô dizendo isso... mas eu acho que vocês tem uma reflexão muito

mais profunda... vocês tem uma discussão muito mais avançada eu eu acredito uma ação mais avançada... então não é receita nem nada... mas me parece sim que a gente precisa colocar esse nosso processo e aqui avaliar... avaliar no sentido de [?]. mas eu acho que é preciso que a gente avance na nossa convivência com o nosso aluno, com o nosso educando e no lugar onde nós trabalhamos pra poder sim colocar, pra poder incluir nesta avaliação, neste processo de construção de conhecimento aquilo que vem de nosso aluno. Eu vou dizer uma coisa pra vocês assim... oh... eu... eu trabalho num campus que... há um grupo de professores que mora há cem quilômetros do campus, então lá em determinadas atividades no campus cuja a inserção em atividades de extensão seria fundamental pra poder conhecer esta realidade pra poder fazer de fato uma inclusão daquilo que é a vivência do educando pra poder trabalhar melhor e avaliar e incluir esses processos. Aí o cara mora há cem quilômetros do campus, vai lá dá seu período de aula e deu... nada mais... se perguntar pra ele de que lado vem esses alunos ele não sabe se vem do sul, do norte, do leste ou do oeste, quanto mais o que faz da vida... então assim... me parece que pra colocar isso... pra colocar essas vivências pra colocar esses saberes que vem da educação... ah... dos processos educativos que todos nós temos fora da vida escolar pra incluir na avaliação e no processo de aprendizagem... precisa vencer... isso... a... a mim parece básico. Vencer isso pra poder ser um ingrediente de melhor ação. Tinha... [recebe papel do coordenador da mesa]... mas... tá... tinha mais alguma... mais um tempo aí... mas eu acabei me perdendo um pouco... ah... Maria Emília... né... fala dos princípios da educação popular... isso... né... éh... eu acho que dá pra gente ilustrar bem isso assim... quando lá nos centros de... nos centros populares de cultura... né... aqueles grupos ligados a união nacional dos estudantes... o pessoal achava que existia o saber popular e o saber acadêmico, separados, é preciso levar o acadêmico pra eles... né... aí... a educação popular na acepção da Conceição Paludo e... e a própria tradição de educação popular ela... ela não nega isso... não no sentido do que não tenha o conhecimento escolar acumulado mas no sentido de que estes dois tem que dialogar. Então eu acho que aprofundar a ideia do princípio de... de... de educação popular no qual a gente acredita é justamente o conhecimento dessa realidade, a inclusão desses saberes, o diálogo entre os saberes... entre o conhecimento científico e o saber popular e sem, inclusive, isso é uma opinião bem minha, sem... éh... deixar de externar, de expor nesse ambiente de convivência, de que este senso... ah... comum ele precisa avançar... porque se não a gente vai

cometer o pecado... lembro do tempo do ministro da educação Carlos de Alberto Quiarelli que ele que era muito conservador e queria dizer alguma coisa progressista mais ou menos foi buscar lá visão [?] da educação... ah... que tem educação a partir da realidade [?] naquela época virou uma espécie de coqueluche que as pessoas desenvolvem, então, tudo o que o professor aprendia na academia não vale, o que vale é a realidade do aluno e deu... não é... então ficava assim... oh... você na realidade... éh... éh... vai tirar do aluno a oportunidade de fazer o confronto... eu acho que não é isso... eu acho que esse diálogo entre saberes ele que tem inclusive evidenciar... oh... o que você sabe lá na vida prática, no dia a dia, no teu ambiente de trabalho é importante é... mas não dá conta... né... assim como o meu saber acadêmico não vai dar conta sozinho... eu acho que tem que haver essa relação... não é... essa essa relação dialética entre essas duas visões... e aí... e aí me parece que esse sentido resgata o princípio da educação popular... né... éh... se a gente pegar Roseli [?] falando do Movimento dos Sem Terra, dos processos de acúmulos que eles têm no processo educativo, a gente percebe isso... a impressão que... não há no popular as respostas de tudo mas também não há na academia as respostas de tudo... eles precisam dialogar, essas duas visões... eu acho que nesse sentido que caminha a nossa concepção e a nossa visão aí de... de a gente fazer educação popular e não para o popular e tal. Que mais que tinha aqui? Acho que alguém falou sobre... a última colega... áh... sim... éh... Jusceli... eu eu não vejo assim... eu não conheço o processo de vocês mas acho que aqui de certa maneira já foi respondida a questão... EJA né... educação de jovens e adultos é tudo aquilo que a gente faz e eu sonho inclusive que a gente diga todo aquele dinheiro do Pronatec... né... no qual eu tenho uma tarefa árdua de coordenar lá aqueles cursos aligeirados do Pronatec... né!... éh... meu sonho é que a gente pegue todo aquele dinheiro e faça... realmente... educação de jovens e adultos com processos formativos abrangentes... né... e não essa formação aligeirada... enfim... tudo isso é EJA não é... na verdade existem muitas experiências de... de... de educação de jovens e adultos... e agora... ela se consagrou como modalidade... ne... como modalidade de ensino... agora... já foi dito aqui... né... tem Proeja que é uma forma... né... tem outras experiências... enfim... mas eu não vejo que vocês tenham aqui ganhos ou prejuízos nessa questão EJA ou Proeja... né... quem tá fazendo o curso de educação profissional vai ter o profissional e vai ter o... o... a educação da base comum junto... né... acho que não... não tem prejuízo em relação a isso. Não sei se deixei alguém de fora aqui... acho que em relação daquela

questão do professor de boicotar, de dizer que não tá preparado... né... éh... eu concordo com a colocação da colega... éh... todas as nossas relações elas são relações complexas... [?] nem um tipo de relação, em especial, as pedagógicas... né... de didáticas da sala de aula, nós [não] estamos totalmente preparados... né... eu concordo que tem que isso é uma coisa do ofício do professor e ele buscar sua formação tentar interagir com processos que possibilitem... ele vai se qualificando... ele vai tecendo um patamar crescente de... de... de diálogo e de compreensão de como se dá isso pra se fazer educador pra se fazer professor nos cursos que ele atua... penso que isso é um compromisso com o qual não dá pra gente... éh... [?]... ah... eu não posso fazer isso porque eu não tenho formação... né... acho que isso é um tema... tema bem complicado. Pessoal... eu não sei... assim... ah... eu não consegui... acho que... que acabei sendo um pouco superficial nos comentários das perguntas... peço desculpas... não sei... me coloco à disposição... sei que houve um... éh... mas eu quero dizer pra vocês que eu tô feliz pelo fato de nós estarmos assim correndo e o professor me dizendo assim... óh, tá terminando... tem que parar, né... poderia ter sido totalmente o contrário, poderia ter começado a falar lá às oito e meio e quando fosse nove, tinha dez, todo mundo ia pra casa e a gente não pudesse tá conversando, então, fiquei muito feliz de poder conversar trocar umas ideias, enfim... éh... eu quero agradecer ao convite, quero dizer assim mais uma vez como disse na abertura e... e... dizer pra vocês assim que a impressão que eu tenho... éh... e eu me condicionei um pouco pra isso até pra não me emocionar... mas as... as... as palavra que eu ouvi na abertura desse desse evento elas me tocaram muito, viu... eu fiquei realmente assim... ah... mexido... com o patamar de discussão e envolvimento que nas palavras das suas lideranças aqui na frente, eu tenho certeza, elas correspondem ao pensamento do grupo... né... de grande parte do grupo, evidentemente, que existem divergências, distâncias, isso é normal. Mas eu quero dizer pra vocês assim que pra mim foi um grande privilégio uma grande alegria estar na presença de vocês, conhecer minimamente que seja um pouquinho dessa cultura tão bonita do Estado de vocês, nós que moramos lá no outro lado do país, que tem uma cultura bem diferente... né... costumes diferentes... mas quero dizer pra vocês que nós somos, acima de tudo, brasileiros. E eu trago em nome de todos os gaúchos e gaúchas que respeitam e admiram a diversidade do povo brasileiro... eu trago deles um grande abraço, admiração e carinho e levo pra eles, tenho certeza, as melhores impressões desses nossos educandos, educadores, educadoras do Estado de Goiás e dos

vizinhos que se fazem aqui presentes e levo, realmente, uma impressão maravilhosa de vocês. Muito obrigado pela atenção, pela colaboração, pela generosidade com que puderam dialogar comigo e peço desculpas se não atendi a todo pretendido... né... enfim... ficamos a disposição de vocês. Obrigado! [aplausos]

Prof. Josué: Agradecer mais uma vez... né... ao professor Osmar Lot... Osmar Lottermann... é... pela imensa contribuição que ele nos deu aqui nessa noite... como eu falei provavelmente a gente tará novamente amanhã numa das mesas redondas do período vespertino... né... então amanhã nós temos programação a tarde e a noite... então... algumas mesas redondas, atividades culturais também... éh... gostaria de pedir desculpas aqui em nome da organização pela questão do calor, realmente, parece que tá tendo aí algum problema com o ar condicionado do teatro que não tá funcionando... eu não sei onde tá pior se é lá fora ou é aqui dentro... né... mas enfim... éh... pedir desculpas a vocês... eu sei que isso... éh... contribui para o esvaziamento... mas eu acho que ficou um número significativo aqui... né... pra fazer esse diálogo com o professor Osmar... né... eu gostaria também de colocar a comissão organizadora do evento à disposição, especialmente dos... dos companheiros que vieram de outros Estados... né... Santa Catarina, São Paulo, em relação a informações, qualquer coisa que vocês precisarem nós estamos a disposição... são essas pessoas, a maioria dos que estiveram falando aqui a frente... né... professor Sebastião, professora Mad'Ana, professora Kênia também que não tava na comissão mas que colabora, a professora Ádria, os alunos, a professora Aídes... acertei né... professora Jaqueline, enfim nós estamos a disposição de vocês para o que for preciso em termos de informação ou qualquer outra coisa... agradecemos muitíssimo a presença de vocês aqui, tenho certeza que isso vai ser muito bom para o evento, tá certo... então... éh... nós estamos no tempo limite... peço desculpas por ter [???].

2 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 16/10 - TARDE

Cerimonial: Senhoras e senhores, o encontro Diálogos sobre EJA integrada a Educação Profissional chega em 2014 à sua 4ª edição. Tá indo bem? O som tá bom? [ajustes no som do microfone]. Vou começar de novo. Senhoras e senhores... O encontro Diálogos sobre EJA integrada à Educação Profissional chega a 2014 a sua 4ª edição. Realizado no campus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás nos anos de 2008, 2010 e 2013, este seminário de caráter interinstitucional se constitui atualmente no mais importante espaço de discussões e troca de experiências sobre a oferta de educação de jovens e de adultos integrada à educação profissional no Estado de Goiás. Considera-se que a expansão da oferta de cursos nessa modalidade implica o reconhecimento da EJA como modalidade historicamente negligenciada pelas políticas públicas, o que redundará em grandes desafios políticos e pedagógicos para sua consolidação no âmbito das instituições da Rede Federal. Desse modo, demanda-se no âmbito destas instituições uma efetiva articulação entre a gestão, o ensino e a pesquisa de modo a pensar coletivamente no enfrentamento das dificuldades em vista da oferta de cursos com qualidade social para o público constituído por jovens e adultos trabalhadores. Sejam todos muito bem-vindos! Iniciaremos o nosso Diálogo de hoje com a apresentação dos alunos de licenciatura em Dança, do Instituto Federal, campus Aparecida de Goiânia, coreografia bolero, sob a direção do professor Roberto Rodrigues. [Silêncio. Ajustes no som]

(Apresentação cultural)

Cerimonial: Agradecemos, então, aos alunos de Licenciatura em Dança, do campus Aparecida de Goiânia, sob a orientação do professor Roberto Rodrigues. Neste momento, passaremos a palavra para o magnífico senhor reitor do IFG, professor Jerônimo Rodrigues da Silva, para uma saudação aos participantes deste evento.

Reitor Jerônimo Rodrigues da Silva: Boa tarde a todos, a todas! É com muita alegria que estamos aqui hoje. Na impossibilidade de vir na abertura... devido outros compromissos... e... pedimos aí ao professor Paulo Henrique, que é nosso diretor executivo para estar nos representando, pra estar desejando aí pra vocês... éh... um

bom trabalho. Este evento que é pra nós um evento de grande importância... éh... evento pelo qual a nossa gestão tem o compromisso de apoiar... sempre! Vejo aqui vários pesquisadores. Muito tempo aí trabalhando em prol desta ação. Uma ação que eu vejo, que pra nossa Instituição ela tem que ser transformada em uma ação contínua independente de quem tiver na gestão desta Instituição. E, conseqüentemente, também as outras Instituições que participam aí... éh... de forma colaborativa, participativa, com o Instituto Federal de Goiás nesse Diálogos Proeja. Ou, até mesmo diálogos EJA, né!... A gente tem que acostumar também com as mudanças aí dos contextos, né!? E... nós percebemos aí... ontem mesmo o professor Paulo Henrique, na conversa que eu tiver com ele pela manhã pra saber como foi o evento... e... eu tinha falado isso pra ele... “Diálogos EJA!”... né!... essas mudanças são... éh... importantes e nós temos que ficar atentos. Parece que não representa nada... mas ela tem um significado totalmente diferente... tá! Então, parabenizar a todos os que estão organizando este evento... Éh... agradecer... Prof. Osmar. Saiu lá do Rio Grande do Sul para participar conosco. Prof.^a Maria Emília... tá!... As demais pessoas... éh... pessoas de outros Institutos que se fazem presentes, que está colaborando com este evento. E, também, a boas-vindas... éh... a todos os nossos alunos. Acredito aqui que... éh... nós tenhamos... temos aqui nesta tarde de hoje e ontem também, alunos de todos os campus de nosso Instituto... ah... alunos, pesquisadores e professores. No mais, é reafirmar o nosso compromisso com essa grande ação que se faz presente neste dia de hoje e gostaríamos que cada dia mais... éh... nós tivéssemos pessoas imbuídas... éh... com o mesmo objetivo. Então, são mais uma grande ação da nossa Instituição, pro nosso município e pro nosso Brasil. Então, muito obrigado e bom trabalho a todos. [aplausos]

Cerimonial: [?] a mesa redonda com o título “Formação Docente na EJA integrada à Educação Profissional”. Gostaria de chamar para compor a mesa a professora Maria Emília de Castro Rodrigues [aplausos]. Nosso convidado especial, professor Osmar Lottermann [aplausos]. E, a representante dos alunos da EJA, Dilma Francisca da Silva Gomes [aplausos], do campus Aparecida de Goiânia. Pra coordenar a mesa, a professora Alix Costa Lima Bandeira, coordenadora da EJA do campus Aparecida de Goiânia [aplausos].

Prof.^a Alix Costa Lima Bandeira: Boa tarde, a todos! Bom... no mundo informatizado,

globalizado e consumista que a gente vive nos exige cada vez mais tipos de conhecimentos diferentes e de qualificação também. Por outro lado, em virtude da grande desigualdade que a gente vive... em nosso país também... desigualdade econômica, social e cultural. As famílias são muitas vezes obrigadas a buscar no trabalho das crianças, uma ajuda para a composição da renda familiar. Desta forma, não é raro ver as crianças ocupando com o trabalho o tempo que seria destinado para sua infância mesmo e para a escola. Mas o sistema não perdoa, e tempos mais tarde no desenvolvimento de sua jornada de trabalho aquela criança que foi forçada a trabalhar, agora, jovem ou adulto, sente a necessidade de voltar aos bancos da escola procurando os conhecimentos e a qualificação que foi impedido de conseguir na infância e na adolescência. E como já parece claro pra todos nós, a volta desses sujeitos a escola é um caminho duro e difícil e na maioria das vezes cercado de muitas expectativas. Por isso, citando as palavras de Dante Moura, a gente pode dizer que é fundamental que a política pública estado voltado para a EJA contemple a elevação da escolaridade com profissionalização no sentido de contribuir para a integração sociolaboral desse grande contingente de cidadãos cerceados do direito de concluir a educação básica e de ter acesso a uma educação profissional de qualidade. Ou que várias vezes nós ouvimos a palavra integrar e integração... né, professor Lottermann! Várias vezes ouvimos essa palavra. E eu como professora de Línguas estrangeiras e Língua Portuguesa também não podia deixar de mencionar aqui, de nos remeter ao latim, de onde vem esta palavra... né!... integrare que significa “tornar inteira”. Então pra Frigotto o termo integrar remete ao seu sentido de completude, de compreensão das partes no seu todo, ou da unidade no diverso, de tratar a educação como uma totalidade especial, isto é, nas múltiplas... nas múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos. Assim, é fundamental integrar a educação básica com a profissional, integrar os jovens e adultos antes dese... deses... desescolarizados ou com déficit escolar a uma formação de qualidade que lhe... lhes permita integrar-se ao mundo do trabalho de maneira mais justa ao mesmo tempo que se integrem esses sujeitos trabalhadores a realidades sócio econômicas mais igualitárias, e para além de tudo isso, é preciso pensar na formação humana desse sujeitos integrando-os ao universo de saberes e conhecimentos científicos, tecnológicos e populares produzidos pela humanidade ao longo da história. Então, aqui, rapidamente, ressaltar que o PNE, o Plano Nacional de Educação, aprovado no dia 25 de julho desse ano, indica que se deve oferecer no

mínimo 25% das matrículas de educação de jovens e adultos na forma integrada a educação profissional nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. A realidade atual e que é falada pelo nosso relatório do PNE é que em 2013 a quantidade de matrículas realizadas no ensino fundamental integrado ao ensino profissional, na modalidade de educação de jovens e adultos, foi apenas de 0,8%, e no caso do ensino médio integrado a educação profissional na EJA foi de 3,1% ao ano. Ao mesmo tempo então que esses números nos passam um grande desafio levantam-nos também importantes questionamentos, entre os quais estão aqueles que dizem respeito à formação docente para atuar na EJA. Infelizmente... éh... alguns estudiosos vão dizer, que a realidade tem revelado, sobretudo no caso da EJA, que não existe uma formação específica para os docentes que atuam nas salas de aulas de jovens e adultos. Nesta perspectiva, os currículos, as metodologias, as práticas e estratégias de caráter didático-pedagógico acabam sendo adaptadas do ensino regular para a modalidade EJA. Então, sabemos que tem as suas próprias especificidades. Essa mesa redonda hoje, composta pelo professor Osmar Lottermann, professora Maria Emília, e nossa aluna lá do curso de modelagem do vestuário lá do campus de Aparecida, se propõe a pensar, exatamente, esta formação docente para a realização do trabalho com a EJA integrada com o ensino profissional. Então, pra discutir esse tema eu queria começar passando a palavra para a professora Maria Emília.

Prof.^a Maria Emília: Tentar cumprir o tempo que me destinaram, apesar de ser difícil. Bom... éh... vocês estão vendo aí... eu trouxe alguns slides e começo exatamente com aquela citação do Paulo Freire... né... “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”. E eu começo com esta citação pra dizer do lugar de onde venho. Eu trabalhei muitos anos no ensino fundamental. Com crianças, 13 anos e meio, e com jovens e adultos, no ensino fundamental. Ensino fundamental e ensino médio na rede estadual. E, fundamental, na rede municipal de Goiânia. E de lá eu vim para a Universidade onde continuei desenvolvendo trabalho de pesquisa, ensino, extensão, na modalidade... já discutido antes... né... que não era modalidade... né... 1996 [] ano da LDB e, depois, passa a ser modalidade de Educação de Jovens e Adultos. E é desse lugar da Universidade que eu venho conversar um pouco com vocês, mas também de um outro lugar que é o Fórum Goiano de EJA, que é um lugar onde nós militamos pra tentar construir uma

educação de jovens e adultos nesse Estado e país que seja uma educação de adultos de qualidade social. Então, é dentro desta perspectiva que a nossa fala vai estar caminhando aqui. As perguntas iniciais... né... que nos suscitam esta fala apontam para os seguintes aspectos: a sociedade da qual fazemos parte tem garantido educação de qualidade a toda sua população? Que qualidade é essa? No campo da formação inicial de professores para atuar com sujeitos da EJA, quais políticas tem sido implementadas? Nossa companheira aqui lá deu algumas dicas pra nós... né!?... Muito poucas! No campo da formação continuada de professores pra atuar com esses sujeitos, quais políticas e ações tem sido implementadas pelos sistemas de ensino, pelas instituições, por cada uma das escolas que atendem esses sujeitos? Do ponto de vista conceitual, como a educação de jovens e adultos tem sido tratada pelas instituições de ensino superior? Quais espaços têm sido destinados à modalidade no campo da pesquisa e da extensão? E aí nós destacamos um aspecto que pra nós é fundante... né... que etapas [?] que qualquer educação destinada aos jovens, adultos, idosos desse país? Precisa ser uma educação de qualidade. E esses sujeitos, ao contrário das crianças que os pais mandam e permanecem na escola mesmo que seja fazendo... né... uma indisciplina na sala de aula. Esses sujeitos só ficam na escola, se esta escola lhes disser estou cá [?] efetivamente e se houver aprendizado com sucesso... né! Então, realmente, se não houver isso, esse sujeito não permanece. Claro que existem outras questões que estão por trás da permanência ou não... né... a questão da sobrevivência... né... que vai estar chamando, muitas vezes retirando esse aluno da sala de aula, mas esta mesma questão da sobrevivência, do mundo do trabalho, mais especificamente do mercado de trabalho que exige que esse aluno tenha uma formação, às vezes ele lhe tira... né... exatamente da sala de aula, mas cobra a cada dia que ele tenha uma formação. Bom, nesse sentido, é necessário assumirmos uma postura crítica, investigativa e de alerta permanente em relação as ausências evidenciadas nos contextos em que atuamos, quer seja na sala de aula, quer seja nos cursos de formação, quer seja nas políticas públicas. Reconhecermos como profissionais e/ou sujeitos que atuam numa modalidade educacional que historicamente tem sido vista como marginal e que, portanto, requer posturas críticas e propositivas, é fundamental. Não dá pra gente tomar a educação de jovens e adultos como se fosse a mesma educação que nós vamos destinar as crianças. E, porque é a demanda deste iniciativas que perpassam... éh... intersectorialidades... né... por exemplo, um

idoso que não enxerga não consegue ler e escrever... né... se... ah... não há um atendimento específico a saúde... né... há vários aspectos que nós vamos ver aí do mundo do trabalho, da permanência pra garantir a permanência desse sujeito na sala de aula ele também não vai estar ali presente. Mas, além disso, outros aspectos pra nós essenciais e um deles é a questão da formação, tanto no âmbito inicial como na formação continuada. E, pra gente então dar continuidade, pra discutirmos sobre a questão da EJA nosso foco vai estar nos sujeitos, nas concepções de EJA, na realidade social em que estes sujeitos estão inseridos e que precisa estar antenados no processo de ensino e aprendizagem e nos desafios que estamos nos propondo a trabalhar. No âmbito das concepções de EJA, historicamente nós tivemos, ontem o Lottermann passou um pouco dessas concepções. A década de 40, 1947, foi lançada a primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos. E o que difere uma campanha de uma modalidade?... né!... Porque hoje a EJA é considerada uma modalidade de ensino. Mas, nem sempre foi assim. Então, na década de 40, década de 60, na década de 70 o MOBRAL foi uma campanha. Uma campanha, por que? Porque eles tinha... prazo estipulado pra início, pra término, e tinha uma forma de organização específica que não se podia alterar. Desde o início estava sendo pensado daquela forma. Ainda que por algumas pressões o próprio MOBRAL foi lançando novos programas... né... dentro da sua organização pra atender aquelas demandas, mas a campanha ela tem algo que já é fechado, pronto, acabado... né... O programa!? Nós estamos aqui com o Reitor... né... acabou de mencionar a questão do programa e ontem também as pessoas questionavam... né... essa questão: qual a diferença de programa e agora modalidade?... né!... A nossa grande luta é para que a Educação de Jovens e Adultos fosse considerada educação escolar. Por que? Somente em 96, aliás, final da década de 80 com a abertura política alguns municípios assumiram a EJA enquanto modalidade, mas isso não estava garantido em lei. É só com a LDB que nós vamos ter a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade, uma forma de atendimento dentro da Educação Básica, no ensino fundamental, no ensino médio e, as diretrizes para formação de professores vão apontar a necessidade de um olhar específico para esta modalidade. Porque até então não se garantia a educação de jovens e adultos uma entrada pela porta da frente das escolas. O que se tinha era programas, eram campanhas pra se atender a educação de jovens e adultos... né... e o que a gente entende é que esse é um direito de todo o cidadão e que não pode ser negado... né... tratar a educação de jovens e

adultos como uma modalidade dentro da educação básica e com atenção específica, caso das licenciaturas... né... dos cursos de pedagogia, das demais licenciaturas, pra nós é fundamental, porque vai ter um olhar específico para o sujeito. Quem é esse sujeito que é atendido com um trabalho específico... né... [] jovens e adultos e idosos? Como eles pensam? Quais são as suas especificidades? Quais são seus interesses? Quais são suas necessidades? Então, quando nós falamos de uma modalidade de ensino, nós estamos atentos com este olhar... né... e garanti-la enquanto modalidade também dentro da educação básica enquanto direito significa que precisa ter recursos. Ontem, Josué mencionou que até 96, desculpe, até 2006, mesmo a LDB dizendo que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade não se tinha recursos para a educação de jovens e adultos. Por que? O Fundo que é o FUNDEF não destinava recursos, haja vista que o governo... governo Fernando Henrique... né... do PSDB, considerou que não se fazia necessário o atendimento a esses sujeitos e em função disso ele fez um corte para essa... todos os sujeitos que fossem matriculados no âmbito da educação de jovens e adultos e que fossem atendidos, não receberiam, os municípios e os estados, não receberiam os recursos para atendimento, se fossem considerados dentro da modalidade EJA. Se fosse o ensino regular sim. E foi o que muitos municípios passaram a fazer... [?] no município de Goiânia... né! Só agora em 2013 que o município de Goiânia tomou a decisão de passar a informar no censo que os alunos atendidos pela a educação de jovens e adultos seriam informados como alunos de EJA, ainda que tivesse um projeto próprio, específico, para atender esse segmento... né!... Então, isso é um olhar que pra nós precisa estar muito claro, por que? Porque atender a modalidade demanda recurso. Vocês sabiam que a que tem menor valor-aluno é o da EJA?... éh... é o 0.8... então, nós ainda precisamos lutar muito, porque hoje a gente tá incluído no Fundo, a partir de 2007, no FUNDEB, mas nós estamos incluídos com o menor valor-aluno. Se for EJA com a Educação Profissional de 0.8 vai pra 1.2, né? Mas isso é importante que a gente saliente, por que? Porque é um direito de todo cidadão. E aí, uma das coisas que é importante que a gente perceba é que nessa concepção nós precisamos ter um olhar específico sim pra os sujeitos... né?! Bom, nos desafios conceituais, ainda nós temos alguns velhos... éh... conceitos que ainda resistem ao novo. Ainda que a EJA seja considerada modalidade, que em 2000 o parecer Jamil Cury... né... parecer [?] já apontava pra gente que a Educação de Jovens e Adultos deveria ser presencial, deveria ser num formato de continuidade, e não de uma

forma aligeirada como era posto até então pelos supletivos. Mas aí, onde a gente vê esses cartazes... [?, se referindo aos slides projetados] recentemente nas ruas de Goiânia... tá... e nos jornais ainda aparecem esse tipo de mensagem: “2º grau, ensino médio ou EJA não precisa ter o 1º grau” ou “supletivo flesh, 1º e 2º grau”... num é!... Isso ainda está presente nos dias de hoje, a ideia de que pra ser EJA pode ser aligeirado, não precisa ser com qualidade, não precisa ter um olhar específico para o sujeito. E qualquer coisa serve. Qualquer professor serve. Qualquer coisa serve. E não é isso que nós entendemos, porque historicamente esse sujeito já teve uma garantia, esse direito, e agora nós vamos fazer de qualquer forma? Pelo contrário, precisa ser da melhor forma!... né... Então, a garantia desse direito precisa estar presente. E aí nós temos nessa discussão: qual o sentido da escola, então, pra jovens e adultos? Freire em 2001... né... naquele livro logo quando ele sai da gestão da Heloísa Erondina, ele escreve um livro belíssimo, “Educação na cidade”, ele diz o seguinte: “não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças e repreensões e punições, mas pra participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito”... aquilo que o Lottermann ontem nos chamava a atenção... né... não poderia ficar só com aquilo que o Lottermann sabe... “que leve em conta suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe o ser sujeito de sua própria história.” Esta e este é um dos nossos grandes desafios. Proporcionar uma educação de qualidade e que nosso aluno participe, da construção dos currículos, participe do desenvolvimento, da avaliação, mas tendo clareza do que isso se trata. E que o professor não se negue a ouvir esses sujeitos, mas estabeleça o elo entre aquilo que está ensinando, que é realmente obrigação da escola trabalhar, os conhecimentos técnicos científicos, mas articular saberes cotidianos, aos saberes que esses sujeitos possuem historicamente produzidos... né... Bom, nós temos aí uma chamada, então pra gente... inclusive o Lottermann ontem nos colocava isso... né... da relação no trabalho com o desenvolvimento de uma educação de qualidade, retomarmos alguns princípios da educação popular e aí eu trouxe alguns desses princípios. Engraçado [se dirigindo visualmente ao Lottermann] porque eu já tinha anotado os slides e aí quando você falou... né... da Paludo... eu falei... gente, a Paludo tá lá nos meus slides, não posso deixar de dizer isso... né?!... Então, na educação popular existem várias concepções de educação popular e, uma delas, é que Paludo, Paiva... né... nos traz. Mas também Brandão, Paulo Freire, outros autores

compõem um olhar específico pra educação de jovens e adultos e mais especificamente pra educação popular [?] pra ter um olhar mais ampliado. Educação popular aqui por nós tratado... como a luta da maioria da população. Uma educação popular destinada à classe trabalhadora deste país, por acesso... a uma luta por acesso ao saber historicamente produzido e acumulado. Haja vista que numa sociedade de classe, que se configura como a nossa, trabalhar a concepção de educação popular na escola pública significa realizar o exercício permanente de contra hegemonia. Neste aspecto, é necessário valorar experiências educativas que são dirigidas pelos próprios movimentos sociais. Delas emergem indicativos importantes... podem entrar na construção de propostas que efetivamente caminhem na direção da construção de uma escola pública popular. Porque muitas vezes nós trabalhamos em escolas públicas, nós estudamos em escolas públicas, que não tem um ensino voltado para o público ao qual se destina. É a escola pública ditada pelos dirigentes. É uma escola pública que não tem a qualidade que o público que frequenta esta escola merece. A construção da educação popular como política pública acompanha necessariamente o avanço na refundação do Estado. Constituir um movimento de educação popular como política pública requer que ele deve ser mais amplo do que política educacional propriamente dita. Ele teria que incidir na explicitação das contradições sociais para se inserir na totalidade do social. Os [?], as comunidades tem que ser necessariamente protagonistas deste movimento. Isso não é fala minha, é de Paludo... né!... Bom, quais são os princípios da educação popular que a gente se reporta, né? Primeiro deles, intencionalidade política. Educação é sempre um ato político e deve ser exercido como uma intencionalidade política, ou seja, com vistas à transformação social... né!... e, a favor dos excluídos e não contra eles. Deve ter... ser pautada na pesquisa em educação. Mas que tipo de pesquisa? Pesquisa-ação, pesquisa participante, pesquisas que nos deem o olhar sobre esse sujeito, sobre essa realidade que possibilitem refletir sobre essa realidade e intervir nela com processos educativos também de participação... com valorização dos conhecimentos populares e científicos. Não dá pra gente desconsiderar que a função da escola é trabalhar com os conhecimentos técnicos científicos. É nela que a nossa classe trabalhadora tem possibilidade de acesso a esses saberes. É nessa escola! Mas, essa escola só vai conseguir que esse conhecimento permaneça, fique, no sentido da qualidade, se estabelecer relação com esses conhecimentos já possui. Porque se eles não estabelecerem esses nexos

realmente nós não vamos conseguir que a aprendizagem aconteça. Vai haver ensino mas não vai haver aprendizagem. E o ensino só tem sentido se houver aprendizagem, e aprendizagens significativas. Que haja prática educativa baseada numa totalidade concreta. A perspectiva da consciência crítica [?] na perspectiva da formação da consciência crítica e da organização e mobilização dos excluídos para que possam transformar esta realidade social. Porque a escola não transforma a realidade, mas a escola contribui para a formação das pessoas que podem transformar esta realidade. Um outro princípio básico é o da dialogicidade. O diálogo precisa fazer parte do movimento entre professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor nas escolas. A construção do currículo do processo precisa se... do processo de ensino aprendizagem precisa se dar no processo e não nos currículos prontos e acabados, como o Lottermann aqui nos chamava a atenção, disse, que é isso que se tem que ensinar e é dessa forma. A serviço de quem isso foi dito? Pra quê? E pra quem?... né... A escola, professores e alunos, precisa ser tomados como sujeitos ativos na construção, no desenvolvimento e avaliação do processo educativo e, portanto, na história. A escola precisa ser um espaço de ação não só educativa que seria até mais amplo do que... apenas... éh... no sentido escolar, mas também de ação cultural... né... que é aquilo que a gente tá vendo aqui a cada dia. Mas também de respeito e de valorização dos... da cultura, dos saberes [?] e dos conhecimentos que nossos alunos possuem. Isso também faz e compõe esta ação cultural. A valorização e estipulação desses conhecimentos cotidianos, portanto, ele não vai [?] saberes técnicos científicos. Um outro princípio... da totalidade do conhecimento... né... [?], interdisciplinar, integrado... a perspectiva que precisa ser horizontal, porque só há diálogo se eu reconheço que o outro também possui saberes, mas são saberes, no mínimo, diferenciados... ao mesmo tempo que também eu preciso verticalizar esse saber... eu não posso ficar somente no âmbito do senso comum com aquele conhecimento que deu origem a todos... em espiral, porque a gente também não aprende a... a [?] soma, aprende uma coisa hoje, amanhã eu somo outro... não... tem momento que a gente aprende e que depois vem um outro conhecimento que nos faz desaprender, rever aquilo que você achava tão verdadeiro, tão correto... né... então, há re-tomadas... re-visões. E, nesse processo, o papel do educador é... sim, ele precisa ter domínio dos conhecimentos, porque ninguém ensina aquilo que não sabe, se ele não souber ele não vai ensinar. Mas, ao mesmo tempo, ele precisa ser alguém que tome a educação enquanto um ato

político e tenha uma opção e um compromisso de classe, com a classe trabalhadora, a própria [...] né... e que exerça um papel de ser mediador da construção dos saberes junto aos seus alunos. Ele não vai fazer pelo aluno... né... nem para o aluno, é com o aluno nesse processo. E o currículo na educação de jovens e adultos precisa ser voltado para uma perspectiva da formação humana, dos valores, dos princípios éticos morais, no processo da construção da identidade da formação desse cidadão crítico e participativo. Bom... pra contribuir com essa nossa postura é fundamental que esse educador seja pesquisador. Mas de que pesquisa nós estamos falando? O Paulo Freire nos chama a atenção ao dizer [...] o professor pesquisador, o professor reflexivo... né... e ele diz: “no meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente a [...] de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa, o de que se precisa é que se o formação [...] o professor se perceba e se assuma por que professor pesquisador?”... né... Ontem a professora aqui nos deu um “banho”: “vamos pesquisar”, “vamos estudar”, se a gente ainda não sabe vamos procurar saber. Então, esse movimento que é fundamental que seja feito... né... Ao mesmo tempo de integração, de indignação, mas também de busca... tá! E aí, eu só trouxe pra vocês, eu não vou ler, eu só trouxe um dado que a LDB nos aponta que todos professores deveriam ter no mínimo a formação em nível superior, mas ela abre uma brecha para a educação infantil e também para os cinco primeiros anos do ensino fundamental... né... de qualquer forma a gente entende que esta brecha não nos cabe, porque, historicamente a gente lutou para que tenhamos quadros de professores com qualidade social. Não é agora que a gente vai deixar que a EJA, de 1ª a 5ª série... de 1ª a 4ª série... seja inferior aos demais... né... que estão aí propostos. As diretrizes curriculares dizem o seguinte de formação de professores na educação básica, no caso dos profissionais que atuam com jovens e adultos, que tem experiências, expectativas, condições sociais e psicológicas, se distanciam do mundo infantil e adolescente, o que faz com que professores que se dedicam a esse trabalho deva ser capazes de desenvolver metodologias apropriadas conferindo significado aos currículos e as práticas de ensino. Se assim o é, então, nós que somos das instituições de ensino superior precisamos inserir nos currículos a discussão de EJA. Claro que há luta... ter uma disciplina... é importante?... É... Mas, uma disciplina só não vai dar conta. Precisa estar presente em todo o processo do curso. São... tem a psicologia, precisa trabalhar com a psicologia da infância, da

adolescência, da juventude, e da fase adulta... tá? Porque se ele não entender como é que funciona a cabeça desse adulto, como é que ele vai trabalhar? Da mesma forma, a História da Educação precisa estar com esse olhar... Sociologia... Psicologia... Filosofia... todas as áreas do conhecimento... Estágio... voltado para a educação de jovens e adultos... né... então, numa modalidade agente precisa ter este olhar... e aí... é nesse sentido que nós vamos ter LDB... né... as Diretrizes Curriculares, o Plano Nacional de Formação de Professores... né... e o Programa de Iniciação a Bolsa de Formação a Docência, o Pibid, que também trazem possibilidade dessa intervenção. Eu penso que... como é que deve ser organizado os cursos de... éh... os projetos políticos pedagógicos dos cursos de licenciatura e em todos os ângulos, seja nas disciplinas, seja no estágio, seja na prática como componente curricular, nos currículos de natureza científico cultural, ou nas atividades complementares a EJA precisa estar sempre contemplada. Nós vamos ver que com a inserção do Pibic... Pibid... desculpa... nas escolas, isso tem uma grande influência... [?]. os principais impactos aí do Pibid na escola, mas eu queria só trabalhar dois... ainda... slides... dois não são três ainda... rapidinho. O primeiro deles nos chama a atenção pra aquilo que foi coloca ontem pelo professor de não ter condições materiais para o trabalho mas também... às vezes nós não temos a formação, não foi isso que apareceu aqui, 70% dos profissionais que estão atuando nos Institutos, que responderam aquelas indagações, não tem formação [?] em EJA. Agora, esta formação ela não está dada, lá no âmbito da formação inicial. Mas, ela precisa ser buscada no âmbito da formação continuada, com duas grandes responsabilidades, uma individual, porque... não adianta... aqui... quantos professores tem neste Instituto? Quantos professores estão aqui?... tá!... num tô nem falando dos outros [?] se deslocar pra cá... né... isso significa que tem que ser uma opção individual sim mas tem que ser também uma opção institucional. A Instituição precisa criar espaços como este mas também espaços obrigatórios em que estes profissionais tem que estar presentes. Num planejamento, numa discussão coletiva, nesse movimento cotidiano que precisa dar conta desse olhar específico pra realidade... né... A formação não se constrói pela acumulação de cursos, de conhecimentos e de técnicas. Aqui vocês viram... a maioria dos professores tinham... éh... cursos... são mestres, doutores ou pós-doc, pós-doutores. Mas, não tem a formação no âmbito da EJA, então, precisa ter porque está atuando com esse grupo, com esse segmento, com essa modalidade... né... mas sim através de um trabalho de reflexividade, críticas

sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal. Por isso, é tão importante investir a pessoa e dado estatuto de saber de experiência, então, os fóruns estão aí, os coletivos de escola como vocês tem aqui na relação com a Universidade, com outras Instituições que envolvem também o processo... né... nós temos a experiência da Secretaria Municipal de Educação com o Proeja-FIC com 2 anos e meio... né... com financiamento do Pronatec, viu?! A gente tá fazendo assim... né! Com aprofundamento, mas precisa ter nesse aprofundamento dedicação pessoal e formação continuada institucional. Projeto da escola precisa estar muito claro. O projeto de EJA também... né! E aí eu só queria fazer... usar esses dois slides que eu vou discutir eles... ah... até pra gente poder... éh... garantir o tempo, que é a questão específica da faixa etária da população que demanda educação de jovens e adultos. Olhe lá praquele quadro [apontando para os slides]... acima de 15 anos... nós temos em Goiânia 1.302.001 pessoa segundo o Censo de 2010, agora é maior do que isso, um milhão e trezentos... né! Agora é bem mais. Agora, nós tínhamos 270.907 abaixo de 15 anos. Tirando isso daria em torno de um milhão e cem, né! Um milhão e um pouquinho de pessoas acima de 15 anos. Será que todos os cursos de licenciatura não tinham que pensar nisso? Se a maioria da população são jovens, adultos e idosos, nós vamos trabalhar seja o ensino fundamental, seja o ensino médio é com jovens, adultos e idosos, que é a maioria da população. Por que a eles vai ser negado esse direito? Não tô dizendo que isso tudo é da EJA, mas são jovens no ensino regular, são jovens no ensino médio... regular... então, nós precisamos atender com especificidades... vocês sabem por que? Porque antigamente os índices de EJA eram na sua maioria para atendimento as pessoas que não tiveram acesso à escola no tempo regular, hoje, a grande maioria que chega a EJA não é isso, são pessoas que já chegaram na escola, que já foram a escola e nela não permaneceram, então, a própria escola pública tem gerado analfabetos, tem gerado pessoas que não tem condição de dar prosseguimento à sua escolaridade e, se nós não atentarmos pra isso nós não vamos conseguir fazer um bom trabalho, seja no ensino médio regular seja no ensino de EJA. Então, é importante que as discussões específicas sobre a quem são esses sujeitos, quem são eles, de onde vem, porque vem e porque não ficam, ou quando ficam, porque não conseguem um aprendizado com... realmente avanço e com motivação, nós precisamos estar muito atentos a isso. E, o último quadro... o último quadro que eu quero trabalhar, olha a quantidade de pessoas que são atendidas pela EJA... é zero ponto seis [0.6] e olha que o Plano

Municipal de Educação de Goiânia, no caso só Goiânia, não estou falando nem Goiás, dizia que pra ensino... pra alfabetização era cem por cento [100%] o atendimento e pra... primeira e pra o ensino médio era cinquenta por cento [50%] que teria que ser atingido... o atendimento das pessoas até 2010 e olha aí o atendimento de 0.6 gente! É ínfimo! Nós precisamos mudar esse quadro! [aplausos]

Prof.^a Alix Costa Lima Bandeira: Nós vamos fazer a dinâmica da seguinte forma: nós vamos escutar primeiro a mesa e depois nós abrimos para as perguntas... tá? Vou passar a palavra então para nossa aluna Dilma, ela vai falar um pouco dela como sujeito e das experiências que ela tem.

Aluna Dilma: Boa tarde a todos! Estou aí no 2º período de Modelagem em EJA do Instituto Federal de Aparecida de Goiânia e abandonei a escola muito cedo... né... aos 16 anos. Como já foi dito às vezes por ter que trabalhar, estava cansada, né! Trabalhava o dia todo, a noite tinha que ir pra escola, então, já no início do 4º período, do 4º período não, desculpa, no início do 4º bimestre do ano letivo de 1999, eu estava cursando o 1º ano, na época chamado colegial, né, não era ainda ensino médio, e, de repente, eu estava muito cansada. Hoje eu faltava, amanhã eu faltava também e, quando eu percebi já estava com muitas faltas e resolvi deixar pro próximo ano. Só que no próximo ano eu me casei. Mudei de cidade. Logo engravidei. Minha filha nasceu, depois, de três meses eu engravidei de novo, né! E, fui só deixando pra frente. Em 2003, quando a minha filha já tinha 2 anos e o meu filhinho caçula com 1 ano, eu pensei em voltar e até cheguei a fazer matrícula, só que eu tive um câncer no pulmão, então eu tive que adiar mais uma vez a minha volta às aulas. Fiz o tratamento e quando me recuperei, com duas crianças pequenas, já morando aqui, né!... custo de vida mais elevado que no interior, eu tive que trabalhar e, aí, eu não queria abrir mão de ficar com meus filhos, pelo menos à noite. Então, eu não queria trabalhar o dia todo, sair de casa cinco, seis horas da manhã... chega sete, oito... né... e... aí... único tempinho que eu tinha pra ficar com eles era à noite. Então, eu não quis abrir mão disso pra voltar pra escola, visto que eles estavam bem pequenininhos ainda, né! E... mas sempre latejava assim meu coração o desejo de volta, né! Até mesmo pelas necessidades, porque sempre que eu buscava um curso... éh... muitos deles necessitava do ensino médio... éh... quando eu buscava um trabalho melhor precisava da conclusão do ensino médio e... eu não tinha, né! Tinha

o ensino médio incompleto, num bastava. Eu trabalhava de serviços gerais e fui levando... trabalhando trabalhando bastante e nem percebi o tempo passar. Quando foi em 2008 o câncer novamente bateu a minha porta. A primeira vez foi no pulmão e a segunda foi no útero. E aí foi que eu me desesperei mais ainda. Porque além do câncer eu tive também a hanseníase e eu não conseguia mais trabalhar. Por isso qualquer esforço físico era motivo para eu sentir dores terríveis e, aí, foi quando eu percebi o quanto me fazia falta ter estudado, né! Porque, eu pensava assim... ah, se eu tivesse estudado, talvez, eu encontraria um serviço [que] num tivesse... que usar tanta força física, né! Um serviço mais calma, por mais que trabalhasse muitas horas, mas que eu pudesse fazer assim de maneira mais calma... e... mas só que aí também eu não consegui voltar, né! Não consegui porque... eu me livrei do câncer mais uma vez para honra e glória do Senhor... mas eu carrego comigo as sequelas da hanseníase até hoje, né! Às vezes aqui tô... tô tremendo... eu tô nervosa também... né... mas a maioria das vezes é por falta de coordenação motora mesmo. Eu tenho a coordenação motora bem diminuída. Então, quando eu... eu falei... gente eu tenho que procurar fazer alguma coisa... tenho... eu preciso, preciso aumentar a renda da minha família, mas como que eu vou fazer se tudo o que eu sei fazer é trabalhar com os braços, né!... e não consigo. Vou ter que buscar alguma forma... né!... então, eu fiz um curso de costura industrial... éh... encontrei sim algumas dificuldades... né!... fiz o curso pelo Pronatec. Mas... eu senti gosto... né... por aquilo... eu tava me sentindo útil mais uma vez... né!... e... eu buscava então crescer naquilo que eu escolhi... né... no ramo da... da costura, da moda e eu queria fazer Modelagem. Aí eu procurava nesses Senai... não conseguia vaga... éh... ah... só pro mês que vem... eu ligava de novo... ah, já completou... falei: Meu Deus! Que que eu vou fazer? Até que surgiu a oportunidade. Um dia eu vi no jornal alunos que o IFG Aparecida estava promovendo ali... éh... o curso de Modelagem do Vestuário, só que quando eu olhei, 4 anos, falei “Meu Deus! É muito tempo!”... né... Muito tempo! Mas quando eu vi... né... fui olhar, vi que eu me enquadrava nas exigências e que também junto com a profissionalização eu sairia com o meu tão sonhado ensino médio, aí eu me animei, né! Conversei com o meu esposo. Ele falou: “Meu bem, você vai conseguir?” Falei: “Se eu vou conseguir, eu não sei. Mas eu vou me esforçar... né... vou tentar.” E... tô aí... no 2º período. Tô muito feliz! Éh... Às vezes eu saio de casa, minha família fica surpreendida, “você vai conseguir chegar lá desse jeito?” Eu falo: “vou!” De segundo a sexta... éh... seis ônibus... muito cansativo... tem dia que eu chego lá, eu sento ali...

éh... morrendo de dores, mas estou ali, não pretendo desistir mais como eu já fiz. Eu sei que eu não posso mudar o que eu já cometi lá no passado, sei que eu não posso voltar lá atrás, mas eu sei que eu posso recomeçar como eu recomecei e posso mudar o meu futuro... éh... e eu sei que muitos dos alunos do EJA assim como eu, eles enfrentam guerras terríveis pra estar ali à noite. E, então, eu creio que o professor do EJA, ele não pode ser simplesmente um bom professor, ele tem que ser um professor extraordinário... assim... [aplausos]... um ser [?] bem paciente, né! ... porque a nossa mente já tá muito cansada, já enfrentou batalhas terríveis, e a gente tem que ter gosto de estar ali todos os dias. Tem que ser bem humorado. Nós temos professores ali no campus que são assim cômicos, maravilhosos mesmo! E, tem que ser companheiros, porque às vezes eles se tornam... éh... confidentes... a gente acaba desabafando... né... e trocando experiências ali e... é isso aí. Eu acredito que a... que o professor da educação de EJA tem que ser realmente diferente como o professor... a professora tinha comentado... éh... que antes se via que poderia ser de qualquer forma, e eu já percebi isso sim... éh... nesse intervalo antes de voltar a estudar eu cheguei a me matricular num curso numa escola estadual, EJA, e eu vi que... você faz se você quiser... né... ah, não, isso cê aprende, aprendeu bem, se não aprendeu tudo bem, deixa pra lá, o importante é que você passe no final do ano. E não é assim que eu quero, né! Eu não quero sair dali simplesmente com um certificado de conclusão do ensino médio. Eu quero sair dali preparado para o mercado de trabalho, que foi pra isso que eu voltei. Eu não voltei pra estudar pra fazer gracinha, pra falar, só pra mostrar que eu tenho o ensino médio. Eu voltei a estudar porque eu preciso de capacitação, não é! Eu quero... éh... chegar em qualquer lugar e ser visto como igual. Não diferente, aluno de EJA... ah, não, aquela ali fez o EJA, né!... então é diferente de quem fez o ensino regular... não, eu quero ter aprendido da mesma maneira, né! E eu agradeço a oportunidade. [aplausos]

Prof.ª Alix Costa Lima Bandeira: Nós vamos ouvir, agora, o professor Osmar, depois a gente passa para as perguntas.

Prof. Osmar Lottermann: Boa tarde a todos e a todas! Depois de ouvir esse depoimento e as falas da professora Maria Emília, então, parece que a responsabilidade mesmo é de tentar encaminhar a discussão, viu?! Fiz alguns poucos apontamentos e acho que, de certa maneira, já foram apresentados para a

discussão. Eu quero fazer algumas indagações, algumas reflexões, em seguida então passar pra nossas questões aí, porque há uma participação mais efetiva do público presente. Éh... inicialmente, eu... eu trago da minha realidade de vida no Rio Grande do Sul... éh... uma crítica... né... tomando o... especialmente o Instituto Federal Farroupilha no que se refere a... ao espaço... né... que muito aqui também foi mencionado... que espaço é esse da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais? Embora eu... eu concorde e... com aqueles que dizem que... éh... essa educação... éh... ela está muito além... né... de uma ou outra instituição ou de [?] outras instituições, mas começo com uma reflexão e uma crítica em relação ao Instituto Federal do qual eu faço parte, das informações que tenho [?]. Me parece que do ponto de vista... éh... do trabalho docente, do ponto de vista da nossa carreira como profissional da educação, o... em especial, agora, falando do Proeja que é a experiência que nós... éh... vivemos até agora no Instituto, o professor dar aula no Proeja naquilo que, vulgar... vulgarmente, nós chamamos de [?] eu não sei se vocês usam aqui também “é bico”... né... então... dar aula pra EJA nada mais é que um bico, complementar a carga horária necessária. Se for um Instituto que já tenha uma regulamentação da atividade docente, isso conta para o preenchimento de suas 40 horas, sua dedicação exclusiva, e se não, pra que não fique até “feio” diante dos colegas que está com pouca aula, qualquer coisa então se pega alguns períodos... no Proeja. O que se percebe em relação a isso é que há uma separação muito nítida entre aquele professor que está no Proeja, está na Educação de Jovens e Adultos que... éh... pra usar uma expressão que eu ouvi de vocês aqui... é um verdadeiro militante da Educação de Jovens e Adultos e eles existem, né! Existem também no Sul também... em uma quantidade significativa... então existe esse grupo que faz isso. Mas existe outro grupo que está atuando no Proeja meio que se sentindo obrigado a fazer isso ou algum outro tipo de conveniência. Então, me parece que essa é uma primeira questão que eu penso que a gente tem que refletir um pouco e que nos leva também [?] a ação docente. Então, muitas vezes, a gente sabe, ninguém deve ser... éh... éh... condenado por não ter prática em atuar na Educação de Jovens e Adultos... ninguém pode ter... éh... muitos podem ter trazido isso da sua formação inicial, como já foi dito, mas o fato é que, me parece que a questão [?] a outra, se a gente vai ter compromisso ou não com a educação de jovens e adultos e, nisso eu acho que há uma divisão. Éh... nas experiências que nós tivemos no Instituto Federal Farroupilha, em especial no campus que eu trabalho, ah... a formação continuada de professores

ela só se deu por ocasião... éh... de investimentos feitos no chamado Proeja-FIC, ou seja, como nós participamos de edital, enfim, desenvolvemos com prefeituras da região, cursos de formação profissional juntamente com o ensino fundamental, aqui vocês bem conhecem essa... essa prática, que já fazem aqui. E aí sim nós tínhamos dentro daquilo um trabalho de formação continuada, permanente, no decorrer do desenvolvimento de todo o curso. Nos cursos técnicos a gente já percebe que as atividades de formação elas são raras. São bem esporádicas... ocorrem. Elas estão dentre as... dentre as... ah... as mais diferentes... mais diferentes aspectos da formação contemplados em atividades de formação continuada. Me parece que educação da EJA é um fator assim meio que está lá no final da lista... né... então quando dá... se traz alguma coisa, se faz algum tipo de atividade de formação. Então, penso que por este sentido... éh... seria bem interessante que a gente colocasse como uma das bandeiras, inclusive dentro da Rede Federal, que houvesse uma... uma maior ênfase... se desse uma prioridade no sentido de investir em formação continuada de professores, especialmente, na educação de jovens e adultos. Então se... se há por parte de alguns colegas... ah... a dificuldade de trabalhar na EJA, se essa dificuldade for apenas de caráter formativo, então, eu penso que é uma boa maneira nossa, defendermos então processos mais... éh... eficientes de formação continuada, né... e mais presentes nas nossas realidades. Éh... sempre que se fala em EJA, que se recorre... ah... aqueles que já estudaram mais a respeito da questão... éh... uma expressão que tem aparecido o tempo todo é... o questionamento sobre quem são os sujeitos da EJA, né! [?] E vê descrições dos sujeitos, seja com Miguel Arroyo [?] seja com outros autores, como o próprio Freire que de certa maneira [?] fala sobre os sujeitos da EJA... éh... mas... eu não sei... nós temos uma predisposição a sempre estarmos tentando respostas em relação ao sujeito, ao aluno da EJA, e eu gostaria que nós reforçássemos a... a busca de respostas na segunda pergunta que seria: "Quem é o sujeito educador da EJA?"... Né!... Porque se não... parece que são mundos totalmente diferentes... dá impressão que uma coisa não tem nada haver com a outra... daí... parece o caro diz assim... "ah, eu não tenho preparo pedagógico para lidar com estes sujeitos da EJA"... né... que tem trajetória de vida de muita luta, né!... aí [se dirigindo para a aluna da mesa] uma educando que dando seu testemunho, né... que eu acho, por conta dessa questão do discente, do aluno, do nosso educando da EJA, é sem dúvida algumas uma das maiores resistências populares que esse país oferece é justamente o pública da EJA, trazendo suas

trajetórias de vida pra dentro dos sistemas escolares e lutando por dias melhores. Parabéns a você e [?] a todos os seus colegas, enfim, a todos os nossos educandos da EJA. Mais aí... que resposta nós vamos encontrar para quem é o sujeito educador da EJA. Quem é esse professor, né? Será que mesmo com formação continuada de docentes, será que nós vamos ter esse educador que desejamos? Que precisamos fazer para isto? Então, gostaria de trazer esta questão e, nas formações que temos, será que esta formação continuada de docentes tem levado em consideração esse... os dois aspectos? Como lidar com esse sujeito educando da EJA e quem sou eu, educador da EJA? Não sei até que ponto nosso trabalho de formação tem contemplado essa questão. Então, eu recomendaria... né... e gostaria de ver um dia nós discutindo mais sobre este sujeito... éh... professor, educador... éh... na EJA e, nessa mesma linha, eu gostaria de deixar um outro questionamento que é em relação ao prestígio que tem ou não este professor dentro das nossas instituições. Será que nós mesmos olhamos para os educadores, mais engajados, mais militantes da educação de jovens e adultos... será que nós olhamos pra eles e damos a eles a mesma deferência, digamos ao professor que leciona na pós-graduação? Ou será que nós, também, enquanto Instituição, seja na definição de prioridades, seja na hora de haver espaço de participação nas mais diferentes... éh... atividades que existem dentro do país até dentro da Rede Federal... será que todos esses professores, será que todos esses educadores tem sido tratados da mesma maneira ou será que mim, a instituição tem visto o educador da EJA como alguém que faz um trabalho... éh... de segunda ordem e, portanto, não tem a mesma dignidade, acho que é uma questão que nós precisaremos refletir... éh... que lugar ele tá ocupando... né? Nas estrutura da Instituição? Embora eu pense que... éh... construir esse perfil de educador passa necessariamente pela convicção de que a educação de jovens e adultos não se faz apenas na instituição escolar. Acho interessante... éh... ler um pedacinho da V CONFINTEA... né... Conferência então da Educação de Adultos... e que faz uma definição interessante em relação a isso, diz assim, Declaração de Hamburgo [?]... “Embora todo processo de aprendizagem, formal ou informal, de pessoas consideradas adultas pela sociedade, desenvolve suas habilidades e enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade.” Isso tá no documento escrito pela [?]. Então... éh... e a nossa preocupação de qualificação profissional docente trouxéssemos esta perspectiva...

éh... no campus Santo Augusto eu sei que a educação de jovens e adultos tem espaço... éh... garantido no currículo de formação da Licenciatura em Computação, então há sim uma discussão, um aprofundamento em relação a educação de jovens e adultos... queremos que... venha o futuro que [?]. né... temos também... tivemos lá experiências... uma experiência de pós-graduação lato sensu de Educação do Campo... né... com EJA com ênfase na Educação do Campo e estamos na construção de um segundo curso de pós-graduação lato sensu que seria exatamente na perspectiva de qualificação do profissional docente para processos diversos da educação popular, compreendendo exatamente que os que também são formados de docentes, nossa preocupação não pode ficar apenas centrada na questão da formação dos nossos alunos do ensino fundamental e médio e nossos... formação de nossos licenciados, mas também... éh... no sentido de prestar uma atividade de pesquisa e extensão e, também, de ensino, porque não dizer, para a comunidade como um todo, para os grupos de atuam nos mais diferentes espaços educativos, em especial, em organizações populares como sindicatos, cooperativas, e tantas outras formas de organização que hoje, cada vez mais, estão se apresentando... éh... por boa parte daquela região do Rio Grande do Sul. Eu trouxe essas questões, não quero me estender mais até porque... éh... eu sei que o pessoal quer participar, quer fazer os questionamentos, quer comentar, e por isso, então, eu agradeço o espaço nessa mesa e quero, então, deixar a palavra para que a gente possa, no encaminhamento, dialogar. Muito obrigado! [aplausos]

Prof.^a Alix Costa Lima Bandeira: Quero agradecer a professora Maria Emília, a Dilma, professor Osmar, por as contribuições... importantíssimas que vocês fizeram pra nós. Eu queria só... éh... deixar aqui a impressão que... que... ficou assim pulsando dentro de mim, né! Então, a fala da Maria Emília, formação docente na EJA é fundamental. Ela precisa estar nos cursos de licenciatura, suas várias disciplinas, ela precisa acontecer de forma continuada dentro do IF, inclusive, até na política mesmo à parte, né! Na fala da Dilma ficou... me emocionou muito, “o professor da EJA não precisa ser apenas um bom professor, precisa ser um professor extraordinário”... né... e eu como professora da EJA quero colocar isso dentro de mim cada dia mais [risos]. E, o professor Lottermann, falou sobre a necessidade de se priorizar nos IFs a formação docente continuada para atuação na EJA, mas com muitos questionamentos... né: quem é esse sujeito educador da EJA? Éh... a formação

docente leva em consideração esses dois aspectos, quem é sujeito da EJA, quem é sujeito professor da EJA? E... e... também pensar o prestígio, né! Que às vezes nós mesmos como professores da EJA [Falha no microfone. Troca-se o microfone]... como professores da EJA nós mesmos, às vezes, dizemos assim: “Nossa, mas o meu outro professor parecer melhor porque ele dá aula na pós-graduação e eu dou aula na EJA, né!...” “Ele tem mais prestígio do que eu!” Nesse momento, então, eu queria passar a... a... ao público, né, a oportunidade de fazer perguntas e considerações. E aí eu acho que a gente pode fazer como foi feito ontem, né... eu vou fazer as inscrições... eu tenho ali a Jaqueline... quase não consigo ver, o Zenon... eu vou escrever e a gente faz um módulo de cinco perguntas e passamos pra eles, tá?... A luz... eu preciso ver as pessoas [solicitando que se liguem as luzes do auditório]... então eu tenho... Jaqueline... eu tenho aqui o Zenon... eu queria pedir... Daniela... Pablo... e Lucivânia. Vamos fazer esses cinco primeiros. E aí, eu queria pedir que as pessoas que vão fazer perguntas gastassem uns três minutos no máximo pra elaborar sua pergunta pra que a gente possa ter a oportunidade pra mais perguntas. Então, Jaqueline. Alguém faz a intermediação aqui com o microfone? Você pode, por favor, ligar a luz da plateia?

Jaqueline: Boa tarde! Eu queria parabenizar a mesa... né... pela discussão em relação à formação docente que... eu vejo assim... que no Instituto se não for... éh... esta formação continuada não for inserida de forma institucional, nós não vamos avançar nessa questão de que vai ter sempre professor que não vai querer dar aula na educação de jovens e adultos porque é mais cômodo ele dar aula já [?] muitos anos, repetir e só transmitir o conhecimento que já está posto nos livros didáticos, nos livros do nível superior. Então, ele não tem o exercício de fazer a transposição ou de ir na história ou recuperar aquele conteúdo ou talvez se preocupar com o que os alunos sabem e trazer esses saberes, né... é muito mais comum. Então, o exercício da docência ele é necessário na educação de jovens e adultos. Eu compreendo assim. E, esse exercício, tenho visto aqui no quadro de nossa Instituição, grande parte não tem a formação inicial, né... então, essa formação continuada é extremamente necessária. Agora... assim... eu vejo que os caminhos... éh... da política institucional não está contemplando esta questão, inclusive, naqueles vários pontos que contemplam a... as 40 horas nossas da Instituição, a questão do estudo e a questão da formação, né! Ela deveria ser semanal, quinzenal, ela deveria existir

com... com compromisso da Instituição. Não só para a EJA mas também pro Técnico Integrado e pro Superior, porque nós temos muitas questões pra discutir dentro da Instituição e a gente não discute, a gente não sabe o que que é. O que que é tecnologia? O que é educação tecnológica, né? Que sociedade de fato a gente quer construir? Se a gente quer ser um professor emancipador ou se permanecer nesse trabalho alienado como professor transmi... transmiss... transmissor de conhecimento, né!? Sem pensar e e e vai trabalhando de forma... éh... tradicional até chegar na sua casa e tá tudo bem, né! Então, é necessário uma revisão disso aí, porque eu, particularmente, sou professora de educação de jovens e adultos. Entrei nessa Instituição porque eu me apaixonei pelo ensino técnico, na época da Escola Técnica. Gostei do ambiente, do espaço da escola, né, do respeito que se tinha com o professor, e o contato com os alunos. Eu tinha uma média de setecentos alunos. Com a questão da... do Fernando Henrique Cardoso, com o decreto que separou ensino técnico do ensino médio, eu senti que... que o ensino ele decaiu muito na Instituição, tanto nas Agrotécnicas quanto na Escola Técnica e, nós, da formação geral era... íamos para... ou Estado... ou tinha que se retirar da Instituição, então, a gente perdeu muito, e de forma irresponsável também Fernando Henrique Cardoso implantou os cursos superiores de tecnologia sem discussão com a sociedade, sem discussão com... com os órgãos de formação, sem discussão com a Universidade, e de forma... éh... sim... drástica, implantou os cursos superiores de tecnologia sem formação de professor, sem uma estrutura para isso, né! E, hoje, nós tamo repetindo da década de 70, que aconteceu com os cursos superiores de tecnologia, me parece que não há interesse de que nós [?] trabalhadores que dê conta de... de construir tecnologia e técnica brasileira porque não é a opção da sociedade, nem opção da... da... da burguesia, de produzir tecnologia, porque muito mais fácil comprar, e essa era a visão de Fernando Henrique Cardoso, é isso que ele defende, do que de fato construir essa técnica, essa... essa... essa tecnologia. Então, nossa Instituição sofre muito... sempre nesse balé... vai privatizar, vai acabar, né... e sempre estamos sofrendo com essas políticas que tem degradado o ensino dentro da educação... né... da... da... da nossa Instituição. E pelo fato de a gente não ter políticas públicas de formação docente... né... tanto na Educação de Jovens e Adultos como na Educação Profissional, isso tudo se reflete em tudo isso que a gente tem vivido, embora com essa expansão da Rede... né... e tem trago pessoas novas que também [?] não conhecem nem a Educação Profissional nem a Educação de Jovens e Adultos... né...

e permanece os bacharelados, os engenheiros, sem a formação inicial, sem a formação de jovens e adultos, sem a formação... éh... profissional, por isso que eu penso que sem uma forte investimento na questão da formação continuada de todos nós professores, entendendo que há necessidade do trabalho coletivo, que há necessidade dessa formação... eu... eu... eu não vejo como a gente vai avançar. Porque normalmente, assim, nas coordenações acontece assim, se tem alguém que... que tenha afinidade com a Educação de Jovens e Adultos todas as aulas são mandadas pra ele, de preferência ou para o temporário, né! Mas, os professores que já tão mais tempo na escola eles tem... tem a facilidade maior de dizer “não, eu não quero estar neste ensino”, “eu não quero dar aula no técnico integrado”, “eu só quero dar aula no superior”, “eu quero fazer pesquisa”... né... então... eu... eu... eu penso que a gente tem que repensar esse papel do Instituto Federal, que acho que isso não está [?], e muitas questões que deverão ser discutidas em relação a... a próprio opção política que nós vamos fazer... né... em relação a essa Instituição.

Prof.^a Alix: Professor Antônio Zenon!

Prof. Antônio Zenon: Bem... éh... eu vou... éh... ser um pouquinho mais breve. Professor, quando você começou a perguntar quem é o educador do EJA [?]. Antes de eu voltar para o Brasil... eu resolvi fazer umas disciplinas, em Toronto... éh... como educar jovens e adultos? Antes de eu vir para o Brasil para ser professor. Já que eu tenho... eu sou formado e tenho doutorado em Bioquímica. Então, eu fiz duas disciplinas de Educação de Adultos num programa de quatro disciplinas e aprendi que, além daquela parte de ter postura pra ser professor, de metodologia, conhecimento, cultura, a gente como professor deveria ter uma coisa... éh... essencial, inteligência emocional para lidar com adulto, porque criança e adolescente você pode, às vezes, perder a paciência, dar um grito com ele... né... ele fica aborrecido um... uma semana, duas... né... mas aos poucos ele começa a vim... a te procurar; mas, adulto, se você falar alguma coisa que ele não gosta, você dificilmente ganha ele... ah... ele vira as costas... né... e vai até sai... né... eu tive um aluno que era do... um senhor que entrava na minha sala alcoolizado, tanto que hoje quando os alunos dizem “professor, dá pra ir beber água?”, eu digo “água!”, “não álcool, é água!” [risos] eles me olham assim... eu tinha um aluno que vivia... vinha bêbado na minha sala... um dia vai querer me bater... né... então... éh... aí eu escrevi

isso porque... né... porque... ah... deve ter inteligência emocional por o aluno adulto... éh... por sua natureza... éh... madura deve ser tratado de uma maneira diferente [?] por se tratar de adulto. Por ele ser adulto você tem que tratar ele diferente porque senão ele não vai respeitar a gente. E vai embora... né... então, era isso. Eu acho que... queria saber sua opinião sobre o que eu falei... né... sobre a inteligência emocional na pessoa que vai fazer o trabalho do educador. Obrigado!

Prof.^a Alix: Daniele!

72

Daniele: Éh... boa tarde a todos! Boa tarde à mesa! Meu nome é Daniela. Eu sou professora do IFG, campus Formosa. Éh... sou bióloga. Mas trabalho com a educação. Sou mestre em educação e, atualmente, não estou na EJA, não estou em sala de aula da EJA, ou do Proeja... éh... mas venho trabalhando com a EJA já alguns... alguns anos desde a especialização que eu fiz em Belo Horizonte, aquelas primeiras especializações em Proeja em 2006, eu participei. E hoje estou aqui Goiás trabalhando com a Licenciatura em Ciências Biológicas... né... Em licenciatura, nós temos na grade dos nossos cursos, a Educação de Jovens e Adultos. Temos lá também no campus Formosa, tá garantido pela Resolução 13... né... desse ano... mas o que me chama bem a atenção na fala da professora Maria Emília e me despertou é que nós não temos essa discussão, de fato, no nosso campus, da EJA... éh... enquanto parte da formação inicial dos nossos futuros professores... né... e... não só não temos esta discussão... né... e... e então também a EJA não está sendo refletida nas disciplinas como um todo, a não ser iniciativas isoladas de alguns professores que tem este comprometimento... né... eu tenho... eu... eu lá no estágio... a gente não tem nem carga horária de estágio à noite para os alunos do nosso campus... né... nas fases finais do estágio... então... os que dão conta... já estão atrasados no curso mesmo... né... já perdeu disciplinas... eles dão conta de fazer estágio na sala de aula da EJA, por exemplo... então, a gente consegue trabalhar precariamente... mesmo que a gente tem compromisso a gente não tem estrutura pra conseguir trabalhar... né... então, essa é uma questão de... que eu queria colocar... dá nossa situação lá em Formosa e que, com certeza, eu vou levar pra lá essa ideia da gente tentar discutir a EJA, e a gente tá num momento de reformulação da... do nosso currículo, então, eu acho que vai contribuir bastante, lá. Bom... outra questão que eu queria dizer é sobre... eu queria entender a... a Alixia? [se dirigindo à coordenadora da mesa... que

responde: Alix]... Alix... desculpa... quando ela fez a apresentação... você falou em desescolarização... aí... eu... eu não entendi exatamente o termo no contexto que você disse, pelo menos o que eu entende de desescolarização. Eu não entendo os nossos jovens hoje desescolarizados. Acho que desescolarização é um processo, por exemplo, que teve todo acesso a cultura letrada, ao processo de escolarização, decide que os filhos dela não vão ser escolarizados. Então, talvez, aquela... aquela família esteja passando por um processo de desescolarização. Eu... eu realmente não entendi o termo. Ah... e pra... pra mesa em geral, eu queria entender, na verdade acho que é uma resposta que todos nós buscamos... né... como é que a gente concilia essa necessidade... né... que a professora Maria Emília colocou, de fazer uma educação de qualidade, não aligeirada... né... mas ao mesmo tempo que atenda aos anseios, a demanda dos alunos, dos sujeitos alunos da Educação de Jovens e Adultos, que foi externalizada pelas duas alunas que colocou... que tiveram presentes na mesa, tanto ontem... esqueci o nome dela... quanto a Dilma... né... que espero que traga bons [?] até o domingo, né... [apagam-se as luzes do auditório ficando apenas o refletor da câmara filmadora]... acabou o que, a luz, tudo?... Então, gente, só pra finalizar, tem uma questão que não foi tocada aqui, em tratando de instituição do IFG, que eu acho que a gente tem que pensar em termos dos professores que nós queremos, tanto os professores pra EJA, que nos ajudam inclusive assim, é lindo ver como os alunos com o trabalho com a EJA eles se despertam para a questão da sensibilidade do olhar pro aluno independente qual seja... né... isso a gente vai vendo no processo, mas enfim, acho que pra gente se debruçar sobre essa questão da EJA, dos nossos colegas de trabalho que tão atuando na EJA, nós mesmos, eu acho que o IFG tem que se debruçar sobre a questão dos seus concursos. Nós estamos contratando profissionais que não são professores. Não é prioridade nossa contratar profissionais formados em licenciatura... né... que tem... então, assim, eu acho que a gente tem que resolver estas questões internamente, que ninguém discute concurso nessa instituição. Bom, eu acho que essa é uma questão que a gente precisa se debater sobre ela. Obrigada! [aplausos]

Sujeito não identificado: Boa tarde, principalmente, aos alunos que, além de uma pergunta, vou fazer uma provocação... éh... porque se a nossa Instituição ela tem a vocação para a oferta da modalidade EJA... éh... dois aspectos são fundamentais, primeiro é o professor querer trabalhar na modalidade e, depois, esse querer se

transformar em incentivo da Instituição em capacitá-lo... éh... nós trouxemos um ônibus cheio de alunos, mas infelizmente nos foi dado a oportunidade de trazer: três professores, uma supervisora e... uma outra ligada a área de coordenação. Por que? Éh... seria interessante alguém da mesa ou alguém do... cadê os professores? Sim, os professores aqui de Goiânia, talvez, deixassem de dar as aulas e viria aqui participar, mas os professores lá do interior não estão porque foi orientado na escola a condição de estar aqui participando. Éh... no início do ano, quando a coordenadora me chamou, eu falei, eu faço a opção de trabalhar com a educação de jovens e adultos, eu fiz... fiz por opção, por que?... ah... mas eu estou trabalhando, estou pesquisando a educação de jovens e adultos, então, foi uma opção minha. E, eu brigo pra estar aqui participando. Uma das condições foi, eu tenho uma bolsista, nós estamos apresentando trabalho. Seria incoerente que eu não tivesse a oportunidade de vir, mas eu [?] tenho certeza que nós estamos perdendo a oportunidade muito grande em perguntar para os alunos que aqui estão, qual que é o perfil do professor que eles querem? Quais são as maiores dificuldades? Na hora que você tocou [apontando o dedo para a mesa], a minha aluna lá do lado falou assim, “eu tenho a resposta pra ela”. Vamos oportunizar os alunos a falar e a gente poder [?] porque a maioria tá aqui, os professores são poucos pra dar as respostas que nós estamos precisando. Talvez, se eu precisasse falar aqui, falaria meia hora... éh... dos meus estudos, do que eu estou contemplando. Essas nossas resoluções aqui. O IFG precisa investir na capacitação de [?]. Vai chegar lá aos diretores? Eu sei que tem um diretor aqui, amigo meu. Éh... mas e os outros, estão sabendo que nós estamos reivindicando isso? Vai ser feito uma carta, um documento reivindicando isso que nós estamos solicitando? Porque eu como professor de EJA não me vejo nem um pouco inferior ao professor que dá aula lá na pós-graduação. Não! Muito pelo contrário. Todos os meus alunos que estão aqui, me adoram, tenho certeza. Por que? Porque além de professor eu sou amigo, eu vivencio o dia a dia deles, porque eu tenho tempo e oportunidade pra isso. Então... éh... vamos oportunizar pra que eles participem, eles são os... os... os sujeitos diretos da história... vamos... eu não sei qual que seria a estratégia, mas vamos oportunizar e incentivar para que eles participem. Ontem só a menina da mesa. Hoje só ela. Vamo moçada, participem aí, nós estamos aqui pra escutar vocês. Obrigado! [aplausos]

Prof. Lucivânio: Boa tarde a todos! Meu nome é Lucivânio. Eu sou chefe de

departamento do campus de Valparaíso. E, minha formação é na área de Biologia. Tenho trabalhado com a Educação de Jovens e Adultos também e, Formosa, foi o primeiro campus que eu atuei. A gente trabalhou um pouquinho com isso. E, inicialmente, gostaria de parabenizar toda essa discussão que foi levantada aqui na mesa, pois eu acredito que, discutir a Educação de Jovens e Adultos é algo mais do que necessário, é urgente essa discussão e, mais do que isso, eu acredito plenamente que quando a gente faz uma educação de qualidade... éh... ao tratarmos da questão da Educação de Jovens e Adultos a gente vai fazer toda a diferença em todo o processo de ensino, não única e exclusivamente naqueles jovens ou adultos que, provavelmente, perderam por algum motivo, e os exemplos da Dilma aqui ficaram claros... né... por motivos específicos não tiveram condições de estudar no tempo hábil e, agora, estão tendo esta oportunidade. Nós não estamos pegando um aluno jovem que está em fase de iniciar o seu... a busca pelo conhecimento, nós pegamos o indivíduo completo, cheio de experiências, cheio de conhecimentos, mas conhecimentos que às vezes não estão de forma sistematizada, logo, o nosso papel enquanto educador ele vai exatamente ao contrário do que a gente tem feito normalmente, a gente chega na escola e a gente inicia o nosso trabalho acreditando que a gente tá pegando um aluno cru, ele precisa adquirir conhecimento. A gente se esquece que ele tem uma história. E, eu acredito, plenamente, que a gente só vai conseguir fazer esse tipo de trabalho quando a gente extrapolar essa visão, começarmos a observar o nosso... nosso trabalho docente a partir da experiência desses jovens e adultos, começar por aí é que vai fazer com que a gente consiga, de fato, mostrar pra eles que aquele conhecimento de biologia, de português, de matemática, de física, o quanto aquilo está presente na vida dele e quanto aquilo ele já conhece, ele só não tá com aquilo de forma organizada, sistematizada. Então, eu gostaria de ver, ouvindo aqui os nossos membros aqui da mesa... éh... se já existe algum tipo de estratégia pra gente tratar dessas questões, porque eu acredito que se agente começarmos a pensar na capacitação docente para a Educação de Jovens e Adultos, orientações de como a gente pode trabalhar as nossas disciplinas partindo desse pressuposto, trazendo a experiência de vida desse aluno e sistematizando esse conhecimento pra eles, nós conseguiremos fazer uma mudança radical de todo esse processo e, certamente, aqueles professores, como vocês já disseram aqui na mesa... né... éh... aqueles que... éh... “o bico”, que o professor Lottermann disse aqui, aqueles professores que usam a Educação de Jovens e Adultos como bico,

certamente serão exatamente o contrário, os professores melhor capacitados é que devem ir pra essa educação, assim como eu acredito também que a Educação Infantil, a educação de quinto... do 6º ao 9º ano pode ser colocado um professor que não tem formação adequada, o professor que vai atuar nas séries iniciais ele deve ser um profissional que deve ter melhor qualificação, ele não pode ser [?]. [aplausos]. Obrigado!

Prof. Sebastião: [?] só uma questão de encaminhamento... a preocupação do Otávio... é claro que todo mundo pode se inscrever, Otávio! [se dirigindo ao referido interlocutor] Não tem veto, né! Mas, a pessoa tem que vir se inscrever. Agora, eu acho que a gente podia, antes de devolver pra mesa era juntar mais, vocês num acham? Acho que podia fazer assim... uma uma... um tempo... um tempo assim que pudesse coletar... a gente vai vai anotando e vai... até pra num ficar aquele clima palestral, né! Assim... diálogo... eu ouvi bastante... eu ouvi...

Prof.ª Alix: Ana Lúcia, que foi a primeira!

(Faz-se novas inscrições)

Prof.ª Ana Lúcia: Éh... boa tarde! Eu vou tentar ler o que eu escrevi... me desculpa [riso]. Mas, assim... éh... meu nome é Ana Lúcia, eu sou diretora geral lá do campus Aparecida de Goiânia. E, eu quero fazer alguma considerações com relação às falas da mesa e com relação a fala de alguns colegas... éh... eu... eu... por... eu era do campus Goiânia, né. Não fui professora de EJA aqui no campus Goiânia. Eu até vou falar um pouco do lugar em que estou falando. Eu tenho experiência de EJA na Prefeitura Municipal de Goiânia, mas eu vou chegar lá. E... mas sempre fui uma das... como é a expressão? Cadê o Josué?... uma militante a partir do momento que eu tive contato com a Educação de Jovens e Adultos fui militante do... da Educação de Jovens e Adultos. Éh... e aí eu quero parabenizar a mesa, quero parabenizar os organizadores desse evento e quero lembrar os colegas que é o quarto... né... isso assim quer dizer... nós temos tido... tudo bem que, acho que a gente precisa melhorar e ampliar as ações... mas nós temos tido... não é o primeiro é o quarto... né... acho que isso a gente não pode esquecer. Isso é algo nos distingue de muitas instituições. O professor mesmo nos colocou isso [apontando para a mesa]... né... não vamo ficar

com síndrome de que a gente não tem feito nada... e... algumas coisas a gente tem feito sim... né! [aplausos]. Outro ponto que eu quero lembrar que foi falado aqui é que nós também estamos com uma iniciativa bacana, mas precisamos melhorá-la e ampliá-la, que é a formação em educação dos professores das áreas técnicas dentro da instituição. Porque assim... não dá pra todo mundo ser formado em licenciatura pela natureza institucional que a gente tem, dos cursos que a gente oferece, então sim, é uma outra iniciativa que a gente precisa ampliar, mas é o curso de formação... Mad'Ana vai saber melhor do que eu do nome, eu sou péssima... [capacitação]... capacitação... né... docente em educação, que é um avanço... a gente tem que continuar... éh... realizando esse tipo de ação. E aí... éh... como essa mesa... essa específica... são tantos assuntos que a gente se atropela... né... mas essa aqui a gente tá falando da formação dos professores, formação do professor para a Educação de Jovens e Adultos. E aí eu acho que... aí eu... eu... eu... junto com os meus colegas eu acho que a gente precisa urgente de algo... de uma formação... éh... continuada para os professores atuarem no... na EJA e... ah... e pra todos... não é pra aqueles que quiserem... eu acho que isso a gente tem... não sei como... [riso]... a Maria Emília falou assim uma formação obrigatória... né... mas em serviço... alguma coisa assim... né... bem radical... não sei... autoritária... mas a gente precisa... né... pensar numa maneira de promover isso. E aí... né... entendo a frustração do... do professor Otávio, que a gente queria que isso aqui tivesse lotado dos... dos todos os nossos professores, mas institucionalmente a gente sabe que é muito complicado isso, mas não impede que ações isoladas de diálogos EJA sejam feitas em cada campus, que a gente traga outras pessoas... a gente precisa ampliar isso na nossa instituição... éh... como política institucional e envolver todos os professores indistintamente... eu concordo com a professora Emília. Éh... e aí, a minha pergunta é assim... como a gente... porque... tudo bem... a gente precisa inserir nos currículos de formação de professores essas especificidade em EJA, a maioria já tem, mas talvez a gente precise rever, ampliar... né... porque é uma modalidade que tá aí, não é mais programa, veio pra ficar... né... como lidar com isso nos professores que a gente forma? Éh... e aí eu fiquei me lembrando do segundo ciclo de formação com a professora Marise, teve aqui, que ela falou da questão da formação integral... né... como lidar com isso também no EJA igual a Dilma colocou... quando ela viu que era quatro... quatro anos ela deu uma desanimada... isso é um problema real dentro da... dos nossos currículos que... que pressupõe políticas macro e... e também de lutas né

junto ao Ministério da Educação... por que?... pra quê a gente consiga minimamente trabalhar esses currículos pra que a formação integral se dê e que... que não seja assim tão... tão prolongada. E aí é onde eu quero voltar no começo da minha fala, da minha formação, da minha experiência com EJA. Eu sou professora de Arte. Pensa, ser professora de Arte numa turma de EJA, noturno, da Prefeitura de Goiânia... éh... de alfabetiza... praticamente alfabetização... era segundo... segundo ciclo na época. Eles não queriam saber de Arte gente. Eles já tinham perdido, na concepção deles, muito tempo. Aula de Arte? Vamo combinar... né! Eles queriam era saber ler, escrever e fazer conta... Arte? Olha era uma coisa... agora eu tive uma sorte danada, que foi um... uma experiência de um ano, porque eu trabalhava numa escola de... de Goiânia, num bairro em que o nome das ruas eram nomes de artistas. Era Antônio... lá no Itatiaia, lá no São Judas, perto lá do campus II. Lá é rua Antônio Poteiro, Ciron Franco, artistas locais e alguns outros artistas. E aí, o mapa da cidade... eu fazia com que eles lessem no mapa os nomes e eles começaram a se interessar por essa questão da leitura com as imagens com a arte, com a obra, com a releitura, enfim, achei um caminho... [aplausos]... mas olha que... é uma coisa que a gente precisa rever, entender, e... e... e lutar pra que essa... essa... essa formação integral, antes de integrada, talvez... né... ao ensino técnico, ela se dê de fato e que a gente, enfim, realize aí bons trabalhos na Educação de Jovens e Adultos. Eu queria que vocês comentassem um pouco sobre essa questão. Obrigada!

Prof.ª Alix: Mad'Ana!

Prof. Sebastião: Como coordenador o Josué tem um informe importantíssimo!

Prof. Josué: Então gente é... é chato falar isso, mas olha só, nós temos... temos que concluir a atividade aqui às cinco horas... né... e aí... oh... essa é a parte chata... de um lado também estamos aí com esse problema do... do calor... né... mas aí nós temos então um... um lanche. Nós vamos servir um lanche aqui ao lado, aqui nessa área interna do teatro... né... aqui ao lado do teatro... né... mas enfim o combinado aqui com o pessoal da música é que seria entregue aqui o teatro as cinco horas em ponto aqui pra eles. Então, eles não abrem mão desse horário.

Prof.^a Mad'Ana: Então eu vou ser bem breve. Éh... eu vou fazer... ia fazer algumas considerações, mais eu vou... eu sei que muitos alunos se inscreveram a partir da provocação, boa, do professor Otávio. Então, eu queria perguntar... ia perguntar... o que nós professores da Educação de Jovens e Adultos temos que aprender pra gente ter um diálogo bacana não só com os alunos da Educação de Jovens e Adultos, mas quiçá, com todos os alunos que nós temos. Por que? Quando a Educação de Jovens e Adultos traz esta importância do diálogo com os sujeitos, na verdade o que a Educação de Jovens e Adultos tá dizendo? Que lá na formação de todos os professores pra qualquer aluno é preciso travar esse diálogo e esse é constante em qualquer nível e modalidade de educação. Então, eu queria perguntar pra vocês [se dirigindo ao auditório]... éh... como? Como é que a gente... eu quero aprender com vocês alunos aí como é que a gente dialoga de maneira bacana? Tá?

Prof.^a Alix: Aníbal!

Prof. Aníbal: Boa tarde a todos! Éh... é mais uma provocação, viu professora Maria Emília. Meu nome é Aníbal, eu sou professor de Economia, do IFG, lá de Jataí. E, eu tenho escutado... éh... minha área é bacharelado... né... desculpe a ignorância da pergunta, às vezes... mas, eu sei que tá embasado em vários autores importantes na educação, porém algumas... alguns posicionamentos transpareceu... quando se fala do lugar de onde se está falando... que várias... desde ontem eu tenho escutado pessoas falando da... do seu entrelaçamento com a vida do trabalhador e enquanto passagem por estas dificuldades, etc. E, eu senti que, parece que dá um ar de autoridade pra essa pessoa do lugar em que está falando e parece que aquela pessoa... essa é a impressão... me transpareceu... né... e aquela pessoa que entrou, como a maioria dos professores, no Instituto Federal... que muitas vezes não passaram por esse caminho, às vezes muito tortuoso, essas dificuldades ou desse entrelaçamento mais íntimo com a vida do trabalhador, como se esse professor... Oh! Se chegar numa instituição como o IFG e se deparar com essa modalidade de ensino... éh... não houvesse uma autoridade quando se... esse mesmo professor se aplica, estuda e... éh... e o lugar de onde ele fala... às vezes... éh... na história de vida dele tá distante. Então, eu fico um pouco preocupado com a questão da autoridade de quem tá falando, quando se fala... éh... eu sei que não é essa a intenção, mas transpareceu em todas as falas isso... éh... de qualquer forma eu vou aproveitar... essa

é só uma provocação... tá... pra dizer aos coordenadores do evento, parabe... parabenizá-los, professor Josué, e a todos os demais, dizer que o evento, ele é... eu acho que um dos mais importantes desta Instituição e sugerir que pra que no próximo... éh... vocês tenham uma forma de pensar, talvez, que extrapole aqui a localidade. Pensem nos campus, no envolvimento dos campus. Porque eu acho que isso aqui... éh... enriqueceria muito mais... né... as estratégias até de... de se trazer para o debate... éh... os nossos alunos de EJA. Eu acho que isso seria um avanço... tá! [aplausos]

Prof.ª Alix: Sebastião!

Prof. Sebastião: Queria dizer pra Dilma que eu vou votar nela pra presidente [risos] é uma boa notícia. Tomara que seja a maioria, num é! Então, agora, eu... eu... eu acho assim sabe... eu... as receitas... éh... eu acho que existe aí um [?] o Lottermann diz isso... acho que todo mundo que trabalha diz que não há receita pra... pra o exercício docente na EJA. O que há são coisas, igual isso que é... esse depoimento da... da Ana Lúcia aqui, né... olha eu tive... é por isso que a gente tem que dialogar pra gente, tipo, inventariar as experiências e, a partir desse inventário, você estabelecer nesse inventário por esse inventário a... a... as estratégias... né... agora, então, a importância desse momento pra alimentar... né... alimentar... fazer esse inventário de experiências pra formar o docente... isso aqui é um exercício de formação continuada... né... então, assim... éh... toda vez que você diante de um problema, e como esse que a Ana Lúcia trouxe, e você dá uma solução criativa, aproveitando principalmente elementos do concreto, aí você vai ter sucesso, mas o sucesso não é... porque você diz assim “eu dei sorte”... não... eu acho que se se você não tivesse nesse concreto, esse... essa coisa que de antemão já te ajudou, provavelmente, se a sua criatividade, o seu envolvimento prévio de militante, tivesse ali antenado, aceso, cê ia encontrar outros elementos nesse concreto que, talvez, estabelecesse essas ligações... né... eu acho que é fundamental isso... eu acho que nas falas aqui... olha... é no concreto, se você olhar no concreto, observar texto e os contextos, você vai ter... agora o grande problema é que as nossas formações cartesianas, como o Aníbal coloca aqui né, a gente chega muito despreparado, por causa da nossa formação fragmentada, cartesiana, específica, verticalizada, e todos esses... esses elementos constrói com os textos mas é péssimo em contexto, mas aí na EJA sem contexto não dá, sem

contexto não se exercita boa docência em EJA, sem contextualizar, sem considerar... né... então eu acho que a solução pra esse dilema tá é nessa coisa de falar e ouvir, de criar esse inventário. Se a gente inventariar isso, bem, nós vamos conseguir até a... porque depois a gente pode propor... eu acho que essa fala da Ana Lúcia, agora, já não é mais a dela é minha, eu vou usar isso por aí, assim como as pessoas já usaram coisas que eu disse, que eu vou pegar do Lottermann e vou levar pra lá e da Maria Emília e vou levar e a gente vai inventariando isso. Eu acho, então, que essa... o bom docente em EJA é aquele que inventaria, faz um bom inventário, que participa, que dialoga e contextualiza a sua ação a partir da consideração daqueles sujeitos que ele vê ali... e aí ele tem que partir disso... aí ele tem sucesso! [aplausos]

Prof.^a Alix: André(?)

André(?): Minha preocupação é em relação a questão do... do bom professor... né... que... formação... mas o que é ser bom professor? Aquele que reprova? Aquele que não reprova? Então assim... nessa pergunta já se mostra que professor de EJA não pode ser como professor de outra modalidade... de outro nível de ensino. Por que? Porque nem reprovar é sinal de isso é um bom ensino ou ser um bom professor. Éh... artigos... lendo artigos eles dizem que o maior problema, talvez, do EJA seja o grande número de reprovação... éh... evasão... número excessivo de reprovação e desistência. Eu fico pensando, principalmente, pelo depoimento da Dilma, assim... de outros alunos... eu sou professor de EJA... desculpa, não me apresentei... sou professor de Filosofia... então o que que acontece... éh... a vida de uma certa forma, o contexto político econômico, o sistema econômico já excluiu essa... essa pessoa e muitos dos alunos que nós temos... quer dizer, nós vamos... é uma educação inclusiva... nós vamos na nossa atividade como docente excluir de novo... eles não vão voltar! Então assim, mais ao mesmo tempo... éh... passar de qualquer jeito, não é... então eu só trago aqui, rapidamente, que essa questão de pensar... o perfil do aluno, o que ele tem que saber, como tem que saber, como exigir esse... esse conhecimento que passa por avaliação e... e... e também reprovação, quer dizer, mas ao mesmo tempo tem... temos que ter muito cuidado em relação a reprovar novamente alguém que está tentando é... é... ingressar de uma maneira qualitativa de novo na sociedade ou melhorar sua condição de vida, né! Reprová-lo é reprová-lo duas vezes ou mais ou definitivamente. [aplausos]

Prof.^a Alix: Fátima! Não... tinha uma Fátima. Aí, depois da Fátima é a Cíntia. Então vem Cíntia.

Aluna Cíntia: Boa tarde! Meu nome é Cíntia. Sou aluna do curso técnico em Secretariado do IF Jataí e tenho... eu acho que tenho algumas respostas do que foi perguntado pelos professores. O seguinte... eu... eu creio sim que precisa ser especializado o professor pra dar aula com EJA, mas creio também que não adianta o professor ser um mega especializado e num ser humano. Por que? [aplausos] Por que? Eu trouxe alguns professores muito humanos aqui, mas infelizmente alguns que não vieram e precisava de ter vindo, pelo seguinte fato: nós do EJA temos um preconceito muito grande em relação à prova. Não só na prova, como... éh... [?] é quando tem um plano de aula a seguir, aquele plano que foi feito pro curso todo... a ementa, isso mesmo, obrigado. Porque é o seguinte... eu vou citar dois exemplos de algumas professoras que... eu tô no terceiro período, que já aconteceu com a gente lá no IF. Tivemos uma professora de Informática, 1º período, e eu cheguei pra ela e falei assim: “Professora, minha turma tem uma certa dificuldade em enviar e-mail, a senhora poderia nos ajudar a enviar e-mail?” Ela virou e falou pra mim assim: “Eu não posso fugir da minha ementa, eu tenho que cumprir a minha ementa!” Aí eu falei: “Professora, mas a gente tem essa dificuldade. Eu não tenho um curso de computação e eu creio que pro meu curso de Secretariado isso é muito importante.” Ela me respondeu assim: “Não, não preocupa com isso não porque secretária não precisa enviar e-mail.” [risos no auditório] Eu pensei... eu... comentei com a minha coordenadora, comentei com todo... éh... realmente não deve precisar mesmo. Falei, tudo bem, passou. E teve uma outra professora também que ensinava uma matéria... matemática... uma matéria difícil, que chegava na sala... ela é mega formada mega informada... né... tem todos os diplomas possíveis e ela... tudo que ela ensinava, ela falava assim pra gente: “Vocês... ah, isso aqui vocês devem ter aprendido, isso é coisa que se aprende no quinto ano, no oitavo ano.” Aí um dia eu cheguei pra ela e falei: “Professora, sim! Realmente era pra gente ter aprendido. Só que tem duas coisas que a senhora não está levando em consideração: a primeira coisa, que o ensino público que a gente fez é muito diferente do ensino do IF, que é um ensino muito bom, é um ensino muito complexo, tem muita coisa lá que a gente nunca viu na vida, e tamo vendo agora. E, outra coisa, faz trinta anos que eu fiz a oitava série [risos no auditório], como que eu vou lembrar disso aí agora?” [aplausos] Então, e aí

fica... como... como que eu vou responder essa pergunta? Aí ela parou assim pra pensar, ficou meio pensativa. Eu vi que eu mexi com ela. Pensei, “é, de certo agora ela se tocou!”. E... e outra coisa que... que... que realmente é da evasão, que foi dito, uma das grandes preocupação da educação, essa ementa, essa prova. Então, a pessoa que fica... que eu tenho colegas que ficaram trinta e tantos anos sem estudar e, de repente, ela chegou na sala e teve uma prova muito complexa lá, ela tirou número dois da prova que valia dez. Ela falou pra mim: “Eu nunca mais vou voltar aqui porque eu tô frustrada!” Eu falei: “Mas, você vai voltar. Você é determinada!” Ela falou: “Não, eu sou burra demais! Eu não vou voltar. Eu não vou conseguir concluir meu curso.” Eu falei: “Calma! Mas não é assim. Tem colegas ali, tem professores ali aqui... calma, não é assim... calma que nós vamos achar um consenso.” Então, é o que eu tô tentando dizer, que não adianta eu ter... tê... tê... que é um mega especializado em EJA se ele não for humano, se ele não vê que a gente ficou muitos anos longe da escola, se ele não vê que nós temos dificuldades em lembrar aquilo que foi passado. Vai adiantar ele ser especializado em dez formas... não vai resolver! Então, tudo isso eu acho que tá contribuindo tanto pra evasão... porque eu tenho... a minha turma começou com vinte e quatro, nós estamos no terceiro período, nós somos nove e, ainda tem umas que você precisa persistir, “não, num pára”, “não, mas eu saí mal naquela prova” [?] “aquela professora fala coisas...”. Essa semana aconteceu um outro fato, uma outra professora, talvez fica até chato eu ficar repetindo, mas eu vou falar porque eu também achei desumano. Ela... ela soube que a gente vinha pra cá... ela não tinha dado a prova dela para terminar o conteúdo... ela virou e falou pra gente: “Então, antes de vocês viajar, antes do almoço vocês vem aqui no IF fazer a prova.” Aí quando os outros colegas falaram assim: “Não, professora, mais é só quatro da nossa turma que vai viajar, a gente trabalha.” Ela falou assim: “Então, vocês estão desinteressados!” [?] Agora a culpa ficou sendo de quem? Nossa que não foi lá antes do almoço fazer a prova, o período da gente é a noite ou da professora que não se organizou para passar as coisas no tempo certo? Então, não são tudo flores e [?]... a gente tenta, mas a gente precisa de pessoas humanas por trás. Eu acho que não é só especialização não é só no papel, as... as pessoas tem que entender que a gente tem limitação, que agente tem dificuldade, e se a gente tá lá, tá tentando, voltando de novo, que façam coisas práticas. Tem o exemplo de uma professora ali muito boa que... tava passando Biologia a gente se perguntava pra ela porque nós tamos estudando isso... vocês se prepara... eu vou

explicar pra vocês... foi e fez um trabalho prático com a gente... ensinou a gente... fez um trabalho científico... briguei com ela também... falei... nossa professora, trabalho científico no primeiro período, a senhora quer matar nós... ela falou... vocês vão precisar pra vida toda... éh... e aí ela fez um trabalho científico com a gente sobre as vitaminas, os carboidratos e tudo mais... um belo dia, a gente fez um... um jantar com tudo certim... nós aprendemos tudo que precisávamos de uma maneira prática. Então, a sugestão da minha parte é essa, que as aulas sejam menos... menos... éh... seguindo à risca certinho... e que seja teórica seja prática... que a gente que é... que é mais velhinha, a gente que já passou um pouco da idade, compreende melhor. Então é isso. [aplausos]

Prof. Luiz Fernando: Bom Cíntia! Pra alguns professores é [?] dar aula pro... pros alunos do Proeja, né! São umas verdadeiras “bestas”, né! Eu acho que... éh... a gente tem que considerar isso. Bom, eu sou Luiz Fernando, sou do Instituto Federal de São Paulo, coordeno a especialização em Proeja. Também sou da área de Geografia. E, a minha pergunta... gostaria de fazer algumas considerações... éh... frente ao que foi discutido ontem e foi discutido hoje... né... do ponto de vista mesmo do... do currículo integrado. Acho que o Instituto Federal, tem mais de 100 anos aí, deveria já ter tido uma discussão [?] sobre o currículo integrado, não tem, e a discussão sobre currículo integrado sempre vem no âmbito da... do Proeja, da Educação de Jovens e Adultos. Eu acho que a discussão poderia ser... éh... feita numa outra dimensão, numa dimensão mais integradora, das atividades que a gente acaba desenvolvendo no Instituto. O que eu queria colocar e até fazer uma reivindicação é de que a lei, ela determina que 10% das vagas do Instituto Federal sejam destinadas ao Proeja... não é... a lei que instituiu os Institutos Federais. No entanto, não é isso que acontece... né... na verdade a gente tem aí um número muito reduzido de matrículas... ah... no Proeja. Pra vocês terem uma ideia em São Paulo a gente tem por volta de trinta campus, a gente tinha, pelo menos até o final de 2013, três campi apenas com... éh... Proeja. Um número muito abaixo do que se propõe dos 10... talvez chegássemos a 1%... parece... das matrículas... não é. Então, eu queria reivindicar, na impressão de que, esse Diálogo, ele possa também chegar a outras instâncias, por exemplo, aquilo que a gente tirar aqui como consenso poder chegar ao CONIF e poder fazer reivindicações mais duras, mais contundentes, do ponto de vista da Educação de Jovens e Adultos... é isso! [aplausos]

Prof.ª Alix: Cleiton!(?)

Cleiton(?):Boa tarde! Eu sou de Jataí. Queria comentar assim como a nossa colega Cíntia falou essa dificuldade de começarmos os estudos. Eu estou no segundo do Secretariado. Minha esposa me incentivou a estudar junto com ela. E nós começamos... e igual... eu fiquei mais de dez anos sem estudar e comecei. Tem coisas que nós não lembramos mesmo. Que nós não conseguimos lembrar... éh... igual esse tema aqui. Eu acho que eles tem que cobrar os professores, talvez, estejam certos, mas os professores estão fazendo o papel deles ali por nós. Eles estão ensinando a gente bem, talvez num tá pegando a ferramenta certa pra pode tocar pra nós aprender, mas... mas nós tamos absorvendo da melhor... da melhor forma possível. Às vezes eu tô estudando matemática, eu quero que ela seja mais corrida, mas tem um colega ali do lado que quer que ela seja mais devagar. Mas estamos ali estudando. Então, é... é igual ela falou... tem colega lá na minha sala que passou o trabalho pra casa, ele não vai fazer [?]. eu já ouvi: “não vou fazer porque eu não consigo”, “eu chego em casa não vou pegar a mochila”, “vou preocupar com o meu trabalho”, “eu tenho que dormi, depois tenho que voltar dormi mais um pouquinho porque tenho que escutar à noite”, “hora que retornar tenho que compensar o horário que não dormi porque eu trabalho de madrugada”. Então, éh... éh nesses horários que a gente fica pego e a responsabilidade com filhos, com casa, com dívidas, às vezes dificultam o nosso aprendizado. E... éh isso que às vezes o professor não vê, talvez, um novato que chega até nós pra dar aula pra nós não percebe isso, quer... chega o conteúdo... joga lá... fala isso e isso e isso... reúne um grupo na sua casa... tem colega que nem sabe onde é que eu moro, eu nem sei que bairro onde ele mora lá em Jataí. Então, é difícil de chegar isso até nós [?] o trabalho dessa forma. Às vezes, tem muitos professores que adequa o nosso aprendizado, o jeito que nós consegue aprende o que jeito que nós consegue absorve, aí nós conseguimos aprender mais. Tem jeito diferente como uns que gosta... professor ali como... que ensino a gente a fazer uma busca essa semana passada... muito legal. Então é a forma como nós absorvemos e a forma como nós tamos interagindo melhor. Obrigado! [aplausos]

Prof.ª Alix: [?] ...ania(?)

Sujeito não identificado: Boa noite! É... eu vou ler pra ser mais rápida... né! É bom que hajam eventos desse caráter que colocam que há pessoas engajadas para que a EJA seja de qualidade continuada. Reaje quem é sujeito, mostra como é a realidade de quem quer melhorar a vida financeira mas que também quer aprender, além do tão sonhado diploma. Minha indagação é que infelizmente esse anseio parta do sujeito que teve de alguma forma a jornada da educação interrompida. Vejo que as chamadas e divulgações de cima para baixo são ainda muito discretas. Sei que a mudança tem que partir das pessoas que vivem esta modalidade, mas não ser anseio apenas delas. Então, essa é a minha indagação. [aplausos]

Prof.^a Alix: Cadê Fabrício! Depois dele a palavra tá com [?].

Aluno Fabrício: Boa tarde a todos! Éh... eu queria tá respondendo até [apontando para alguém no auditório] você tinha falado... o caso pra gente... nós alunos é interação... campus IFG de Uruaçu, técnico de comércio [?]. então é o seguinte... se o professor tem a interação com o aluno ele consegue entender o que se passa... igual ela falou [apontando para a mesa]... que o professor não tá lá só pra tá aprendendo que ele é companheiro, ele pode tá convivendo, igual passa todos os dias lá de segunda a sexta com a gente. Então, se o professor sabe interagir com o aluno ele sabe buscar a ideia que o aluno quer dele. Se o professor sabe interagir ele vai conseguir uma melhor forma de tá fazendo com que ele aprenda aquilo que é passado pelo professor. Então é isso que eu queria tá passando. [aplausos]

Prof.^a Maria Emília: Então, pessoal, vou ter que ser bem rápida, né! A primeira pergunta que volto [?] dizem respeito à questão da formação. A gente sabe que os cursos que nós fizemos, a grande maioria dos que estão aqui, não tiveram a possibilidade, realmente, de contemplar a EJA. Não é só quem é do bacharelado não! É também quem fez licenciatura. Então, onde nós vamos ter que investir? Na formação continuada. Não tem outro jeito. E aí, essa formação continuada, ela precisa perpassar desde os cursos de pós-graduação com direito a licença para aperfeiçoamento destes profissionais mas também precisa passar formação continuada em serviço, através de cursos, seminários, planejamento coletivo, porque o momento do planejamento coletivo é momento de troca de experiência, é momento de discussão, de debate, e isso precisa estar previsto no horário, no cronograma da

escola, no horário de trabalho, das 40 horas, né! Precisa ser pensado grupos de estudo como uma atividades também prevista dentro das 40 horas, né! Pesquisa, extensão, porque quando você está fazendo extensão nós estamos aprendendo também, nós não estamos só ensinando, e através de pesquisas. Então, um cuidado que a instituição precisa ter é: prever no início do semestre, vamos prever aí um momento de planejamento coletivo? Então, previsto no cronograma. Todos estão ali uma semana sentando e planejando e discutindo coletivamente. Isso é formação!... né?... Também ao longo do período nós vamos ter um dois, três dias de parada, de avaliação, reflexão sobre o trabalho que vem sendo desenvolvido com esses alunos? Isso também é formação! ... né?... Então, é importante que a gente perceba isso porque o projeto da instituição precisa ser desenvolvido por todos, mas muitos que chegam, vocês disseram, 80... 82% dos que responderam aquele questionário estão aqui a menos de cinco anos [...]

3 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 16/10 - NOITE

(Apresentação cultural)

Prof. Ronan: Boa noite a todos! É com imenso prazer que estamos aqui... éh... todos os músicos que estão tocando aqui hoje são alunos do curso técnico de instrumento musical e da licenciatura em música. Éh... agradeceria imensamente que as pessoas desligassem seus celulares e qualquer objeto sonoro. Éh... um concerto de percussão tem sons que eles acontecem, às vezes, uma única vez numa noite, um som às vezes tão sutil que se a gente não tiver atento a gente perde esse som por todo a nossa vida, ele nunca mais volta... éh... em geral, a sutileza da percussão que parece não existir ela existe ao extremo, então, peço, por favor, encarecidamente, desliguem todos os aparelhos sonoros. Agradeço imensamente. [aplausos]

(Apresentação cultural)

Sujeito não identificado: Olá! Prof. Ronan, aqui, apresentou o grupo, né! São alunos do curso técnico e do curso de licenciatura. Nós dois somos os professores... éh... de percussão aqui do Instituto Federal, que conta também com um maestro que também é percussionista, ou seja, nós estamos invadindo o IFG [risos no auditório]... éh... aaaah... e o Leonardo também que apesar de ser... de ser maestro da banda e cuidar da regência também... éh... faz parte da direção do grupo. Aaaaah... eu vou... o Quinta Justa... ele é uma proposta artístico, pedagógico, acadêmica e mais tracinhos e palavras que vocês quiserem colocar aí, portanto, éh... como professor desta Instituição... aaah... eu vou fazer papel de chato... éh... porque o professor Ronan deu aqui com a maior gentileza, delicadeza, sutileza, com toda a classe que ele tem, pedir a gentileza a vocês de terem os seus aparelhos devidamente desligados mas parece que as pessoas... éh... não não não corresponderam a esse pedido do professor Ronan. Então, quem não gostou da cara do professor Ronan e, por acaso, goste mais da minha cara, eu peço pra vocês que não gostaram do Ronan, que gostem de mim e que desligam os seus maravilhosos, lindos e caros aparelhos, tá bem, pra gente poder ouvir todo esforço e trabalho que esse pessoal fez aqui para levar a música pra vocês. [aplausos] É muito triste a gente tá ali no coxia e ver pessoas na plateia atendendo celulares e saindo falando andando, o que é inclusive

uma falta de respeito com quem está aí e quer ouvir... [aplausos]. Então, por gentileza, desliguem esses aparelhos. Por favor, ninguém vai morrer por ter o aparelho desligado trinta minutos. Se alguém morreu já morreu não adianta ligar. [risos no auditório] Por favor, desliguem os aparelhos. Não só pela questão sonora, mas vocês estão percebendo que a gente teve um trabalho de luz aqui pra fazer pra vocês, um trabalho visual. Esse luzinha também é chata pra quem tá do lado e quem quer apreciar o trabalho visual que foi feito. Tá gente. Então, assim, desculpa, tive que fazer o papel de chato, mas parece que a gente tem que formar público, né! Então, essa é a maneira de a gente formar público. Desliguem seus aparelhos, por gentileza e vamos apreciar aqui o trabalho do pessoal, ok!

(Apresentação cultural)

Prof. Ronan: Essa peça é feita com papel reciclável, tá gente! [risos no auditório] Tudo pra vocês [?] aproveitamento artístico de perdas às vezes contornáveis e às vezes incontornáveis. Essa é... é uma perda que se transforma em arte. Peça chamada A4, obviamente, compositor brasileiro Antônio Nunes, por isso que eu falo que alguns sons só existem e só acontecem uma vez.

(Apresentação cultural)

Prof. Renan: Como última peça do programa também um brasileiro, Marcos Guimarães, compositor, foi... éh... compositor, percussionista e intérprete do grupo Uakti... éh... durante anos, depois ele passou a compor pra esse grupo e construir instrumentos, então, hoje em dia a gente vê o Uakti como um trio, mas ele já foi um quarteto, um dia ele e Marcos Guimarães era um com esses integrantes. Então, a peça chama Onze, ele escreve com figuras geométricas... éh... vários compassos em onze, então, a gente tem triângulo, estrela, um triângulo dentro de um quadrado, um pentágono, um triângulo dentro de uma meia lua, tudo isso pra representar uma rítmica baseado em onze tempos que vai se moldando, que vai é... éh... não só se complexificando mas vai também... éh... se mudando com... com... com o passar desses elementos geográficos [geométricos?]. Então, os alunos estão lendo uma partitura... éh... de uma síntese... éh... poética bastante interessante, não há muito coisa concreta, são poucos símbolos que representam bastante coisa. Então, essa

peça baseada em todas essas variações sobre o número onze, de Marcos Guimarães, vai encerrar nossa noite. A gente queria agradecer imensamente a presença de todos pra cons... pra elaborar um concerto como esse é um... é bastante tempo de trabalho. Pra gente tá em cena montar um palco como esse é muito tempo, a gente precisa de tempo pra... pra... é pra trazer os instrumentos, depois pra montar a luz e sem contar ensaio, repetição, todos eles tem uma carga horária de estudo [...] um pouquinho grande pra poder trazer esse espetáculo tão bonito pra vocês. Então, eu queria uma salva de palmas a todos os alunos que estão no palco [aplausos] e a todos os alunos que já... que também não vão tocar nessa peça, que já tocam hoje, mas que tão aí. Obrigado gente. Brigado a equipe técnica, Ricardo, diretor aqui do teatro. Ao José Ricardo que tá fazendo a luz pra gente. Éh... às vezes a gente vem a um concerto e a gente esquece de toda a equipe que tá em volta, e isso é extremamente importante, e aí, a gente agradece professores também, da coordenação de artes, do departamento um que nas nossas... éh... discussões, vivências, convivências... éh... acertos e erros, a gente tem se encontrado bastante e isso também contribui pra esse trabalho chegar aqui. Então, queria... agradecer a... toda equipe da coordenação de Artes... éh... e ao nosso chefe de departamento, Felipe Valoz que tem apoiado... éh... fundamentalmente... fundamentalmente tem apoiado o nosso trabalho no dia a dia, projetos, às vezes os mais loucos que a gente propõe pra ele, ele aceita e não só aceita como encampa essa batalha pra fazer música pra percussão, música contemporânea, música de hoje em dia, música de vanguarda.

Sujeito não identificado: Éh... só... é lembrando que esse grupo que tá aqui, que é um grupo formado por estudantes... éh... que no ano que vem e pra 2016 vão fazer uma turnê pelo Estado, em todos os campi, do IFG e da UFG, dentro do projeto de extensão [?] foi aprovado junto ao Ministério da Educação... né... tem outras ações envolvidas aí com o projeto englobam o universo da percussão como: minicursos, máster classes, concertos, cursos preparatórios, é... grupos de música tradicional, grupos de... de música marci... de... de percussão marcial, de percussão tradicional, então, temos aí um biênio com bastante movimento percussivo no Estado de Goiás... éh... em parceria com a UFG, com o professor Flávio Oliveira, que temos a honra de ter a presença dele aqui na plateia hoje... éééhhh... os campus de Anápolis e de Inhumas, temos aqui também a professora de percussão do campus Anápolis na

plateia... éh... uma transformação cultural que essa cidade... éh... vem vivendo, já... éh... nasceu há cinco anos atrás a implementação do curso de licenciatura instru... em instrumento de percussão na UFG e com o esforço do... do Fábio trazendo a gente pra cá e nosso esforço também a gente vai cada vez mais transformando a vida cultural da cidade e do Estado. Queria agradecer a presença de todos. Nós queríamos agradecer a presença de vocês todos. É... é muito gratificante e nos honra muito, é... é... a primeira vez que eu vejo a parte de cima desse teatro cheia... éh... no Projeto Quinta Justa... éh... a gente fica muito feliz, muito honrado e... e é isso que o Ronan falou, é um trabalho muito grande, é muito tempo, muitas... são muitas horas de ensaio, muitas horas de estudo, então, quando a gente chega aqui a gente quer fazer a coisa com esmero, espera que o público também possa apreciar com esmero. É... é um único momento que a gente tem aqui. Ele vai passar. Ele só dura uma hora. Então, vamo ter a paciência de gozar desse momento... né... éh... sem... éh... interferências externas, esse tipo de coisa. Vou pedir a gentileza pra gente fechar a porta pra gente poder fazer a última peça. [aplausos]

(Apresentação cultural)

Cerimonial: [...] gestores da Educação de Jovens e Adultos. De antemão, pedimos desculpas por alguns contratemplos. Sejam todos bem-vindos à segunda noite do IV Seminário Interinstitucional Diálogos EJA integrada à Educação Profissional, realizado por meio de parceria entre o Instituto Federal de Goiás, o Instituto Federal Goiano e a Universidade Federal de Goiás, por meio do Projeto Observatório da Educação da CAPES. Também contamos com o apoio do Fórum Goiano de Educação de Jovens e Adultos e da Secretaria Municipal de Goiânia. Sendo breve, vamos chamar os componentes da mesa, “O perfil e o lugar dos sujeitos da EJA integrada à Educação Profissional nos Institutos Federais”, coordenada pela professora Mad’Ana Desirée Ribeiro de Castro, que logo em seguida apresentará os componentes da mesa. Desejo a todos uma ótima noite e um bom diálogo para todos. [aplausos]

Prof.^a Mad’Ana: Gente, vamos... boa noite, a todos e a todas! Éh... nesse Diálogos EJA e... só queria registrar aqui que no ano passado... éh... a maior... o maior público dessa casa aqui foi do Diálogos PROEJA, né! Nós lotamos esse auditório aqui e nós

estamos lotando novamente esse auditório aqui com educandos e educadores da Educação de Jovens e Adultos. E aí, não tem Arte se não tiver gente. Então, nós da EJA somos muito bonitos mesmo, né! [aplausos] A gente tá falando de integração, né! Então é bom pensar que a gente intrega... integra entre sujeitos entre eventos, né! Então palmas pra nós mesmos porque nós abrihantamos, com certeza, essa última apresentação. Éh... eu queria aqui chamar a... aluna Ana Carolina, que vai estar conosco. Aluna Ana Carolina, ela é aluna nossa lá no campus Goiânia Oeste, do curso de enfermagem [...] [aplausos] é o primeiro curso... o primeiro curso na área da saúde e não poderia deixar de ser, o primeiro curso na área da saúde é um curso em Educação de Jovens e Adultos, dentro do Instituto Federal de Goiás. [aplausos do auditório enquanto a aluna toma assento à mesa] Éh... queria chamar também a professora Cláudia Borges. Professora Cláudia Borges, ela tem, ela está na Rede Municipal de Educação. Ela é mestre em educação. Não precisa falar qual é o objeto, né! Nem quais são os sujeitos que ela dialoga, os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, éh... e agora ela está também fazendo o doutorado na UnB, eu não preciso também dizer que os sujeitos é... são os sujeitos trabalhadores, né, Cláudia? [se dirigindo à convidada que toma assento à mesa]. Então, nada é por acaso... né! Claudinha, obrigada mais uma vez, viu? Bom, nessa mesa de hoje nós vamos tratar do perfil e do lugar dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos dentro da Rede Federal... éh... dentro dos Institutos Federais aqui de Goiás. Então, é uma temática de cunho... éh... um pouco mais... vamos dizer assim... de afirmação, de consolidação, da nossa presença dentro deste Instituto. Só queria começar... éééh... lendo aqui uma... fi... fiz um pequeno texto, inclusive, esse texto tá lá no blog... éh... desse evento. Queria socializar com vocês... éh... copiando aí um pouco a Alix, nossa colega de hoje à tarde, que nos apresentou um belo texto também. Recentemente, eu aprendi a gostar de Machado de Assis, que odiava, porque eu não entendia ele. Eu aprendi a gostar de Shakespeare, pela primeira vez eu aprendi a gostar de Romeu e Julieta, que eu também não gostava. Recentemente, eu pude ajudar a minha filha a fazer uma redação e, mais recentemente ainda, eu ajudei ela a passar no vestibular da Universidade Federal. Agora ela está cursando Farmácia. Esse é um depoimento de uma aluna nossa, de uma ex-aluna do curso técnico integrado de Serviços de Alimentação. Esta é a IV edição do Diálogos Proeja, nesta última passa a ser denominado Diálogos EJA. Este encontro surgiu como uma das ações em âmbito nacional e institucional com o objetivo de fornecer subsídios para a implantação e

consolidação dos cursos técnicos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Além desta iniciativa, depois da instituição do Decreto n. 5.840 de 2006, foram realizadas pesquisas de lato e stricto sensu, formações iniciais, seminários. No Instituto Federal de Goiás, a assunção da Educação de Jovens e Adultos, por meio do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, PROEJA, induziu o fomento de diversas parcerias com o objetivo de estabelecer diálogos sobre a EJA e realizar vários projetos. Nessa caminhada, estiveram e estão o Fórum Goiano de EJA, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Estadual de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Instituto Federal Goiano. Em 2008 e 2010, os Diálogos Proeja centraram-se na promoção de discussões conjuntas sobre a produção teórico-prática das experiências relativas ao Proeja do Estado de Goiás, onde... de onde vem o depoimento... né... da nossa aluna. Em termos mais específicos, debater sobre a formação integrada e aprendizagem de jovens e adultos, realizar trocas de experiências de trabalhos e projetos desenvolvidos por alunos do curso Proeja. Apresentar e avaliar os projetos de curso das diversas instituições participantes do encontro. Promover diálogos pedagógicos sobre a práxis desenvolvida por professores dos cursos do Proeja. Avaliar a discussão realizada durante o encontro e indicar as possibilidades de superação das tensões e conflitos e avançar a partir das experiências apresentadas no âmbito do aprimoramento dos processos pedagógicos relativos da integração da educação básica, educação profissional e educação de jovens e adultos. Em 2003 [2013], os Diálogos foram retomados com a temática “A expansão do Proeja em busca de uma escola pública inclusiva e de qualidade” e o objetivo de promover entre educadores, discentes, gestores, pesquisadores e militantes da Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional, tendo em vista a troca de experiência, o debate político sobre a expansão da oferta e os desafios cotidianos de alunos e professores dessa modalidade de educação. A entrada da Educação de Jovens e Adultos na Rede Federal de Educação que até então atendia, dado o caráter do processo seletivo, estudantes oriundos das classes médias, é relevante na medida em que busca efetivar o direito constitucional de educação a todos os brasileiros em diversos locais onde se realizam processos formativos. Assim, a assunção da modalidade EJA é fundamental para a afirmação da democracia na práxis educacional e

administrativa da Instituição e da sociedade brasileira, pois, a declaração e a efetivação desse direito tornam-se imprescindíveis no caso de países como o Brasil, com forte tradição elitista... elitista e que, tradicionalmente, reservava apenas às camadas privilegiadas o acesso a esse bem social. As precárias condições de existência social, os preconceitos, a discriminação racial e a opção por outras prioridades fazem com que tenhamos uma herança pesada de séculos a ser superadas. Nessa conjuntura, isso aqui é uma citação do Cunha, nessa conjuntura o IFG começou a ofertar cursos na modalidade EJA e, por isso, passa a viver com estudantes que devido as suas especificidades, entre elas, a de terem suas trajetórias escolares interrompidas colocam para instituições... para instituição outras necessidades e possibilidades de se pensar o expresso... ah... o espaço formativo, os currículos e a relação ensino-aprendizagem. Nestas perspectiva, diz o Arroyo... éh... o Arroyo aqui vai dizer o... vou... vou pular aqui um pouquinho... ele vai dizer, retomando um pouco que o Lottermann colocou ontem... éh... de que a EJA é um grande espaço... éh... de aprendizagem não só pra entender as especificidades dos sujeitos, dos processos pedagógicos contidos, né, nessa... éh... na na Educação de Jovens e Adultos, mas também por meio da Educação de Jovens e Adultos, pensando sempre na positividade da entrada desses... desses educandos nas instituições... éh... elas no... éh... éh... essa modalidade nos lança a pensar radicalmente, pensando radical, ir a raiz das questões, os processos formativos que a gente tem nos espaços... éh... em que a gente se encontra enquanto educadores. Então, a EJA tem a nos dizer muito e muitas coisas positivas. Então, nesta perspectiva, caminhos para a realização do IV Diálogos, agora chamado Diálogos EJA, cujo o objetivo é desprender da natureza efêmera e focal, lembrando lá a fala da professora Maria Emília, né, das ações como programa que tanto tem acompanhado a educação de trabalhadores no Brasil e afirmar a organicidade dessa modalidade de educação no IFG. Ao fazer isso, a instituição pública e gratuita ganha importância não apenas para alguns mas para muitos. A educação deixa de ser privilégio e passa a ser direito e a Instituição deixa suas sérias lições para assumir de fato sua função social e ética de inclusão. Então, a gente passa agora então a palavra, né, a partir dessas contribuições, aqui com a professora Cláudia e, depois pra prof... pra nossa aluna, Ana Carolina.

Prof.^a Cláudia: Uma boa noite a todos e a todas! Eu agradeço muito por essa introdução, viu [risos] Mad'Ana, mas agradeço também por... por poder estar aqui, né,

pele convite. É sempre muito bom estar nesta casa. Eu fiquei assim... ainda mais... éh... fe... maravilhada com essa apresentação que a gente teve aqui agora e só me... me reafirmou a importância desse espaço, o reconhecimento desse espaço como espaço de excelência, né, mas um espaço de direito e um direito, sobretudo, pros nossos educandos da Educação de Jovens e Adultos. Que bom que a gente tem esse espaço hoje aberto, né, para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Acho assim... muito bacana né... só reafirmou isso pra mim hoje ver aqui esse primeiro momento... dessa... desse... vários sons... dessa diversidade de sons e dentro dessa diversidade de sons o que a gente vê que, essencialmente, está o ser humano, como a Mad'Ana falou, a gente, ali, né, e essa gente que precisa comungar com o outro com as outras pessoas, sobretudo, as pessoas que tiveram até hoje... éh... pouco... poucas condições de estar num espaço como esse aqui. Que bom que a gente tem esse espaço aberto hoje e como a gente tem percebido que ele tem ficado cada vez mais forte, né. E fiquei assim muito feliz também pelos Diálogos EJA, né. Muito bom! Acho que é uma iniciativa muito importante do Instituto Federal, de vocês, essa equipe aqui que tá nessa luta pela a Educação de Jovens e Adultos... éh... com essa caracterização do Diálogos EJA abrindo... éh... de fato... éh... a importância que tem essa modalidade dentro do Instituto, e, sobretudo, nessa característica de política pública e não de programa. Então acho que isso fica... é muito bacana, né. Vamo lá! Alguém vai passar pra mim [referindo-se à projeção dos slides]. Então, como eu sei que eu tenho que se virar nos vinte, né, então... éh... já me falaram... então eu vou tentar assim até suprimir uns uns uns pedaços aí, né. Mas a Mad'Ana disse aqui também daque... da... dos... do Fórum Goiano de de EJA como esse espaço também... como um espaço de contribuição, de presença aqui também em toda essa... em to... não só no evento, mas na... na própria contribuição mesmo da... da constituição da EJA aqui dentro do Instituto, né. E... e eu gosto sempre de falar, né, dessa... desse lugar que eu falo que é lá do movimento da Educação de Jovens e Adultos, que é do Fórum. Eu queria até ter apresentado aí pra vocês agora no começo, mas como a gente ficou meio embolado ali com a Internet... éh... porque esse espaço também do Fórum... éh... Goiano de EJA e hoje... éh... na verdade os Fóruns espalhados pelo Brasil inteiro, né, a gente tem um espaço que é um espaço virtual, né, eu não sei se todo mundo aqui já conhece, já entrou né, nos... nesse espaço que é o portal dos fóruns de EJA... todo mundo conhece? Alguém conhece? Lá em cima... alguém conhece? Só... tem algumas mãozinhas levantaram aí, né...

conhece... então, eu acho que... eu queria abrir, inclusive, aqui dizendo da importância desse espaço e ele é um espaço aberto não só de formações, também de informações, mas ele é um espaço de formação também, sobretudo, formação... éh... para os professores. Tem material... não é... tem discussão, tem textos, tem debates, tá... nesse espaço... e... éh... basta colocar... sabe que que é mais fácil... coloca no google assim, oh... portal dos fóruns de EJA, vocês vão chegar lá num monte de bandeirinha, né, e essas bandeirinhas vocês podem clicar todas elas estão... éh... trazendo o seu Estado, né, a sua... o seu perfil de Estado. Mas, clica lá na nossa bandeirinha de Goiás que vocês vão ver a diferença, né não Ma... Emília! Né... as meninas bolsistas tá aí, Rayssa, Kátia, aqui, Ariadyne, que tão sempre aí nessa... nessa... nessa ajuda... éh... sempre nessa contribuição e alimentando esse portal. Eu falo que é diferente mesmo, que é bem atualizado, nós estamos... e sempre procurando atualizar, inclusive, imagino que todos esses Diálogos vai tudo pra lá logo que... logo que tiver terminado aqui a gente vai passar pra lá. Mas aí... então vamo lá! [risos] Então, essa discussão, achei bacana a gente trazer o perfil e o lugar dos sujeitos da EJA integrada a Educação Profissional, né, penso que a gente caminhou um mucado pra gente... éh... entender a importância de ter, de saber que a... a essência... essencialmente os nossos sujeitos educandos da EJA eram trabalhadores e a gente voltar pra fazer uma discussão mais profícua com um olhar maior, né... pra Educação Profissional e no mundo do trabalho... pode ir passando, Emília [slides]. E aí eu pensei assim da gente partir com algumas questões, então, quem são esses sujeitos? Qual que é o lugar dos sujeitos trabalhadores estudantes? Quais as políticas para atender os sujeitos da EJA? A gente vai falar de uma forma bem geral, né. Não dá pra gente pensar muito... éh... e ficar... éh... digo de uma forma mais minu... minuciosa... mas em outros momentos a gente pode tá fazendo outras discussões e também no debate, né. Então, queria começar com essas imagens, que são imagens lá dos nos... do... do Fórum, tá, são imagens de lá que eu peguei de lá, tá bom, lá do nosso... do nosso espaço lá. Então, sujeitos aí a gente tá vendo... adultos, certo? Eu acho que tem uma... uma característica forte ali do negro, né, porque... essencialmente a gente tem uma grande parcela na Educação de Jovens e Adultos que é negra... pode passar meninas... tá... a gente tem os idosos também... na Educação de Jovens e Adultos também são sujeitos... vamo lá... e eu deixei por último a juventude, os jovens, né, essa aí é uma foto da rede municipal... éh... os... os educandos da... da EJA recebendo medalha... por que que eu trouxe essa por último?

Porque a gente vai falar um pouco mais dessa juventude que hoje na verdade ela tem uma composição maior dentro da Educação de Jovens e Adultos... vamos lá, Emília, pode passar... então, como marca a gente tem a diversidade desses sujeitos... e aí assim, achei bacana que hoje essa diversidade de som, eu fiquei pensando, é como essa diversidade que a gente tem de sujeitos também na Educação de Jovens e Adultos, né. São sujeitos sócio-culturais ricos em experiências e expectativas, né. Trabalhadores urbanos, camponeses, mulheres... você achou aí... [risos]... no finalzinho a gente põe... trabalhadores urbanos, camponeses, mulheres, jovens, adultos e idosos, pessoas com deficiências, indígenas, afrodescendentes, descendentes de europeus, de asiáticos, empregados e desempregados, essa é uma condição muito forte, né, sobretudo de desempregados e empregados na informalidade, né, essa é uma característica forte dos nossos educandos. Filhos, pais, mães, avós, moradores urbanos de periferia, favelas e vilas, né, essa é a nossa... esse são os nossos sujeitos que carregam toda essa diversidade. Pessoas que se encontram no sistema prisional, né, vamo lembrar disso, que a gente tem esse grupo também o sistema prisional. Jovens que cumprem medidas socioeducativas que estão nas nossas salas de aula, né. Moradores que habitam nas ruas das grandes cidades, além de grupos organizados que se articulam pelo direito da terra, moradia, pela desigualdades de gênero, étnico-racial e de orientação sexual. Trata-se de um público marcado pela diversidade... pode passar Maria Emília... então essa... essa a marca, né... mas eu acho que é importante a gente trazer que esses sujeitos trabalhadores educandos eles trazem para o espaço tempo escolar também a marca da destituição de direitos e essa marca de desti... destituição de direitos, eles não conseguem perceber muito, essa marca de desti... destituição de direitos, né... daí quanto que a gente precisa trabalhar essa... essa... essa ideia né... discutir isso. Quanto a riqueza de suas experiências de luta e de vida, então, traz estas... estas duas marcas, né, que é de destituição de direitos mas também a riqueza que ele tem de experiência, de luta e de vida e que muitas vezes não é também reconhecida. A relação presente no processo de formação da EJA, aí eu trago uma discussão do Arroyo, porque ele vai dizendo que ela incorpora a dimensão humana, um pouco disso que a Mad'Ana já tinha falado aqui, né, ela incorpora a di... a a dimensão humana e ele diz o seguinte: "é constitutivo de toda prática educativa e cultural ser uma ação humana, de sujeitos humanos, daí estar marcada por esta diversidade, de experiências culturais dos sujeitos que dela

participa.” Reconhecer isso já é um passo pra gente poder construir pedagogicamente, né, o processo de aprendizagem, a... o processo de formação desses sujeitos. Aí, nesse novo [?] eu vou passar bem rapidinho, isso é um gráfico que foi feito éh... onde a gente percebe que de 2007 até de 2012 a gente vai percebendo que no início, as matrículas nos anos iniciais do... do ensino fundamental, a gen... a gente vai ver que a média é de 38 anos de idade... pode passar Emília... a média dos anos finais ela cai para 25 anos de idade, por isso que a gente tá falando da juventude, como tem aumentado essa juventude, se a gente for pro ensino médio, que é o próximo, a gente vai ver que a média, aquele no meio lá [apontando para o slide] 28 anos... num é... então, o que a gente percebe é que esse grupo de maior idade não continua... né... e esse... e a juventude tem cada vez mais aproximado e chegado à educação de jovens e adultos... né... principalmente porque, às vezes, ele é convidado a sair... né... do... da... do dito ensino regular... né... ou... às vezes com reprovação ou até... até às vezes também porque ele não é... não é um aluno muito bonzinho, diga-se de passagem... né... entre aspas. Vamo lá. E aí eu trouxe uma imagem dos educadores... né... eles estão reunidos, planejando, pensando, porque também são sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Embora a gente não vai ater muito nesta discussão... né... dos educadores, porque acho que é uma discussão de formação também, de... continuada... né... que acho que é importante mas dizer a importância desses educadores, de um perfil que possa cada vez mais... éh... compreender essa diversidade dos educandos de EJA, compreender e dig... diagnosticar... éh... o que são esses sujeitos, quem são eles, o que trazem... né... sua marcas. A importância disso é... é meio caminho pra ele desenvolver o processo de formação... né. Por isso que Paulo Freire fala na importância do professor pesquisador, mas que sobretudo também, que se enxerga no outro... né. Se vê também no outro. Qual o lugar dos sujeitos trabalhadores estudantes? Vamo lá [acenando para a pessoa que está passando os slides]. Eu trouxe um pouco pensando no campo do direito... como tá marcado eu vou passar bem rápido porque acho que... acho que a Emília já tocou um pouco nesta questão hoje... né. Então, a gente percebe que em 96 a gente cons... começa a conceber a Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade... né... da Educação Básica... então, abre-se aí um direito. Nesse momento também na educa... na... na LDB, no artigo 40, o que a gente vai perceber também é um indicativo da Educação Profissional integrada também a Educação Básica. Tem esse indicativo, né. Só que em 97, Fernando Henrique

Cardoso faz um decreto e que faz esta separação, né, do Ensino Médio com a Educação Profissional. Então... éh... na verdade desconsidera... desconsiderou o que tava lá em 90... na LDB... né. Então, uma coisa é você ter essa garantia na lei outra coisa é você ter é... a luta pra que de fato isso aconteça, né. Aí a gente tem a CONFINTEA, a educação ao longo da vida... né... a discussão internacional e essa garantia aí, a gente tem a concepção... éh... da EJA nas Diretrizes Curriculares Nacionais, que essa foi fundamental pra gente sair do campo da su... suplência e de fato ser enxe... ser enxergada, ter um olhar pra modalidade enquanto modalidade, enquanto for... enquanto educação de jovens e adultos, né. Temo também o Marco de Ação de Belém, é um documento bacana que vale a pena a gente entrar lá e dar uma lida nesse documento, que reafirma mais uma vez esse direito, né. E a gente tem o FUNDEB. O FUNDEF a gente nem fala nele porque a EJA não tava presente, né, nem toda. Então, a gente... a gente passa pro FUNDEB, né, que já é um governo democrático popular, que é de 2007 a lei, e que a EJA passa a receber também, né, assim como Educação Infantil, também. Continuando o campo do direito aí, a gente tem em 2004 a proposta de reintegração do Ensino Médio e Educação Profissional e, aí, a gente começa a ter a possibilidade a partir de 2006, né, do PROEJA que é onde começa toda essa nossa história do currículo integrado e da EJA entrando nesse espaço de excelência, né. A gente sabe que foi um decreto, né, mas a gente sabe a importância que teve esse... essa ação pra que de fato esse espaço aqui pudesse ser um espaço de direito para os educandos da Educação de Jovens e Adultos, né, éh... eu gosto sempre de lembrar que essa discu... que isso não vem dum acaso... né... que a gente teve uma trajetória de luta e de movimentos no sentido de chegar a esta possibilidade concreta... né... do programa, do PROEJA, né, e a possibilidade concreta dos educandos começa... da EJA estar dentro dos espaços... éh... dos institutos, mas que também começar fazer esse diálogo mais... mais concreto... né... mais firme com a Educação Profissional integrada a Educação de Jovens e Adultos... né... e aí a gente tem mais, muitas resoluções do Conselho Estadual de Educação, do Conselho Municipal, do Plano Estadual e, Municipais, que nós estamos aí, que eu acho que vale a pena marcar que nós estamos aí neste momento de re... de... de reação, reavaliação do Plano Municipal de Educação... muito bacana dizer que a matrícula da Educação Profissional, a gente percebeu deste 2006, que ela não caiu tanto quanto caiu as outras, né, Maria Emília, ao contrário, teve alguns momentos que até subiu essa matrícula na Educação Profissional. Então, acho que isso é

mérito de vocês, de que tá nessa luta, nessa lida aí com a EJA aqui dentro dos Institutos. Plano Nacional de Educação pode passar, também estamos lá marcados. Vou pular isso aí, só no finalzinho, são as metas que nós estamos lá garantidos enquanto direito, né. Meta 3, 8, 9 e 10. Dessa 10, 25% das matrículas de Educação de Jovens e Adultos na forma integrada a Educação Profissional. Quer dizer, estamos lá, né! Pode passar... éh... agora é fazer valer, né, a briga é essa, né. Os espaços da EJA. Eu mostrei alguns espaços aí, né, e vamo... quero... ter um olhar focado praqueles... praquelas primeiras bolas ali que é a educação pública, né, que é a nossa luta pela educação pública, né, não deixando de lado também os movimentos sociais, né, mas eu quis trazer mesmo pra gente... são... são as contradições colocadas, né. A gente tem município, Estado, Federal, olha só que bacana! Só a partir de 2005 é que a gente pode de fato mar... ter marcado essa condição da Rede Federal assumir a Educação de Jovens e Adultos, né! A gente tem, quanto éh... grupo privado... né... de... éh... o Sistema S, né... e também, nem quis colocar aí, várias tantas outras escolas que vocês já devem ter escutado falar, onde tem assim... escrito assim... “venha terminar seu 2º grau em um mês, em seis meses”... né... “você recebe seu certificado”... né... então a gente tem muito disso aí também, por aí, faz parte também. E os movimentos sociais, também são espaços que a gente tem que tem contribuído para essa formação da Educação de Jovens e Adultos. Agora, o olhar pra nós, ali pensando naquele... na escola pública... esse que é nosso olhar maior e aí a gente vai... pode passar [?]. Aí a gente vai passar então pros desafios... eu já tô terminando, não sei quanto tempo eu tenho [se dirigindo a coordenadora da mesa]... tá... eu vou terminar... então, quais os desafios que a gente tem a partir... temos esses espaços... os espaços estão aí mas isso não significa que nós estamos todos na Educação de Jovens e Adultos lá dentro, né... então, a gente pode pensar, por exemplo, que no Brasil uma população de 15 anos e mais, a gente tem em torno de 65 milhões sem instrução e fundamental incompleto, são dados de 2010 do IBGE. Vamos voltar mais para o nosso Estado e pensar que a gente em torno de 6 milhões dessa população 7,3 que não sabem ler e escrever, cerca de 70% não terminaram o ensino fundamental, ou seja, tem ensino fundamental incompleto... né... a taxa de frequência escolar na EJA ela é de 13%... né... isso é um dado do Educacenso, quer dizer, o que a gente percebe é que tem um panorama, tem um grupo desse aí... né... fora da sala de aula e que não estão naqueles espaços ali que a gente colocou, né! Quais os desafios? Aí a gente tem outros desafios grandiosos.

E aí eu quero lembrar aqui do... éh... camarada Gramsci, que ele vai lá no Caderno do Cárcere, volume 2, quando ele tá dizendo lá dos intelectuais e a construção da nova hegemonia cultural, ele... ele vai dizer a importância que a gente tem para avançar na luta democrática, né, pra avançar nessa luta democrática, a gente insistir... insistir, persistir, ser resistente... é por isso que eu tô dizendo que a resistência a privatização e em defesa da escola pública consideramos imprescindível insistir na relevância social e política do projeto de Educação Básica integrada a Educação Profissional na modalidade de EJA. É um projeto que ca... que traga essa visão, essa defesa da escola pública pensando nessa relevância social e sa... e sabendo que essa rele... relevância social ela precisa ter esse caráter de política pública. É is... é isso que é mais forte pra nós, né. Então, por isso que eu, acho que essa... essa é uma... um grande desafio pra nós. E nós temos ainda o nosso maior desafio, ainda, eu acho que como educadora, é a gente desconstruir nos sujeitos trabalhadores educandos a marca da destituição dos direitos, porque isso é tão forte que faz ele chegar dentro da sala de aula se sentindo como se ali não fosse um espaço dele, estranhando aquele espaço, um estranhamento dentro daquele espaço, né. Então, desconstruir isso não é fácil. É um desafio. E, construir com esse sujeito o conhecimento que é o seu direito a partir do reconhecimento dele... da riqueza de suas experiências de luta pela vida. Esse é um outro desafio, a gente reconhecer, trabalhar com ele nessa produção, nessa construção dessa... desse conhecimento, a partir dessa reconhecimento dele enquanto sujeito histórico que carrega toda a sua experiência rica, né, de luta e de vida. E aí gente eu acho que pra gente ter esse olhar, a gente precisa se encontrar no outro, né, eu acho que aí esse desafio pra nós educadores... primeiro que eu acho que é um desafio político e pedagógico, político porque a gente tem que fazer essa escolha, escolha de se... de perceber o outro como sujeito de direito... né... tanto quanto a gente... esse sujeito de direito... primeiro isso. É pedagógico porque a gente vai ter que trabalhar isso no nosso dia a dia... né... nas nossas... nos nossos recursos pedagógicos pra trazer e pra vencer aqueles desafios que a gente... que eu já coloquei isso pra vocês... e aí eu queria terminar com a Roseane Murray, porque ela vai falando os cinco sentidos e os outros, né. Eu acho que nesse momento, então, que a gente está ainda nesse... éh... nesse momento que a gente tá vivendo hoje no país... a gente precisa se ver mesmo nesse outro, sobretudo, nesses nossos educandos, né, da Educação de Jovens e Adultos, né, e reconhecer que o outro sou eu, seu coração bate junto com o meu, o seu sangue

também irriga as minhas veias, os meus pensamentos se misturam com os seus, e nas suas mãos as linhas escrevem textos que completam os meus. Então acho que a... Roseane Murray ela tem essa capacidade de escrever pra criança, mas também adulto de repente pode se ver, né, pode se reconhecer, né. Então, penso que esse é nosso maior desafio, né, reconhecer esses nossos sujeitos de direitos e saber que esse espaço daqui do Instituto, o espaço das escolas estaduais, o espaço das escolas municipais, das escolas públicas, que não seja somente nas escolas, em outros espaços, mas que tenham esse caráter do público, né, é de direito desse sujeito da... da Educação de Jovens e Adultos. Eu acho que isso é... é o fundamental. A gente pode conversar depois. [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: Obrigada, Cláudia!

Prof.^a Cláudia: Esse é o portal, gente! Olha só. Aí... éh... clica lá na Educação Profissional... ah... tá aí... ah... a divulgação do seminário, IV Seminário Diálogos EJA. Tem a programação... ah... Educação Profissional... oh... temos os encontros e seminários aí... temos o PROEJA, o PROEJA-FIC, que é a experiência da rede municipal junto com o Instituto Federal... né... cada espaço desses se vocês forem clicando vocês vão ver, tem material didático, tem filmes, têm multimídias, tem... éh... fotos... né... tem textos, tem diálogos, então é um material muito rico... né... e é um espaço aberto que a gente, inclusive, tá esperando aí outras experiências que possam tá complementando esse espaço. Bom!

Prof.^a Mad'Ana: Ana [se dirigindo à aluna] a Cláudia aqui falou do sujeito da EJA, ela tá falando a verdade ou tá assim... um pouco... como é que é... como é que é? Ela tá falando a verdade? Então vamo lá!

Aluna Ana: Primeiramente, boa noite... éh... eu quero dizer que eu fico muito feliz de tá aqui representando as minhas colegas e assim... éh... um tempo atrás eu não me imaginava num espaço como esse... éh... eu tô com 27 anos, tô com essa carinha assim de jovem, mas estou beirando os 30 [risos]... éh... fiquei bastante tempo afastada da escola... éh... eu saí, eu parei com 17 no 2º ano do Ensino Médio e faltou pouco... éh... a minha condição é mais ou menos aquilo que que foi apresentado, acho que a maioria dos colegas também passaram pela mesma situação. Eu... parei

porque ne... nessa idade eu fiz uma série de coisas totalmente equivocadas que, assim, foram determinantes na minha... minha vida como ela é hoje. Mas, eu acredito assim que... éh... foi por algum motivo que... éh... que... éh que tá acontecendo comigo hoje, talvez não fosse uma coisa que fosse acontecer se eu tivesse tomado a decisão certa na época e eu fico muito feliz de tá estudando no Instituto. No início do ano eu tava pesquisando na... na Internet uma coisa pra fazer, porque eu tava parada, né, só trabalhando e eu tava procurando qualquer coisa e, qualquer coisa que me veio, olhe só, o Instituto, que não é qualquer coisa nem de longe, né! É... não me imaginava assim dentro dá área da saúde, mas... éh... eu acredito que com a qualidade de ensino que a gente tá tendo lá no Instituto com o esforço dos professores que, é inegável, todos os alunos... todos todos todos... a gente só tem a agradecer e... éh... a... o pessoal que tem a paciência com a gente que saiu da escola há muito tempo, então, pra gente tá sendo super gratificante, apesar de ter pouquíssimos alunos na nossa sala, a gente brinca que faz um revezamento, um dia vai quatro pessoas [risos] outro vai três, mas os mais assíduos aqui sou eu e o pessoal que está ali. Mas, de qualquer forma eles acreditam que todo mundo vai ter sua oportunidade, né. E, eu queria falar também que uma coisa que eu já tava pensando em falar é a questão da diversidade que, assim, a gente não pode encarar com uma dificuldade, porque isso é até preconceituoso, né, mas é um desafio pra todo mundo que tá em sala de aula, porque cada pessoa tem a sua experiência, a sua carga, né, e idades... assim... tem pessoas super jovens na minha sala, tem pessoa muito mais velha, então eu tenho que lidar com... com a minha dificuldade e com a dificuldade da pessoa e do professor também, porque professor não são todos que tem especialização pra trabalhar com... com o jovem trabalhador, né! Então, a gente passa por isso todo o dia. No início eu... eu... admito que foi um pouco difícil pra mim porque... em nenhum momento quero dizer que sou melhor do que ninguém, lógico que não... mas a gente aos poucos foi se adaptando e hoje tá todo mundo... éh... interagindo e e participando, até o campus mesmo... éh... como tá em implantação é um campus que tá crescendo junto com a gente... né... e a gente tá ajudando aí, dando opinião e tudo, então, eu acho que... assim [riso]... é maravilhoso mesmo... eu me sinto muito muito, uma pessoa muito sortuda por tá numa situação que eu tô hoje estudando aqui no Instituto, é uma coisa assim que... realmente eu não imaginava depois de várias coisas que me aconteceram, que não vem o caso de falar, mas muito bacana mesmo. [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: Obrigada, Ana! Eu acho que eu eu queria fazer o mesmo método que foi utilizado hoje a tarde pra fluir o diálogo. As pessoas podiam se colocar, né, quantos quiserem, os alunos, né, os estudantes né Pablo?! Pra vê se a gente não tá... a Ana já disse que a gente tá indo no rumo certo, né... a gente quer [?] firmar mais ou não... éh... então vamo fazer o seguinte, vamos fazer as inscrições, vamo deixando, pode ser Cláudia? Pode ser Ana? E vamos estabelecer aqui o diálogo. As inscrições estão abertas.

104

Aluno Hércules: Olá, boa noite! Éh... meu nome é Hércules, eu sou dooo... curso de Técnico em Informática, na verdade tenho duas dúvidas, é em relação ao Inglês, eu acho que poderia fortalecer mais, atualmente não estamos tendo ooo... curso, né, e como diz a minha professora, a Mônica, que... éh... programação... ele anda colado com o Inglês, então, sem Inglês não tem sentido, eu acho que deveria ser bem mais avançado. A outra pergunta é em relação aquele... o... o... o pai parece que paga, tal, que você consegue pegar o certificado rápido, isso é reconhecido pelo governo? Obrigado!

Prof. Josué: Boa noite a todos! [?] e principalmente os alunos que estão aqui, né! Esse momento de festa, acho que fica claro, o espaço é aqui aberto pra os alunos tanto quanto para os demais, né, e é importante que nós... éh... tenhamos, façamos estes diálogos, né, esse diálogo em que se fala e a gente possa, né, pensar os desafios, os avanços... na ordem aqui... os avanços, os desafios e o lugar... éh... da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais em Goiás... e... essa é uma verdade, é uma questão cara pra todos nós aqui que militamos no campo da EJA, né, é... a gente sabe que como a professora Cláudia colocou, tá posta, né, al... alguma coisa que os movimentos, né, sempre lutaram... éh... no campo da legislação a gente conseguir até um certo ponto um avanço, né, no sentido de garantir o lugar da Educação de Jovens e Adultos no nos espaços públicos, né, a valorização, né, dá educação pública para os jovens e adultos. Nós tivemos no atual governo, ou melhor, no governo anterior do presidente Lula... éh... a criação do FUNDEB, né, inclusão da EJA no cálculo do FUNDEB ainda que um pouco... né... digamos assim reduzido em relação aos demais... ainda tem uma luta, né... mas eu acho que o que tá em pauta principalmente aqui pra nós que somos dos Institutos Federais é pensar o lugar da EJA nos Institutos Federais, né, e aí quando a gente... e a gente fica muito

feliz em ter a presença de colegas de outros Institutos, sobretudo, de outros Estados inclusive, né... no sentido da gente, né... pensar e da gente saber o que... o que tá acontecendo nos outros lugares. A gente tem participado de outros eventos também relacionado com a Educação de Jovens e Adultos em outras regiões também e a gente percebe que a pergunta é a mesma, né... a luta é a mesma no sentido de afirmar diante dos próprios colegas de trabalho, muitas das vezes, né, dos próprios funcionários, servidores, que são concursados, que estão aqui, no espaço público, né, trabalhando na educação no espaço público, e a gente tem que convencer que esse aqui é o lugar da Educação de Jovens e Adultos, né, então, talvez esse seja, né, quer dizer, a garantia do lugar, a garantia da EJA nesse lugar, nesse espaço, como sendo algo legítimo, sendo algo de direito, que tá posto na legislação, ainda se constitui com desafio pra nós, né, e aí eu acho que é importante esses momentos, né, e é importante que fique... éh... que fique evidente pra todo mundo que isso depende desse tipo, também, desse tipo de iniciativa, esse tipo de luta, essa articulação entre os diversos segmentos, dos diversos Institutos, infelizmente a gente não tem um encontro, não tem uma... um... uma iniciativa no nível federal, no nível do governo pra pensar, pra discutir, porque a gente sabe que tem outras modalidades disputando os espaços da Educação de Jovens e Adultos, né, ou disputando que tipo de oferta, né? Éh... nós temos aí, sobretudo, a questão... éh... do PRONATEC, já foi falado isso aqui hoje, né, que é um outro tipo de formação... éh... que tá posto aí que tem ocupado um espaço muito muito grande e aí é interessante, olha como é curioso... como é curiosos... éh... esse fato, então, quer dizer, a mesma instituição que não admite... eu tô falando do polo mais hegemônico que a gente sabe que ainda é uma minoria aqueles que estão na defesa da Educação de Jovens e Adultos integrada a Formação Profissional, seja no nível, né, FIC, seja em forma de FIC, Formação Inicial e Continuada, ou em termos de nível técnico, né, e aí quando a gente coloca... éh... e aí pensar a questão da... de como é... o bolsa formação do PRONATEC ele ganha espaço nessas Instituições, inclusive... éh... pondo aí pessoas que sempre se posicionaram contra a Educação de Jovens e Adultos integrada, né, quer dizer, tem toda uma série de... tem toda uma série de... de implicações no sentido inclusive negativo, né, mas que isso não é... não vem à tona nessas discussões, né, então assim, eu acho que é um espaço, né, pra gente refletir, não tem como entrar no nos nos meandros todos da questão, mas assim pra gente refletir que esse é um espaço público, ele só é espaço público ele só é democrático

se ele for aberto, né, a todos os segmentos, né, especialmente os segmentos que dependem da educação pública pra ser, pra ter alguma possibilidade de inclusão social.

Prof.ª Mad'Ana: Aqui nós temos: Tião, Otávio, Roseane, Maria Emília, o Teixeira, tem lá atrás, Marcelo... peraí... Kênia, Josimar. Tião!

Prof. Sebastião: Bem... veja bem! Éh... a a... uns dez dias atrás, uma semana, dez dias, nós participamos de uma reunião aqui no campus Goiânia que a Kênia tava presente, Jaqueline tava presente, Josué tava presente, e a discussão, ela, até o ponto que eu vi, pois tive que sair pra dar aula, né, mas até aonde eu pude participar da discussão ela tomou uma decisão, nos indicou uma decisão, por incrível que pareça, de... da gente ter uma reunião ordinária, quinzenal, né, e que a gente, e que as pessoas que... ah... os docentes que atua... que atuam a mais tempo na EJA, que tem essa experiência do lidar, que contribua pra formação... curso de formação continuada é pra os que tão chegando... nós tamos vivendo uma situação que então chegaram muitos professores novos, mas o fato de ele ser novo não significa que... se vá oxigenar ele, às vezes, é o contrário, às vezes ele vem novo e... tem produzido essa... essa meio que indisposição prévia que há e que tem que ser superada com formação, né. Então... essa decisão parece que, eu não sei qual foi o nível dessa decisão, mas só de haver a intenção é preciso que a gente transforme essa decisão em prática, né, porque me parece que o caminho, o caminho da da solução, tanto pro docente [?] porque o foco de vocês é o sujeito da EJA e o sujeito da EJA ele é um sujeito danado porque ele não é... ele não aparece muito, ele não fica batendo na porta pra entrar, ele tem que ser... tem que ser convencido, tem que ser trazido, tem que ser mantido, né, então, essa característica de não ficar batendo na porta pra entrar e se não deixar, se criar muito problema, eu vou embora, que é uma característica dos sujeitos de EJA, tem feito com que essas forças que atuam no sentido da não expansão dos cursos EJA, tenham conseguido um relativo sucesso da não expansão, então, nós estamos vivenciando problema de tamanho de turma dos cursos, né, a... a... [apontando para a aluna na mesa] você tava dizendo... olha!... porque é tão bom porque tem uma estrutura por quê a turma é tão pequena? É preciso militância. É claro que o pessoal do Goiânia Oeste tem tido uma militância, tem feito esforço, mas a Instituição não, a Instituição não! Esse esforço continua

sendo esforço militante, voluntário... éh... de grupos ali aqui acolá... mas ainda não é institucional. Se a gente melhorasse a nossa comunicação, se a gente popularizasse a nossa comunicação, se a gente soubesse onde tá o sujeito de EJA e quisesse trazer, talvez as turmas tariam mais... não tariam vivendo esse problema... e aí o sujeito de EJA, que tem essa característica extremamente diversa, né, ela apareceria mais, mas então tem que mudar a comunicação... e isso foi uma decisão que foi tomada lá, pelo menos assim apontou-se pra essa decisão. Cabe a nós... eu acho que tem que sair um documento desse encontro que... que de alguma maneira ele crie uma car... a carta de Belém, né, carta de Goiânia, e que tenha essa função... chamar a atenção pra essa... pra essa necessidade de institucionalizar as ações que envolvem EJA pra avançar nessa militância e nesse voluntarismo, que é muito bom, mas é muito bom pra começar a conversa, a gente tem que criar os mecanismos de... de... de institucionalizar pra poder, inclusive, essa militância... poderem atuar, né, mais no no no que que deve ser a atuação [?] atuação pedagógica e não a atuação éh... éh... de ficar fazendo o trabalho da comunicação que a Instituição deve fazer pra se abrir e trazer o público, o sujeito, gente.

Prof. Otávio: Éh... ontem... eu já tinha feito essa apresentação... eu sou Otávio, professor lá de Jataí... éh... a princípio... éh... a gente começou a trabalhar em 2006 na implantação do primeiro... éh... curso de de Proeja lá que era o Edificações, de lá pra cá a gente vem na militância... éh... por opção, tá... éh... agora, em... quando da implantação do Secretariado a gente teve a honra de fazer parte da implementação também. Sou professor de Educação Física das turmas de Proeja... éh... tá fazendo o maior sucesso, a gente tem uma afinidade, uma intimidade e interdisciplinaridade da Educação Física com as outras matérias, tanto é que eu tenho... éh... a ousaria de me intrometer e tanto tenho... éh... que a gente veio com uma equipe de pessoas que veio a somar com o trabalho que nós estamos realizando, eu, professor Ailton e... o Anil [?] que já se manifestou hoje... a gente tem uma coordenadora atuante, a Susie, que faz o trabalho... éh... minucioso de... resgatar professor, de resgatar alunos, de... a gente uma vez por mês ou quando necessário, tiver alguma atividade extraordinária, de reunir os professores e trocar experiências. Isso que você falou que é muito importante. Esse professor novato que chega... éh... ele tem a solidão pedagógica, às vezes ele não se enturma... é de modo arredo porque ele não tem o que passar... éh... e tem mais a ouvir e, como ele chega cheio de títulos, talvez... ah... modéstia dele não

chega a tanto de ele ir lá só escutar aquilo que uma pessoa, igual eu vi o professor Ailton lá tem trinta anos de profissão e que o inovador da área tem a oferecer. Neste sentido... éh... pra ocupar o meu espaço, eu gostaria de chamar... porque hoje à tarde um dos momentos mais importantes que teve foi os relatos de experiência, e nós temos um relato de experiência, aliás dois, vou fazer questão do professor Ailton fale... não tem que ser nesse momento, mas na sequência porque vai ser um momento iluminado pra todos, eu gostaria de chamar aqui a professora Rúbia... éh... pra que faça um relato de experiência de como ela vem atuando nas turmas de EJA na modalidade de Biologia.

Prof.^a Rúbia: Boa noite! Éh... eu quero começar a falar que eu sou... eu não nasci professora, eu sou uma pessoa muito tímida e eu me fiz professora ao longo da estrada e, então, é muito incômodo tá aqui com o microfone na mão e não... não é uma coisa muito tranquila, né! Então, desculpe as escorregadas! Éh... eu... o Otávio tá pegando no meu pé pra falar desde ontem... na estrada e... quer que eu fale e eu gostaria de colocar em cima da proposta da mesa que é “O perfil e o lugar do sujeito da EJA integrada a Educação Profissional nos Institutos Federais”. São dois sujeitos, que foi muito bem colocado pelo professor... éh... que é o papel do professor e o papel do educando, são dois sujeitos caminhando. Então, eu queria começar com essa palavra “caminhando”. Não há um caminho posto há um caminhar. Então, o... o... o que eu entendo, que como professor da EJA, é a primeira coisa que eu tenho feito e esse ano não fiz em função de... de uma rotina que eu tive que assumi, de aos cinquenta anos fazendo mestrado numa área que não é minha que é Geografia, eu sou bióloga, esse ano eu não consegui fazer isso, que é na primeira aula pedir a história de vida do aluno, então eu levo pra casa e leio e estudo a história de vida do aluno. Então, não é a história de vida do aluno no todo, teria que ter um livro, é a história de vida do aluno dentro do que eu vou trabalhar. Então, no segundo período é a parte mais voltada a questão ambiental e no primeiro período a questão voltada mais a biologia geral. Então, é eu sempre pedi esse história do aluno pra eu ter contado com essa história. A partir do momento que eu tenho contato com a história do aluno, eu volto pra sala de aula e... é uma coisa que a gente é medido, entre aspas mas é real, é... que a gente tem que trabalhar com... com o conteúdo programático, a gente é avaliado pelo alunos com essa... a partir desse ponto, então a gente trabalha esse conteúdo programático com os alunos e aí começa-se a

construir o trajeto... sabe não é nada pronto. Eu acredito que a gente tem que ter domínio de conteúdo mas a gente tem que ter largueza pra poder ajustar esse conteúdo ao longo do trajeto. Aconteceu, a Cinthia hoje tocou no assunto, eu comecei a trabalhar com a turma dela falando em compostos químicos biológicos e no primeiro período e ela ficava desorientada, ela arrancava os cabelos, ela queria me bater e era ótimo, porque a gente parou e recomeçou. Então a gente recomeçou e a gente trabalhou com levantamento de cardápio diário individual, depois partiu para levantamento de cardápio do grupo, éh... de quatro ou cinco pessoas cada grupo e nisso a turma e depois, no final do período, a gente fez uma janta... né... assim uma uma janta e provando que uma comida saudável não precisa ser chata, pode ser uma comida agradável e a gente trabalhou toda a vitamina, carboidratos, proteínas etc. etc. Então, assim... éh... a gente falou de dois sujeitos que é um sujeito educador e um sujeito educando. O sujeito educador é... hoje eu não sei se o professor Osmar que falou isso... a gente não... não foi ele... foi uma professora, eu não lembro quem foi... acho que foi você [apontando o dedo para alguém no auditório]... a gente não pode acomodar no “eu não sei”, “eu não vou fazer porque eu não dô conta dessa história”. Éh... realmente não é fácil porque você tem que se lançar numa proposta que você não sabe onde vai parar aquela história, né? Então assim chega o final do semestre você pode ouvir um aluno falar pra você, como eu [?] professor Terezinha estávamos compartilhando, o aluno chegar e falar “eu não aprendi nada de biologia”. Mas, depende da biologia que ele queria aprender. Então, eu queria terminar aqui a a a mesa redonda é proposta de educação profissional, então eu vou ensinar biologia voltada para a profissão que ele está se formando. Uma secretária tem que saber se nutrir, tem que saber se colocar diante de uma mesa, um monte de coisas que a gente pode tá trabalhando com biologia. E, agora, com o segundo período, a gente tá fazendo um projeto o qual professor Otávio tá diretamente envolvido que é da questão do indivíduo, da saúde do indivíduo, da psique do indivíduo, do... da rotina dele, e e e aí o professor Otávio tá topando, mesmo, é porque é umas coisa meio doida, de andar comigo junto com a turma, a gente tá fazendo um projeto pra pra trabalhar isso com o segundo período, que é cada grupo vai trabalhar uma vertente e aí depois socializar com a escolar. Se tiver 10 pessoas no corredor ele está socializando com 10. E ele vai ser avaliado naquele momento de avaliação lá no corredor passando o que ele aprendeu, então, cada um vai trabalhar dentro do seu grupo, mas tudo que ele constrói tem que passar para os

outros colegas da sala de aula. Então, a nossa proposta é essa agora, então como tá trabalhando com o corpo e com... depois no final a gente vai trabalhar a questão ambiental. Aí o professor Otávio também não funciona muito bem como eu, a gente dá certo, a gente entra nas mesmas loucuras juntos. E e e eu queria terminar com essa fala: é... eu sou cristã convicta e e Jesus falou que Ele era o caminho. Ele não falou que era a chegada. E isso é uma escola pra gente. A gente não tem... a gente tem que saber onde quer chegar, mas a gente tem que desfrutar do caminho e no caminho tem erros, tem quedas, tem críticas, tem um monte de coisa, e a gente tá aberto a isso... tá! Então, obrigada! [aplausos]

Aluna Roseana: Boa noite! Meu nome é Roseana, eu sou... tô no segundo período de técnico em cozinha, fazendo [?] e... eu tenho uma grande dificuldade no... com com o Proeja... éh... o fato de ser essa imposição de ser só a noite... o horário. Isso me incomoda muito porque a minha realidade me... me... traria uma facilidade pro dia e não pra noite... éh... por por eu ter dois filhos... éh... então eu enfrento uma situação muito complicada... éh... e... eu sei que muitos amigos meus trabalha a noite também e tiveram que largar até mesmo porque é é tem essa imposição de ser só a noite, tem essa abertura só pra noite né, e aí é engraçado porque quando a gente vai fazer a... participar do processo seletivo... tá lá... qual o período que você quer fazer, de manhã, a tarde ou a noite [risos] e só tem a noite, entendeu? O o o o... [comentários paralelos do auditório e da mesa]... éh... o o processo depois vocês pegam... assim... é dessa forma assim, qual o período que você quer fazer? Eu até fiquei feliz na época achando que era de manhã... [risos]... tal... mas é só a noite. Então, essa questão, porque é difícil assim... eu percebe na minha turma mesmo... éh... a gente que somos trabalhado... nós que somos trabalhadores, né... éh... tempo... a noite funciona Goiânia tá aí, né, ativa, então é isso, tá! Brigada! [aplausos]

Prof.^a Maria Emília: Esse aqui fica me enchendo as paciências por ser de raiz indígena, né! Tudo bem, minhas origens, né! Tronco... isso mesmo! A minha questão é, primeira, a questão da divulgação. Eu acho que isso é uma questão muito séria pra Educação de Jovens e Adultos. Eu tenho defendido que um dos aspectos é via rádio, jornal, TV, mas o corpo a corpo, no caso do aluno da EJA é fundamental, né! E aí, eu acho que ir as escolas, passar pelas escolas de ensino fundamental, é básico. Nós estamos aqui há algum tempo já discutindo... éh... a questão do... das datas né...

de quando se abre as inscrições pra aquela seleção e no caso do Proeja-FIC precisa ter esse contado mais direto, né! É um curso e parceria com o Instituto e não foi feito isso. E alguns alunos que poderia estar aqui pro ano que vem podem não estar. Então esse é o cuidado que acho que a Instituição tem que ter, né! A outra questão... aí eu queria muito que Claudinha complementasse essa questão, da divulgação... e um outro elemento que foi perguntado pela manhã e não foi possível, pelo tempo, responder, e como você tocou, vou passar a peteca pra você também... [se dirigindo à Cláudia, integrante da mesa]... éh... tá bom... eu respondo por partes e você responde a outra. Porque pela manhã eu coloquei a importância de uma Educação de Jovens e Adultos com qualidade social. E aí foi colocado por uma... acho que foi uma educanda... que quando ela viu que o curso, no caso do IFG, tinha quatro anos, ela quase desistiu, só não desistiu porque ela viu que era educação profissional com a elevação da escolaridade no nível médio, né... então isso fortaleceu a vinda dela pra cá... éh... e é uma questão do tempo, porque eu dizia da... a grande questão que nós tivemos com o supletivo e com as campanhas... do aligeiramento, né? Na verdade o que a gente compreende é que o tempo é o aluno que deve fazer esse tempo, ter o tempo necessário pra que as aprendizagens ocorram. Como que é isso? No caso da rede municipal de Goiânia eles... e não só na rede municipal mas a própria LDB garante na educação básica como um todo, o aluno pode avançar a qualquer época do ano, tá? Então, o curso é ofertado, no caso da rede municipal é anual, mas se o aluno, se se diagnostica que o aluno tem um nível já suficiente pra avançar ele não precisa ficar um ano naquela turma. Ele avança e continua na turma subsequente. E isso eu acredito que deva ser pensado também, né, no caso pra educação profissional. O que a própria LDB garante... há um artigo na LDB que garante isso, tanto é assim que hoje se o aluno faz um vestibular e ele passa, ele tem direito, né? Pela comprovação de que ele tem um nível condizente que pode chegar a Universidade. Por que não avançarmos quando esse aluno tem essa condição? Agora, a gente precisa muito olhar a partir do diagnóstico que é aquilo que a companheira dizia: “de onde ele tá vindo?”, “o que ele já sabe?” e “o que ele precisa saber?”, né? Agora isso não é só porque existe uma ementa pronta e acabada, mas dentro de uma proposta educacional, daquilo que o curso está aprontando como fundamental, o que esse aluno não pode sair daqui sem saber! Né? Agora, além disso... e não pode sair... mas ele vai saber... ele vai aprender isso só aqui? Será que da vida ele já não trouxe um monte de conhecimentos? E às

vezes o que ele já sabe... às vezes é até suficiente, só está desorganizado. E a gente desconsidera isso e começa a partir do nada, do zero, né? Então, acho que a gente precisa fazer um bom diagnóstico do que ele já sabe pra poder avançar e até, de certa forma, aligeirar esse processo. E aqueles que já sabem e ficam por muito tempo acabam, né, demorando muito numa coisa e ele desiste até por isso também. Queria que você comentasse um pouco sobre isso.

Prof.^a Mad'Ana: Ok, obrigado Maria Emília. Teixeira!

Prof.^a Cláudia: Gente, eu queria mostrar o portal. O Teixeira, nosso colega aqui lá lá da rede municipal, educando lá do Proeja-FIC, ele tem muitas poesias lá, viu... muitas. Tá tudo lá no Portal. Vale à pena vocês darem uma lida nessas poesias... né!

Teixeira: Obrigado professora! Boa noite, pessoal! Éh... hum hum... quando eu me apresentar aqui tomando um pouquinho mais de tempo, mas que [?] vocês saibam um pouco mais quem sou eu, né? Bom, eu sou aquele sujeito que no ano de sessenta e nove (69), lá em Paraíso do Norte, hoje Paraíso do Tocantins, começou a estudar, aos quase doze (12) anos de idade e... hum hum... e aí no primeiro semestre de 69 eu fiz o o o primeiro e o segundo ano, no segundo semestre eu fiz o terceiro, e aí mudamos aqui para Taquaral, então, no segundo ano que eu estudei eu fiz o quarto ano e no terceiro ano que eu estudei eu fiz a minha primeira série do ginásio. Aí em setenta e três (73) eu parei de estudar e fiquei quarenta e três (43) anos fora da da da sala de aula. O ano passado eu tive uma experiência que durante esse período eu desenvolvi o dom da escrita né. Aí o ano passado eu tive uma experiência assim... eu escrevi o projeto "Quem sou eu" no meu primeiro livro né, na iniciativa da cultura do município, a qual tá me servindo agora, né... éh... a publicação desse livro. Logo na na na primeira eliminatória... éh... antes de sair o edital, uns três dias depois, eu liguei lá na rede de incentivo à cultura e aí a pessoa que me atendeu, uma voz feminina, quando perguntei, o projeto "Quem sou eu" foi aprovado... éh... ao ver... consultar lá... ela falou: "não foi aprovado." Eu perguntei: "Aí fala o motivo?" Ela falou: "Bom, você não é... o seu nome não é conhecido, e o seu nome não representa nada para o Estado de Goiás." Aí então quando ela me falou assim eu fui lá em baixo. Mas só que aí eu conversando com ela eu reagi. Eu pensei assim, então cabe a mim descobrir algo pra que algo melhor venha acontecer, né. E... aí aconteceu. No início

desse ano surgiu a oportunidade de eu me ingressar no ensino EJA, né! Mais Pronatec, fazendo Informática. Aí eu comecei no... aí tô fazendo pressão de falar sobre isso aqui porque... me lembro que a professora... já foi falado aqui que a professora falou em relação aos avanços... aí o o... a primeira série do ginásio aquela época, em setenta e um (71), corresponde exatamente à quinta série do do do... do fundamental hoje, né? Então, aí eu comecei a quinta séria... éh... já me foi feito o avanço pra sexta, sétima e agora eu estou na oitava com o intuito de concluir o ensino fundamental ainda esse ano pra que ano que vem eu esteja ingressado aqui, tá! [?] [risos] [aplausos]. E... obrigado. E como poeta que sou, vamos dizer assim né, então existe aqui algumas interrogações a respeito dos sujeitos EJA's, né!... EJA... então, quem são esses sujeitos? Na verdade, mais diretamente são os docentes e os discentes, né! E tanto... "Quem sou eu", que é o título do meu livro e e... éh... essa pergunta que eu escolhi alguns anos atrás, eu fazendo a mim mesmo "quem sou eu?" eu não consegui responder... aham!... mas esse tempo foi desenvolvido, né! Então, hoje, num sentido amplo, EJA, eu acho que cada um de nós estamos aqui em busca desse "quem sou eu", tanto os docentes como os discentes, né! Então, éh... eu gostaria de de... ver aqui um poema referente ao "quem sou eu", que foi uma... éh... o primeiro texto que eu digo, assim, que eu desenvolvi diante dessa indagação... então o título é "quem sou eu" [alguém do auditório mostra para Teixeira o poema projetado] [] só nesse aqui duzentos e vinte e seis poemas [se referindo aos material em suas mãos]:

Quem sou eu?

Nasci pelado,

Por muitos já fui rejeitado.

Por poucos não fui adorado.

Quem sou eu?

Não fiques calado,

Meu coração está dividido,

Dentro dele tudo faz sentido.

Quem sou eu?

Pergunto a você amigo,

Com voz trêmula e olhos umedecidos,

Se souber, por favor, me diga.

Quem sou eu?

Bom, aí tudo... muita coisa aconteceu no correr... éh... no período que eu estava escrevendo esse livro, né! Aí, o final dele... eu concluí assim:

Sei que ainda não sou quem eu gostaria de ser,

Mas sei também que jamais serei quem tu dizes que sou.

Bom, gente! Olha, então, com certeza o ensino EJA tá me proporcionando momentos assim... éh... de grande importância na minha vida e eu não sei se se EJA está preparada para me ajudar a descobrir quem sou eu mas com certeza... éh... ela vai... tá me ajudando a progredir bastante éh... diante dessa indagação, tá! Então, eu tô muito agradecido de ter tido a oportunidade aqui diante de vocês, apresentando e recitando esse poema... e... ah... éh... participei também do do do quarto (IV) seminário, aliás, do décimo segundo (XII) encontro de educação, né!... EJA... e aí lá eu fui nomeado, tive a graça de ser nomeado... éh... membro do conselho metropolitano no ensino EJA, então, hoje eu sou um dos conselheiros do conselho metropolitano. Fui também... nome... éh... fui também nomeado um dos delegados para representar o conselho metropolitano... éh... no terceiro ENEJA realizado em Cuiabá, o qual eu me orgulho demais, tem sempre me honrado o ensino EJA, né! E e... me foi enviado o material referente ao quarto (IV) seminário de educação brasileira. Quando eu visualizei aquele material eu pensei, gente esse povo é doido, só... botá na minha mão um material desse aqui... aí eu lembro... eu comecei a desenvolver textos poéticos, né, com base naqueles textos acadêmicos, né... [riso]... e aí... éh... escrevi o o primeiro livro né “Questões EJA em prosa e verso segundo a visão e o entendimento do poeta” e aí já está, inserido aqui no portal. Escrevi o segundo também com o mesmo título só que “Questões EJA”, volume um volume dois. Os dois já estão aí no portal, agora eu tô escrevendo o terceiro, tá! Então, muito obrigado por esse momento! [aplausos]

Prof.^a Maria Emília: Gente, esse é um espaço de todos nós. De educandos, educadores, de qualquer lugar desse Estado. Quem quiser encaminhar material para que a gente divulgue o que está fazendo em relação a EJA, está aqui [apontando para a projeção do site na tela], um espaço criado pra nós. [aplausos]

Prof. Marcelo: Pessoal, boa noite! Meu nome é Marcelo, sou lá do campus Anápolis, professor da área de transportes e logística. Com o curso superior eu trabalho com logística e com o curso técnico, na modalidade EJA agora, vamos aprender a nova

nomenclatura, eu trabalho com transporte de cargas. Eu quero fazer duas colocações... me desculpa, eu não anotei seu nome [apontando para alguém da mesa]... [a pessoa responde: Ana Carolina]... Ana Carolina, ela falou assim que ela se sentia uma sortuda. Que que eu tenho passado pros meus alunos e de repente sirva como experiência para todos nós aqui? No semestre passado eu tive uma aluna... você falou a questão[?] de revezamento, né, um dia vem quatro, outro dia vem três, outro dia vem dois, no dia da prova vem nenhum... aí o professor, e agora? Lança zero pra todo mundo? Não, vamo entender o que aconteceu. [?] seguinte a gente conversava e uma aluna virou pra mim e falou assim... professor isso aqui dá prejuízo... eu falei, como assim?... Eu vou sentar, porque o meu joelho não tá essas coisas não [??]... isso aqui dá prejuízo. Eu falei, me explica. Ela falou assim, não, um dia tem dois alunos, outro dia tem três, outros dia tem um, cê tá perdendo seu tempo vindo aqui, isso aqui dá prejuízo pro governo, pro governo. Então eu falei, vamos lá, calma, aí eu tirei uma outra fala, tava ali no slide, de instituição de direito, não necessariamente com essa expressão, eu tentei mostrar pra ela, espero que eu tenha conseguido, não vou dizer que consegui, que... seria pretencioso da minha parte. Mostrar pra ela que aquilo lá com um aluno, aquilo lá ou aquilo lá é a sala de aula é direito dela. Professor mestre, professor doutor, professor especialista, professor tecnólogo. Eu sinto um prazer enorme de estar aqui nesse ambiente, porque eu fui aluno... sou velho gente... sou aluno do curso técnico aqui, a vida deu uma volta não consegui terminar aqui, terminei o [?] em Brasília já vinte e dois anos. A vida deu n voltas e eu comecei três cursos superiores, eu [????] ... então eu não vou me delongar aqui que o tempo é curto. Como eu não terminei o curso superior voltei pro pro o antigo CEFET, tinha virado Instituto Federal, e terminei o curso de tecnólogo em abril de 2012, quando foi em outubro de 2012 eu tomei posse, eu saí por uma porta aluno e entrei por outra professor. Eu sou docente efetivo lá em Anápolis. Então, o que que eu quero trazer dessa fala, dessa instituição de direito... você não é sortuda [se dirigindo à aluna na mesa], é direito seu, você pode estar lá, e o seu colega que não está... aí aqui vai a questão dos desafios... cadê o Josué... tá aqui... é... eu tenho dois anos que estou nessa caminhada de docente, estou me tornando docente, e não é pra mim fácil, eu me veja mais nessa parte dos desafios, sem uma noção [?] sobre práticas pedagógicas, como trabalhar, como tratar, essa questão da humanização do ensino, essa questão de avaliação, enfim, são muitos e muitos e muitos encontros que tem que serem feitos ainda pra gente poder chegar

ao nível de excelência. Mas, eu quero citar aqui dois... dois desafios na na minha opinião, colaborando aqui com as palavras da da professora: divulgação do nosso processo, penso eu que ele não pode ser... eu já presenciei isso no nosso campus lá, Anápolis... vou por o dedo no umbigo, eu estava próximo, confesso que no momento eu não falei nada... como eu faço pra estudar aqui à noite?... ah... entra lá no site e olha. Muito provavelmente, não é fazendo um juízo de valor aqui, o nosso aluno... o nosso, entre aspas, sujeito da Educação de Jovens e Adultos, de repente não tem Internet, quiçá computador, ah, tem uma lan house ali na esquina da casa dele, será que ele tem dinheiro pra pagar essa lan house e acessar? Aí a crítica vai aí não só ao EJA mais ao nosso site... ele é muito confuso... na boa... você não acha nada do que você quer ali ou então muito pouca coisa. Então, ao invés de integrar a gente tá alijando o nosso futuro sujeito desse acesso. Aí vai [?] a crítica, agora... a a a pergunta... a minha crítica é uma provocação que é o termo bem utilizado... que eu tô aprendendo a utilizar agora na docência... vai aqui uma questão... pensa, um metro e oitenta e cinco, cento e cinco quilos, tava escrevendo lá no quadro, de repente eu olho pra trás, na hora que eu ia pisar, quem tava lá trás de mim? Uma criança de três anos de idade, filha de uma aluna, eu não pisei nele, mas só o fato de eu quase pisar nele ele começou a chorar, eu olhei pra ele, a sala entrou em pânico, então, eu não dei conta de dar mais aula, tive que parar uns dez minutos. Se eu piso nele machuca, talvez, me derruba e eu caia em cima dele. Qual a prática que é feita... tenho pesquisado e confesso que não achei... com os filhos e filhas, já seguindo esse desafio, da condição pra que eles e elas estejam em sala de aula... quais são as práticas ou as boas práticas que tem sido adotadas? É é... essa é a minha pequena contribuição para esse diálogo e... já falei pro Josué... lá em Anápolis eu [?]... tá gravando não, né... vamo provar quando chegar lá em Anápolis que a gente não tem ar condicionado, gente... a falta do ar condicionado aqui tá terrível... não sei se alguém teve coragem de falar diretamente, mas dói, dói o coração o Instituto, uma Instituição desse tamanho, desse porte, não conseguir receber com excelência que nós poderíamos, a falta do ar condicionado aqui. Obrigado! [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: É... Kênia depois o Josenaldo. Aí a gente pede para ir para as considerações finais.

Prof.^a Kênia: Boa noite, pessoal! Essa discussão sobre o perfil do estudante, né, da

Educação de Jovens e Adultos... éh... coloca pra nós a importância de se pensar todo o envolvimento que se deve ter em todos os aspectos... éh... presentes no processo de formação, nos processos de formação, né. É uma questão que não deveria pertencer, só, aos fóruns de Educação de Jovens e Adultos. Pensar o educando é uma questão que deveria pertencer a todos os níveis de formação, né, educação do ensino médio regular, os nossos jovens adolescentes, né... éh... deveríamos pensar a realidade de nossos jovens e adolescentes, né... multifacetada, né, polêmica... nós temos novas tecnologias, novas... éh... reações culturais em curso, nós temos... éh... lacunas de relações interpessoais que está sendo construída socialmente pelas novas mídias nas relações desses jovens com a família, não é, a gente já tem estudos, a gente já tem éh... éh... projeções de como que há uma nova organização dessa sociedade, que tem afetado as relações de de formação familiar, de formação religiosa, de formação cultural, então assim, a questão de pensar o perfil do do estudante é uma questão muito cara, e que, se sempre tivesse sido colocada, não é, como uma questão relevante nós teríamos... éh... é um outro quadro pra se pensar também outras reações que decorrem dessas, reação professor-aluno, né, a a a... a a... o reconhecimento mesmo desse suj... dos sujeitos serem formados ao longo do processo... éh... educativo, que tem que se estender pela vida inteira, não é. Então, a a Educação de Jovens e Adultos ela traz... éh... contribuições pra rede federal porque ela... ela vai problematizar ao mesmo tempo grandes questões que a rede nunca enfrentou. A rede nunca enfrentou, né, essa discussão de quem é o perfil de seu estudante, não é, seja ele lá das antigas escolas técnicas federal, seja ele do CEFET, e agora, dos Institutos... a Rede nunca pensou o perfil de seus estudantes. E aí, a Educação de Jovens e Adultos traz essa grande questão... nós temos que pensar o perfil do nosso do nosso estudante. E aí nós vamos mover toda uma discussão que vai pra além da Educação de Jovens e Adultos, não é. Outra questão que eu acho interessante, que que retomamos, é a questão do currículo integrado. Esse currículo integrado que vai trabalhar a formação profissional, a formação humana, a formação propedêutica, de uma maneira nova, que o Instituto também na rede federal também não garantiu, né, não garantiu quando era escola técnica, não garantiu quando era CEFET, e não garante agora, pros pros demais cursos para além da Educação de Jovens e Adultos. Estava falando para a professora Jaqueline, a discussão do currículo integrado gente ela deveria estar na ordem do dia do Instituto para o ensino médio regular. Nós temos um ensino médio regular carente de

discussões pedagógicas, de discussões teóricas, de discussões que vão né alavancar a as as grandes demandas que nós tamos tendo nessa nessa área de formação também, nós também temos evasão no ensino médio regular, nós também temos problemas com os adolescentes aqui da Instituição e aí a Educação de Jovens e Adultos levanta essa outra grande questão, de maneira extraordinária, que é o currículo integrado, que é uma demanda de formação de todas as modalidades de ensino, pelo menos deveria ser. Nesse sentido, a gente só tem que dizer o seguinte, o ganho institucional a Educação de Jovens e Adultos pertencer, não é, ao leque das das formações que nós estamos trabalhando, porque ela vai ventilar questões caras que a educação precisa resgatar e quanto a a a relação propriamente dita com a Educação de Jovens e Adultos... éh... ontem nós colocamos a questão do perfil, de quem é esse sujeito, o lugar desse sujeito na Rede, etc., mas mas é... é... nós estamos sempre dizendo que a questão é política, né, a questão é política. Nós não tivemos ou não temos que enfrentar um posicionamento político do ensino regular, né, aparentemente nós achamos que não temos que enfrentar um posicionamento político diante do ensino regular. Temos, né... por trás de tudo isso tem sempre determinações políticas, ideológicas, que ou permitem ou cerceiam determinadas grandes discussões, e a questão política ela é... ela é o pano de fundo pra Educação de Jovens e Adultos porque se trata de um direito negado, uma educação negada. Pra gente entender essa educação negada é preciso que a gente entenda de história da educação brasileira. É preciso que a gente entenda, não é, da constituição da sociedade brasileira. Das relações de poder e de força e da constituição de classe social. É preciso que a gente se inteire, que a gente se se se se empe... vamos dizer assim... se inteire, se impõe das questões de sociedade, de Sociologia, de Filosofia, de História, não é possível a gente pensar um percurso formativo desse, não é, que recupere direitos negados, educação negada, sem que a gente mergulhe nesse estudo histórico, sociológico, filosófico, literário, estético, não é, pra gente dar conta dá... das das das tentativas do movimentos pra superar tanta exploração tanta exploração, tantos não, não é, e a construção de uma sociedade como a nossa, né, que que não precisa falar muito, ela é bem complexa, bem... e bem difícil, né, de enfrentar na sua realidade que é tão dura. Agora, com relação ao ao homem, ao sujeito, ao ser humano, eu fico pensando, tudo que é complexo nos desafia a nós mesmos pra que a gente se enxergue nessa complexidade ou não. Lidar com o sujeito trabalhador [??] com toda essa problemática de de falta de

tempo, falta de condições objetivas, nossos alunos acordam cinco horas da manhã, trabalham o dia inteiro, chegam aqui as dezenove horas, e ficam até as vinte e duas e trinta, não é, no mínimo na rua ainda pra chegar em casa, quando a aula se encerra as vinte e duas. Então, a gente percebe assim, é um sujeito de experiência, carregado de luta de sobre... de luta pela sobrevivência, e nós professores temos que entender que, no mínimo que cabe a nós... éh... todo esse trabalho de formação que a gente recebeu, recebemos na Universidade, tivemos uma formação também, um trajeto um percurso, isso é social, isso tem que ser revestido em prol dessa sociedade. Então... éh... só pra fechar, né... que a Jaqueline já tá me sinalizando aqui que eu tenho que parar, mas eu... éh... a experiência estética de trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, assim, quanto humano, essa subjetividade, ela está lá nos grandes clássicos da literatura, Dostoiévski, Machado de Assis, não é, [?], entendeu?... tá lá nas [?], em Prost, então, eu penso que além de a gente precisar de se informar da Sociologia, da Filosofia, da História, a gente precisa tomar banho da água da literatura, sabe?... pra ter outros elementos que não nos assu... não faça que a gente se assuste... Machado de Assis, né... que não não não nos deixa assustar diante do humano... porque a gente ter medo do humano... é é... tá com com com uma formação muito limitada. A gente tem que encontrar os elementos pra lidar com esse humano e aí a formação estética do homem [?] e a formação estética do homem é fundamental pra nós professores. Precisamos ler a alta literatura pra não ter medo do humano, porque se a gente lê os caras a gente vai ver que é encontro e ganho e muito ganho e é uma aventura belíssima, trabalhar com o ser humano que teve tudo negado e que você tá disposto a dizer: pois é mas poderia ter sido diferente, e eu agora, na sua vida posso tentar fazer um pouco do ser diferente. É isso! [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: [faz leitura de anotação de um membro do auditório] Em relação a essa modalidade... essa modalidade... a pesquisa da professora Cláudia tem fundamento, pois eu fiquei um tempo afastado da escola, percebi ao retornar que as pessoas mais... de mais idade não tem o mesmo valor que o jovem, e apesar de ter desejo aprender a aprender já que o tempo perdido não se recupere. Pude observar que os professores querem investir nos jovens, talvez para que eles sejam preparados para o futuro e os velhos já estão mais pertos da cova. Eu também quero lembrar que ainda há nas pessoas mais velhas aqueles dogmas de escola antiga, tradicional, em que o professor é uma autoridade, assim o aluno espera que o

professor solicite sua participação ao contrário dos jovens atuais que estão mais ativos e buscam com mais facilidade as oportunidades. [depois da leitura] Bonito, esse [?]

Prof.^a Cláudia: Então, é é... só partindo disso aí que foi colocado... é é... eu acho que o bacana é perceber essa diversidade como a Ana Carolina falou, né... bacana que ela disse... perceber essa diversidade e conviver com ela, né... um pouco dessa diversidade que tá lá dentro da nossa sala de aula... tá o idoso que ele acha que tá com o pé na cova, né, mas ele tá nas nas nossas salas, né, os jovens, e a gente não pode dar importância para ou e para outro, né, mas é é tentar dialogar com toda essa essa diversidade etária, né, e diversidade como um todo. Olha, se dizer que pra mim foi um aprendizado, toda essa escuta aqui, né, dos colegas que vieram aqui e disseram, né, sobre sua... acabaram colocando, expondo a sua experiência de trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos... foi muito rico, né... e ouvir os alunos também, mas tem uma questão que o Hércules colocou que eu achei muito bacana, viu, Hércules, e eu acho que você tem que levar essa discussão e chamar outras pessoas pra criar o eco aí sobre a questão do Inglês, né, e pensar nisso, porque é pres... é... é preciso rever currículo, é preciso rever, repensar isso, né, e e o que você traz sobre a questão dá dá certifica... ser reconhecido pelo MEC, né, a certificação que eu disse aqui que rápidas e aligeiradas, então, eu vou responder isso pra você e já puxar uma discussão pra gente fechar, tá! O que que acontece, né, sim e não, porque... não, porque na verdade não é não pode ser reconhecido... éh... um certificado que o cara compra na verdade esse certificado, não é... só que por outro lado o MEC não dá conta de fiscalizar todo... todo isso... todas essas essas instituições que estão por aí, entendeu?... então acaba passando isso, mas essa é uma discussão que a gente tem feito e aí eu vou contar pra vocês, que a gente assim... a gente... a gente do fórum de EJA a gente vai se metendo nas coisas, né, e aí tem uma coordenação nacional de Educação de Jovens e Adultos, que foi criada pelo governo Lula, bem é... desde que ele entrou, né... e essa coordenação ela faz um diálogo direto com o ministro, né, com o pessoal da da da... hoje... SECADI, né, com o Conselho Nacional de Educação, inclusive nessa segunda-feira... e eu sou vice representante na CNAEJA, só que eu sou uma vice que eu tô lá o tempo todo participando das reuniões porque a a atual presidente mora lá no Recife e até pela dificuldade de vir, né, também tem... como eu tô aqui em Goiânia e viajando para

Brasília quase que direto... segunda-feira estava lá... manhã... de manhã com o Conselho Nacional e à tarde com o Ministro... e essa foi uma das questões que a gente tratou com o Ministro, né, esses cursos aligeirados que tão por aí, né, que certifica. E, outra questão que a gente tratou também, foi a questão... éh... que você traz da Instituição, Tião [apontando para o auditório], reconhecer e buscar esse educando, não ficar só nessa... nesse doméstico, mas que também é necessário, que a própria Emília trouxe aqui pra gente, da importância de tá nesse tête a tête com o educando da EJA, né, mas que também da importância disso tá na boca da Instituição. Sabe que que a gente falou para o Ministro: a gente precisa escutar da sua boa a Educação de Jovens e Adultos. Que ele saia que ele diga a Educação de Jovens e Adultos, né, foi isso que nós fomos pedir pra ele porque precisa ter essa visibilidade começando de lá pra quando a gente chegar aqui nos nossos governos e prefeitos, eles também a aprendam isso, né, eles também comecem a dizer e reconhecer que tem um olhar para a Educação de Jovens e Adultos. E, talvez, a gente possa diminuir sim essa questão da descontinuidade, que eu não vou chamar nem de evasão, eu acho que a gente tem que ter um outro olhar da... pra essa descontinuidade que tem a Educação de Jovens e Adultos. Isso que a Ana Carolina estava falando, vai quatro, depois vai, né... que o Marcelo também falou aqui, né, e no dia da prova não vai ninguém, né. É porque isso tudo precisa ser repensado, precisa ser redi... rediscutido, e Rúbia falou uma questão muito interessante, “não há um caminho pronto”, né, esse caminho ele se faz na caminhada e no diálogo com o outro e no diálogo com esse outro, não é só com o seu parceiro não, é com o educando também, né, é isso que a gente não pode perder de vista. E aí, Tião, fico feliz demais dessa re... reunião quinzenal, porque quem já fez curso comigo já sabe quanto que eu falo, toda vez que [?] fala do currículo integrado... gente, se dentro dos Institutos não criar um espaço pra um planejamento, nem que seja quinzenal, não adiante dizer pra mim que tem currículo integrado porque não tem, não se faz, né, e isso que Rúbia acabou de falar aqui que tem afinidade aqui com... Otávio, né... [?]. eles vão entrar junto, eles vão ter uma aula compartilhada, mas eles estão pensando junto, e é bacana porque eles estão pensando também junto com o aluno, o aluno também quer fazer isso... essa essa... compartilhar, né. Então, eu penso que se a gente não fizer essas mudanças todas, né, da da própria estrutura, né, nossa e nosso fazer pedagógico e coletivo, a gente não vai ter muitas mudanças. Mas, aí eu tava dizendo pra vocês uma outra, viu Josué, que a gente tratou com o Ministro, foi

essa questão de ter possibilidades de encontros de Educação Profissional e o... e o caráter do que a gente busca, a concepção do que a gente disse pra ele, não é o que tá o Pronatec, né, mas é a que traz o Proeja, dessa integração, né. Ele [???]... éh... bom bom escutador, né, e e também a questão do FUNDEB, também a gente levou, levamos essa discussão. A questão do FUNDEB foi mais concreta, ele disse que já tá tendo uma discussão de revisão e já começou a fazer essa revisão com a Educação Profissional integrada à EJA, já passou para 1,2% que é o mesmo do... de todo o ensino médio, né, então já começou a fazer isso, realmente já tá tá tendo essa discussão, tá. E, mais assim, no mais a gente que a luta continua companheiros, não é, vamos arregaçar as nossas mangas. Mas eu fiquei muito feliz aqui de ver militâncias, né... o Otávio começou a dizer na fala dele isso, eu sou militante, né, eu acho que esse é a perspectiva que a gente não pode perder enquanto educador da Educação de Jovens e Adultos. A gente tem que levar a frente essa militância e conquistar os nossos parceiros, nossos pares, ganhar mentes e corações, né. Um abraço. Gente foi um prazer muito grande. Obrigada, tá! [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: Obrigada, professora! Vou pedir para Ana... suas palavras finais!

Ana Caroline: É... eu só queria agradecer pela oportunidade... éh... éh... tudo que foi dito aqui realmente condiz com o que a gente passa lá na nas nossas aulas e acho que o interesse é só melhorar porque a gente tá vendo essa busca aqui através dessas reuniões. [aplausos]

Prof.^a Mad'Ana: Obrigado! Amanhã estamos juntos novamente à tarde. Obrigada!

4 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 17/10 - TARDE

(Apresentação cultural)

Cerimonial: Tema de “Permanência, retenção e evasão na EJA integrada a Educação Profissional”. Primeiramente, convidamos o professor Josué Vidal Pereira, coordenador da EJA no IFG, pra fazer a mediação da mesa. [aplausos] Em seguida, convidamos as professoras, Márcia Melo, coordenadora da EJA da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia [aplausos] e a professora Carla Dias Cassiano, coordenadora dos cursos de EJA do campus Inhumas do Instituto Federal de Goiás [aplausos]. Por fim, também convidamos o estudante da EJA do campus Uruaçu, a estudante Yasmin [aplausos].

Prof. Josué: Boa tarde a todos, todas também! É... diante dos problemas técnicos que a gente vem enfrentando aqui não faz sentido a gente omitir isso, né, e em alguma medida comprometido a qualidade no nosso evento, né, é a questão das quedas de energia, né, e também, outras questões, mas acho que principalmente essa queda de energia e o problema com o ar condicionado, né, mas mesmo assim acho que a gente tem um bom número aqui pra gente... éh... debater as questões que favorecem a evasão, né, professora Cláudia falou em descontinuidade, né, evasão não seria uma palavra muito adequada na opinião dela, né, e a retenção, né, reprovação na Educação de Jovens e Adultos, e por que não também a permanência, né, então nós convidamos aqui a professora Márcia Melo, antiga parceira aqui do nosso evento, né... éh... sentimos falta inclusive de você na abertura do evento... éh... mais enfim tá aqui pra contribuir conosco, né, temos a professora Carla do campus Inhumas, também vai compartilhar as experiências, né, lá dos cursos de EJA e a aluna Yasmin lá do curso de Técnico em Comércio, né, lá de Uruaçu. Mas, antes da gente... éh... iniciar essa mesa, nós gostaríamos de compartilhar com vocês na [?] sem entrar em comentários e análises uma pesquisa muito importante que nós fizemos... éh... sobre esse tema, né, ou talvez tentando também levantar essa questão... éh... inicialmente a ideia era... nós disponibilizamos essa pesquisa pra todos os campus do IFG e a ideia é que todo mundo, né, respondesse o questionário, né, porque é muito simples, é um instrumento bem simples lá do Google, que emitido então pra todas as coordenações, pedimos uma... né... mobilizamos pra tentar com que as coordenações

viabilizassem, estimulassem com que os alunos respondessem, mas nós temos alguns campus que não responderam, né, infelizmente nós vamos ficar neste questionário, apesar de ter um número considerável, acho que em termos de amostra bastante interessante, são 180 pessoas, responderam o questionário, então, é interessante, mas ele... éh... eu acho que a gente tem que considerar alguns aspectos, né... éh... um dos campus onde a EJA tem alguns problemas e tem também alguns avanços, né, diga-se de passagem, tem cursos consolidados mas também têm cursos com muitas dificuldades, que é o campus Goiânia e não respondeu o questionário, então, esse é o primeiro elemento que eu gostaria que ficasse... ficasse claro. A outra que a gente também não tem... éh... como... éh... uma parte do público da EJA tem mais dificuldade com tecnologia, principalmente, os mais... os mais adultos, a gente sabe que a geração mais nova tem tanta facilidade quanto, né, quanto todo mundo em relação a esse acesso e aí, então, nós orientamos que os coordenadores e os professores... éh... levassem as turmas aos laboratórios pra fazer estas entrevistas, então, acho que cabe essa ressalva aqui porque as vezes a presença do... do servidor, coordenador, professor pode interferir de algum modo no que o aluno vai responder, né, embora o questionário não seja... não tem identificação e... e... e... [???] essa liberdade, né, mas acho que alguns elementos importantes... importantes pra gente pensar essas questões que o questionário traz... éh... então, a gente... a primeira parte pra tentar passar um pouco o perfil do público da EJA no IFG, né, lembrando que a ideia inicial é que... éh... o IF Goiano também participasse mas as coisas aconteceram muito atropeladamente e a gente acabou não conseguindo... éh... compartilhar a tempo pra que eles fizessem aqui uma amostra mais significativa. Então, nós temos... éh... 38% do público formado, né, pelo sexo masculino e 62 feminino, então, isso é uma indicativa de...; na faixa etária, interessante isso né, 18 aos 25 anos, 11%, né... ah... 27 aos 35, 19%, 36 a 45 anos, olhe só, a faixa mais... as faixas mais interessantes em termo de representatividade... éh... éh... essa faixa de 27 a 35 anos, é isso mesmo? [??] Que tem 36%, né, e nós temos a de 36 a 45 anos que tem 23%, e 27 a 35 anos, com 19%. Então, tem uma heterogeneidade aí, de fato, né, dessa composição etária; estado civil, a maioria de casados, né; pode passar, por favor; éh... quantidade de filhos, então, éh... nenhum filho, 25%, né, e acho que tem haver com esse... com a... com a quantidade de jovens, né,... éh... um filho, 21%... éh... dois filhos, 28%, cinco filhos ou mais, apenas 2%; renda familiar, eu acho que esse aqui é o dado interessante, né, que ajuda a

gente entender e até identificar mesmo, né... ah... esse pública, né... então... éh... 61% o público declarou que... éh... tem renda entre setecentos e vinte e quatro reais (R\$ 724,00) e mil e quatrocentos (1.400,00), ou seja, entre um e dois salários mínimos, né... éh... lembrando que essa renda é familiar, tá. Éh... situação ocupacional... éh... é um outro fator interessante pra gente pensar esse público... éh... 21%... éh... declara... se declara autônomo... éh... 42% trabalha com carteira assina... assinada, 17% desempregados... éh... e outros, né. Ah... aqui é o período onde os respondentes estão cursando, né, então aí... éh... em relação ao desempenho [???] a relação dos alunos ao ao seu desempenho, né, como o próprio aluno avalia o próprio desempenho no curso: 44% diz que é bom, 38 regular, 18... desculpa... 44% muito bom, 18% regular e 38% bom, ninguém tem um desempenho ruim; em quais disciplinas você encontra maior dificuldades? Na área de exatas: Matemática, Química, Biologia, 45%, na área de humanas, 19%, e outras áreas, né... [???] exatas... né... é uma área de maior dificuldades; Principal fator apontado como causa das dificuldades de aprendizagem: 50% não tem tempo para estudo fora do horário das aulas... né... 32%... ah... outros fatores que não quiseram [?], não teve como declarar... as as possibilidades que tinham no questionário eram essas, né, professores não tem metodologias estratégicas para [?] os conteúdos? Era uma possibilidade, né. Essa por acaso 5% apenas identificaram, né. Éh... o professor domina os conteúdos mas não interage com a turma? 5% também, né. O professor ensino os conteúdos mas não trabalha com as dificuldades dos alunos? 7%. [passe para outro slide] Qual a relação do curso com a sua vida cotidiana? 34%... éh... afirmaram que o curso apresenta muita relação com a educação profissional, 26% o curso não possui qualquer relação com área, né, com a vida fora da escola, e 40% afirmaram que o curso tem boa relação com a vida social. Principal causa de impedimento para o bom desenvolvimento do curso? 35%... éh... não identificaram entre as possibilidades que haviam sido colocadas no questionário, né. 10% disseram que tem haver com a alta rotatividade de professores e 46%... ah... alegam também... ah... que não tem tempo suficiente pra se dedicar aos estudos. Atitude dos professores em sala de aula. Qual a atitude dos professores de aula você considera mais importante para o bom desenvolvimento da aprendizagem? 54% a utilização de diferen... diferentes formas de trabalhar os conteúdos, tais como as aulas expositivas, aulas dialogadas, filmes, músicas, trabalhos em grupos em sala de aula, etc., 31% afirmaram... éh... afirmou que o estabelecimento de relações entre os conteúdos das

disciplinas com conhecimentos e experiências de vida e trabalho dos alunos, número muito significativo também e, apenas, 11% foi mais tradicional dizendo que o importante é a transmissão de todos os conteúdos previstos, né, para seguir. Sobre a questão da evasão, lembrando que é é... fazer um questionário sobre evasão é muito difícil porque a gente tá falando com quem não evadiu. É uma suposição aqui neste caso pelo menos, né. Acho que não tem como aplicar este questionário para alcançarmos o evadido de fato. Éh... você já pensou em desistir do curso? 52% disseram que já pensaram e 48% que não. A desistência ou abandono dos cursos pelos colegas pode influenciá-lo a desistir? Sim, apenas 9%, não 74%, e 17% talvez. Como você avalia o desempenho dos professores envolvidos... éh... no curso? Ah... 87% disseram que a maioria... maioria desses professores apresenta desempenho satisfatório, 5% a maioria tem domínio dos conteúdos mas não tem preparo para trabalhar na EJA. Éh... o que você considera mais importante para um bom desempenho e uma boa formação, mas que a Instituição ainda não oferece... oferece aos alunos? 56% afirmaram que... éh... são... a ausência... éh... no caso de visitas técnicas em empresas e outras instituições ligadas a área de formação do curso, lembrando que esta é uma questão que é bastante viabilizada aqui na Instituição para além dos outros cursos regulares [???]... éh... 28% alega a falta de bons laboratórios para as atividades de formação técnica, e 9% atividades culturais que promovam a relação entre alunos e destes entre professores e outros servidores da Instituição. Qual o principal motivo você considera que favorece a desistência do curso? Está bem dividido, né. 21 %... 21% a duração do curso é muito longa... éh... 27%... 27% a falta de tempo do estudante para se dedicar ao curso, é normalmente aparece, né... éh... 11% dificuldade de aprendizagem e avaliações muito difíceis, 15% desinteresse dos alunos, 21... éh... é isso... 21%... ah... outros problemas que não foram identificados no questionário. Qual a dificuldade para sua permanência? Então, a maioria... éh... diz que não tem nenhum... aqui é quantitativo, não teve a proporcional, né... percentual... éh... [?] 85%... éh... 85, não por cento... mas 85 responderam o questionário que não tem nenhuma dificuldade em permanecer na Instituição, né, então de 180... né... alguma coisa aí próximo da metade, né, perto de 50%. 36 responderam... eles falaram da distância de casa para a escola, lembrando que Goiânia [???]... éh... [?] 19 alunos responderam que precisa da própria [?] a família, né. Qual o principal motivo para sua permanência no curso? Éh... 15% falaram que é adquirir a formação técnica, 43% adquirir a formação técnica e o

ensino médio, 33% concluir o ensino médio para ingressar no ensino superior. Você indicaria seu curso ou instituição para outras pessoas? Então, absoluta maioria, né, 175 de 180 falaram que sim, e apenas quatro que disseram que talvez, e um disseram que não. É isso, eu acho que agora a gente tem subsídios, né, pras nossas falas mas obviamente... éh... os colegas da mesa tem toda a liberdade pra compartilhar as experiências, enfim, a [?] em relação a questão. Éh... podemos começar com a Márcia?

Prof.^a Márcia Melo: Éh... boa tarde a todos e todas! Éh... éh... eu trabalho na Secretaria Municipal de Educação. A gente tem como parceria com o Instituto Federal... éh... de Goiás desde 2010 e eu venho aqui... éh... falar um pouco pra vocês de como tem sido esta experiência dos desafios e avanços que a gente... éh... tem tido nessa labuta. Éh... eu eu queria só localizar pra vocês de onde eu tô falando. Dentro da secretaria de educação a gente tem o departamento pedagógico, o qual a divisão de Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos está... éh... inserida. Então, é de lá que eu falo... éh... de um departamento pedagógico... éh... no qual a gente tá ali pra discutir questões pedagógicas... éh... e acaba a gente fazendo toda uma discussão... éh... de um... de um... de um... desde uma estrutura até a... a contratação de professores. Então... éh... eu queria só localizar porque é importante a gente... éh... fazer fazer esse contexto. Éh... antes de... da gente partir aqui pra [?] eu queria, assim, trazer algumas informações pra vocês. Éh, a Educação... a Secretaria Municipal, ela tem um... um... história na Educação de Jovens e Adultos já há alguns anos, né. Desde 93 que ela, éh, trabalha com, éh, a Educação de Jovens e Adultos, respeitando o sujeito e, éh, pensando propostas pra esse sujeito, né. Então, éh, a Secretaria ela tem uma proposta, éh, política pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos... éh... a [??] os saberes, a cultura e a realidade do educando como ponto de partida para os processo de ensino e aprendizagem... éh... e por que que ela pensa e por que que ela... éh... na sua proposta político pedagógica ela tem, éh, esses elementos como atuação? Exatamente pra gente pensar... éh... os sujeitos que a gente tem nessa nessa modalidade, né... éh... e aí a gente tem como referências teóricas, e eu vou usar todo esse referencial em toda a minha... a minha fala, embasado nesses referenciais... éh... a gente tem como... éh... referência e o eixo nosso de referência é Paulo Freire, a pedagogia freiriana... éh... em termos de trabalho... éh... pedagógico, a gente tem como referência Vygotsky... éh... Marta Khol.

Discutindo a questão do currículo a gente traz a Vera Candal e além das das nossas referências é aqui [??] é a professora Margarida, né, e a professora Maria Emília que são referências e que dialogam... éh... já algum tempo com a rede municipal. Então, as nossas referências teóricas, né... esse esses sujeitos principalmente e outros que a gente também aborda. E aí, éh, pensar então a proposta, ela ela ela vem com esse esse contexto com esse pensamento, por que? Porque nós temos um... quando a gente foi... éh... escrever a proposta, a gente fez uma pesquisa para [?] os sujeitos que a gente deveria atender. Por que? Porque nós tínhamos que partir desse sujeito. Não dá pra pensar numa proposta para a Educação de Jovens e Adultos, e aí é que quando eu falo de Educação de Jovens e Adultos e aí a gente [??] Educação Profissional porque o Proeja é isso, é atender esse sujeito com a qualificação profissional, né ... éh... a gente não pode esquecer esse referencial... éh... então pra gente partir de qualquer... qualquer proposta, qualquer trabalho, a gente tem que partir... partir desse sujeito. Então, quem são esses sujeitos... éh... dá Educação de Jovens e Adultos da rede municipal, hoje, ela vem, éh, trabalhando? Ela vem trabalhando com sujeitos, e aí a gente tem que ter clareza, a Educação de Jovens e Adultos ela não é feita para o rico ela é feita para o pobre, porque foram as pessoas que não tiveram acesso a Educação de Jovens e Adultos, então, ela é feita para o povo. E aí não é no Centro que eles estão, eles estão na periferia, então, hoje nós estamos atendendo com setenta e nove (79) escolas, trinta e um... trinta e seis (36) extensões, e quinze (15) turmas de alfabetização. Não tem... nós temos uma escola aqui na Vila Nova que é mais central, todas as outras escolas é na é na periferia de Goiânia, na na zona periférica. Então, isso a gente tem que ter clareza, primeiro... então nós estamos trabalhando com a população que na maioria deles são excluídos, éh, dos bens públicos da sociedade. Então, acho que a primeira clareza que a gente tem que ter com relação ao nosso educando de EJA. Ele foi tirado dele muitas... na maioria das vezes o direito, porque a gente também tem que parar com esse discurso de que o aluno da EJA é aquele menino que chega que não quis estudar, né, não é bem assim. O aluno da EJA ele tá ali porque... dele foi tirado o direito, na maioria dele de... éh... de ter acesso a educação, né. E aí a Educação de Jovens e Adultos vem para garantir esse acesso... éh... nós não estamos fazendo nenhum favor, isso é obrigação, tá na LDB, éh, tá lá na Constituição. Então, localizar esse sujeito, entender que esse sujeito, na maioria, como o Josué [?] o Josué trouxe aqui no diagnóstico que ele fez na... no IFG, na rede municipal também também não

é diferente, a maioria é do sexo feminino. São as meninas, são as mulheres que muitas vezes os pais não deixaram estudar, né, a gente tem muitos relatos, os maridos, né... éh... e aí depois que ela se liberta volta pra escola, né. Então assim, isso também é característico da rede, a maioria são do gênero feminino, a gente tem... éh... não houve uma pesquisa mas visualmente, eu falo porque eu vou nas escolas, éh, a gente tem uma população hoje na maioria negra nessas escolas, né... éh... então, a gente tem alguns apontamentos, algumas características que nos apontam pra esses sujeitos. Então, é desses sujeitos que a gente tá falando, é desses sujeitos que a gente tem que propor uma educação de jovens e adultos pra ele e aí, que educação de jovens e adultos vai dar conta... éh... dessa... éh... permanência dele na escola, né... éh... localizando... fazendo a localização desse sujeito... éh... a gente vai então pra, éh, pra questão da organização curricular da Educação de Jovens e Adultos. A nossa proposta curricular ela tem como princípio o conhecimento que traz a educação, éh, como espaço de construção do conhecimento, e da... éh... e da cultura dos hom... dos homens e das mulheres que são sujeitos no processo... éh... dessa construção toda. Nós temos o princípio da linguagem que é entendida como processo de interação e comunicação entre o indivíduo e o meio, éh, entre esses indivíduos. Da aprendizagem... éh... essa aprendizagem pra gente é uma construção conjunta do conhecimento... éh... sendo o educador e o educando os seus sujeitos, ou seja, éh, quando a gente fala de sujeito da Educação de Jovens e Adultos eu não tô falando só do educando, eu tô... entendendo que todos os sujeitos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem eles estão compondo ali essa organização, tá certo? Então, por isso que eles, ambos, são produtores desta, éh, desse conhecimento e utilizam a... essa aprendizagem a partir disso. E, essencialmente, um dos elementos que a gente, éh, dialoga muito, é que pra gente desenvolver todo esse trabalho, se não existir o coletivo, se não existir o trabalho coletivo, se não existir essa coletividade, de nada disso adianta, não adianta eu sozinha querer desenvolver um trabalho na escola, eu não vou conseguir, né. Ali é um corpo é um grupo, e aí eu tando lá sozinha, éh, querendo fazer e o resto do grupo não querer, a gente sabe que não anda, então, é preciso todo o grupo tá em envolvimento, tá nesse processo, o que também não é fácil, né, [?] que aí entra outros elementos que... éh... que aí o Josué traz que é a questão do do perfil do professor da Educação de Jovens e Adultos, né que, éh... éh... que por questões de direitos trabalhista a gente não pode barrar nenhum professor

na modulação, porque ele... ele tem direito de ser modulado em qualquer... éh... modalidade ou nível que a EJA oferece, porque ele não é concursado para ser professor de EJA, para ser professor do... dos ciclos, para ser professor da Educação Infantil. Ele é concursado para ser professor da rede. Então, éh, éh, a gente não pode barrar ele falando [???] porque a gente tem o Estatuto nosso do magistério que não permite esse tipo de ação. A gente já tentou ir no jurídico, já tentou fazer assim n coisas mas a gente é barrado exatamente pra garantir o direito do professor. Acho que éh, éh, tá correto porque num, num é... num é correto da instituição tirar direito do professor. A gente tem que ter, éh, garantido esse direito, né. E aí, pra resolver essa questão teríamos que garantir formação, né. A rede municipal, pela estrutura que ela tem, hoje nós temos oitocentos (800) professo... oitocentos e cinquenta (850) professores na Educação de Jovens e Adultos. A gente atua do... com todo o primeiro segmento, né. Éh... para o primeiro segmento... éh... nós garantimos formação continuada pra todos os professores, que aí o o técnico de [?], o pedagogo e o professor de educação física. Para os professores do segundo segmento nós não conseguimos fazer isso. Então, ainda temos assim uma dificuldade muito grande... éh... em questões, éh, que a gente já poderia ter avançado, uma vez... exatamente porque essas que não tem perfil elas precisam ainda mais de formação, não podemos excluir essas pessoas, mas a rede não dá conta de garantir essa formação pra esses esses companheiros. E aí o companheiro fica nas tentativas lá e aqueles que não querem não tentam, né. Por que? A a gente é professor, a gente o tempo todo a gente tá correndo atrás, né, tá buscando, tá novas ideias, e quem num num busca não tem esse movimento, vai se acomodar ali, e e aí não responde não consegue fazer um trabalho pedagógico condizente e respeitando todo o processo do educando. Éh... pra fazer esse trabalho, a gente... e aí pra desenvolver todo... todos esses princípios, todo esse trabalho, esse é o momento pra gente pensar em metodologias que garantam, de fato, um trabalho coletivo, que garantam um trabalho que é, de fato, a gente consiga fazer uma reflexão... éh... do sujeito e com o sujeito, né, e aí na nossa proposta a gente já aponta três metodologias pro trabalho, né, pra que as escolas possam tá trabalhando, que é... ah... eixos temáticos... éh... projeto de trabalho de ensino e aprendizagem... e tema gerador, né. E aí todas essas metodologias... são metodologias novas, não é, são metodologias que requer um estudo, que requer um aprofundamento do professor... porque aqui todos a gente tem pesquisado muito, né... éh... e aí a gente não tem a formação para se garantir isso,

né, então esse tem sido um nó que a gente tem hoje na rede municipal [??] escolas. E aí vou tentar aqui... a proposta que a gente tá vivenciando... contextualizando um pouco [?] desta rede... por que que eu eu eu trouxe esta contextualização pra vocês? Porque pra falar das experiências nossas do Proeja-FIC elas não estão fora da rede, elas estão dentro da nossa rede, e que nós fizemos uma proposta pedagógica pra estas escolas, a proposta é a nossa proposta pedagógica. O que nós inserimos nesta discussão aqui dentro da rede... éh... foi a questão da qualificação profissional desses meninos e essas meninas, então... éh... é é, por isso que eu fiz esse contexto do que que é a rede municipal hoje. E aí, por que que eu trouxe... pode passar por favor... por que que eu trouxe esta imagem e trazendo o Proeja-FIC? Porque a nossa primeira experiência na rede em parceria com o Instituto Federal, que eu acho que foi assim um parceria muito significativa pra nós... éh... porque a gente tem toda uma experiência com a Educação de Jovens e Adultos e o Instituto, a Educação Profissional... né... esse ajuntamento, essa liga que deu que eu acho que foi uma liga muito legal, ela trouxe resultados aqui pra esta instituição e trouxe também pra nossa, né, então foi uma liga muito legal. E aí, eu eu quis trazer esse aqui, assim, pra que vocês entendem, que o Proeja que que saiu aquele edital do governo federal pra o médio depois saiu pra o ensino fundamental, né, que é o FIC formação inicial e continuada... éh... esta esta primeira proposta de trabalho aqui... éh... os professores da... tinha os professores da Educação Básica que são da Rede Municipal e os professores do Instituto Federal, eles ficaram todo o curso lá na escola, desde o início do curso até o término do curso, então, isso foi um fator extremamente positivo, definidor, pras questões... éh... que a gente aqui... eu... acho que... éh... que estou aqui nesta mesa que é a discussão da permanência dos alunos. Nesse curso que foi a escola [???] nós tivemos uma evasão de sete por cento (7%). Isso para a Educação de Jovens e Adultos é fantástico, né, porque tem escolas aí e outros programas como o Projovem que a evasão é quase noventa por cento (90%), né, esco... escolas nossas a evasão média é quarenta e dois por cento (42%), e neste primeiro programa nós tivemos uma evasão de 7%. Foi ex... foi extremamente positivo e aí, o que que isso... éh... o que que... éh... por que... o... o que que foi apontando pra gente, pra gente chegar a essa esta esse nível de evasão, né? O nível de evasão, a continuidade... porque a gente... não tamo preocupado só que esse menino termine a oitava série e tenha uma qualificação inicial, a gente tem que ter continuidade e eles querem esta continuidade, né, então assim... a a... lá nesse primeiro grupo aqui não

foi só eles terminarem [???] com um número baixíssimo de de de saída, mas a continuidade. Continuidade onde? Aqui no Instituto. A maioria dos meninos que terminaram lá no Novo Mundo estão aqui hoje cursando curso de Alimentação, o curso de Transporte, de de Cozinha, né. Então, isso é muito legal! Isso isso... isso que é Educação de Jovens e Adultos e é isso que a gente sonha, né Maria Emília, a gente que tá aí nessa labuta [?] é isso que a gente sonha e aí a gente viu o sonho acontecer, né, eu acho que... éh... nós ficamos todas assim muito felizes e... éh... dentro... esses apontamentos... e aí uma das questões foi exatamente esta, a qualificação ela de fato integrou com a educação básica, ela de fato vivenciou toda essa questão... éh... de currículo integrado, de professores estarem dando aulas juntos, né, então essa vivência ela foi importantíssima pra que os alunos se sentissem acolhidos mas fundamentalmente que esses alunos se sentissem aí aprendizes e também eles poderiam tá ensinando e fizeram isso, porque... éh... a Juliana aqui do IFG, está no campus Oeste, né, éh... nutricionista, né, de como eu acompanhei esse grupo e quando vi os relatos dela, a emoção dela de como ela aprendia com os alunos, né, ela professora nutricionista dando aula lá de... pros meninos e e e ter essa essa oportunidade de... ali também ela aprendia, né. Então, assim, isso foi um fator extremamente definidor do do sucesso da da experiência. E aí, nós viemos com o Proeja-FIC/Pronatec. E aí o que que é isso? Né, que bicho é esse? Em 2013, o Proeja... não houve o edital do Proeja-FIC e aí veio com o Pronatec, né, com o edital do Pronatec. O Pronatec [??] ele não trabalha com a educação profi... não trabalha com a educação... o nível de escolaridade, ele trabalha só com a educação profissional. Nós da rede municipal entendemos que o nosso aluno não adianta ele ter só uma qualificação profissional se ele não eleva a escolaridade, né, e aí se juntou Universidade Federal, Instituto Federal e a Secretaria com os... [??] não existe né Maria Emília?... e pensamos numa proposta, fizemos uma proposta e e já [??] apoio do IFG, o IFG falou “então vamos”, topou, né, e aí foi assim um momento de muitas descobertas, de coisas... no primeiro ano é Tião? O Tião que está aí, parceiro, sofrendo mas também tem muitas alegrias, né, Tião?... éh... tivemos... fizemos a proposta de trabalhar com a educação dentro da escola com alunos de EJA mas também esses alunos terem o o... a educação básica... éh... então, os alunos iriam fazer dois cursos, o curso ao longo do ano, não é esse curso de dois meses três meses que o Pronatec propõe, mas pegar esse curso e diluir ao longo do ano, a carga horária... éh... [??]... a mesma metodologia que a gente utilizou lá no

Proeja-FIC, da integração, de todo esse movimento, a gente trouxe aqui, obviamente utilizando o financiamento do Pronatec, né, isso... a gente fez isso... aí teve o Seminário lá em Brasília a gente foi pra lá, bateu nesse... nesse povo lá falando que o Pronatec pra EJA [???]... e... tá... fazendo isso, construímos então a proposta, ela começou a ser implantada dentro da Rede, em dez escolas... éh... e aí nós tivemos alguns percalços aí... o primeiro deles é a questão burocrática de um programa como o Pronatec, né... éh... dá dificuldade que a gente tem de encaminhar muitas vezes as questões, e aí a questão da integração, que era a coisa de que fato a gente conseguia segurar, ela não conseguiu, porque a gente não conseguia contratar as pessoas porque não seria mais o o efetivo aqui do do Instituto e sim pessoas contratadas, né, então esse foi um dificultador, um elemento que... éh... a gente não... assim não conseguiu avançar nessa nessa questão, porque é muito difícil essa contratação... edital... aí demora... até esses profissionais chegarem na escola a escola já tá andando, a escola não pára, ela tem um momento de iniciar e de terminar, então, esse processo foi extremamente complexo na na rede. Éh... em 2013, a gente apontou aqui que... 2014 a gente poderia avançar e melhorar e aí foi, acho que um pouco pior até. Então, assim, nessas dez escolas a questão da [?] ela continuou... éh... não não teve assim essa... não cedeu, né... e aí, muitas das explicações que eles trazem é dessa dessa questão da dificuldade de chegar a qualificação profissional, né, dessa morosidade, né... eles não conseguem entender esse processo dramático que às vezes os [?] tem, e aí... éh... a evasão ela ficou no mesmo nível de uma escola que só tem a educação básica também. Então, pra gente foi assim um balde de gelo, um balde de água fria sobre as nossas cabeças, né. Mas, assim, foi no sentido da da evasão e da permanência, mas de alguns resultados que a gente tá tendo na escola, ele também é muito positivo. A gente também não pode achar que é o fim que vamos jogar tudo na água e deixar pra lá. Não, tem tem aspectos positivos... você pode passando aí (apontando para os slides de apresentação)... éh... pode passar... [???]... e aí assim o aspecto positivo aqui... hoje a gente tem um quadro... todos esses profissionais dessas dez escolas tem a formação continuada, né... éh... tem o o professor pesquisador na escola que nesses dois anos... éh... tá buscando fazer esta articulação... éh... então, introduzir a pesquisa na escola, isso é muito importante, né. Tem o orientador formador que é aquela pessoa que puxa a formação, que dialoga com esses profissionais que tá na escola, então, a gente avançou na questão metodológica, avançou na questão da da

didática, da prática em sala de aula, a gente tem avançado, é, de forma significativa nesse grupo, então, é essencial a questão da formação para com os... para o desenvolvimento de um programa, de uma proposta como esta, né, de educação básica com a educação profissional, e aí quem é professor aqui hoje e está na sala de aula do o Proeja sabe muito bem disso, sabe o que eu tô falando, que é essencial formação, é essencial assim estarem juntas, é essencial eu dialogar aqui com o companheiro sobre as dificuldades pra poder avançar, se não a gente não avança não, fica do mesmo jeitinho de como a gente dava aula lá no ensino médio, lá na... pra física, pra matemática, pra outra coisa... então, assim... éh... a... muitas vezes é... sou professora de matemática também, de física... muitas vezes esse professor [?] fica assim... mas o que que o aluno tem que aprender, ele tem que ter esses conhecimentos pra poder avançar, ele tem que ter isso, ele tem que ter aquilo. Então é importante que na Educação de Jovens e Adultos a gente parta do aluno, não é que eu vou ficar no aluno, e aí [?]... ah, mais o aluno! Como assim? O aluno vai dá conta de apontar pra mim o que ele... vai! Pode ter certeza que vai! Ele vai dá conta de apontar o que ele quer. Agora, precisa eu enquanto professor, e aí eu sou professora, eu tenho que fazer isso, é sistematizar é isso que o aluno quer... né... entender o que ele tá me falando pra mim poder sistematizar e devolver pra ele. [???] E aí eu queria trazer pra vocês a avaliação... essa avaliação que eu trago inicialmente ela... ela foi de 2013 que no final do ano nós fizemos com todos os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos... eles apontaram algumas questões pra gente. Eu trouxe aqui, a questão da licen... da licença [regência?] compartilhada, né, que... éh... eu fico assim extremamente emocionada, né, que... o ano passado a gente... eu eu tava como orientadora numa escola, e a gente conseguiu que quatro professores estivessem em sala de aula trabalhando suas matérias, seus conteúdos e os meninos assim maravilhados com a qualificação profissional junto, né, [???] então assim... eu fiquei maravilhada... isso foi filmado, viu, não tô falando aqui... tá registrado isso e e que foi assim extremamente positivo e rico, né, e aí eu trago aqui... [?] aponta que o problema de ordem estrutural, aponta a questão da da... do pedagógico, da... docência, né, éh... aponta também a demora da chegada dos profissionais e o que acarreta na evasão dos alunos, na permanência deles na escola. E aí, o o outro slide de avaliação, eu trago a avaliação dos alunos nas assembleias que nós fizemos [???] de uma assembleia, né, deles... ah... confirmando aquilo que eles tinham falando, aquilo que eles... éh... registrado nos questionários,

né, então aí é o resultado da assembleia, aquilo que eles tinham respondido, então eles confirmaram isso na assembleia, né. Então... éh... o que eu queria trazer pra vocês é um pouco isto de discutir. Quando a Claudinha fala Josué da questão da evasão, né, ela diz descontinuidade, é porque assim muitas vezes nosso aluno de EJA... [???]... o aluno vai aí vem a festa da pecuária, é quinze dias, é a festa do... de Trindade, estas festas grandes que nós temos aqui no Estado de Goiás, e aí dá o trabalho... éh... sem vínculo, interatício... éh o que acontece, esse aluno não fica na escola porque ele vai tá lá trabalhar, é sobrevivência dele, e aí ele vai, quinze dias antes e fica quinze dias depois, é normal, depois ele volta pra escola, então isso não é evasão. Nós temos que repensar é esse aluno nosso, né. Esse aluno ele ele não dá conta de terminar esse ano mas ele volta no ano que vem. A gente pode considerar isso evasão? Então, são elementos na Educação de Jovens e Adultos que a gente vem percebendo e estudando que não dá mais a gente só falar que o aluno não quer estudar ou evadiu ou... a gente sabe que não é só uma questão de querer, muitas vezes é uma questão de sobrevivência, inclusive pra esse menino de dezesseis, de quinze, dezessete anos, sabe por quê? Porque muitos desses meninos são pais e mães e precisam... éh... ter o recurso para sobreviver e não tem emprego, na maioria ele vive do emprego informal, e trabalham em média dez, doze horas, por dia. Isso a gente fez pesquisa. Então, nós temos muito que cuidar desses meninos. Quando eles falam, Josué [se dirigindo para o coordenador da mesa], que não tem tempo de estudar, não é porque não quer é porque não tem mesmo. O tempo que eles tem para o estudo é aqui... é aqui, né... é é na escola, aquele tempo ali, e aquele tempo que ele tem muitas vezes ele não dá conta de pensar, por quê? Nós somos... nós sabemos disso porque quando nosso corpo está cansado nós não conseguimos, a gente até tenta, mas a gente não consegue, né, então, eu... é um pouco essa reflexão que eu queria trazer aqui pra vocês... éh... eu acho que tem debate, né, Josué, qualquer coisa a gente pode continuar o diálogo. Eu só queria finalizar esta fala... éh... éh...[passa a ler uma citação] sem curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, não ensino... então, nós professores... éh... se nós pararmos... vai pro caixão... largamos a profissão, porque não podemos parar. O tempo todo nós precisamos estudar, pesquisar e... éh... porque isso que o nosso aluno... éh... precisa, o nosso trabalho... o nosso trabalho enquanto professores, pesquisar. Obrigada! [aplausos]

Prof. Josué: Obrigado professor Márcia, por enquanto, né, pelas necessárias reflexões... éh... a gente tá aqui pra fazer o papel de chato, tá... [???] mas eu acho que... éh... nós temos... vamos ter espaço para o diálogo e é fundamental, também necessário que a gente tenha, né, esse retorno, né, das pessoas que estão aqui pra dialogar conosco. Passar, então, aqui, para a professora Carla pra ela fazer [?].

Prof.^a Carla: Boa tarde a todos, alunos, professores e coordenadores! Antes eu queria fazer uma pequena justificativa, quando eu estou em exercício de alguma coisa eu costumo ficar trêmula, mas é por conta de um transtorno que eu tenho que se chama fibromialgia, se acaso o microfone voar aí na plateia [risos] tudo bem, mas não vai acontecer [risos]. Bom... éh... eu queria agradecer primeiro a comissão organizadora pelo espaço que concedeu ao campus Inhumas, né, pela confiança que tiveram, é, na minha fala e, acho também que preciso me situar, todas as falas né de ontem, de hoje, cada um se situou [???] as nossas concepções acerca da Educação de Jovens e Adultos. Bom, eu sou licenciada em Química, sou lá da da [riso] da... tô dentro dos quarenta e cinco por cento (45%) lá dos alunos que tem dificuldade, né, nas ciências exatas nas ciências da terra, e discuto a educação desde que fazia licenciatura, né, e depois migrei para o Mestrado em Educação em Ciências, e sempre me preocupei com a questão do ensino de Química mesmo. Às vezes é bom a gente se justificar nesse sentido, porque nós desta área, eu tenho colega aqui na plateia, a gente não se sente nem químico nem educador, nem... éh... éh... nós estamos aí na transição, né, da educação científica. Bom, é, quando comecei a dar aulas comecei na Educação de Jovens e Adultos, nos famosos supletivos. Logo no segundo período que eu entrei na Universidade comecei a trabalhar com Educação de Jovens e Adultos porque foi um espaço que mais me concedeu oportunidades. Na época a Educação de Jovens e Adultos pública ela não tinha tanta... ela não era tão extensa em todos os Estados, não sei se... éh... em todas as cidades. Não sei se vocês se lembram, mas, há um tempo atrás o número de supletivos da escola particular era muito maior que hoje, tendo em vista que a oferta na educação pública não era tão expressiva assim. Então, eu me lembrando aqui ontem enquanto estava na plateia que quando eu comecei a dar aula na Educação de Jovens e Adultos eu achava que a quantidade de conteúdos era o mais importante. Entrei muito empolgada, né, característica da juventude, querendo transformar o mundo e querendo ensinar tudo que estava aprendendo, comecei a

dar aula de termoquímica para os alunos lá da EJA. E eu lembro que eu falava falava falava os quarenta e cinco (45) minutos e os alunos olhavam pra mim com aquela ansiedade, né, de tentar entender um pouco daquelas, daqueles símbolos de variação de entalpia e de hess, volta daqui volta pra lá. Eu me lembro até hoje da fisionomia de um senhorzinho que sentava assim bem na minha frente e ficava a aula inteira assim [põe a mão no queixo] [risos na plateia], com muita ansiedade de tentar aprender tudo, mas eu lembro que o rosto dele era bem avermelhado e ele forçava os olhos pra tentar não dormir, né, nas minhas aulas e... e aí hoje eu eu penso, né, que significado tinha ensinar entalpia pra esse senhorzinho que provavelmente tinha trabalhado o dia inteiro no sol, que significado isso tinha pra ele, né? Quando a coordenação da... do curso técnico em panificação surgiu pra mim, foi como que uma... uma chance de me redimir dos pecados que cometi na Educação de Jovens e Adultos. Trabalhei por um certo tempo lá, depois fui pro dito ensino médio regular, depois fui pro ensino superior, me afastei durante muito tempo da EJA, e quando entrei no Instituto, então veio novamente a Educação de Jovens e Adultos. E aí é importante falar porque ontem em alguns momentos, isso chegou a aparecer de forma, né, um pouco sutil, sobre a estrutura que nós temos no Instituto Federal, que não é uma estrutura trivial. O Instituto Federal compõe hoje a Educação Básica, o Ensino Superior e estamos caminhando na pós-graduação, e é óbvio que pelas características sociais e culturais de cada um que as pessoas entram com interesses diversos e dentro desses interesses diversos elas acabam encontrando ali a Educação de Jovens e Adultos que, talvez, não faça parte de seu interesse, então, gera aquele conflito entre a importância do que dá aula na EJA, a importância do que dá aula na pós, a importância do que dá aula no ensino técnico. Então, talvez, hoje a... essa multiplicidade da identidade... essa identidade difusa do professor do Instituto Federal seja um dos principais problemas que nós temos, que precisa ser enfrentado de alguma maneira, mas o fato é que nós temos professor de formação técnica e de formação... éh... éh... de cunho educacional e de... nalgum momento eles vão entrar em contato com a Educação de Jovens e Adultos. Bom, a proposta da mesa é discutir a permanência ou não, né, dos alunos nos cursos da Educação de Jovens e Adultos. Então, eu me fiz uma pergunta: afinal, o que provoca a evasão ou a não permanência dos alunos da EJA? Eu não tenho resposta. Essa já é a a... que eu acho que todos... os componentes de todas as mesas tentaram deixar claro, mas algumas questões são mais evidentes, por exemplo, as condições de... de vida, que

envolve a questão do trabalho, da saúde, da família, a questão da formação do professor que envolve que algum aluno... acho que foi você que está atrás da Maria Emília [apontando para a plateia]... falou ontem sobre a dinâmica metodológica do professor, isso tem muito haver com com a formação inicial dele, né, também tem haver com a estrutura da instituição, né, que provoca essa essa difusão de identida... identidades e fazeres dentro da instituição, mas é... fica claro para nós que é necessário que o professor tenha alguns tipos de conhecimentos pra tentar entender os motivos diversos que podem influenciar na não permanência do nosso aluno na EJA. Que tipo de conhecimento, então, seria necessário, pensando aqui na fala da professora... éh... Maria Emília, que tipo de conhecimento seria necessário numa formação continuada, por exemplo... éh... de um professor que não teve contato, né, com o conhecimento, com as questões da Educação de Jovens e Adultos em sua formação inicial? Então eu destaquei alguns aqui: os aspectos conceituais relacionados, né, às teorias que lidam com a especificidade da Educação de Jovens e Adultos, com a História da Educação Brasileira, com as influências das políticas internacionais e nacionais na formação do currículo na EJA, enfim, os aspectos políticos que estão bem ressaltados aqui nesse... nesse... nesse nosso momento. Acho que aqui fica muito evidente e pena que nem todos os professores estejam aqui, por por motivos diversos, mas essa... esse aqui é uma... um evento de formação continuada, né, porque discute os aspectos políticos da Educação de Jovens e Adultos, os aspectos curriculares que estão relacionados com o que ensinar para o aluno da EJA, como ensinar, pra quê ensinar determinado conteúdo para o aluno da EJA, e aí eu vou destacar dois que... não... não são mais relevantes mas assim, talvez, os que são menos discutidos, que são os aspectos da linguagem e os aspectos metodológicos. Bom, a... a questão da linguagem ela é importante em qualquer prática pedagógica pra qualquer modalidade pro aluno de qualquer faixa etária, né, inclusive nós professores que frequentamos cursos de pós-graduação... éh... a gente se vê perdido em vários momentos, né, nas nossas leituras, nas nossas escritas, por um por um problema específico de linguagem. Nós das ciências da natureza, né, da Química, nós enfrentamos muitos problemas com a questão da linguagem, porque essa é uma ciência abstrata, como a Física é, como a Matemática é, carregada de símbolos que não tem nenhum significado para os alunos ou se tem significados são significados no âmbito da vida cotidiana, do concreto, né, por exemplo, o que que significa... o que é um delta? Significa um triângulo. O que

significa... outro dia uma aluna minha da licenciatura fazendo um trabalho com a EJA... éh... nós estávamos produzindo um documentário, né, com esses alunos da EJA e o objetivo era apreender dados das falas desses próprios indivíduos e construir um material didático de Química com essas falas pra trabalhar na mesma turma, então, a gente queria trabalhar alguns conceitos básicos da Química como concentração, por exemplo. E aí num num documentário a aluna relatou que concentração era tipo... coloquei repetindo a fala, né... era tipo quando uma pessoa se concentrava muito em alguma coisa [risos na plateia]. Tá errado? Não! É um significado concreto da vida, né... estou aqui agora tentando me concentrar nesta fala, esse é um dos significados de de concentração. O que significa equilíbrio para o aluno? Uai... representa, né, uma pessoa equilibrada... alguns de nós aqui né [risos]... Bom, então a questão da linguagem... [risos na plateia]... então a questão da linguagem ela é preponderante na Educação... éh... de Jovens e Adultos. Aí eu tava falando um pouco da linguagem científica que o professor na transposição didática deve considerar que determinados símbolos pode ter três, quatro, significados distintos e na hora de ensinar Química, Física e Matemática, precisa... éh... pensar nisso. Que o conhecimento quando ele sai da minha cabeça vira palavra e volta para o pensamento do aluno, são outros significados que são construídos com a mesma palavra, né, e ainda há... no caso da EJA... há uma linguagem que precisa ser explorada pelo professor que é a linguagem do mundo do trabalho, que talvez nem todos os nossos alunos adolescentes tenham, né... éh... eu eu... agora bom... tô no contexto do Instituto Federal de Goiás, me lembro que quando dava aula na rede estadual, muitos alunos adolescentes também já faziam o uso da linguagem do mundo do trabalho, mas em nosso contexto, principalmente agora com... com o ensino em tempo integral, né... éh... isso faz com que os alunos em sua maioria dentro do Instituto ainda não fazem... não estão né no mundo do trabalho. Mas, voltando... éh... necessário que o professor adquira conhecimentos sobre linguagem pra entender o papel da linguagem na formação do educando e a partir disso explore mais a linguagem do mundo do trabalho pra tentar inserir dentro da sala de aula ou a partir disso, conhecimentos necessários, né, conhecimentos curriculares na ampliação dos conhecimentos do aluno a partir de palavras que significam algo para o aluno no no contexto do mundo do trabalho. Bom... aí... Josué... tá... nossa [risos]... éh... e aí entram também, né, as questões metodológicas... que não vai dar tempo de a gente falar mas eu achei muito importante... como que é seu nome mesmo? [se

dirigindo a alguém da plateia]... é você?... [Cleiton]... o o nosso aluno Cleiton, né, falou ontem sobre a... as questões metodológicas... até defendendo um um pouco, né, Cleiton, a gente [riso] nos livrando um pouco dá culpa... éh... então a partir da questão da linguagem eu gostaria de ressaltar que alguns dos aspectos, ou principal deles na minha opinião, provocam a não permanência do aluno na EJA, que são os aspectos sociais e históricos dos sujeitos da EJA. Aí eu quero pegar a... fala da professora Márcia, quando ela diz que os sujeitos da EJA não são só os alunos, às vezes dá essa impressão, né, quando a gente fala do sujeito da EJA. É... os aspectos sociais e históricos dos alunos e dos professores que que estão inseridos na Educação de Jovens e Adultos eles podem influenciar positivamente ou negativamente na permanência ou não desse aluno na escola. Então, eu tô considerando como sujeito professor e aluno, considerando ainda que os... ah... essa pessoa como aluno e professor é construída socialmente em constante interação com o meio e com as pessoas que estão junto com ele... éh... a realidade social e histórica do professor influencia muito na postura profissional desse docente, né, então a nossa história ela vai influenciar e vai construindo, inclusive, as nossas concepções. O modo como a gente enxerga o mundo, o modo como a gente enxerga as pessoas, foi construído pelas nossas relações sociais, culturais, religiosas, e por aí vai, né. É... então ontem foi falado aqui à noite... eu acho na mesa... foi a noite na mesa da Mad'Ana... sobre o sujeito da EJA focando acho que mais na questão do aluno. E aí, eu queria lançar uma pergunta que é a se... seguinte pergunta: de onde vem o professor que está na EJA? Que eu acho que é uma questão que precisa ser muito focada... né... éh... foi falado pela professora Márcia também a questão do perfil profissional... eu acho que essa é uma das melhores ferramentas que a gente tem hoje pra, de certa forma, determinar quem são os sujeitos docentes que vão atuar na EJA. Claro que tem todo um contexto político que nos impede, né, de de... de por em práticas algumas ações, mas que alguns professores tem perfil para EJA e outros não, isso é claro, é evidente, né. Agora, eu vou tentar fazer uma articulação entre os sujeitos alunos da EJA e os sujeitos professores da EJA, fazendo um relato da minha própria história de vida... adoro esse... éh... depoimento. Ontem, amei o depoimento da... éh... Dilma, né, da nossa aluna Dilma. [Falas da plateia. Risos]. Vamos pensar, então, no perfil do professor que atua na EJA e na sua história de vida. Bom... eu, por exemplo... éh... sou pobre! Né... que eu venho de família pobre... éh... filha de pai trabalhador de fábrica, que por motivo de saúde depois foi para a construção civil e é eletricitista até

hoje, e filha de costureira. Quando eu olho pros alunos da EJA... aqui tá meio difícil de de de enxergar [se referindo à plateia no auditório]... mas os meus alunos lá, né, no campus Inhumas. Eu enxergo a minha mãe, as minhas tias, os meus tios, e toda a ah... todas aquelas pessoas que tiveram influência fortíssima na minha formação enquanto pessoa. Então essa é uma... é um um... esse é um aspecto histórico que muito influencia na minha prática pedagógica. Infelizmente, nem todos os profissionais de educação tiveram a mesma formação pedagógica, ou felizmente, né, porque as pessoas são super diferentes... e ainda bem que é assim... éh... mas isso fez com que eu regressasse a EJA e não fosse... e não foi uma coisa muito fácil, gente... eu eu entrei no Instituto pra trabalhar na Licenciatura em Química e aí por causa do concurso que eu fiz, que foi um concurso específico para o ensino de química, eu não consegui até hoje, de 2012 pra cá, pegar uma turma de Química da EJA. Percebe? Este é um problema estrutural da Instituição que limita a nossa prática pedagógica, né. Então, quando falaram “Olha! A nova coordenação da EJA!” Ramon... Ramon ontem tava me perguntando: por que que eu faço isso, tanta coisa ao mesmo tempo?! Esse essa é uma das justificativas. Foi uma forma de tentar me inserir na discussão da Educação de Jovens e Adultos sem ter aulas, porque não me dão aulas na Educação de Jovens e Adultos. Olha, seu concurso foi para o ensino de Química, então, você tem que ficar lá com as aulas da licenciatura, né, esses são problemas estruturais que... que nós temos. Então, esse foi só um exemplo pra mostrar quanto nossa condição histórica e social vai influenciar nas nossas nas nossas práticas. Tô terminando Josué! Éh... hum... ontem, alguma aluna também, eu não me lembro quem, fez uma pergunta que era mais ou menos assim... considerando a influência dos aspectos sociais e culturais e históricos na... no desenvolvimento da prática docente... “O que leva o professor se comprometer com a Educação de Jovens e Adultos?” Tô transferindo novamente esta pergunta pra todos que estão aqui, porque nesse calor, né, aqui [se referindo aos problemas do ar condicionado] eu tenho certeza que todos tem algum interesse na pela Educação de Jovens e Adultos. É por falta de opção? É por postura? O que nos leva a nos comprometer com a Educação de Jovens e Adultos? Uma outra questão foi que colocada pela aluna... éh... Cynthia, tá aqui hoje a Cynthia? [???] Mais ou menos assim: “O professor da EJA não pode ser somente um professor, tem que ser companheiro, confidente, diferente...” foi a a fala da aluna e do professor dela que tava sentado ali mais ou menos [apontando para o auditório], que o professor deve

ensinar aquilo... aí eu eu [??] né... então o professor deve ensinar aquilo sobre o qual o aluno atribua significado. E aí, diante de toda essa complexidade, apresentada éh nos dias aqui dos Diálogos, diante de todos esses depoimentos com aspectos diversos da vida, eu me pergunto como professora e convido vocês a a se perguntarem também, qual é o papel então do professor na dinâmica dos cursos da EJA? Qual é o nosso papel nesses cursos da EJA? Aí vou transferir essa pergunta pra vocês e nós vamos tentar discutir um pouco disso no debate [??]. Muito obrigada! [aplausos]

Prof. Josué: Muito bem professora Carla. Obrigado por enquanto também. Vamos, então, a Yasmin, a fala da Yasmin [??].

Aluna Yasmin: Boa noite a todos! E sou aluna do Instituto Federal campus Uruaçu. Eu faço o curso técnico em Comércio. A nossa turma... assim... ela é uma turma muito grande. Começamos com uma faixa de quarenta (40) alunos. Hoje, só tem dez (10). Muitos alunos desistiram. E e muitos desses alunos são aqueles bem mais jovens, aqueles que às vezes trabalham o dia inteiro, aí chega em casa, aí pensa assim, eu vou chegar lá na escola, ah, que a professora vai tá lá falando falando falando e muitos alunos dormem na aula, por ser cansativo. Assim, na minha opinião, deveria se voltar mais pra prática, colocar aqueles alunos pra ter interesse de tá ali, de estudar, [?], chegar em casa ter aquela posição assim... nossa, hoje eu tenho que ir pra aula, não posso perder porque algo importante lá, mas se tiver a concepção que vai ser só fala, só mostrar vídeos, aí eles tem medo. Eu já conversei com várias... várias assim senhoras assim que chegou pra mim e falou “Olha Yasmin eu não... eu vou desistir, eu não dou conta mais, eu não entendo o que o professor fala!” Muitos professores lá... eles eles... às vezes é a forma de falar com eles, mas por eles ter muito tempo fora da sala de aula, não sabem que que é uma sala de aula, tem matérias que eles nunca viram na vida. Então assim [??] e a gente sempre tenta... os alunos... assim... na minha sala os jovens eles são só três (3), assim, jovens mais novos, os outros, são jovens bem... que assim ficaram muito tempo longe da sala de aula. Aula de Informática mesmo, tem pessoas que nunca viu um computador. Nunca teve a oportunidade de conhecer pelo menos uma tecla do computador. Aquilo aquilo pro aluno [?] cuidado, tipo assim, ele tá ali... o professor tê aquela curiosidade de saber o que ele pensa do computador, ajudar ele entender

o que é o computador. E também, essas pessoas que desistem do curso, por medo, lá fora, ele... alguém que está lá fora tem curiosidade de estudar, de querer voltar pra escola, [??] aquela pessoa que já foi lá, e ela vai falar o que, não, é muito difícil, eu não consegui, é assim, os professores são assim. As pessoas não vão querer ir. Eles vão falar, ah, então eu também não vou conseguir. Ah, então eu também não vou voltar. Já passei passei do meu tempo. Eu não vou mais estudar. Se é assim... como? Não, eu... na minha opinião tem que ser aquela aula que o aluno chega lá fora e fala: “Não, vamo, lá é bom, a gente consegue aprender!” “Eu tô aprendendo assim... os professores são bons!” Então, tem professores bons, ótimos, mas já tem outros que não tem paciência. Se... se o professor perguntar mais de uma ou duas vezes eles não querem responder e aí a pessoa fica com medo. Na nossa sala de aula não tem assim [?] tem pra alguns professores que são bons e tem a consciência de ensinar para os alunos e, também, assim... se for voltado para a prática... eles vão querer, vão pensar assim... “ah, eu vou formar!” “eu vou ter uma capacidade de um emprego melhor!” Vão ter curiosidade de tá ali e e mostrar pro pros filhos que ele não desistiu de ser um cidadão, um cidadão com educação boa, de ser uma pessoa que mostrou pro filho que ele tem a capacidade, que ele foi à traz, que ele buscou. E... o que [?] assim das aulas do EJA, o professor tem que saber lidar com as mistura das pessoas, nem todo mundo é igual, nem todo mundo tem uma inteligência uma capacidade rápida, isso é uma receita muito importante. E... o tratamento, é um tratamento muito especial... a uma... tem uma senhora em minha sala, ela fez uma cirurgia, cirurgia muito complicada, tem dois meses que ela tá fora, que ela tá de licença, ela tá com medo de voltar, porque ela perdeu muita coisa, e muita coisa teórica, e não tem como ela voltar atrás. Se for prática, os professores podem até assim... nós mesmos alunos passar pra ela e... como assim... eu eu acho que os professores eles aprendem muito com os alunos e os alunos mais ainda com os professores. Eles vão ter curiosidade de saber o que aqueles alunos pensam, o que aqueles alunos querem dizer, muitos tem muita vontade de dizer que eles tem guardado, aquele inteligência assim que eles não estão pra [?], por medo, medo de às vezes falar e o professor ignorar, não dá atenção. E, a nossa intenção é... é ser um... formar um profissional, ser um um um profissional de qualidade, ter uma competência, uma capacidade de chegar no mercado de trabalho e falar “Nossa! A minha formação foi excelente! Eu aprendi muita coisa. Eu vou colocar em prática.” E é isso o que eu tenho pra falar. Muito obrigada! [aplausos]

Prof. Josué: Então, gente, é... Vamo tentar fazer uma síntese aqui, mas eu acho que é isso. [???] As falas da professora Márcia tá apontando muito pra essa necessidade da formação, né, a partir da experiência do Proeja-FIC que foi desenvolvido aqui, né, e que acabei que meio na descontinuidade, né, enfim. Éh... a professora Carla, né, também trouxe uma fala muito rica mostrando a necessidade de consideração... éh... desses aspectos sócio econômicos... éh... na vida, né, nessas relações pedagógicas com esse público da Educação de Jovens e Adultos e, aí, acho que esse é um problema... éh... aliás que essa é uma questão muito séria, né, que isso inclusive extrapola a sala de aula, que a gente tem, né, nesse campus especialmente do IFG a gente tem uma resistência muito grande à EJA. Dias atrás a gente tava numa reunião, éh, com todos os cursos, éh, da EJA aqui do campus, são oito ou dez dias atrás, e uma aluna reclamou que ela tava tentando usufruir de um serviço que a instituição oferece pra todo mundo aqui, estudantes, servidores, principalmente da academia, e ela foi falar numa numa coordenação que trata da questão que que cuida do ginásio e falaram “Não, estudante da EJA não tem direito não!” Então, assim, isso dá um pouco conta de, né, do nível de, né, de resistência, inclusive, também de um certo, uma visão meia, né, inclusive, preconceituosa em relação, né, daí a necessidade da gente reafirmar o tempo todo, né, daí inclusive o tema desse desse evento, né. [Alguém no auditório diz “Isso não é verdade.”] Exato, exato, mas isso dá conta, né, dessa resistência mesmo. É necessário tá o tempo todo negando, esse espaço como um espaço democrático de... né... dessas... desse público que é o público da Educação de Jovens e Adultos que é constituído por metade da população brasileira, né, se você considerar... éh... a EJA numa perspectiva ampliada aí, né, desde... a escolarização inicial até a... a educação... éh... até o ensino médio e a própria formação profissional, né. A fala da Yasmin também traz muito pra essa coisa da formação do professor, né. Eu não sou professor aqui dá... dá... aqui no campus de uma disciplina chamada Educação de Jovens e Adultos nas licenciaturas, né, e é uma coisa que eu tenho percebido tanto no meu trabalho como professor quanto... como gestor da Educação de Jovens e Adultos na Instituição que me parece que o maior gargalo hoje, pro avanço da Educação de Jovens e Adultos, é a formação de professor. É... é interessante como a pesquisa... é não aponta isso muito claramente, né, é interessante isso que a pesquisa não aponta mas a experiência nossa, prática aqui... e tem outros apontamentos aí superinteressantes que foi explorado aqui pela mesa, a condição de trabalhadores, né, são a questão do

tempo, né, enfim, é uma linguagem que traz esse elemento, mas eu não vou ficar aqui, né... acho que agora a ideia é abrir para o diálogo e depois a gente faz mais alguma consideração. Então, assim, é, a ideia agora gente pra provocar o diálogo e seguir a dinâmica dos dias anteriores... eu penso que a gente pode, é, abrir aqui o microfone, deixar correr solto e a mesa, os componentes da mesa vão... de modo que achar aquilo mais importante ou que for provocado pra ao final fazer as considerações sobre o conjunto das falas. Tá bem assim? Inclusive no sentido de possibilitar a participação mais efetiva, inclusive, dos discentes, né, então sintam-se muito à vontade vocês alunos pra pra [?] esse microfone e fazer, é, as as contribuições de vocês. A gente só vai passar a... a... a tempo, a partir de três minutos caso haja uma demanda muito grande, eu espero que seja assim né, muita pra falar. Podemos começar? Quem gostaria de começar? É... [??] gostaria que vocês falassem o nome primeiro porque nós tamos com muita dificuldade pra ver vocês daqui, por conta da luz [há um momento de diversas falas tumultuadas no auditório]. Ok! Qual é o nome do senhor? Ailton de Jataí... então vocês é... quem vier falar aqui se apresente, fale o campus, a cidade... Daniela... Luziane... Maria Emília... Jamine... Ramon... Sebastião... Dayane... Otávio... é alguém levantou a mão lá atrás que eu não consegui anotar... [repete os nomes]... nome por favor... Fátima... mais alguém? Ok vamos então com esses nomes e a medida que vocês se sentirem provocados... [???]... senhor Ailton por favor... [há diversos ruídos no auditório].

Prof. Ailton: Eu gostaria inicialmente de me apresentar. Sou professor Ailton, sou de Química do Instituto Federal lá de Jataí. Na minha trajetória como professor eu me animei em falar aqui um pouco, sou um pouco tímido pra essas falas... me animei a falar por causa da Carla, professora de Química também, que está aqui na mesa. Fui muito contemplado com a fala dela. Me lembro da professora Marisa, né, que falou bastante... importante a fala dela com relação à questão da docência compartilhada... essa é um foco que eu acho muito importante nós trabalharmos esse... essa interação, essa interdisciplinaridade no ensino em todas as áreas, principalmente na área de ciências, nós teríamos hoje que provocar essa interdisciplinaridade. Então, estamos discutindo Química, Física, Matemática, Biologia, matérias afins, éh... pras nossas aulas ficarem um pouco mais interessantes. Então achei bem interessante essa fala, gostaria que a senhora falasse um pouco mais sobre isso na hora que a senhora for responder essa pergunta. Éh... com relação a... a aluna, achei muito

interessante ela dizer destas questões que a gente tem que está dentro do contexto do aluno, viver o contexto do aluno pra trabalhar a Educação de Jovens e Adultos. E com relação as falas da Carla, achei bem interessante a questão da contextualização do ensino de Química. O ensino de química hoje não pode ser mais desvirtuado da vida do aluno... não pode ser fora em qualquer modalidade, mas quando se trata de EJA aí fica mais importante ainda nós estarmos contextualizando esse ensino. Então, a minha trajetória começou, éh, no Instituto de Química, no ensino de Química em setenta e seis (76), eu fui, eu comecei com com dezesseis (16) anos. Algumas pessoas pensam “não, mas tá velho demais”, eu tô com cinquenta e sete (57) anos, no auge da minha forma física e trabalhando normalmente na escola de Jataí. Comecei em 76 a ministrar aula de Química ainda como aluno, no curso de licenciatura da UFG. Sou da primeira turma de licenciatura da UFG. Primeira turma formada em licenciatura. Eu sou dessa turma. Naquela época nós tínhamos uma disciplina chamada didática. Hoje, com a mudança, já tem as práticas de ensino, diferente, é, durante todo o curso. Naquela época não tinha muito isso. Tô dizendo assim só pra vocês se contextualizarem. Quando eu comecei na aula eu achava que aula era só transmissão de conteúdos. Se o professor fosse bom de conteúdo o aluno entendia e pronto. Comecei a mudar a minha forma de pensar em 2006 quando comecei a trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos da primeira turma de... do Proeja do Instituto Federal lá de Jataí numa turma de edificações. Eu queria, como a professora disse, dar conteúdo... eu dava aula na licenciatura, dava aula no no ensino médio, e ia dar aula no Proeja. Eu queria ter a mesma metodologia. Entrava na sala, falava, falava, os alunos não entendiam, reclamavam com a professora Terezinha, que está aqui presente [apontando para o auditório], era a nossa coordenadora pedagógica, é até hoje né, e dava um probleminha pra gente, porque tinha que ir lá conversar com esse aluno né, e eu fui aprendendo... aprendi nessa época mesmo que eu não era o professor que eu pensava que fosse. Era professor de cursinho. Falava muito, falava bonito, cantava na sala, achava que tava tudo bem né. Falava muita piadinha [risos]. Nessa época eu comecei então a fazer a pesquisa no ensino de química, comecei a perquisar o jeito de fazer esse aluno aprender. O jeito que eu encontrei foi então isso que eu disse, aulas práticas contextualizadas partindo do cotidiano do aluno, partindo da vida do aluno. Eu peguei e cheguei na sala de aula determinado dia do curso de edificações, perguntei para os alunos: “qual é qual é as suas profissões?” Um disse:

“eu sou pedreiro”, outro disse outra coisa outra coisa outra coisa, e a partir dessas profissões eu até imaginei... aí nós começamos a discutir com os professores de edificação lá do Instituto pra ver qual conteúdo ficaria melhor, integrar esse conteúdo de química na área de edificações. Aí nós reunimos e começamos a trabalhar na área de edificações, ah, essa questão do cimento, questão da [?], etc. etc. aí começamos a produzir as pastas nesse sentido, melhorou bastante o ensino de química nessa nessa parte, e eu tive uma surpresa muito grata... eu tenho participado a partir dessa época de todas as reuniões do Diálogo Proeja, tenho vindo em todas as reuniões, [?] nos fóruns, aí venho, participo, estou sempre... eu só não sou muito de ficar falando em público, eu costumo falar mais com os meus alunos no dia a dia deles e vivenciar a vida desse aluno. Estou construindo agora um projeto de pesquisa que é um caderno de atividades. Num... não tem a pretensão de elaborar um livro, né, um caderninho de atividades onde nós propomos algumas atividades práticas bem interessantes mas sempre para... com a discussão de jovens e adultos. Nós estamos aplicando numa turma, no segundo ano lá do Instituto Federal, na turma de Secretariado. O ano passado a gente aplicou um projeto interdisciplinar com história em quadrinhos numa numa turma do segundo período, que até é o trabalho do Gustavo que tá ali na frente [se referindo à exposição dos pôsteres no hall de entrada do auditório], né, a proposta interdisciplinar usando o tema água. A gente usou o tema água juntamente com a professora Suzi, professora de português, que orientou as nossas alunas na construção dos quadrinhos, e usamos um site [?] que os alunos produziam essa história, certo? Nós demos algumas aulas teóricas porque aulas teóricas para o ensino de química para EJA quase não adianta, é quase você chover no molhado, é quase melhor você partir... a professora disse uma coisa muito interessante [apontando para a mesa], partir daquilo que o aluno fala para produzir a sua aula, então, eu comecei a fazer isso e isso mudou muito a minha prática pedagógica, o que eu pensava que era muito bom... e outra coisa que eu fico muito preocupado e com a questão da avaliação. A avaliação do ensino de química, às vezes, o professor ele acha que o bom aluno é aquele que responde as provas certinho, sai tranquilo, etc. etc. E nós na na EJA, eu vejo assim, não sei se tou errado, se eu tiver depois vocês podem me corrigir, nós não podemos também dar tudo de mão beijada para o aluno, é claro que não, aluno tem que aprender, mas nós temos que ter uma avaliação criteriosa, metodológica, uma avaliação realmente formativa, onde avalia a competência do aluno, as suas participações nas aulas, o

seu diálogo com o professor, e aí, é isso que eu tenho feito... e tem... e acho que tenho tido algum sucesso... não sei... a gente não pode dizer que a gente tem uma solução para os problemas, que por exemplo, quando a Carla estava falando, como seria ensinar termoquímica? No ensino médio é extremamente complicado também. Você tem que contextualizar. Contextualizar hoje é importante. Você partir de alguma coisa, por exemplo, a queima de calorias, etc., etc., muitas coisas pode trabalhar que a gente às vezes passa despercebido dado o nosso dia a dia, os nossos problemas particulares, e acaba que a gente não consegue trabalhar e, hoje em dia, não pode preocupar muito com a questão do conteudismo. Isso é extremamente conteudista, querer cumprir todos os conteúdos, etc., etc. Então, é isso que eu gostaria de deixar e as perguntas são essas. Muito obrigado! [aplausos]

Prof. Josué: Só gostaria de fazer um [?], aqui no momento, é o seguinte gente. Nós temos hoje a... vamos ter mais tarde, por volta, a partir de cinco e meia, um café aqui novamente ao lado no mesmo local de ontem e nós tínhamos uma quantidade razoável de inscrições aqui. Eu penso que a ideia então é que a gente estabeleça em torno de três minutos pra que tenha tempo de vocês falarem, se surgir mais alguma inscrição tenha algum espaço, né, e nossos colegas da mesa fazerem, né, esse diálogo aí, esse retorno, tá beleza? A próxima, a Daniela.

Prof.^a Daniela: Eu queria que você visse todos que está inscritos porque só tem uma hora para cinco e meia, fazer essa conta pra ver se vai dar tempo de abrir mais inscrições, é só essa preocupação. Bom... éh... eu queria primeiro parabenizar a Secretaria Municipal de Educação e e o IFG, a Universidade, por esse trabalho, é, que vocês apresentaram aqui. Tô achando bacana... vocês apontaram que [???] transformar o Pronatec não é uma coisa que vale à pena ser feito realmente, né, porque eu sou extremamente crítica em relação ao Pronatec, não dou conta nem... nem de participar do processo seletivo porque não não consigo imaginar fazendo uma formação de educação profissional sem elevação de escolaridade, bom, então eu não posso participar daquilo mas achei que vocês conseguiram [?] muito interessante, né. Éh... dizer que me identifico muito com os comentários da Carla, temos a mesma situação no campus Formosa, exatamente é com Biologia, educa... Biologia é uma reeducação(?) né [??] concurso de 2012, a senhora fica na reeducação(?) e que a gente fica controlando na licenciatura porque só a gente que

dá aquela... teoricamente né, da educação, do ensino, da Biologia, quando na verdade não teria biólogo, nem licenciado, como tem vários colegas químicos que poderiam tá suprindo [?] e a gente conseguir ir pro Proeja, [?] vontade de tá no Proeja de continuar trabalhando lá. Bom, mas eu queria dizer, é, que Formosa... nós tivemos, é, os primeiros TCCs desse curso nosso de Ciências Biológicas concluídos nesse primeiro semestre de 2014, tá. Dentre eles, ah, dentre esses, ah, são sete TCCs, nós vamos ter sete alunos formandos agora, né, a primeira turma formanda, éh, quatro... éh, três são de área específica da Biologia, né, botânica, ecologia, e quatro são do campo da educação do ensino da Biologia, né, isso traz assim uma uma uma uma alegria muito grande pra gente da educação porque os nossos alunos eles estão, mesmo dentro do curso de Biologia, eles estão entendendo a questão da licenciatura, tão se identificando com profissão docente, quantos percalços que a gente sabe que tem nessa decisão e nessa opção né... éh... a gente tá tratando de inclusão de surdos... éh... análise de livros didáticos em Biologia, interação professor-aluno e, o que mais nos interessa hoje, nós tivemos um TCC... éh... que tratou exatamente da permanência dos alunos da primeira turma de Proeja do campus Formosa, né. Nossa aluna que que trabalhou esse TCC, Maria Aparecida de Oliveira, ela mesma... um sujeito de trajetória escolar descontinuada como nós vimos aqui hoje, né, no caso dela sim descontinuada, ela conseguiu... demonstrou algumas categorias que permitiram, éh, compreender essa permanência. Nessa turma que ela estudou a evasão foi muito grande, cerca de sete ou oito alunos, não me lembro mais, permaneceram, né, mais ou menos vinte por cento (20%). Ela identificou, ah, algumas dessas motivações, né, que já houve com os dados coletados apresentados aqui pelo Josué, né, sobre essa aí então, o apoio entre eles mesmos, entre os alunos, né, eles eles relataram, né, que o apoio que a turma conseguiu, né, desenvolver, né, a solidariedade que a turma conseguiu desenvolver foi o motivo fundamental para eles conseguirem permanecer no curso, né, e também a atuação de alguns professores, bom, ao longo do processo. É, agora o que mais me chamou a atenção no TCC da Cida não foi essas essas categorias ou essa análise que ela fez, é, mesmo porque... apesar dessa... da sua importância, né, mas é a imersão que ela fez, assim ela não quis estudar, ela não quis estudar evasão, ela quis estudar permanência, e acho isso muito bonito. Eu tive a honra de participar da avaliação do TCC dela e isso foi o que mais me chamou a atenção, a permanência, ela quis saber por que eles ficam, eu gostei muito dessa ideia de inversão que ela

fez, né. Eu queria sugerir pro próximo Diálogos que se fizesse um estudo nos campi como hoje a gente teve a Carla trazendo a experiência dela de Inhumas, a experiência dela em Inhumas acho que que essa escuta nos campi do interior ela é fundamental, né, eu acho hoje a Cida aqui ela enriqueceria e muito, mais ainda do que já foi rico, está sendo rico esta parte, pra esse debate. E pra mim é o que tem sido mais rico mesmo nesse Diálogo essas essas experiências, então eu gostaria só de relatar mais essa. Obrigado! [aplausos]

Prof. Josué: Obrigado professora!

Luciene: Boa tarde a todos, todas! Eu sou a Luciene. Sou psicóloga. Mas sempre tenho tido uma trajetória profissional muito voltada pra área da educação. Então eu sou professora hoje, professora bolsista do Pronatec Mulheres Mil e, também tenho, apesar das críticas, né, a gente observa que através do Pronatec, muitas vezes ele é a porta de entrada pra outras... pra continuidade da educação. Eu tive uma experiência de dar umas aulas no Programa Mulheres Mil e sempre eu assumo a disciplina Mapa da Vida, que é uma disciplina mais vivencial, né, onde as alunas contam a sua trajetória de vida até chegar naquele momento e elas não param ali. Dali elas fazem uma projeção de futuro. E isso é possível através desse Mulheres Mil, através dessa disciplina, dessa aula, dessa entrada numa Instituição. Elas entram muito inseguras, éh, com medo, “Ah! Será que aqui mesmo que eu vou estudar! Nesse lugar lindo, maravilhoso!” “Aqui é o IFG!”... né... que eu sou professora do IFG de Aparecida e de Goiânia Oeste. E se sentem depois de um tempo parte daquela estrutura também, elas se sentem alunas. E eu percebo que isso é que dá, que alavanca a pessoa pra seguir, pra continuar. Inclusive, numa das turmas de confeitaria, do curso de confeitaria, eu percebi na turma, duas, três, até mais alunas, analfabetas ou semianalfabetas, eu identifiquei isso. Eu passava alguma atividade e elas com muita dificuldade pra escrever e, principalmente, pra ler, pra responder as questões. E aí eu fui orientando, sentava com uma sentava com outra, elas me respondiam oralmente, e eu anotava as respostas e etc., mas o que isso provocou? Que dessas, todas se inscreveram no EJA para começar o EJA à noite, pra começar o curso de alfabetização no EJA. Então, eu percebo como porta de entrada. Em relação ao perfil do professor para trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, eu acho que o professor ele precisa ter uma sensibilidade muito grande pra escutar a

história de cada aluno, de cada aluna que está ali, né, que a partir de, dessa escuta, essa esse interesse, o aluno forma o vínculo, constrói um vínculo muito positivo com o professor. Ele percebe que o professor, a professora estão interessados naquele aluno e no desenvolvimento dele, principalmente, né, que aquela pessoa não fique ali, que ela não paralise ali, mas que ela dê continuidade, ali é só o primeiro passo, ali é apenas uma primeira porta um primeiro degrau. Então, o professor ele precisa ter brilho nos olhos pra encantar esse aluno acreditando nele, acreditando no aluno, acreditando na capacidade de cada um de se superar a partir daquele primeiro passo. Então, um exemplo que eu tive nas aulas recentes até no curso de... também Mulheres Mil... éh... uma aluna que chegou muito... ela disse que foi empurrada para estar ali porque a irmã insistiu bastante pra ela voltar a estudar, então, por isso que ela estava ali, mas que tinha acontecido uma experiência com ela que a deixou muito feliz: ela estava no ponto de ônibus indo pra escola e ela tava com a pastinha do Pronatec, então no bolso(?), e um... um rapaz no ponto de ônibus olhou pra ela e falou “você é professora?” E ela disse que se sentiu assim encantada por ter sido confundida com uma professora. Ela é faxineira. Ela é uma pessoa auxiliar de limpeza e etc., e que quando esse rapaz a viu com a pastinha, identificou nela uma professora, ela se sentiu o máximo, isso elevou bastante a autoestima dela. Eu disse pra ela: olha daqui um tempo você vai estar aqui no meu lugar, você vai ser a professora do Mulheres Mil. Então, isso, eu tenho certeza que a motivou a continuar. Então, eu penso que tem haver com esse brilho nos olhos do professor e nesse entendimento da trajetória que cada um fez pra chegar ali como aluno, né, essa trajetória muito rica e muito sofrida. Então, pra eles estarem ali eles já passaram por muito coisa, por muito sofrimento. Alguém falou isso ontem, alguém mencionou. Então, o professor se colocar também na condição humana, o professor não está fora daquele daquele contexto, o professor também tem as suas mazelas, e ele se colocar muito próximo nesse sentido como ser humano, eu creio que ajuda bastante nessa permanência. [aplausos]

Prof. Josué: Maria Emília!

Prof.^a Maria Emília: [??] são muitas perguntas. Éh... [risos]... acho que Márcia tocou numa questão, em várias né Márcia, mas eu queria que você falasse um pouquinho mais sobre os desafios da formação continuada, porque a gente tem vivenciado só

no trabalho lá, éh, isso a gente já vivencia tanto no curso de formação inicial quanto na formação continuada semanal, com professores, com formadores, os apoios, coordenadores agora também presentes, né, e o professor pesquisador. E aí a formação continuada no caso da UFG, nós entramos com um projeto de extensão e com um projeto de pesquisa. Na extensão nós fazemos a formação continuada dos formadores, dos apoios, dos coordenadores e, com o projeto de pesquisa, nós fazemos a formação dos... de dez professores de cada escola que também estão sendo formados pelos formadores, né, isso é semanal. Éh... e que só... uma propaganda... o que a gente tem feito na formação continuada, nos estudos, material de estudos, discussões, materiais didáticos produzidos pelos professores, pelos formadores, estão tudo sendo postados naquele portal, que nós mostramos ontem, então do Proeja-FIC, tá o material lá desde 2010 a 2014: planos de aula de regências compartilhadas e as bolsistas têm ajudado bastante nesse processo, né. Então, eu queria que você falasse um pouco sobre isso, esses desafios. Éh... éh... pra mim você [se dirigindo à Prof.^a Carla na mesa] toca numa questão fundamental quando você diz assim: “professor que atua no ensino médio, graduação e pós-graduação, isso é é um dificultador.” Eu acho que não é. Pra mim eu acho que é um momento que acrescenta uma coisa à outra. Eu trabalhei treze anos e meio na rede municipal de Goiânia, na rede estadual e fui para a Universidade. Hoje eu estou com a disciplina de estágio lá no chão da escola, isso na graduação, e estou na pós-graduação, estou fazendo a formação continuada dos professores. Então, assim, eu acho que uma coisa complementa a outra. Por que? Não é porque eu estou na pós-graduação que eu não preciso por o pé no chão lá da escola. E não é porque eu estou com o pé no chão que eu não preciso dos conhecimentos lá do nível de pós, né, [??] eu preciso cada vez aprofundar mais, mas a gente tem que ter, né, este olhar de que eu não sou superior a ninguém, pelo contrário, a gente sempre aprende e temos muito a aprender, né. Éh... e aí... esses são uma questão, mas a pergunta mesmo repete um pouco aquilo que você pergunta né: “De onde vem os professores que estão na EJA?” É um pouco o que eu queria dizer ontem mas não deu tempo [risos], mas eu penso que seria interessante nessa discussão, se você pudesse trazer um pouco o seu olhar, aprofundar um pouco mais, que ah... uma outra questão quando a Yasmin nos traz assim uma beleza, né, de apontamento dizendo “professor, pode ser isso, pode ser aquilo, nós vamos deixar de sair dessa escola, né”. Uma das coisas que ela nos aponta, são os direitos, né, a questão do

afastamento temporário isso está presente. Então é assim, nós sabemos que essa é uma questão que o aluno da EJA vai vivenciar, seja em função do trabalho, seja em função da família, né, ou de questões pessoais, e/ou outras, o que a gente precisa deixar bem claro pra ele é que ele pode ir e voltar. Porque muitas vezes ele acha que se ele precisar afastar por uma questão de trabalho ele não pode voltar, se ele afastou por uma questão de doença ele não pode voltar, porque ele não vai conseguir caminhar, e aí nós da instituição precisamos começar a pensar em alternativas de trabalho com esse aluno que se afastou, né, a gente sabe da rotatividade... ontem é o que eu falava aqui, nós temos cinco alunos e não são às vezes cinco alunos amanhã, então tem que pensar o momento inicial da aula que eu retomo aquilo que os outros não participaram ontem pra hoje, eu preciso pensar grupos de estudo, né, que é junto desses alunos que estão afastados ao retornarem, eu preciso começar a fazer cartilhas, aquilo que a educação popular fazia, né, com esse aluno que tá doente, junto com aqueles que estão lá na sala pra dizer pra ele que ele pode voltar mas quem tá na sala tá aprendendo a fazer uma carta e tá aprendendo também que ele é importante pro grupo. Então, precisa ter elementos que nós precisamos buscar lá na educação popular. Uma outra coisa também que você [?] assim dá um banho, né, é o dizer “professores, usem metodologias diferenciadas na sala de aula, não fiquem só com o blábláblá, aula expositiva, professor quem trabalhou oito nove horas por dia, serviço braçal, ouvir aula expositiva!” que que vai acontecer? É sonífero! Né, vou ficando longe longe ou vou dormir. Aí eu tenho que pensar em aulas diferenciadas, metodologias ativas, nesse processo. Não só no âmbito de práticas, mas com participação, continuidade dos alunos, pode ser teórico, mas com [?] prática e articulando de diversas formas esse trabalho, né. Já pensou em um momento de um GV GO, de uma Philips 666 que os alunos em pequenos grupos tem que discutir sobre determinado assunto. Vocês acham que eles vão dormir? [??] Mas eles vão estar participando ativamente, se posicionando. Bom, eu entendo que os professores possam dar aulas pra alunos que não conhecem tal [?] numa sala de computação sem fazer isso! Não posso pressupor que todo mundo já sabe. Esse é um velho equívoco, achar que o aluno da EJA porque ele já é adulto ele já tem disciplina construída. O outro grande equívoco, porque ele é adulto ele sabe das coisas. Não, se ele soubesse não tava na escola. Ele tá ali pra aprender. Né, se ele busca o curso de computação, é porque ele precisa aprender sobre esse curso de computação, [?] o aprender, então é

fundamental isso. E uma outra... aí é pergunta mesmo, né! Como é que tem sido feito a divulgação desse trabalho que vocês desenvolvem, num é? É porque, como você diz assim, o corpo a corpo é fundamental, mas esse corpo a corpo não é só o professor da Instituição que vai lá, é o corpo a corpo do aluno que está estudando que vai conversar com outro, então, a importância de fazermos bem aquilo que estamos fazendo e aquilo que o professor disse aqui, construir metodologias de forma diferenciada, nós temos que estar atentos a isso, é o... o que vocês falaram aqui, o aluno... éh... três alunos na sala de aula que não era assim, o que que [?] pensando sobre isso? Isso também precisa ser objeto de reflexão nossa como profissional, porque sem aluno nós não vamos ser professores não! Né? A outra... aí é uma pergunta... éh... por que não ter paciência? E por último... éh... a questão que vocês co... que você colocou, né, alunos que não perguntam, como [?] [aplausos].

Prof. Josué: Jamile!

Prof.^a Jamile: Boa tarde! Eu sou Jamile do Instituto Federal Catarinense. Eu queria dizer para a professora Carla que eu ainda estou [?]. Em 2009, quando eu entrei no Instituto eu fiz uma... concurso para uma vaga que se chamava “Professor EBTT, pedagogo, mediador de Proeja”. Infelizmente, só existiu esse concurso até hoje e só tem duas pessoas no Instituto nesta vaga, mas também ninguém me tirou do Proeja porque é a minha vaga [risos] então tem os dois lados da questão institucional aí, tá. Mas, a minha questão é assim quando nós iniciamos o Proeja em 2008, 2009, num Proeja técnico não deu certo. As nossas primeiras turmas de Proeja técnico foram assim, dois formandos, um formando, e aí a gente teve que repensar as estratégias e acabamos optando pelo Proeja-FIC, nível fundamental em parceria com a... com os municípios e o Proeja-FIC ensino médio, assumido todo pelo Instituto, e aí... em função do tempo mesmo, né, o tempo de duração do curso, e parece que foi uma questão que foi bastante apontada ontem pelos alunos, também a questão da evasão, hoje a colega falou a minha turma inicial com tanto hoje está com dez, então o [?] é esse, eu gostaria de saber se vocês têm esses dados de quantos se formam, acompanhamento do egresso, [?] são técnico, se realmente ele vai pro mundo do trabalho ou se de repente esse duração também impacta na evasão, porque a gente lá em Santa Catarina ainda não achou uma forma de conseguir efetivar o Proeja Técnico. É mais nesse sentido. Se a mesa pudesse abordar. [aplausos]

Prof. Sebastião: Então, pra começar irmãos, éh... essa coisa de... [???]... o bom desses Diálogos é que muita coisa que você quer falar tá contemplado na fala do outro, né. [???]... pisar, né, pisar pisar até humanizar, pisar o chão até humanizar a terra, né, mas eu queria me referir e focar uma coisa que o pessoal não tratou diretamente, que é... tratando dessa coisa da evasão, da permanência, né, o o... nós tivemos o Osmar Lotterman e o Osmar Lotterman falava assim, discutindo o currículo integrado, ele dizia “Olha, essa discussão aí ela está politizada e e é preciso fazer ela dizendo o lugar de onde fala e pra onde aponta”, e ele fala do materialismo histórico dialético como um lugar né de referência pra essa discussão e parece que tá correto. E, e aí o, pensei no Marx né, quando ele falava isso, Marx das várias coisas que ele fala, que ele ensino e mostra, ele dizia o seguinte, olha qualquer ser humano, ele, a medida que ele nasce e vai vivendo, ele estabelece uma perspectiva que Marx chamava de reino da necessidade e reino da liberdade, esses dois reinos, da necessidade, muito vinculado ao trabalho e... e o da liberdade àquelas coisas aquelas ideias que ele tem ao trabalhar as superestruturas que ele vai criando de pensamento de cultura pra poder existir, tá muito ligado à forma de trabalhar. Então, ele dizia, olha, o reino da necessidade tá muito ligado ao reino da liberdade, agora é preciso que o ser humano, os seres humanos à medida que vão existindo, que eles construam o reino da necessidade mais rapidamente possível pra que ele possa gozar do reino da liberdade. Não que ele vai parar de trabalhar, não que ele vai parar de desenvolver o reino da necessidade. Aí eu fico pensando nessa nessa... essa é um tese do Marx, e aí eu fico pensando na evasão [?] por que que o pessoal da EJA evade? Eu acho que a gente gasta... principalmente quando a gente é mais pobre, a gente gasta tempo demais com o reino da necessidade, né, essa coisa... as as necessidades nossas, por exemplo, eu paro de estudar, que está no reino da liberdade, eu paro de estudar para ir pra feira do Divino Espírito Santo em Trindade, eu paro de estudar para... quer dizer o reino da necessidade o tempo inteiro ele me toma, ele me suga, e é um imperativo cada vez mais categórico e aí, eu... a minha... o reino da liberdade aquele reino da liberdade que eu quero construir pra mim, eu descolo muito, né, descolo muito da construção e desse imperativo categórico que é o reino da necessidade, e é preciso isso... eu acho quanto mais a gente não separar teoria e prática, o concreto... o material do imaterial, e vê que uma coisa é expressão da outra, né, e que é preciso é preciso fazer a escola compor esse reino da necessidade porque a necessidade não pode... só quem tem noção da necessidade

pode contemplar a liberdade como diz o Engels. Então, é importante essas coisas, é preciso ligar essas coisas, e eu acho que a gente com esse cartesianismo que tá na nossa no trabalho da nossa formação a gente separa demais, né, a gente separa, por exemplo, tava ouvindo a fala da Carla, adorei a fala da Carla, e ela dizia... eu pensei ali né... a gente tem uma maldita máxima do senso comum que é assim “não na prática a teoria é outra”, como se tivesse alguma prática desligada de alguma teoria, não, na prática a teoria é a mesma, você tem que descobrir ela. Então, essa coisa de aula prática, aula prática é preciso entender isso. Eu acho que a Yasmin não tá dizendo isso, mas assim, torne mais concreto, torne mais significativo, não é? Ela não tá falando de um praticismo que não significa nada, ela tá dizendo isso, não é? Tá tentando dizer o seguinte “Ou, junta o reino da necessidade com o reino da liberdade, eu quero me libertar através do trabalho”, e aí eu acho que essa que é o sentido sabe, que na prática a teoria é a mesma não é outra e a gente tem que se apropriar dessas coisas e o professor que está imbuído disso ele contribui para esses processos mais de permanência de redução de evasão na EJA, quando ele não tá ele acaba contribuindo naturalizando a evasão, não fazendo aquilo que é necessário, de comunicação que a Márcia disse, que tem que ir pro ponto de ônibus tem que ir pra dentro do ônibus tem que ir pras rádios tem que ir pra onde esse povo tá, se são os pobres, pra poder trazer eles porque eles não ficam batendo na porta pra poder entrar, não é? [aplausos]

Sujeito não identificado: Boa noite à mesa primeiramente, tema muito interessante, [?] éh... [???) na prática a teoria é outra seria correto quando dá uma distinção entre a teoria manifesta que [???) ação ou a teoria que realmente tá criando a ação. Acho que essa distinção... teoria tá de um lado e prática tá do outro [??) aí é um problema. E até pra... ou vou no tópico principal que vai ser linguagem, mais pra Carla. Carla, inclusive, a gente falando ontem sobre coordenação do curso, né, a gente usou só esse termo essa expressão, coordenação do curso, e eu pensei que você estava coordenando o integrado integral, por isso que eu falei pra você sair, agora eu sei, você pode continuar tá [risos]. Éh... brincadeiras à parte, porque a Carla tá fazendo um doutorado simultaneamente as aulas e a coordenação e sim... éh... um elogio que vai a ela e eu estendo a todos as mulheres, porque eu particularmente não me vejo em condições fazer... vamos ver se eu consigo, né [risos no auditório]. Então, essa questão da linguagem, éh, ela ela pareceu pra mim de uma maneira muito inusitada

e eu acho assim que uma primeira proposição categórica a respeito disso é que a questão da linguagem não é uma questão de enfeite. A linguagem, diria que em algum momento ou outro pode ser uma questão de... pode ser uma questão de enfeite pra idade, né... mas a questão da linguagem na... no ensino aprendizagem é uma questão central e ela não é [??] é decisiva que a gente possa acompanhar e verificar se a aprendizagem está acontecendo. Qual é a questão que apareceu pra mim? Eu como assim como a Carla comecei a dar aula no primeiro ano de graduação, quando em 2004, na antiga escola Venerano de Freitas Borges, atual campus Oeste de Goiânia hoje, na época escola estadual, eu à noite trabalhava na EJA. E aí, a a aluna, uma das alunas da EJA, uma senhora também, depois de insistentemente escu... me escutar a falando dentro do tema das conversões de... de conversões de unidades de medida que um litro correspondia a mil MLs, depois de escutar isso insistentemente ela veio e me perguntou, mas vem cá professor, se um litro tem mil MLs porque que um litro de óleo tem só novecentos? [risos no auditório] E eu? Não soube responder [mais risos]. Talvez se eu tivesse feito [?] função sintática mais desenvolvida teria dado conta da aula [?] Vygotsky que me ajudou muito a refletir sobre isso só foi chegar depois, lá em 2006 e 2007, eu estava em 2004. Quer dizer, até eu entender que litro poderia significar unidade de medida de volume e litro também poderia significar o nome de um recipiente e que são significados diferentes vinculados pelo mesmo som e o mesmo sinal gráfico, né, até eu entender isso eu não soube responder ela adequadamente. E isso, essa polissemia vale pra todas, praticamente todas as palavras e, pra além das ciências da natureza [?], inclusive tem um texto do Frigotto, recente, 2009, que trata da polissemia na categoria trabalho na sociedade capitalista, né, então assim a solução, solução química da solução de problema, o canto da sala não é o canto musical, a massa... é uma coisa é ser massa, massa pode ser sobrenome da pessoa, massa pode ser uma propriedade da matéria e, por aí a fora né. Os meus alunos esses dias que responderam uma prova, eu pedindo a distinção entre, diferencia água potável e água pura utilizando os conceitos de substância e mistura, e aí eles diziam que na água mineral tem misturas, o o o conceito cotidiano de mistura aparecendo ali, a gente diz assim que tem mistura na mesa, tem misturas né, só que o o conceito de mistura químico é o... a união de duas ou mais substâncias é outro conceito, a gente não diz que tem mistura, a mistura tem substâncias, quer dizer, e aí só com um diálogo profundo e contínuo a gente pode reconhecendo identificando e colaborando

pra fazer essas distinções e a gente precisa do au... de um auxílio assim geral pra questão do uso do certo ou errado, que a gente não pode abrir mão dos conceitos de certo ou errado, relevante irrelevante, pertinente impertinente, mas a gente precisa acoplar eles a uma análise de uso e contexto, porque sem uma análise de uso e contexto, a gente... fica com uma noção universal de certo e errado, e aí a gente perde essa polissemia e essa heterogeneidade, né, que esses conceitos podem conviver. Então, finalizando, só é... dizendo assim, apontando assim no sentido do currículo enquanto a gente tem... em relação a a evasão né, permanen... a gente tem várias hipóteses, socioeconômicas, pedagógicas, vou tratar aqui de algumas... quando a questão é didático pedagógica por exemplo que tá mais mais na nossa mão a gente tem várias hipóteses e uma delas é o o... a abordagem do próprio currículo e também a metodologia. Aí você falava né, como... o que que termoquímica vai ajudar né? Eu acho que a gente... é é essa forma de organização lógica dos conceitos nas ciências, igual na química a gente organiza blocos, termoquímica, cinética, soluções, ela é ruim para pensar o currículo... tô terminado... só fechando aqui [?]. por exemplo, balanceamento, qual que é o sentido de balanceamento pra o aluno da EJA? Geralmente qualquer aluno ele vai ter um [?] algébrico, mas se eu partir com um... a questão da produção de sabão artesanal e o sabão da da minha avó ele comia o comia o mármore porque tinha um excesso de hidróxido né e a gente poderia usar o balanceamento pra inserir essa discussão de sabão artesanal, quem vê aí essas essas quantidades e dá sentido [??] tinha mais coisa pra dizer mas [??]. [aplausos]

Prof. Josué: Gente vamos fazer o seguinte pra gente racionalizar aqui e cumprirmos o nosso tempo, éh, tá inscri... éh a última inscrita é Jaqueline, né, e eu gostaria de que a fala da Elaine... as pessoas que quiserem se inscrever se inscreve após a fala, a próxima fala, então, não vai haver mais inscrições, tá bem assim?

Sujeito não identificado: Boa tarde! É, eu sou do curso de licenciatura em Matemática, sou do quinto período. Então, foi falado aqui na mesa uma questão que eu considero muito importante que é a questão da linguagem, tanto é que os índices né aponta para um grande problema que é na área de exatas né. Éh... acaba sendo muito difícil, por muitos né, o entendimento da matemática. Então, a questão da linguagem, como qualquer área, é muito importante. Então não é difícil matemática,

às vezes que tipo de linguagem né estamos usando pra fazer com que o aprendizado né aconteça. Então a linguagem é muito importante. Uma questão também, éh, na questão assim até focando né a Educação de Jovens e Adultos, eu tive né o prazer de experimentar esta realidade porque eu também trabalhei na sala de aula, trabalhei com alunos da EJA por dois anos, então é uma realidade diferente, então a questão da linguagem é muito importante e outra coisa né, nessa questão da linguagem... éh... o professor no seu processo de formação né acaba pulando um pouquinho essa linguagem, mas não é difícil, a gente às vezes, éh... nós nos temos... éh... temos que nos colocar no lugar né do aluno. Então assim... éh... a gente percebe algumas... vou pegar alguns exames algumas avaliações aí né, respostas absurdas, mas não seria a questão da linguagem? Porque assim se não formos específicos nós vamos encontrar respostas diferentes. Então, a questão da linguagem é muito importante. Éh... outra questão assim por exemplo no nosso... no nosso curso mesmo de licenciatura em Matemática existe uma grande divisão, então assim, antes de tudo eu acho que somos educadores, então, trabalhamos em prol da educação, mas existem profissionais que eu acho que essa questão da educação acaba estando mais distante porque assim... éh... é importante nessa questão assim porque eu considero... éh... que a educação matemática veio para somar, é importante que o professor tenha domínio do conteúdo mas é mais do que isso né, numa sala de aula o ambiente é bem maior é bem mais complexo então não é apenas domínio do conteúdo, o domínio do conteúdo é um dos atributos de qualquer professor que ele tem que dominar o que ele trabalha. Então... éh... e eu acho que o meu curso traz bem essa dicotomia... éh... da matemática pura e da educação matemática, mas antes de tudo, somos educadores, então é claro, temos uma formação matemática, mas nós estamos realmente trabalhando com pessoas, trabalhando o que, com a produção do conhecimento. Éh... no caso do nosso departamento, então fica até uma provocação: cadê o nosso departamento? Cadê a abertura? Porque nós queremos horas, também, éh... participação em eventos éh conta também né na nossa grade, cadê? Nós acabamos às vezes tendo que comprar uma briga para estar aqui presente. Então não é uma questão tão tranquila pra nós da licenciatura, então, principalmente o nosso departamento, fica essa provocação, cadê? Eu vi aqui o nosso professor de estágio, meu professor, Adolfo, que também faz parte do Proeja, então, tive também né a oportunidade de ser aluna do professor Josué né [apontando para a mesa], então acho importante esse tipo de evento, porque é uma

formação continuada, eu acho que todos das licenciaturas deveriam estar aqui presentes, porque é uma formação, então... éh... nós éh... mesmo eu como graduanda, mas professores também estão em constante formação. Não existe fim, eu acho que é algo continuado. Então, fica essa provocação assim: cadê o nosso departamento? Eu acho que deveria estar aqui presente. Éh... eu vi nos depoimentos aqui dos alunos do... do EJA, que aqui no caso a Educação de Jovens e Adultos tem também uma formação profissional que é um pouco diferente da realidade que eu trabalhei, porque eu trabalhei no caso com o fundamental e não era a ser com... éh... no caso... não era com essa formação também do trabalho né, então era apenas, éh, diferente a realidade. Aqui acaba tendo um tempo maior do que no fundamental que é mais reduzido eu acho, um pouco. Éh... eu percebi na interação de muitos a preocupação dos nossos alunos, mesmo da EJA, tem o mesmo desejo, não é apenas o desejo de uma formação, o desejo de, por exemplo, porque eles precisam do diploma pra ocupar certos cargos, pra melhorar a questão aí da... do nível de vida socioeconômico né, então, eles também tem o desejo de aprender. Então eu acho que aí está o nosso papel. A formação de professores é muito importante. Então, eu acho que esse tipo de evento vem realmente pra somar né, que é muito importante que isso aconteça, eu acho que tem até um número muito reduzido, deveria ter mais pessoas aqui, principalmente porque somos muitos das licenciaturas... não vou dizer... eu venho da mesma realidade que o pessoal da da EJA vive, então curso de matemática, o índice de... é vamos pegar aí de pessoas... de evasão é muito grande, eu tô no quinto período mesmo minha turma é bem reduzida, então eu também vivo esta realidade. E é justamente... quando volto novamente né a questão da linguagem. Nós vivemos também isso no nosso curso. A questão da linguagem é muito importante. No nosso curso... éh... é o que eu falei né dessa divisão, eu percebo a preocupação maior daqueles com formação em educação matemática nesta questão da linguagem, eu não percebo muito isso nos professores que fizeram opção por trabalhar com a matemática e não com a educação. Eu vejo essa diferença. Então, fica, realmente essa provocação e a questão: somos da educação, temos que participar desse processo de formação, isso é muito importante! [aplausos]

Prof. Otávio: Boa tarde! Hoje eu vim disposto a não intervir, mas fui provocado porque tocaram na questão [?] da educação física. E... eu creio que a pessoa falou

isso, que trouxe essa informação, ela primeiro não tem uma formação voltada para a educação de jovens e adultos, éh... porque dentro da grade, principalmente dos cursos estabelecidos agora em 2013, prevê, de forma optativa mas prevê, a oferta de educação física... éh... no dois primeiros semestres... éh... a gente tem lá [Jataí] a preocupação e a gente tem o respeito suficiente para o aluno de fazer essa oferta, de ofertar... éh... a educação física... éh... de forma oficial... éh... estabelecida dentro das grades curriculares do novo curso de secretariado. Então, o aluno em forma de respeito a gente oferece essa educação física pra ele, né, é claro que é de forma diferenciada, a gente aproveita pra poder... éh... integrar a educação física às demais disciplinas e trabalhar de forma... éh... a formar o cidadão na forma íntegra, na forma capaz... éh... não deixando com isso de oferecer uma prática recreativa, corporal, laboral e a fazer desse aluno um aluno comum... éh... igual a tantos outros da... do ensino médio, do do concomitante, do técnico e até mesmo as engenharias, que não é obrigado a ter educação física, a gente oferece de forma a respeita o aluno, porque mesmo que não tenha na grade você tenha como oferecer e como... nós não podemos diversificar e não podemos... éh... de forma abusiva, lógico que isso não significa uma resposta abusiva, além de de respeitar o que [?], então... éh... esse departamento ele está aqui e se integrar mais do que é a Educação de Jovens e Adultos e por que... éh... que essa pessoa... éh... foi restrita restrita de um bem e de uma coisa que lhe é de direito... éh... cabe ao grupo ao grupo responsável pelos Diálogos, as pessoas que intermediam isso, e levar essa situação... eu me senti muito chocado [??] porque o respeito que a gente dá aos nossos alunos do Proeja, porque ele já tem restrito a isso... se você poder oferecer [???]... um pouco de vivência corporal e levada a sua condição... éh... já de trabalhador [???]

Prof. Josué: Posso só fazer um aparte na sua fala?

Prof. Otávio: Claro!

Prof. Josué: Talvez eu não tenha me feito entender corretamente, mas esse esse exemplo que eu dei foi uma [?] em relação ao uso da academia e não necessariamente disciplina, porque me parece que nem isso eles têm de fato, né. Isso não tem e na hora não foi questionado. Mas é porque a acade... tem uma academia aqui no campus que é usada por todo mundo, né, e aí a a... ela poderia ter

sido [???].

Prof. Otávio: Pior. Complicou mais a situação [??] porque como você não faz educação física não é obrigado [?] a academia. No caso, está restringindo um direito universal, que é o direito de ir e vir e usar os espaços. [???] [aplausos]

Sujeito não identificado: Boa tarde! Gente, parabéns! Principalmente você Carla. Eu amei a sua fala porque acho que tem tudo haver com a realidade do aluno. Eu sou aluna EJA. Eu sou aluna do terceiro período de História, aqui do IFG. Eu fiz EJA. E eu me identifiquei muito na fala da Yasmin [risos] eu fico nervosa toda vez que penso em falar [risos] eu tremo uns dez minutos [???] vou tremer o tempo todo [risos]. Não vai passar! Então, o que eu que queria falar, exatamente disso... éh... é uma coisa que eu sempre pergunto para os professores... professor... às vezes eu vou apresentar um seminário e eu falo e os professores falam pra mim assim: “Você não pode se esquecer da linguagem acadêmica.” Eu falo, que que adianta a linguagem acadêmica pra um aluno que ele vai ficar ai e não vai entender nada? Me interessa é fazer a pessoa entender. Eu interesse a entender. Às vezes o professor fala, que é aquela sensação de sono, que ela falou [apontando para a mesa], ela falou... é isso mesmo, tem professor que está muito mais preocupado com o seu título acadêmico do que com o outro que tá ali tentando pegar alguma coisa, levar pra vida dele pra servir pra alguma coisa. Então, o fato de eu estar aqui, agora, falando sobre isso é porque eu fiquei sabendo dessa dessa reunião aqui ontem. Eu sou meio assim... mais difícil pra ficar sabendo dos eventos! Então, eu tava compartilhando esse anseio com uma colega da minha turma do terceiro período, eu tô tentando dar utilidade pra minha história, porque eu não quero uma filosofia que não sirva pra mudar a vida das pessoas... eu não quero [riso]... aí ela falou: “Sabe, tá acontecendo um evento da EJA aqui do lado, vai lá, se inscreve e assiste!” E quando eu cheguei que eu vi a professora Maria Emília falando eu fiquei apaixonada, eu falei “é isso!”, “eu tô procurando é isso!” [risos]. Então, provavelmente eu serei aluna dela, viu, provavelmente depois que eu terminar a minha licenciatura eu... farei a [?]. Então é isso que eu queria apontar. Outra coisa... que eu anotei nas falas de ontem... eu não anotei o nome de todo mundo... foi alguém que falou sobre o que os professores opinam dar aula na pós-graduação, no ensino superior, e não aceitam EJA, pelo fato de preferir fazer pesquisa, mas o fato... é é uma pergunta, eu realmente não sei, o

fato de eu ser professor no EJA vai me impedir de fazer pesquisa? [risos no auditório] Porque se me impedir [??] porque eu quero ir pro EJA e eu quero fazer pesquisa também [risos]. Outra coisa, que eu queria... éh... perguntar... éh... uma pessoa ontem falou assim que é preciso... éh... instituir uma capacitação autoritária. Eu não concordo muito com essa fala porque eu acho que tudo que aquilo que é autoritário, tira a liberdade do ser humana, ele engessa também o ser humano, e bom é trabalhar com a liberdade. Você ser aquilo que você gostaria de ser. Então eu acho que o autoritarismo quando muito ele engessa ou [?] e, às vezes nem isso, mas se conseguir vai fazer isso. Eu acho que o melhor é a gente identificar realmente o interesse na gente e e nas pessoas a nossa volta, igual o papel da Sabrina minha colega, ela identificou em mim um interesse e ela me encaminhou pra cá. Eu acho que ela fez uma ação social. Por que? Ele me ajudou com algo que eu sabia que queria mas não sabia o que era [risos no auditório]... eu tô tremendo... e é isso gente, no mais é... parabéns, eu tô realmente apaixonada, provavelmente eu me envolverei, brevemente, com EJA. [aplausos]

Jaqueline: Boa tarde! Me desculpe a mesa. Por motivos pessoais eu não consegui chegar. É... mais na fala dos colegas aqui eu ir falar, mas me provocou. Quando o... éh... o Osmar Fávero fala em relação a questão da evasão na Educação de Jovens e Adultos, ele assim... na leitura dele... ele me alertou que um jovem adulto ele não evade, ele interrompe o seu estudo e que se ele tiver aprendendo ele retorna, né. Então ele tem interrupções, então, a gente tem que ter cuidado com essa palavra de evasão e não dar tanta importância pra ela na Educação de Jovens e Adultos e começar também trocar esse nosso reper... repertório, né, e tentar entender porque ele interrompe e não evade. E aí... aí as pessoas falando sobre a questão da linguagem... e isso me provocou também, porque quando eu fui fazer a pós-graduação no mestrado eu tive aula de Filosofia da Linguagem e estudei Bakthin e Habermas e quando eu estudava antes destas aulas de Filosofia da Linguagem eu achava que cálculo(?) era a disciplina mais difícil que tinha, e até então eu tinha estudado, sou das exatas, sou professora de química. Quando eu tive aula de Filosofia da Linguagem eu saí arrasada no pensamento de tanto pensar, tão cansada que eu saía e o professor... éh... que eu tive, professor Carlos... éh... Alberto Faraco, que foi reitor na Universidade... éh... de Curitiba, na Universidade Federal de Curitiba e ele fala o seguinte que a... Bakthin né, que a linguagem, a gente não pode

fazer dela assim, desprezar a linguagem, que a gente tem que problematizar a linguagem. E ele dizia assim, de forma simples, eu não vou né entrar em detalhes, mas que me chamou a atenção e que me marcou muito, ele falou, se a gente não tem garantia nenhuma... já disse isso aqui em outros momentos... do que a gente diz de fato o outro vai entender como a gente gostaria de dizer e que é um milagre a gente se comunicar. Então assim, se eu tenho o entendimento que a linguagem é é problemática... então assim, e tem as diferenças de cultura, a questão da formação e tudo o mais, eu vou entender que na sala de aula se um aluno que perguntar mais de umas vezes, mais de mil vezes né, vamos dizer assim, eu tenho que ter a paciência porque eu não tô me fazendo entender né e ele também tá em outro contexto né. Então assim... éh... e isso me ajudou bastante porque as vezes os alunos perguntavam perguntavam perguntavam, eu ficava me perguntando, será que eu tô conseguindo, de fato, trabalhar o processo de ensino aprendizagem? Que essa questão da linguagem eu venho me perguntando desde o início quando... éh... fui(?) a primeira aluna de iniciação da Agostina e eu trabalhei com ela Vygotsky né. Então a gente trabalhou Vygotsky e aí eu fui assim... éh... com o tempo tentando entender essa questão da da linguagem. É é só essa contribuição. [aplausos]

Prof. Josué: Obrigado Jaqueline. [???] Me inscrevi na fala da Elaine. Nós né. Rapidamente. Eu vou... então gente... éh... eu acho que assim... eu tô muito emocionado.,. todas as falas aqui eu acho que... muito interessante, muito ricas. Todas elas né... tem uma fala que me chamou a atenção... éh... do professor Ramon, quando ele compartilhava aí, lembrei de umas histórias que a gente tem acesso tanto na... no cotidiano nosso de experiências por aí... aconteceu várias histórias, alguma coisa nesse nesse [?] história de professor de EJA né. Mas eu tava lembrando de uma... éh... essa essa dificuldade da linguagem até da contextualização [??] ela conta no texto dela, né, da... de uma que tava na aula de matemática mas não conseguia entender porque o professor não contextualizava as questões, aí ela tava comentando no no ponto de ônibus [??] qual era a diferença entre “problema” e “pobrema”, qual que é o “problema”? “Pobrema” na vida real, “problema” é o que a gente encontra na escola? Né! Um aspecto bastante interessante que, em relação a questão da linguagem, que eu acho que assim... é uma discussão que dá muito pano pra manga... é a questão da infantilização dessa dessas... da docência em EJA, né... éh... e aí é interessante a pesquisa aqui... vocês lembram do gráfico que mostrou

onde são as maiores dificuldades que os alunos encontram as áreas, a gente abriu por alto pra fazer a a... e deu exatamente na área de linguagem, quase metade dos alunos dizem que às áreas onde encontram mais dificuldade... isso dá a entender que o o professor dessa área ele tem uma certa dificuldade de contextualizar. Num desses [??] que vamos ver ela narra uma história lá de uma... de uma professora que tava numa formação e que se queixava dizendo que tinha uma senhora de setenta e tantos anos na sala de aula que não conseguia aprender as continhas, né, e aí a professora [risos] já captou a questão da linguagem, como ela utiliza a linguagem, né, uma linguagem totalmente infantilizante numa turma de adultos, inclusive, com idosos, né, e que aí realmente... e aí aí além de uma linguagem né... ela vai falar assim... uma linguagem que é é reduz né... ela vai falar assim, como é que você pode falar que essa senhora não consegue fazer as continhas se ela passou a vida inteira, provavelmente, por conta de suas situações econômicas tendo que fazer as conta as contas pra comprar... éh... no supermercado até onde né o limite do dinheiro dela permitisse né, e daí ela vai falar, o que na verdade ela não tá entendendo é a sua linguagem de “arme e efetue” [risos no auditório] essa linguagem é que ela não consegue entender, mas se você consegue utilizar uma outra linguagem, que é a linguagem do cotidiano dela, você vai conseguir lidar você vai conseguir ensinar matemática... exato... então você vai conseguir ensinar matemática. Então eu percebo que essa questão e aí obviamente reporta a uma outra situação que foi muito colocada aqui que é a questão da formação continuada de professores, isso passa necessariamente... eu gostaria de compartilhar, pra finalizar minha fala, ainda tenho tempo... éh... com os colegas que que existe algo que assim por mais que seja incipiente mas que está acontecendo acontecendo no âmbito do Instituto Federal de Goiás, não sem resistências, que é a oferta da EJA no âmbito de todas as licenciaturas desta instituição. Nós tivemos várias tentativas aqui de desconstruir. Esses dias uma colega do IF Goiano comentou comigo, ontem aliás, esqueci o nome da colega, deve tá aqui inclusive mas não consigo ver aqui nesse escuro [se referindo à pouca iluminação do auditório] que... ah... tá ali [apontando para o auditório]... desculpa desculpa colega [Luciane] Luciane, né, é é acho que foi você que comentou comigo sobre a ausência da EJA na formação, não é isso? Dos licenciandos, quer dizer, então a gente continua com um vício aí da academia de modo geral, né, em linhas gerais, que no máximo tem uma menção... tem disciplinas a... dessa área nos cursos de Pedagogia. Então eu acho que é um avanço muito

grande no âmbito do Instituto Federal de Goiás co-inserir a formação da Educação de Jovens e Adultos já na graduação, na formação inicial dos futuros educadores né. Então acho que isso faz uma diferença muito grande! Mas como eu falei [?] mesmo tempo o IF Goiano tentou reduzir, né, aliás, reduzir até conseguiram né, mas tentaram acabar... e a e a cada nova discussão que tem no campo(?) da licenciatura ele... isso é retomado e eles tentam destruir a EJA exatamente por não entender a importância que é ter a EJA na formação dos discentes, dos docentes. Gente, eu vou então passar a as colegas, pela mesma ordem né, pela Márcia pra poder então fazer os comentários em relação às falas, ao debate [??].

Prof.^a Márcia Melo: Bom, são muitas questões, né [risos]. Éh... o Josué já deu o cochicho aqui com o tempo... eu vou [?] alguns questões que é muito rápido porque não dá [??]... mas como a fala a questão... primeiro assim colocar o que a... a nossa companheira Yasmin traz, é a necessidade e um bom nível(?) técnico de formação, né. Nós precisamos de formação... éh... nós educadores precisamos de formação. Nós, educadores, que trabalhamos com a Educação de Jovens e Adultos, precisamos mais de formação. Porque nós não estudamos isso na nossa formação inicial. Não passamos por isso. Eu não passei. No meu currículo de Pedagogia, porque eu também sou pedagoga, no meu currículo de Pedagogia eu não passei. Eu vivi a Educação de Jovens e Adultos por outros meios na Universidade, mas no currículo não tinha, né, então assim... realmente e os apontamentos que ela traz aqui pra gente e, Maria Emilia já levantou... éh... deixam muito válido(?) isso pra gente. E aí, professor Ailton, as aulas... éh... docência compartilhada eu acho que foi... éh... um elemento extremamente... éh... assim... inovador que a gente... éh... trabalhou dentro do Proeja-FIC e /Pronatec... éh... e aí foi um desafio né, novo pra todos nós né, a discussão de currículo integrado, a discussão de de docência compartilhada... o companheiro Tião traz a discussão da [??] nós tivemos no grupo o privilégio de ter pessoas que conseguiu estabelecer um diálogo mais profundo com a gente em determinadas questões, porque a docência compartilhada ela [??] vários... éh éh... conceitos que precisam tar claro pra gente, conceito de sociedade, conceito de educando, conceito inclusive da minha formação, porque a partir do momento que eu penso na aula compartilhada e eu vou dividir o meu espaço, mas não é só o meu espaço, eu vou dividir o meu conhecimento ou vou somar o meu conhecimento com outro eu estou entendendo que eu não sou a dona do saber, que eu não sou a dona

daquela... daquele pedacinho ali e... na na formação é pedacinho é caixinha... então a caixinha se abre né... a partir do momento que ela se abre, essa exposição... então a a a docência compartilhada, primeira coisa, ela requer essa disposição da pessoa, ela requer esse querer, essa vontade, esse desejo e é o desejo mesmo né... éh... de... como Ford(?) fala o desejo do sentir mesmo. Se eu tenho esse desejo, se eu sei que eu não sou a dona do saber, se aquela caixa ela se abre e outros saberes podem vir mas outros saberes podem ir, aí a gente consegue fazer, se não, a gente não consegue. Por isso que algumas dessas dez escolas a docência compartilhada ela deu muito certo e outras ela não deu e não vai dar porque aquele grupo ali não deseja isso, né, então... éh... é tem muito essa relação. E aí tem textos, viu... éh... a gente no no site do Fórum lá tem textos sobre essas questões, vocês podem entrar... éh... entre ali no portal nacional tem as bandeirinhas clica na bandeira de Goiás lá tem Proeja, Proeja-FIC, vocês clicam vai ter texto vai ter um monte de coisa lá que vocês podem tá... éh... buscando, é público é nosso. Éh... com relação... então... éh... a Daniela traz a questão do do Proeja como... pensar o Proe... o Pronatec de outra forma, né, éh, a gente também acha que é ousadia... apesar dos desafios que a gente vem enfrentando na Rede, ela tem sido positiva sim, ela tem sido... a escola traz isso pra gente o aluno traz isso pra gente, então, eu acho que a gente tem que reconfigurar mesmo as coisas que vêm, elas não podem e e aí... a SETEC e a SECADI já abriu espaço pra isso, né, a... éh... a gente vem dialogando... "ó, SECADI, o Pronatec não serve pra... desse jeitinho que ele foi pensado [??] ele foi pensado de outra forma pra EJA", então, a gente já conseguiu colocar isso lá nu... em Brasília. É preciso que a gente fortaleça isso, é preciso que a gente dialogue com com outros outros Estados outros Institutos Federais pra gente fazer, porque a gente... nós da Rede Municipal não queremos ir pro Sistema S, a gente quer fazer aqui porque aqui é a instituição pública, que o Instituto Federal é instituição pública e a a Secretaria Municipal é instituição pública e a Universidade é instituição pública, então nós temos que fazer numa instituição pública, então tem que ser política pública. Isso que a gente tem que defender, isso que esse governo [batendo no peito no adesivo da Dilma Presidente] tem que defender e vai defender porque se não é é... éh... não é aquilo que a gente tá buscando, então é isso que a gente tá correndo atrás, é esse diálogo que a gente tem que provocar lá no MEC, a gente graças a Deus conseguiu enfiar lá, Mad'Ana já brigou, Cláudia vive brigando lá, é os nossas representações em fóruns, né, eu tô falando os nomes dessas duas meninas porque elas tavam lá

na representação... é o Fórum... e fizeram essa discussão com o resto do país, então é importantíssimo que nós que estamos nas instituições públicas induzimos sim ao MEC... ah... ó... tá vendo o problema?! Ótimo! Tem grana? Tem! Então vamos aqui repensar reconfigurar esses problemas existentes que tem isso, acho que tá tendo uma aceitação significativa lá nessa questão. E aí a Emília provoca a gente, né! Eita! Éh... foi minha professora viu! Éh... com relação a formação, ela provoca e vai embora, ela tá lá fora, deixa ela! Então... pois é! Éh... com relação a formação, né, os desafios que a gente tem enfrentado. Éh... a gente tem enfrentado muitos desafios sim na formação. Num primeiro momento que a gente montou o grupo de formadores, inclusive, a gente foi pra lá né Tião, não... inicialmente a gente não recebia absolutamente nada, a gente foi mesmo por acreditar na Educação de Jovens e Adultos, por acreditar na educação pública, por acreditar que esse programa é daria certo. Fomos, constituímos um grupo, fizemos discussões muito ricas, produzimos, eu acho que essa essa produção ela foi muito rica ela tá lá no site... éh... no site, no site do Fórum, quando eu me referir a site é sempre do Fórum porque é público também. Eu sempre estudei a minha vida inteira e trabalho a vida inteira na educação pública. Isso é opção de vida que fiz. Éh... e aí... éh... primeiro desafio, a questão do professor querer. Alguns professores eles querem, é aquela coisa do desejo, então alguns querem formação outros não, outros estão na sua zona de conforto e aí sair dessa zona de conforto não é uma coisa assim muito tranquila, muito tempo ele tá ali, tranquilinho, não é questionado, num é!? Então sair desse espaço é muito difícil, é muito conflituoso pra ele inclusive, né. Então... éh... o primeiro processo é esse, o primeiro desafio nosso é esse, é trazer esse camarada pra cá e falar “vamo aqui, vamo estudar, vamo vamo pesquisar, vamo...” né... então, tirar esse cara da zona de conforto pra o trabalho pra pesquisa. Éh... e aí assim por que... éh... a gente trabalhar nessa perspectiva do professor pesquisador? Porque não é só eu aqui degustar vários textos, mas é eu entender qual o papel desse desse estudo pra mim, professor, né. É só pra mim mim tornar cada vez mais intelectual? Né, que aí entra um pouco aquela coisa da pesquisa né, aí eu posso falar porque eu sou da academia né, eu sou do Instituto... éh... não tenho vínculos [risos] assim... ah... às vezes... éh... [risos] não as [?] fontes de pesquisa né. O que que acontece na Educação de Jovens e Adultos? As pesquisas de EJA elas não dão ibope, né, você não vê as pesquisas de EJA aí sendo divulgadas na mídia ou outros espaços né. É divulgada aqui com a gente, ela é discutida e a gente sofre também

pra pesquisa EJA né... éh... mas aí num é não tem esse... e as pessoas gostam muito principalmente... aí desculpe se, posso tá sendo éh julgadora [??]... mas os cursos ou os profissionais de elite eles querem fazer pesquisa mesmo pra... éh... e aí que quem assim... preconceituosamente a gente chama de pesquisa de elite, que é a pesquisa que vai dar ibope que institucionalmente ela tem... a instituição dá valor pra ela, dá essa esse... e aí a pessoa que fez aquela pesquisa já tem um espaço maior dentro da instituição... então é é... o professor pesquisador pra nós da Educação de Jovens e Adultos é aquele professor que entende de fato qual que é o papel dele e aí ele vai degustar esses textos, ele vai estudar esse material, pra quê? Pra que ele se torne um pesquisador lá na sua sala de aula. O que é o mais importante, né, que é o mais importante. Esse pesquisador pra gente ele tem um um valor extremamente grande pra Educação de Jovens e Adultos, porque é quando ele vai pensar de fato o aluno, vai pensar essas linguagens, vai pensar todos esses elementos. Então assim... éh... e aí gente é questão de concepção. Se eu tenho concepção de educação, elitista, essa concepção que nos foi imposta o tempo todo de que eu me formo na minha caixa e na minha caixa na minha caixa eu morrerei eternamente. Se eu... éh... tenho essa concepção, e essa concepção ela nos foi dada nos foi imposta socialmente e na na nas instituições formadoras, ela foi dada na educação básica ela foi dada na Universidade. A gente não sair dela... éh... é um implicador na nossa prática pedagógica, na Educação de Jovens e Adultos mais ainda, né, tanto que a companheira da... éh... da [?] traz esses elementos né. Éh... no Proeja-FIC/Pronatec um dos fatores hoje de dificultador do da formação, específico, é a questão do do edital que saiu muito tarde... éh... e e os profissionais não serem vinculados a instituição né, ele é vinculado a um edital, ele cumpre lá aquele prazo depois ele vai embora, então assim, isso é um um uma questão que a gente percebeu, muito ruim pra formação, né, as pessoas elas tem que ter vínculo com as instituições, isso inclusive... éh... pra instituição ela é é tá ganhando ali os profissionais, né, tá formando esses profissionais. E aí esses profissionais hoje que tão na na sua maioria lá eles não não tem esse vínculo com a Rede, com o Instituto Federal, com a Universidade Federal, né. E aí... éh... eu só queria só lembrar aqui que a avaliação na Educação de Jovens e Adultos ela não pode ser punitiva ela não pode ser disfarçada, só temos que trabalhar avaliação na Educação de Jovens e Adultos na perspectiva diagnóstica e formativa do indivíduo. Se a gente pensar essa formação de outra forma a gente vai estar punindo... apenas observando conteúdo e

trabalhando com a ideia de punição do nosso aluno. Então assim não dá pra gente aprofundar, o Josué já pediu aqui pra mim concluir... éh... eu assim é... oxalá que esse auditório no próximo Diálogo Proeja possa estar lotado né, porque... assim... mesmo... éh... educadores de EJA a gente tem muito por aí, deveriam estar aqui nesse espaço, então, não estou né, tanto do Instituto, quanto da Secretaria quanto da Universidade... éh... e que a gente possa de fato... éh... fazer com que esta Educação de Jovens e Adultos... éh... não seja uma extensão, que ela não seja um apêndice dentro das nossas instituições, que ela seja... éh... onde eu fico muito feliz na Rede Municipal de falar, a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade lá dentro da Secretaria, ela está no Departamento Pedagógico como o ciclo tem o seu espaço, como a educação infantil tem o seu espaço, como a gente tem o nosso espaço, né, eu acho que, oxalá, que todas as instituições que trabalham com essa modalidade possam de fato ter esses espaços e que a gente pare de excluir as pessoas, porque antes de eles serem da Educação de Jovens e Adultos, eles são humanos como todos nós e merecem o nosso respeito. Então assim muito obrigado e desculpa, às vezes, a empolgação. [aplausos]

Prof. Josué: Obrigado Márcio por compreender... éh... [???]... éh... olhe só gente, peço que vocês não... éh... não abandonem ainda o teatro, porque logo em seguida vai ser servido aqui um café, logo em seguida, rapidamente. O professor Paulo de Uruaçu ele tá querendo que a gente libere a Yasmin, mas eu vou passar o microfone pra ela pra ela fazer as considerações finais dela diante do proposto e aí você se sinta à vontade pra... mas aí você peça ao professor Paulo pra esperar... não sei se o professor Paulo tá me ouvindo lá, mas só pra vocês terem também a oportunidade de [?] com a gente aqui o lanche. Beleza?

Aluna Yasmin: Tudo que foi falado aqui foi muito acolhedor(?) e eu vou levar pra minha Instituição. A gente vai ter um evento lá agora essa semana ou a outra, e eu vou expor o que foi falado aqui, foi muito criativo e eu agradeço todos os professores. Muito obrigado! [aplausos]

Prof. Josué: Professora Carla!

Prof.^a Carla: Bom... éh... são muitas questões né. Mas, vamos começar pensando que

alguns problemas ou alguns dilemas na intercasados com a Educação de Jovens e Adultos também são problemas e dilemas de outros cursos como os cursos de licenciatura, por exemplo, e são cursos, cursos historicamente negligenciados e que de alguma forma... éh... não são cursos que atraem a maioria das pessoas, são cursos de minoria. Que que eu tô querendo dizer com isso? A gente tem um problema no Instituto Federal, para além da permanência ou não do aluno, que é o problema de entrada. No último processo seletivo que nós tivemos em Inhumas... éh... doze pessoas fizeram o processo seletivo, destas doze sete pessoas permaneceram, que é a turma que a gente tem hoje, já devem ter chegado por aí. Éh... nós formadores de professores que estamos lá no nosso curso de formação na licenciatura em Química que é o meu caso, a gente compartilha dos mesmos problemas. São problemas né de cursos... éh... que que de certa forma não atraem muito a conjuntura política por não ser interesse né dá dá do poder público e que vão enfrentar esses problemas eternamente. Que que eu tô... eu tô sendo pessimista? Não! Tô dizendo que a gente vai ter que lutar até o fim da nossa carreira. Eu acho que é isso que a gente tá fazendo aqui. E penso que o fato de ter de ter poucas pessoas aqui no auditório demonstra isso que eu tô querendo dizer, não sei se eu tô sendo bem compreendida. Éh éh... esse diálogo não é um diálogo que interessa a todas as pessoas que tão dentro da Instituição, isso mostra que nós somos minoria política dentro da Instituição, e mostra também o que o Josué falou sobre a importância... né... do Diálogos, a importância se dá justamente por aí. Éh... quanto a fala do professor Ailton, Ailton né de Jataí, tá aí ainda professor? [??] éh... eu fico me questionando toda a vez que a gente fala de conteúdo, o que que a gente tá chamando de conteúdo né? Porque, veja bem, quando a gente fala eu trabalhava muito conteúdo, parece que agora começou a trabalhar pouco conteúdo ou nenhum conteúdo, e aí eu eu fico olhando pra minha prática pedagógica, eu continuo sendo conteudista [risos no auditório], mas de outra forma e com outros conteúdos, né, então, a... o poder da palavra conteúdo né num num... às vezes impede a gente de fazer essa reflexão. Parece que o professor tá trabalhando numa linguagem mais própria, com metodologias mais próprias pro público da Educação de Jovens e Adultos, por exemplo, ou pra qualquer outro curso que seja, parece que esse professor está trabalhando menos conteúdo do que o outro né, então é, porém a gente não tem outra outra forma de falar, parece que não pra mim nem pra nós, eu tenho certeza, mas pra outros professores pode parecer que a gente não tá... éh...

ensinando os os nossos meninos né quando se trata de uma metodologia diferenciada. Éh... é difícil falar né gente. Professora Daniela, eu eu particularmente até anotei o o nome da sua aluna porque gostei da inversão que ela fez né, não sei como tá escrito lá, mas acho que ao discutir permanência da desses alunos na na nos cursos nos cursos EJA, a gente acaba fazendo algumas referências da não permanência, né, desses cursos, então realmente foi um trabalho, éh, muito interessante. Então, outra coisa que eu gostaria de falar, é sobre o que eu tô chamando aqui, talvez eu tô equivocada, que é a impressão de uma EJA formalizada, por quê? No campus Inhumas e nos campi no interior, a gente tem um público nas licenciaturas que é um público mais velho. Então a gente tem ali alunos entre 30 e 40 anos, que também estão muito tempo fora da escola e que chegaram na licenciatura numa numa oportunidade de fazer um curso superior. Então aí aí eu tenho vários alunos de EJA na licenciatura, talvez, não sei, fosse o caso de a gente começar a pensar uma Educação de Jovens e Adultos... eu acho que você até começou a sinalizar Josué... é mais ampla, né, no sentido mais amplo, porque aí não é não é uma coisa específica no ensino médio é uma coisa que se estende para o Brasil para todas as outras modalidades, pros outros cursos. Éh... aí desculpa, gente, é que a gente fica... Professora Maria Emília tocou numa questão que que é conflituosa, no mínimo né, que é a relação é entre o é... a dificuldade do professor que trabalha em diferentes níveis e modalidades de ensino, a dificuldade dele construir uma identidade em um curso ou outro curso. Aí eu coloquei aqui, por exemplo, a vantagem que o Instituto Federal tem que oferecer ao mesmo tempo EJA, né, a modalidade EJA, e cursos de licenciatura, é uma grande vantagem, o que a Universidades Federais não tem, por exemplo, né, então, éh, ah... eu tenho vários alunos que fazem graduação, fazem licenciatura em química e que eu coloco... eles pra trabalhar lá na EJA. É uma uma forma de trabalhar a Educação de Jovens e Adultos, sem que até então porque a partir do próximo ano nós vamos ter, mas sem que até então tenha uma disciplina própria para a EJA, né. É o que a gente chama de formação pela pesquisa. Isso é o papel da pesquisa na formação do professor. Pesquisa também pode ser feita de forma sistematizada, claro, na Educação de Jovens e Adultos e em consonância com a formação inicial dos professores. No entanto, o fato de existir diferentes níveis e modalidades dentro da mesmo instituição também pode ser um problema. Por que? Vamo vamos pensar no caso da minha área, né, que é Química. Eu sou licenciada em Química e faço pesquisa em

Educação. Mas eu tenho colegas que são bacharéis ou até mesmo licenciados em Química mas fazem pesquisa com em bromatologia, por exemplo. De repente, esse sujeito pra completar a sua carga horária ele vai pegar uma turma na EJA, com com aquela aquela coisa que a gente falou, né, não por postura, por falta de opção. Então, esses problemas vão acontecer dentro dentro da Instituição. E pra... na minha opinião é um fator dificultador. Éh... deixa eu ver... peraí... ah... tá... aí como explicar a questão das coordenações do Instituto hoje, né. Eu lembro(?) quando eu entrei no Instituto um dos grandes problemas é que a gente não tinha coordenação específica, por exemplo, tinha um coordenador em alimentos e aí ele coordenava o curso superior em alimentos, o técnico, o curso técnico em alimentos e o curso EJA. Tá vendo? Percebe a a a essa essa dinâmica que na minha cabeça é impossível né o professor se estabelecer aí dentro desse contexto, mas hoje a gente tem algumas coordenações específicas. Eu, por exemplo, sou coordenadora do Técnico em Panificação na modalidade EJA e do Técnico Integrado ao Ensino Médio... éh... em Alimentos, que aí já não é na modalidade... na modalidade EJA, de qualquer forma foi um ganho porque pelo menos... éh... eu estou aí enquadrada né dentro do âmbito do ensino médio da educação básica. Tá... A Elaine, da licenciatura em Matemática né até ontem fez uma fala [???] e ela fala um pouco, expressa um pouco, sobre a divisão interna que existe entre bacharel e licenciados, que é uma divisão evidente em qualquer curso de formação básica... éh... de Química, Física, Biologia, né, essa é uma divisão que de fato existe, histórica, e que se estende lá né pro pro pra quando esse professor vai atuar lá na no Instituto Federal. Aí eu lembrei da fala de novo da Cinthia, de ontem, da nossa aluna aqui, que ela falou... falou que não adianta ser um mero especializado né... vocês lembram disso dessa expressão?... “Pode ser mega especializado! Mas se ele...” [??] “tem que ser humano!” Os nossos alunos da licenciatura eles tem uma formação diferenciada por isso tem uma prática pedagógica diferenciada. Quem atua na licenciatura consegue... em dois cursos simultâneos, eu eu já atuei assim, licenciatura em Química, bacharel e Química Industrial, você percebe [?] desculpe... você consegue ver a diferença... éh... entre os alunos nas falas. Na na análise de sociedade que é feita né, na própria na própria construção da fala... e aí... éh... eu quero fechar [??] fechar né, com o exemplo, com a fala do Josué, que ele fala sobre... agora eu abreviei e não sei o que é o negócio aqui [apontando para suas anotações sobre a mesa]... mas sobre a linguagem, né, que ele falou sobre a linguagem... eu escrevi um coisa aqui mas eu

mesma não sei o que eu escrevi [se referindo às suas anotações]... eu quero citar o exemplo do professor Dambrósio... éh... o mestre... não lembro, mas é de São Paulo, ele trabalha com um programa chamado etnomatemática, não sei se vocês já já ouviram falar. E aí quando o Josué faz a reflexão assim, como é que a pessoa, por exemplo, minha mãe frequentou a escola dez(?) meses e ela faz as contas super rápido, tem uma habilidade muito grande com conta, e aí como é que o professor fala que esse menino não consegue aprender continha? Né, que esse indivíduo não tá aprendendo continha na escola! O programa da etnomatemática do professor Dambrósio ele é construído justamente com essa ideia de ensinar a matemática... éh... a parte da matemática que o sujeito utiliza no dia a dia. Uma vez eu tive um embate com um aluno do Pibid, quando eu trabalhava na Católica, e... justamente por causa da continha, Josué, ele disse que não ia mais fazer parte do Pibid, porque o Pibid era ali no CEJA? Ali no Universitário, Centro de Educação de Jovens e Adultos, e, ele disse que se recusava a continuar no Pibid, não conseguia porque os meninos não sabiam somar dois mais dois ($2 + 2$), aí eu falei, então tá, aí sentamos na mesa e eu fui tentar convencê-lo a não sair do Pibid, né, então eu falei assim, mas fulano... eu não consegui lembrar o nome dele aqui agora... éh... como assim ele não sabe somar dois mais dois? Professora ele não sabe! Se eu falar quanto que é dois mais dois ele não vai saber. Eu falei: será? O fato é que ele queria ensinar Química bruta, né, que a gente chama, pro indivíduo, e aí, ao tentar fazer uma regra de três simples, por exemplo, ali no quadro, ele não conseguia estabelecer a comunicação com o indivíduo, porque ele tava usando uma linguagem extremamente acadêmica, né, científica e não tava atendendo ali aos interesses, a a... a história daquele indivíduo e aí a gente propôs, eu coloquei lá pra ele a gente ensinar, por exemplo, é cálculo de soluções, tentar ensinar esse menino somar, então... já que ele tava falando que ele não sabia, mas em vez de... ao invés de tentar... éh... explicar, por exemplo... tá bom... cálculo de... ao invés de explicar cálculo de concentração e querer que o indivíduo previamente já saiba fazer essas contas, que ele tentasse ensinar o indivíduo as contas e por fim chegar a concentração. Enfim, resumindo, esse menino falou que era difícil demais, “Professora, eu não vou dar conta de fa...!”, eu falei, pois é, isso é ser professor, agora ficou difícil? Resumindo, ele não saiu do Pibid, conseguiu concluir né a a a... até enquanto eu estava lá ele estava no Pibid, conseguiu concluir seu planejamento, foi pra sala de aula e descobriu que a prática pedagógica é complexa e, que é feita assim, com

qualquer aluno que seja, qualquer modalidade que seja. Obrigada, gente! [aplausos]

Prof. Josué: Obrigado, Carla! Acho que os Diálogos EJA além de tudo ele ainda proporciona isso, a possibilidade de descobrir uma... uma Carla, né [risos] e a ligação que a Carla tem com a EJA né! [risos] E, a gente acabava(?)... pra mim pelo menos, que tô lá no posto da coordenação, pra mim... éh... acho que foi esse esse trajetória na organização... e agora acho que vem coroar isso, sua fala, acho o que você trouxe, então assim, coisa que quanto [?] agradecer por tua fala e pelo teu empenho aqui que enriqueceu bastante o debate. Agradecer a companheira aqui da prefeitura também [colocando a mão sobre o ombra da prof.ª Márcia Melo], nós fizemos escola(?) da educação, né, apesar das idas e vindas, desses projetos, né, é mas a gente tem certeza de que tem na EJA da SME uma companheira e uma uma parceria muito forte, acho que é necessário e possível né, inclusive por conta dessa, né... FIC... Técnico... né, quer dizer, e a gente tem que encontrar forma de fortalecer essa parceria né. Então, gente, nós estamos já [no auditório o professor Sebastião levanta a mão pedindo autorização para falar e diz: “[?] informar a Márcia com relação... nós tivemos quase cento e cinquenta pessoas aqui na abertura, enchemos isso aqui e em cima, e ontem tivemos um grande público também. Provavelmente, a noite vamos fechar com um grande público. Então, essa... esse público tá indo bem.”] Mas, olha, nem tudo também é quantidade, né! Nós hoje tivemos o debate mais longo do evento e a maioria das pessoas que estavam no início, estão aqui agora. Peço uma salva de palmas pelo evento [aplausos] palmas [aplausos] e, nós estaremos de volta aqui às 19h para o “filé mignon” da da programação, que é pra falar de práticas pedagógicas. Nós teremos aqui professora Kênia, professor Sebastião fazendo a mediação, Jaqueline, professora Jaqueline, e quem mais? A professora do IF Goiano, não é isso? [Sebastião pergunta: “Quem?”] O restante da mesa. [Sebastião responde: “Ah, não! São alunos!”] Ah, alunos! Desculpa. [Sebastião: “alunos”]. Acho que [?] já passou né. [Sebastião: Gabriel e...] Mas, enfim, acho que todo mundo tá convidado aqui pra gente continuar, pra gente fechar com chave de ouro. Falei filé mignon, em relação com a programação como um todo né...

5 TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS DO DIA 17/10 - NOITE

Cerimonial: [?] interinstitucional, Diálogos EJA integrada à Educação Profissional. Este evento está sendo realizado por meio da parceria entre o Instituto Federal de Goiás, o Instituto Federal Goiano e a Universidade Federal de Goiás por meio do projeto PROEJA/CAPES/OBEDUC com apoio da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia e do Fórum Goiano de EJA. Agora assistiremos a... éh... uma apresentação com a professora Alix Costa... éh... Lima do campus Aparecida de Goiânia, que fará uma contação de histórias. [aplausos]

Prof.^a Alix: Boa noite a todos! A história que eu vou contar é uma história da literatura de [??], de um poeta chamado José da [??], e é uma história que eu acho que tem muita coisa haver com a EJA. Se chama “Depoimento de criminoso”: *Seu doutor, sou criminoso. Sou criminoso de morte, tô aqui pra me entregar. Vós micê fique sabendo que mulher que traz a sorte de atraiçoar o esposo só presta pra se matar. Nunca pensei, deu doutor, que ar molengua do destino margasse as minha mão nos sangue de assassino. E peço agora um favor, antes de vós me [?] do guarda aqui a fora é a licença do doutor pra lhe contar uma história: senhor doutor delegado, digo a vossa senhoria que até ontem fui casado com uma mulher que em vida se chamava Rosa Maria [???] faz sete que nós casemo. Nós casemo e nós vivia como pobre, é verdade. Mas a gente se sentia rico de felicidade. Pra banda que nós morava no lugar chão da Cotia, morava também um cabra chamado Chico Faria. Este cabra mais pra trás tinha gostado de Rosa. Chegaram intê ser noivo. Mas não fizeram introsa no casamento pro mode o anel e a de bode, padim de Maria, ter dismanchado essa prosa. Ontão esse Chico Faria conversa as vez dizia que ainda me dava um fim pra se casar com Maria. Dessas coisa eu sabia mas num dava importância. Tinha toda confiança na mulher que eu amava ou mais eu adorava com toda a minha sustança. Além disso meu rejunbe era viver trabalhando sem a mulher ter ciúme. A mulher, por sua vez, não me dava cabimento de eu pensar que um dia ele fizesse um facilamento. Seu doutor, vai escutando. Ontem, já de tardizinha, meu cumpade Quinta Arruda me chamou pra nós dança um samba lá na Vaginha na casa do Mestre Duda. Mestre Duda é um caboco, tocado de premeira, é um trolador dos mais bom daquela ribeira, entonsse Rosa Maria que sempre gostou de samba, me disse já de tardinha que pro samba ela não ia, tava muito cançada, precisava se*

deitar. Eu fiquei desconfiado da preposta da muié. A dispois que tomei café, [???], com a faca na cintura fui pro samba, fui samba. Arrepara agora o senhô, quem é que tava lá? O cabra Chico Faria que foi logo me avistando foi logo perguntando: cadê sua dona Maria não veio não pra dança? Não senhô! Ficou em casa. Pro Faria respondi. Senti então a brasa queimando meu coração. Nunca mais pude tirar as palavra desse cabra da minha imaginação. O cabra, por sua vez, não dava seu doutor. De vez em quando me olhava com olhar de traidor. Meia noite mais ou menos se adispidindo do povo disse: adeus, eu já vou. Quando o cabra se arretirou eu tumbém me arretirei. Atrás dele sim senhô. Ele na frente eu atrás. Se o cabra andava de pressa eu andava muito mais. Noite escura como a breu, nem eu avistava o cabra nem o cabra a eu. Fumo andando fumo andando. Ele na frente eu atrás. Já nem se escutava mais a voz do fole tocando na casa do Mestre Duda. A noite tava mais preta que a consciência do Juda. Sempre andando sempre andando eu fui vendo, seu doutor, que o cabra ia tomando direção da minha casa, minha casa, sim senhô. Já pertinho, no terreiro, eu me escondi por de trás de um pé de trapiezeiro. Abaixadinho escondido, preni a suspiração, abri os ói e os uvido, pra mim melho vê e suvi qualé sua intenção. Anton se Chico Faria ficando olhando pra trás do mesmo jeito que faz um [?] pra vê arguém, num tendo visto ninguém, na minha porta bateu. Lá de dentro uma voz bem baixinha respondeu: enton quem tá de fora? Quem tá batendo sou eu! De repente, abriu a porta. Aí seu doutor nessa hora a esperança tava morta, tava morto meu amor. Entonsse Rosa Maria falô: tá seu Chico uma carta que a muito há ela escrevido pra entregá pra vós micê, pro favor não lê agora, vai embora, vai embora, que quando chegá em casa tem muito tempo pra lê. Quando as minha [?] há ouvido as palavra que Maria dizia pro traidor, eu fiquei amavucado, fiquei quase de complô, ou melhor, um caboco que está cheio dos isprito, dê o sarto como cabrito, eu tava no pé do cabra, e sem querer dei o grito “Miserave!” e arranquei minha faca da cintura. Aí, seu doutor, nessa hora eu vi o Chico Faria na [?] da sepultura. Mas o cabra teve sorte. Sempre nestas cercunstância os cabra foge da morte. Correu o cabra doutor tão de pressa que deixou a carta cair no chão. Dei de garra no paper, o portador da traição. Machuquei ar mão(?) a honra doutor, a honra, daquela farça muié. Aí dispois olhando pra carta, tive pena, pode crê, de num tê prendido as letra ali escritida as palavra que Maria dizia pro traidor. Tive pena sim senhô mas que haverá de fazer se eu nunca aprendi a lê? Maria me atraçoô. Essa mulher que um dia joelhada aos pé do artá, jurou em nome de Deus que quando

tivesse vida haver de me amar e de me honrar com todo amor. Com perdão de vós micê, a dispois que eu vi o Faria na escurideza da noite aos meus oios escondê, entrei pra dentro de casa, fui me vingá da muié. Seu doutor que hora me guarda, Maria tava joelhada chorando com as mão posta como quem faz oração, em nome de Deus pedia pelo cálice, pela hóstia, pelo amor que me amava que num fizesse isso não. Sem prestar atenção eu agarrei nas suas mãos, arribei ela pra riba, e enfiei até o ferro o cabo do paraíba pro riba do coração. A dispois que eu vi a Maria caída em vida no chão, vir falar com vós micê. Vi confessa o meu crime e me entrega pra prisão. Se o sinhô não me credita se sou assino ou não, tá aqui a faca assassina, o sangue nar minha mão. Como prova da traição, tá aqui a carta doutor. Lhe peço agora um favor, antes de vossa senhoria me mandar lá pra prisão, me leia aqui essa carta que é pra eu ficar sabendo como é que a Maria planejava me deixar em traição. A carta: Seu Chico Chão da Cotia, digo a vossa senhoria que só lhe faço essa carta pro sinhô fica sabendo que eu não sô essa mulher que o sinhô tá entendendo. O sinhô fique sabendo que cum seu disparamento num vai fazer eu quebra o sagrado juramento jurado aos pés do arta no dia do casamento. Se o sinhô aqui vido, encontro uma mulher forte, o nome do meu marido eu amo unté minha morte. Sou de vossa senhoria, sou criada Maria. Doutor [chorando], o que é isso que eu tô ouvindo? O sinhô tá lendo a carta ou não tá, tá me iludindo? Doutor [?] doutor, matei Maria inocente? Me arresponda, por favor! Inocente, sim sinhô! Matei Maria inocente, por quê seu doutor? Por que? Matei Maria somente porque num aprendi a lê. Veja agora seu doutor, como é triste o meu sofrer, sou duas vez criminoso, que castigo, que horror, que crime não saber ler. É isso! [aplausos]

Cerimonial: Agradecemos a Alix pela belíssima apresentação. Faremos agora a composição da mesa redonda sobre “Práticas político pedagógicas de currículo integrado na EJA”. A mediação ficará por conta do professor Sebastião Cláudio Barbosa [aplausos]. Também convidamos o aluno Gabriel [aplausos]. A professora Jaqueline Vitorette [aplausos]. E, também, a professora Kênia Bueno, para compor a mesa [aplausos].

Prof. Sebastião: Bom, pessoal, vamos dar início aqui a... éh... apareceu... vamos dar início a essa mesa... eu eu me sinto muito privilegiado porque... éh... a gente quando tava discutindo a formulação dessas mesas, né, me incumbiram de estar

coordenando essa mesa. Isso é uma coisa que a gente tava discutindo muito, né, é uma coisa muito importante pra essa... pra efetivação da expansão da EJA, sobretudo aqui nos Institutos Federais. Então, acho que essa discussão ela é muito necessária, né, é necessário que a gente faça ela bem e que a gente consiga produzir bons... boas reflexões, bons diálogos, pra que isso possa alimentar aí a continuidade dos debates e das pressões... éh... em cima da Instituição pra que ela se mova né no sentido desta construção. Então, a mesa já tem esse nome, que vocês devem ter visto aí no folder, mas pra quem não tá com o folder, fiquei sabendo que foi um sucesso, os folderes acabaram, as pastas acabaram, só não acabou a água e nem o lanche [risos no auditório]. Mas, então... então... éh... a gente fica pensando né quem é que a gente vai trazer pra discutir uma coisa que não existe? Não é! Que o currículo integrado ele existe mais como... como desejo de realização, como experiências aqui e acolá, do que uma coisa com receituário pronto, que a gente possa só pegar dali e aplicar acolá. Então... éh... as pessoas são muito corajosas, então... mas eu acho que elas tem muita experiência, né, e é disso exatamente que está nessa mesa, são práticas político pedagógicas de currículo integrado na EJA, esse é o título da mesa. E aí eu acho que Kênia e Jaqueline são das primeiras e das melhores, das maiores pessoas lutadoras no no sentido dessa construção, e de fato a gente tá fazendo falando de construção, né. Bom, então... éh... e eu tô fazendo minhas as palavras pra abrir aqui essa... porque a fala principal é delas, eu só tô coordenando, mas elas me exigiram que eu falasse algumas coisas acerca desses fundamentos, né, alguns fundamentos do currículo integrado, e aí eu tô fazendo minhas as palavras do Osmar Lottermann, que teve com a gente aqui na abertura e eu sei que tem algumas pessoas que estão aqui hoje e que não vieram nos outros dias. Então, eu tô fazendo das palavras dele as minhas. Ele diz o seguinte: o currículo integrado na Educação de Jovem... éh... fazendo as palavras do Osmar Lottermann no texto O currículo integrado na educação de jovens e adultos em que se referencia em vários autores, dentre eles, Karl Marx, Antonio Gramsci, Osmar Lottermann, Acácia Kuenzer, é, Maria Ciavatta, e fazendo desses desses autores e do Osmar Lottermann que cita esses autores, as minhas palavras, a gente diria que: a temática do currículo integrado é uma abordagem sobre os compromissos políticos ideológicos que norteiam a defesa de um conceito de trabalho em Gramsci e na Escola Unitária, o trabalho em Marx e da Escola Unitária de Gramsci. A construção teórica que fundamenta o currículo integrado exige a intencionalidade de uma

proposta de educação transformadora no sentido para além do capital, do mercado. O currículo integrado faz parte de uma concepção de organização de aprendizagem que tem como finalidade oferecer uma educação que contemple todas as formas de conhecimento produzidas pela atividade humana. Trata-se de uma visão progressista de educação à medida que não separa o conhecimento acumulado pela humanidade na forma de conhecimento científico daquele adquirido pelos educandos no cotidiano das suas relações culturais e materiais. Por essa razão possibilita uma abordagem da realidade como totalidade, permitindo um cenário favorável a que todos possam ampliar a sua leitura sobre o mundo e refletir sobre ele para transformá-lo no que julgarem necessário. O ensino integrado tem por objetivo disponibilizar aos jovens e adultos que vivem do trabalho, a nova síntese entre o geral e o particular, entre o lógico e o histórico, entre a teoria e a prática, entre o conhecimento, o trabalho e a cultura. Por se tratar da integração da educação básica com a educação profissional, o currículo integrado possibilita que os trabalhadores tenham acesso aos bens científicos e culturais da humanidade ao mesmo tempo em que realizam sua formação técnica e profissional. Esta formação se diferencia dos projetos vinculados aos interesses do mercado uma vez que é bem mais que isso, é um ensino que pretende formar o profissional político que seja capaz de refletir sobre sua condição social e participar das lutas em interesse da coletividade. Essas são palavras do Osmar Lottermann que eu faço minhas e que me parece que são nossas, né, e agora a gente se dispõe a discutir... éh... práticas político pedagógicas que apontem na direção dessa construção, quer dizer, as pessoas que estão sendo chamadas aqui pra uma... pra um embate, né, pra uma construção... éh... que em última instância é contrahegemônica, já que todos esses pressupostos aqui não compõe... éh... em grande medida a pedagogia tradicional que ainda norteia aí, é os processos educativos. Então, eu passo primeiro pra Jaqueline, pode ser... Kêniã? Já tá preparado Kêniã. Então a Kêniã. O currículo da Kêniã: é mestre e é docente efetiva aqui do IFG campus Goiânia, ok! Kêniã Bueno.

Prof.ª Kêniã: Boa noite pessoal! A nossa discussão aqui é... tem esse objetivo é trocarmos experiências sobre as práticas pedagógicas que a gente tem construído, né, na docência com a Educação de Jovens e Adultos e eu preparei esse material pra agilizar um pouco a minha fala, porque na verdade... éh... a gente quer focar experiências que nós registramos, né, que nós temos é é registro já dela aqui como

prática de leitura e de escrita que avançam nessa perspectiva da... da da integração curricular mesmo, do currículo integrado mas ampliando, né, a a ideia... que a leitura se ela for construída, né, ao ao aos poucos no processo metodológico sequenciado e pra isso nós temos uma característica... eu sou professora no primeiro ao quinto período dos cursos né de Educação de Jovens e Adultos, então aquilo que eu não consigo fechar num período agente sequencia em outro, isso é um aspecto pedagógico do modo de trabalhar, então ah... éh... essa sequenciação é que permite que a gente vá... é é... construindo aos poucos como eu havia falado a possibilidade de ampliação da capacidade de leitura e de escrita. Eu trabalho com Língua Portuguesa e Literatura, né, Literatura Brasileira mas a gente dialoga muito com a Literatura Estrangeira também, não é, no sentido mais amplo de vivência estética, vivência com o texto literário. Então, a ideia nossa é tentar dizer pra vocês em que medida ou quais os caminhos nós estamos trilhando metodologicamente pra trabalhar a Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos né? Então é isso! [apontando para os slides] Nesse diálogo sobre experiências de formação do ensino da Língua Portuguesa nos propom... nos propomos a refletir sobre as nossas práticas de linguagem e comunicação, sendo estas práticas práticas sociais que demandam diversos níveis de interação, a linguagem e a comunicação nos possibilita não apenas compreender e analisar os múltiplos códigos que permeiam a realidade mas também criticá-los e relacioná-los. Então, assim... éh... nessa nessa nova realidade virtual a gente lida, não é, com o trânsito dos nossos estudantes com fluência, com com propriedade, não é, no acesso as novas tecnologias, no acesso as novas linguagens. E a Educação de Jovens e Adultos não está fora disso. São alunos competentes linguisticamente. São falantes. Dominam, não é, as as tecnologias que são mais socializadas, até pelo próprio capital, como o celular, não é, que já tem uma multimídia vasta. Então, esses estudantes eles estão em trânsito com todas essas linguagens e códigos. Portanto, no ensino da Língua Portuguesa, nós, e da Literatura, nós temos que resgatar isso, né, fazer desse desse percurso dessas vivências desse contato com essa variedade de textos alguma coisa mais sistematizada e mais planejada. Então, é uma preocupação dar conta de resgatar as lacunas de ausência de escrita, não é, porque... ah... a propriedade do falante ela está garantida, mas a a experiência com a escrita precisa ser retomada, não é, e e e a escola com as disciplinas, com o curso, e e movimento acadêmico, é que dá conta de recompor isso. Então, nós temos que resgatar a experiência de de escrever mas

sem desconsiderar que o leitor ele está ali, não é, é é vivenciando as práticas de leitura na sociedade moderna na sua completude, né. Então, desta forma, além de estudar a língua escrita e a oral deparamos com outras linguagens que fazem parte do nosso cotidiano e associando o estudo das linguagens ao da literatura desenvolvemos o senso de apreciação estética que está intimamente ligado a muitas atividades do fazer humano mas em especial as Artes Visuais e as da palavra. Então, essa questão da das linguagens, do convívio com as linguagens, vai exigir que a gente resgate a apreciação estética, que é potencialmente humana, com uma prática de sala de aula. Então, há muito tempo que como professora da Língua Portuguesa eu tenho desenvolvido projetos de de leitura nos dez primeiros minutos de da aula, né, então, assim, eu estabeleço um tempo e e aí faço leitura com com os meus estudantes de algum texto que seja significativo para o encaminhamento de várias outras questões que a gente vai desenvolver pra para a produção escrita. Nós tivemos um projeto aqui que que rendeu... éh... ah... uma produção vasta, nós tivemos mais de cem textos produzidos a partir desse projeto de leitura, que nasceu de uma discussão de... do do... da estrutura do texto instrucional que é a receita, que nós trabalhamos com Técnico em Cozinha, e aí essa essa tentativa de resgatar elementos... éh... de de de diálogo, e de leitura de aprofundamento da área técnica na na... no diálogo com a disciplina, a gente vai mantendo. Não é transformar o ensino da Língua em uma coisa funcional, utilitarista, mas é também trazer o diálogo com a área de formação e a área de formação é a área da alimentação, Técnico... Técnico em Cozinha. E a partir desse estudo instrucional nós localizamos um livro “Céu da boca”, que era indicado como uma referência complementar de leitura. Naquela ocasião eu fiz uma fala, né, que vários daqueles livros que estavam ali serviam de referência pra eles lerem a partir da da discussão do texto instrucional como uma bibliografia, não é, como uma referência diária e, fiz um comentário que pela beleza do título “Céu da boca”... éh... éh... eu estava com curiosidade por conhecer o livro mas num... tava pretendendo ainda adquirir por questão de vários ainda outros materiais, né, e livros que eu já estava trabalhando leitura. Então, duas alunas da sala, e que nós fizemos essa fala sobre o interesse do livro, compraram o livro e me presentearam. Eu, a partir do momento que recebi o livro, fotocopiei o livro, fiz uma matriz e nós desenvolvemos um projeto de leitura dos dezoito relatos desse livro, durante dezoito semanas, sequenciados. Só que nós não fizemos isso pra um período, período de onde nasceu a essa discussão, fizemos pros cinco

períodos. E depois desse processo da leitura e ali nós tínhamos... éh... profissionais da área Psicologia, da Sociologia, da História, da Literatura, foi um trabalho organizado de tal maneira, que foi por um psicólogo, e essa psicóloga faz um relato de como ela se apropria da importância do tema da da alimentação da refeição na infância como tema recorrente nos casos em que ela tratava... éh... relacionados ao câncer. Ela fazia uma terapia de grupo e aí ela reúne profissionais da comunicação, da área da da gastronomia, e os relatos são belíssimos, o livro é um espetáculo, não é. E depois da leitura desses dezoito relatos nós passamos a produção desses textos, esses textos fizeram parte de um trabalho de uma mostragem, nós fizemos a mostragem fizemos um grande painel, nós tivemos mais de cem textos, nós estamos querendo transformar isso num Blog, era hoje isso tá mais amadurecido mas por impedimentos e o e o tutor(?) de Língua Portuguesa não conseguiu fechar, mas já temos uma indicação... éh... do Blog que eu vou mostrar pra vocês daqui a pouco. Então, assim, as práticas de leitura... éh... frutos... as práticas de escrita construídas a partir da prática de leitura. Claro que nós vamos entrar nas estruturas dos vários gêneros de produção de texto, evidente nós vamos falar disso tudo, a carta, nós vamos falar da dissertação, falar da estrutura da crônica, os gêneros que são mais requisitados, não é, para a produção de texto em concursos e vestibulares, nós vamos falar de... do editorial... a gente trabalhou editorial recentemente, né, então nós vamos trabalhar a estrutura dos gêneros, mas nós vamos fazer isso o tempo todo, insistentemente, balizados por uma leitura intensa, uma leitura qualificada de textos qualificados. Não são quaisquer textos. Nesse sentido... éh... ter duas... dois apoios que orientam o nosso trabalho que é: um trabalho com uma leitura que a gente propõe, mas assim, ainda não é uma leitura obrigatória no sentido de dizer que eles tem que adquirir o material, né, gostaria que a gente conseguisse o meio pra gente adquirir esse material institucionalmente para viabilizar as condições dos alunos. Uma leitura frequente é a leitura dessa revista conhecida [levantando a revista na mão] que é a Revista Atualidades, não é, que traz os temas que estão é sendo colocados como grandes questões no mundo moderno, a questão política, econômica, ambiental, cultural, as questões... éh... relativas ao Brasil, as questões internacionais. Então, é uma revista que a Educação de Jovens e Adultos lê aqui na Instituição é uma revista própria pra pra preparação do vestibular e Enem. Alguns poderiam pensar, mas esse é o objetivo da Educação de Jovens e Adultos? Preparar pra vestibular e Enem? Não propriamente mas também pode contemplar isso, nós

não temos que retirar essa possibilidade do nosso estudante, nós já temos vários estudantes que passaram pela Educação de Jovens e Adultos e estão na Universidade, não é, então a gente não tem que impedir que ele consiga prosseguir, agora, ele não vai conseguir prosseguir se não tiver balizado com elementos que de fato sejam consistentes. Então eu digo pra eles, se nós damos conta de... se nós damos conta de lidar com a vida, a sobrevivência, não é, se nós damos conta de de negociar com a realidade em todos os seus âmbitos, jurídico, financeiro, político, familiar, religioso, cultural, nós damos conta de ler, a gente estava desabituaado de uma leitura mais sistemática, mas nós conseguimos ler e aí, disso, nós passamos a leitura de tabelas, de gráficos, não é, poderíamos avançar muito se nós tivéssemos os professores, quando os temas estão ligados as questões de geopolítica, professor de geografia, as questões históricas, professor de história, as questões ambientais, a química, a biologia, poderíamos avançar muito porque o mesmo texto da revista ele poderia ser apanhado pelos outros professores pra clarear determinados elementos e a partir dos elementos citados nas matérias também fazer parte da da discussão do encaminhamento da sala de aula. Então, a revista é uma leitura permanente, o processo de leitura permanente pra o semestre todo, no outro semestre são duas edições por ano, né, essa aqui é do segundo semestre de 2014 [levanta a revista], que é uma da migração, essa aqui a luta pela água [levanta a revista] dossiê, né, a manchete da capa dossiê de texto que a revista coloca, e a gente tem feito desse trabalho um balizador de leitura. Além disso, não dá pra vê, eu queria ter conseguido fazer uma uma exposição ali pra pro slide, mas esse tipo de trabalho aqui [levantando uma folha na mão] também tem um valor muito grande, esse tipo de trabalho é feito semanalmente, quando não dá tempo é quinzenalmente, né, que as vezes a gente tem alguns aspectos de fato da Língua que a gente tem que discutir e num dá tempo de trabalhar, mas isso aqui é um trabalho possível pra nós de Língua Portuguesa e professores das outras disciplinas, que é familiarização com textos que estão na ordem do dia, nos concursos e vestibulares. Concursos, isso aqui é concurso. Isso aqui vem do site PCI Concursos, normalmente eu pego a a, a elaboradora é a Carlos Chagas, e aí nós vamos fazer nós vamos conviver durante dois anos e meio com esses textos que são textos que trazem questões da atualidade, a gente enfoca a interpretação temática desses textos e a discussão mesmo de fatos da língua como colocação pronominal, concordância verbal, ortografia, que os textos vão cobrar também. A partir do momento que a gente

discute um ou outro elemento, a gente vai... éh... vai vai vai... éh... vamos dizer assim, explorando as questões, nível fundamental, ensino médio, nível superior, dá pra transitar com textos do nível superior, sim! Quando a gente tem uma temática que tem sido discutida, por exemplo, aqui a que que a a aparece na revista Atualidades. Então, olha só, a questão... um dos textos que a gente trabalhou por último agora, numa das turmas aí, algumas turmas, foi a questão da da do extermínio da da extinção das onças pintadas na Chapada Diamantina. Então, aqui você tem geografia do Brasil, aqui você tem a discussão ambiental, aqui você tem dados estatísticos que mostram como esse processo de degradação ambiental tá em curso, e os alunos da Educação de Jovens e Adultos não têm problema em trabalhar um texto desse. Não tem problema! A gente lendo e discutindo a gente alcança todas essas grandes questões que estão posta na realidade. Então, quando a gente fala, vamos buscar a realidade desse aluno, ela não é uma realidade... éh... deformada, extraterrestre, esquisita, ela é a realidade do mundo, é a realidade que está posta pra todos nós. Agora o trato que nós temos que ter é de construir uma metodologia que acesse esse conhecimento, viabilize a compreensão desse desse desse conhecimento, pra que ele não seja, não é, éh éh... desqualificado na sua formação. Ele precisa aprender e ter um trato com essas linguagens do mundo, que é nela, na realidade que ele tá inserido. Um texto que também circulou por todos os períodos foi a discussão da lei seca, né, a questão da lei seca, tá na ordem do dia, somos todos motoristas! Temos né... [Sebastião lhe passa um papel do indicativo do tempo da fala] não tem jeito não vou conseguir falar a metade do que... [risos]... a lei seca, o texto da lei seca, texto que também circulou e... Ítalo Calvino, né, pensando nas fábulas populares, uma maravilha de texto que se eu pudesse eu leria por auditória aqui, maravilhosa a a discussão! Uma crônica do Fernando Sabino, “A mulher do vizinho”, que a gente vai discutir, isso tudo tá lá ó, PCI Concursos. Nós podemos pesquisar e podemos retirar de lá, da História, da Geografia, da Biologia, em todas as disciplinas, Matemática, inclusive eu trouxe um texto aqui sobre a dificuldade de ler e, depois, outro do jargão do espírito e do corpo, que é outra discussão que tá aí na ordem do dia posta do culto ao corpo, e aí eu nem retirei, que é dela que eu conseguisse mostrar, na sequência aqui ó questões de matemática e raciocínio... éh... lógico. Então, a gente tem que ir buscar isso, né, preparar o material, pensar como abordar isso, e se possível interagir com os colegas na busca de numa perspectiva de enriquecimento cultural de nossos estudantes, né, sem sem menosprezar.

Atualmente, nós tamos lendo Yasunari Kawabata, prêmio Nobel de Literatura, japonês, primeiro japonês prêmio Nobel de Literatura, 1968, nos cinco períodos. Nós estávamos lendo o livro “Contos na palma da mão”, são contos curtos, então, a gente já começa a aula lendo um conto do Kawabata que toda em todas as temáticas profundas, subjetivas, carregadas de complexidades, né, que nós somos portadores dessa complexidade, então nós tamos lendo Yasunari Kawabata, e sempre entra texto de Machado de Assis aqui outro ali, né, Machado de Assis é guia pras nossas discussões, eu segui a poesia. Agora... éh... eu tenho muito coisa pra dizer, realmente, tenho muito coisa pra dizer, mas o tempo é curto, então, eu fiz ali... vai lá pro final lá [se referindo aos slides]. Mostrar o projeto de literatura. Isso tudo aí é meu. [??]. Oficina de Literatura. Nós temos a Oficina de Literatura que é o projeto em que eu trabalho em parceria com a professora Neusa Castro, é um projeto dela, eu entro como participante, e nós estamos nesse projeto há cinco anos mas a minha entrada nesse nesse projeto... éh... garantiu garantiu durante cinco anos a participação dos meus alunos da Educação de Jovens e Adultos, tanto que a gente divulga o... pode passando... a gente divulga esse projeto de literatura dizendo, metade das vagas é para o ensino médio regular e a metade das vagas é pra Educação de Jovens e Adultos... pode passar pode passe [os slides]... isso aí é o momento do sarau, que é o momento que a gente fecha a... o ano, né, a gente tá com questões pendentes pra realizar o sarau desse ano mas nós vamos realizar, esse trabalho, só um minutinho Josué, voltando lá, esse trabalho da festa mesmo, do sarau, a gente tem uma participação da Educação de Jovens e Adultos extraordinária, são os mais companheiros pra gente garantir a a realização desse sarau do ponto de vista financeiro, que falta dinheiro sempre, quem entra com dinheiro é a Educação de Jovens e Adultos, meninos, são eles, que tiram dinheirinho que recebem dessa bolsa pra ajudar a manter essa festa da literatura aqui dentro. Então, assim, é um projeto em que eles têm... e a feitura desse bolo [se referindo a foto do slide] é feita... é é é deles. É da Educação de Jovens e Adultos, Técnico em Cozinha. Esse bolo tem quarenta, de quarenta a cinquenta quilos e é feito por eles, né, eles fazem o bolo... esse bolo aí é uma homenagem a João Ga... João Guimarães Rosa, com texto Miguilim, nós lemos lá na oficina de literatura, e a oficina de literatura trabalha com textos... éh... da alta literatura mesmo, a gente trabalha com clássico e eles estão lá lendo os clássicos. Então, não há diferença de tratamento do que que o... a Educação de Jovens e Adultos lê do que os alunos, os demais alunos

lêem. Eles lêem, não é, o que qualquer ser humano de qualquer idade lê, a literatura não tem idade, né. Então, assim, nós temos a parceria da... nesse sentido da integração com os profissionais de outra área [??]... éh... a gente tem a ajuda do pessoal do laboratório gastronômico, professora Gleice professora Poliana, são as duas professoras que... éh... efetivamente nos ajudaram, né... né, a gente quer outros parceiros né mas temos que dar nome as pessoas que de fato encantam o projeto interdisciplinar. Esse é um projeto interdisciplinar, inclusive o laboratório de gastronomia. Mas, tem um trabalho, e aí eu vou pedir licença aqui pra vocês e pra mesa, que além do das oficinas de literatura, do sarau, tem um trabalho que eu gostaria de dizer dele que é o concerto de leitura também, que é um trabalho de leitura de poesia, feito pelo pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos, que tá em falta inclusive, precisávamos ter feito um nesse ano e não fizemos... fizemos esse ano ou fizemos ano passado? [se dirigindo ao Sebastião] e aí... acabou, já tá dito [recebendo um papel da mão do Sebastião] [risos no auditório]. Mas, eu queria pedir licença porque são pelo menos o... eu fiz três fragmentos de um um recorte de uma filmagem de uma hora dessa desse momento de leitura literária mas eu vou pegar o final porque é uma leitura coletiva das cinco turmas, né... então Josué vê aí pra mim, Concerto de Leitura 1, vê se acha aí, não sei, Concerto de Leitura 1, aí eu vou ter que encerrar a fala assim, acho que não falei quase nada, né, do que eu tava [?] falei quase nada! [aplausos] Enquanto o Josué encontra lá, o “Céu da boca” quando ele foi levado para o painel nós fizemos, que vai vai compor o Blog, né, nós tamos tentando né, [?], a produção era assim [mostrando uma pasta aberta], uma imagem, se se o aluno quisesse colocar uma imagem dele, recordações de refeições da infância [?], o projeto era esse né, ter pessoa com memória de infância, bom chegou [se referindo ao vídeo].

(Projeção do vídeo a pedido da professora)

Prof.^a Kênia: Então esse poema é Liberdade, por Eloá e e ele é composto de várias estrofes, ele sempre reclama o refrão, é “escrevo teu nome liberdade, onde ela não existe, onde existe” né, no sonho, na materialidade da vida, nas condições objetivas, na falta das condições objetivas, nós vamos escrever esse nome. Então, assim, a a prática ela vai depender de... de da gente ter os referenciais teóricos das nossas disciplinas, né, mas procurar meios pra gente romper com essa perda que houve, né,

de tempo de ausência de escola e trazê-los para o nível de formação que eles estão inseridos, que é segundo grau, né, então, a gente tem que prepará-los em nível de segundo grau, encontrando os caminhos pra fazer com que isso se viabilize. Então, assim, penso que pra discutir mais especificamente oficinas, né, de Língua Portuguesa, Literatura, mas é uma fala, é uma troca de experiência, e eu espero ter contribuído aos professores e estudantes, também. Obrigado! [aplausos]

Prof. Sebastião: Calma, que tem o debate, você vai poder recuperar muita coisa aí que... então, eu vou passar pra Jaqueline, só que a Jaqueline precisa que a gente afaste um pouquinho, pra poder acompanhar ali... éh... então, tô passando pra Jaqueline. Jaqueline... Jaqueline... Vitorette... Vitorette.

Prof.^a Jaqueline: Boa noite... éh... gostaria de agradecer ao convite, né. A gente vai tentar... foi assim de surpresa... a gente tava planejando uma uma outra fala e aí, assim, eu fui revendo a história né do que a gente já havia feito e, não consegui pegar tudo mas eu conse... tentei dar uma sequência do que a gente vez tentando... éh... dar uma demonstração do que a gente tentou... uma tentativa de fazer de currículo integrado. Então, eu vou falar... éh... do lugar... éh... do Proeja né onde eu atuei, que foi o primeiro curso antes do Técnico em Cozinha. Quando se formou o Técnico em Cozinha a gente... éh... se afastou um pouco, tava na reitoria, na coordenação do Josué que hoje ocupa, né, e depois a gente foi pro doutorado. Então, o curso Técnico Integrado em Serviços de Alimentação é o antigo curso... éh... antes a gente tinha aqui do curso Técnico em Cozinha. Houve a mudança do nome por conta que esse curso... éh... quando o MEC e o catálogo do do do Técnico [???] ele sobreava duas áreas, né, Restaurante e Bar e Serviços e o Técnico em Cozinha, então, a coordenação... éh... optou pelo Técnico em Cozinha. Então, uma experiência de tentativa de currículo integrado no CEFET-GO, né, que é o antigo nome nosso, que hoje é IFG, aqui no campus Goiânia. Então, qual que é as finalidades e os princípios fundamentais desse curso quando nós construímos ele? Que foi num período de greve, né, quando nós construímos esse curso, de uma forma coletiva, né, e a ideia era educação sólida e integrada, superação da dualidade cultura geral versus a cultura técnica, formação do sujeito crítico, autônomo e transformador da realidade circundante, trabalho como princípio educativo, e a pesquisa como elemento formativo tanto do dos dos professores quanto dos nossos próprios alunos,

né, e a interdisciplinaridade e a contextualização. Então... éh... esses eram os nossos princípios fundamentais e a finalidade do projeto... do projeto. E aí nós pensamos, como tentar essa essa construção desse currículo integrado, né? Aí nós partimos de... éh... a construção quatro eixos temáticos baseados na sustentação da experiência do projeto integrado a CUT, né, que a gente teve dificuldade de ter acesso, acesso a esse material em eventos da EJA, buscando o pessoal que tinha participado... éh... dessa experiência. Aí nós criamos esses quatro eixos pra tá conversando com as disciplinas pra tentar um diálogo entre as disciplinas, né, e fazer essa integração. Então nós... nós temos um primeiro eixo que é trabalho, cultura e inovação. O trabalho... éh... na perspectiva de Marx no seu sentido ontológico, né. Conhecimento, tecnologia e alimentação. A tecnologia não vista apenas como aplicação mas para além da aplicação incluindo a dimensão histórica, social e cultural e, que, como é uma produção do conhecimento humano, não deveria tá na mão de alguns mas do coletivo da pessoas e contribuindo com o todo, né. Sujeito, desenvolvimento e responsabilidade socioambiental. Serviços de alimentação e mercado versus gestão alternativa de trabalho e renda. A gente pensava que... éh... se poderia proporcionar também... éh... na perspectiva da economia... éh... solidária, né, uma alternativa já que a falta tanto de atividade... éh... das pessoas... não há emprego para todos, né... muitos estão na informalidade, então, como pensar... e aí a gente pensou também que a socie... que a escola teria um papel importante em pensar e contribuir com as pessoas que precisam de trabalho, né, por que a gente [?] o trabalho. Pode passar [se referindo aos slides]. Então, quem é esse sujeito? Todos eles moravam na periferia. A renda familiar deles é de um a três salários mínimos por família, tá. E aí a gente fez vários projetos vários movimentos dentro do curso na tentativa de buscar essa integração, né. De 2006 a 2007 nós tivemos uma pesquisa de mestrado do Rafael que ele trabalhou junto comigo nas aulas de química, ele orientando da professora Agostina(?), junto com ele nós tivemos também apoio da Lorena, que foi da iniciação científica e, depois, ela fez o mestrado junto comigo acompanhando as aulas na Educação de Jovens e Adultos. De 2010... de 2007 a 2010... éh... o projeto junto com com a Universidade Federal né... éh... em que a Mad'Ana era coordenadora e eu também era uma participante desse projeto que também contribuiu com a nossa formação. Então, ao mesmo tempo que a gente tava atuando na EJA a gente tava atuando na pesquisa... éh... tendo contato com pessoas que já tinham experiência como a Maria Emília, a

Margarida Machado... éh... na relação da Educação de Jovens e Adultos. Eu fui ter... ter contato com jovens e adultos foi em 2006 quando a gente abriu essa turma, não tinha contato com a Educação de Jovens e Adultos, só na Educação Profissional. Pode passar [slides]. Aí a... aqui no Instituto é um subprojeto, né, que a gente desenvolvia que era a constituição da Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, de experiências de Proeja no Estado de Goiás. Então, a gente viajou tanto no Instituto Goiano quanto no no IFG, hoje, né... éh... em vários... era unidades na época né... fazendo esse trabalho... éh... em 2007 nós tivemos a experiência de participar do do do do do estudo de ciências na Universidade, e eu participava para além da carga horária que eu já tinha, né, como... eu sempre tive esse desejo de pesquisar, né, e assim... éh... acabei me envolvendo muito mais... muito mais atividade do que de fato eu poderia dar conta como ser humano, né. Então eu participei desse desse projeto que é o que eu vou falar um pouco mais dele né, que é “O ensino de ciências para a conservação de recursos naturais e o ambiente”. É um projeto da Universidade junto com a Engenharia e, aí várias escolas participaram desse projeto, e o Cefet na época participou com projeto(?) participação dos jovens e adultos... éh... do... Técnico em Serviço de Alimentação na época. De 2007 a junho nós tivemos o projeto Pibid, né, orientado pela professora Mad’Ana, e a coorientação da professora Dagmar e uma aluna nossa estudando [?] éh... do curso de servi... Técnico em Serviço de Alimentação, que é a Késia. Em 2008, o projeto Incrementar que foi do MEC, que eles... fez um levantamento no Brasil de todos os... as as Instituições e cursos que tavam tendo uma evasão na média de trinta por cento (30%) a mais, né, na época nós tínhamos dois cursos de Proeja, um em Jataí e outro aqui no campus... éh... Goiânia, né. Edificações em Jataí e o Técnico de Serviço de Alimentação aqui. Em Jataí a evasão deu em torno de setenta por cento (70%). Então, o MEC fez o... éh... esse projeto distribuindo verbas, fez visitas, fez um diálogo com gestores, professores e alunos, né, veio em cada instituição conversar né... éh... a Julieta foi uma das que veio junto com a Vânia(?) na época e que [?] a questão do Proeja no MEC. Pode passar [slide]. Éh... e nós também... éh... tivemos a formação da gente... pra da conta desse trabalho a gente também participou na elaboração da especialização Proeja, nós também tivemos [?] Proeja... éh... e fizemos essa essa formação em três lugares né... éh... na turma de Jataí, e duas aqui em Goiânia, uma aqui no campus Goiânia e outra lá na Universidade Federal. Aqui que eu coordenava que era campus... éh... de... éh... nós

demos aula né Tião, fizemos essa parceria no campus Goiânia e eu coordenava a a outra que era a capacitação... éh... do Proeja, pra gestor, professor, né, e mas a gente tinha pouca participação dos nossos professores tanto da área técnica quanto... éh... da área da formação geral. Pode passar [slide]. Então as outras turmas, né, de capacitação. Eu eu coordenei aqui mas o coordenador geral era de Jataí, né, então foram três turmas, campus Goiânia, Inhumas e Jataí, na capacitação do Proeja. Pode passar [?]. Então, a ideia dessa dessa especialização é tentar consolidar a Educação de Jovens e Adultos no Instituto, né, e que se fazia ne ne ne nessa perspectiva aí, a tríade, né, especialização, pesquisa CAPES/SETEC, e atuação no curso de Proeja, então, não há como separar na nossa no nosso entendimento esse trabalho... éh... na Educação de Jovens e Adultos... éh... sem a formação e sem a pesquisa. Pode passar. Então, aí são os alunos nosso... éh... trabalhando no laboratório de química. A aquela aluna de amarelo lá [apontando para a foto projetada nos slides] é a Lorena, do outro lado [?] é o Rafael que fez o mestrado. A Lorena vou falar um pouco mais do trabalho dela e e o Rafael ele trabalhou aqui com a gente a questão do conceito de densidade. Aí a professora Keila né e as outras turmas de Proeja. Vocês vejam que não é uma turma pequena, né, e aí ó... alunos da da primeira turma né. Pó passá. Éh... então nós tentamos fazer a construção de um digestor com a Engenharia junto, né. E aí nós pegamos da parte da Engenharia do projeto desenvolvido junto com a Universidade Federal, com a professora Cristina, a parte do meio ambiente. Então, [??] também pros nossos eixos, né. Então, nós construímos um biodigestor, né aquela ideia de uma tecnologia já muito utilizada, de baixo custo, né... éh... que no final produz algumas substâncias. Então, a gente estudava as relações começando lá da decomposição inicial chegando a substância... éh... finais, mas simples, e estudávamos a tabela a tabela periódica, comparar a ligação desses elementos né, tava no final do processo. Então, nós fomos trabalhando o tempo inteiro, não de forma estanque, por exemplo, um momento é ligação um momento é isso, não! Na hora que precisava do conhecimento a gente retomava aquele conhecimento. A tabela periódica a gente trabalhava todas as aulas, a medida do possível. Pode passar [?]. E nós trabalhamos também o biodecompositor. Então, um sistema fechado e outro sistema aberto. Pode passar. Aí o modelo. Pode passar. E pra isso nós fomos a a Pirinópolis, né, no instituto que desenvolvia forma alternativa de de biodigestor e de e de de decompositor, né, pra gente pensar também isso. Além disso, a gente foi trabalhando... pode passando. Volta... éh... volta. Aí éh... aí é uma

forma que eles fazem né do do do biodigestor com restos de estrume de animais né da [?] agricultura... antes desse [?]... só um pouquinho, por favor, aí uma forma da horta, né, que é feita que você faz com controle das pragas, e nós tentamos fazer esta horta aqui também, depois, de ervas finas com algumas substân... com algumas plantas é repelindo é insetos é pra evitar você ter que usar é herbicidas, fungicidas, né. E aí a forma... com formas variadas né, ali a baiana né a forma do círculo, que eles trabalham assim. Pode passar. E aí eles fizeram essa pesquisa também né de outro modelo de biodigestor mostrando... éh... como se faz né: é 0,60 [?] de gasolina... éh... economia de quanti... de querosene... [?] lá no final né você gasta 8,93 m³ por dia que corresponde a ¼ botijão de gás de 13 Kg, né. Então esse processo que é utilizado também... é que a gente pode pensar como alternativa pras nossas casas a medida que a gente vai ficando... éh... sem sem né os botijões de gás né. É da decomposição dos próprios restos de alimentos que a gente... éh... produz. Pode passar. Aí mostrando já a decomposição final, ó! Naquele naquele cantinho de cima lá onde tá... éh... o... a decomposição né... o húmus. Pode passar. Aí a composteira que eles tinham lá, né, em torno dela explica como é o processo, a medida que você gira você tá é auxiliando o processo, né. Pode pode passar. Aí o composto que depois da decomposição. E aqui o trabalho que a gente fez da nossa composteira. Nós trabalhamos também com a Artes, né, nesse projeto do do do... éh... do biodigestor e da composteira... ah... a professora Marilda... éh... também topou fazer esse trabalho, então, nós compramos essa composteira com dinheiro da Universidade Federal e os nossos alunos trabalharam ali. Foram para o laboratório de informática, pesquisaram sobre a compostagem, éh, trabalharam artisticamente éh como poderia ser isso, né, eles fizeram vários bonecos, né, e foi mais de uma turma que trabalhou e... pode passar. Aí é é os bonecos que que eles faziam no papel depois... aí no final a nossa composteira como que ficou com a ideia né que eles tinham de de compostagem né, isso foi trabalhado com textos científicos com textos... éh... diversos. Pode passar. Mais um clique aí. Então, também(?) as ervas finas né quando éh que no Brasil é chamado cheiro verde mas nós trabalhamos outras e à medida que a gente estudava essas ervas a gente também procurava estudar a composição química de cada uma delas, né, e aí [??] desenvolver com a parte histórica disso aí pra saber se de fato essas ervas são mesmo brasileiras e se são de outras regiões, né, porque a gente trabalha no sentido de que o capital faz circular as... as ervas, né. Pode passar. Aí foi o espaço que a gente brigou muito pra

construir essa essa horta naquela [?] anterior que a gente fez e nós fizemos um trabalho nesse nesse pedacinho que é bem aqui no cantinho lá da biblioteca lá [??]. Pode passar. Aí um exemplo de de horta, né. Pode passar. E o controle da praga, nós fizemos éh... éh... pode ser feito por citronela, capim cidreira, cardo defunto(?). Pode passa pode passar. Pimenta, né. Coentro. Alecrim. Que tem substância que repelem, né, tem por exemplo em relação as formigas né. Então, você faz esse controle. Porque normalmente no capital você planta só um tipo de planta né, faz assim uma horta só de alface, né, então, a gente coloca essas substâncias... [???]... mas pra evitar é o lixo... é como é que a gente faz pra aproveitar os alimentos? Aí o professor de nutrição trabalhou com a gente que é a professora Poliana, né. E dentro desse trabalho também os elementos químicos que foram aparecendo a gente também foi estudando com eles, né, a vitaminas também. Pode passar. E aí a abordagem interdisciplinar que foi... éh... um trabalho que a Lorena fez com os nossos alunos também... éh... em que foi tudo filmado, né. Então esse projeto surge da necessidade histórico cultural pedagógica composta para três... primeiros semestres(?) né de Química, que a gente tentou construir junto com a Universidade Federal. [Objetivos]: Proble... problematizar e contextualizar as situações, formar o sujeito politécnico, integração entre teoria e solução de problemas reais. Pode passar. [Metodologia]: atividade 1 era trabalhar um texto, fazer uma discussão política, né, interpretação de mapas, leitura de tabelas, e uma música. Pode passar. Aí tá a ideia de como é o alimento em âmbito mundial, a sua produção. Pode passar. E a discussão... e o contraste, né, dos países que faltam alimento. Pode passar. Aí tem interpretação das tabelas, leitura e interpretação de texto, e... volta lá na atividade 2, por favor, [?] aí a outra atividade [?] que a gente foi entrevistar... entrevistar para identificar os hábitos alimentares, né, tentar saber quais eram os alimentos que eles comiam, né, éh... a discussão da pirâmide... éh... alimentar, então, entra de novo a Poliana nessa discussão, né... éh... o estudo do conceito de caloria, foi uma experiência que a gente faz, depois a gente discute o texto do Ático Chassot, que tá no Química Nova da Escola, que a gente utilizou também. E rótulos dos alimentos industrializados tentando ver os aditivos químicos que existem nesses alimentos e mostrando que o alimento deixa de ser alimento e é mercadoria e muitas muitos, por exemplo, ah... jujuba, a gente come jujuba mas ele não tem nenhum valor nutritivo e é usado como mercadoria. Acabou voltando [risos]. Então, pode ir. A atividade 4, então aí, conservação dos alimentos. A gente, é, estuda também... tem

muitos produtos que a gente utiliza em casa que são é usados historicamente por muitas gerações, eles são melhores que muitos produtos que são colocados, os conservantes, nas nas nos alimentos que nós compramos, né, por exemplo, a a margarina, a gente mostra que ela é uma maquiagem da manteiga, né, então a gente faz experiências com relação ao leite, mostrando que às vezes o leite tem formol tem urina tem várias outras... tem hidróxido de sódio. Nós fizemos essas experiências com leite, né, e aí pra gente discutir com o leite, por exemplo, a gente sabia que tinha... às vezes falavam assim... professora... então eles ficavam sabendo que tinha o leite tipo A, tipo B e tipo C... aí eles falavam assim, professora, nunca tomei leite tipo A. Quando eu compro o leite tipo C e não compro o pão. Quando eu compro o pão eu não compro o leite. E aí eles tomavam leite, né, com a menor quantidade nutritiva né, tipo C. E aí vai. Pode passar pode passando. Aí outra atividade com o pão que a gente fez. E aí a gente também estuda... tem os textos... eu não consegui colocar os textos lá, ali, que tava em pdf... pode passar pode passar. Fizemos visita no no... lá no Instituto, IPEC em Pirinópolis. Eles fizeram entrevistas com o padeiro aqui do do do Tatico e perceberam que o alimento, que o pão ali do Tatico não é produzido no Tatico é terceirizado, né, e e foi foi uma discussão nesse sentido, né. Aí tá os conceitos trabalhados, as avaliações que foi feitas. Fizemos visita ao aterro sanitário de Goiânia, né, e aí tem a Neuza e a Eliane, né, trabalhando aí... pode passar. Esse esse esse pôster que nós construímos eles eles apresentaram em eventos, né, a Neuza apresentou sobre a parte da compostagem. E outro aluno apresentou sobre ervas finas e outro sobre éh... o o o biodigestor. Aí é eles trabalhando lá no laboratório. Esse laboratório era um dos melhores da época e tinha... e era pra EJA, né, que era muito disputado na nessa instituição e muitos reclamavam por que que os jovens e adultos tinham que tá com laboratório dessa qualidade sendo que outros cursos como Engenharia não tinha esse laboratório. Isso deu muito trabalho pra gente. Éh... aí a Eliane, né. Pode passar pode passar. Alunos, né. Aí os materiais também da Arte [?] desse projeto que a gente trabalhou junto com a professora Agostina. Eles fizeram trabalho no computador, pesquisaram os artigos... pode passar pode passar. Aí os bonecos(?) de outra turma né [??] pode passar pode passar. Aí esse depoimento da da da Eliane que eu gostaria de ler, então ela fala assim: Proeja acredita que que irão sair... abaixa mais um pouquinho... então, muitos acreditam que o Proeja não tem assim muita utilidade, né, tá lá em cima, então Proeja acredita que irá sair e eles do Proeja... aí... isso... alguns acham

que o Proeja é um curso para analfabetos, já do Proeja acredito que vão sair bons profissionais, particularmente esse programa foi a chave para abrir as portas para o meu retorno a escola. Hoje não penso e nem quero parar mais de estudar... ela teve filho no processo, né, ficou gestante... o Proeja tenta resgatar jovens e adultos mostrando que eles são capazes de ser alguém, que seja crítico e que lute pelos seus direitos, adquirindo conhecimentos intelectuais, o que aprendemos na escola aliados aos conhecimentos da de vida. Somos mais respeitados em condições de obter um trabalho melhor que nos dará dignidade. Então, a fala da da da Eliane. Pode passar. Aí e e esses lugares que a gente, né... o fórum, o... éh... a parte do profissional, e o GT, né, de jovens e adultos, né, na na Anped. Pode passar. E voltando lá com essa com essa esse poema que a gente treinava em todas as apresentações que a gente fazia nos processos seletivos, né, na época do Técnico em Serviço de Alimentação, a gente recitava [?] pros nossos futuros alunos, né: *De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estamos sempre começando, a certeza de que precisamos continuar, a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar. Portanto, devemos: fazer da interrupção um caminho novo, da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, e da procura um encontro.* Fernando Pessoa. [aplausos]

Prof. Sebastião: Passo agora pro discente que é o Gabriel. O Gabriel... Preves que é o aluno do... do... Técnico de Cozinha, né!

Aluno Gabriel: Primeiramente boa noite! Peço desculpa por meu nervosismo. Nunca tive a frente assim de um evento tão grande, importante como esse. Bom, eu fui convidado pra falar um pouco da minha experiência educacional e profissional. A minha experiência educacional correu bem durante o ensino fundamental mas quando eu comecei no ensino médio eu precisei interromper pelo trabalho, comecei a trabalhar e nunca consegui conciliar os horários. Aí assim, fiquei oito anos parado. No decorrer destes oito anos eu tentei umas três vezes voltar, mas nunca conseguir a continuação. Aí foi quando eu vi o anúncio no jornal desse curso, o projeto, aí me interessei pela área que era Técnico em Cozinha, porque eu sempre trabalhei em cozinha, né. Então, me chamou muita a atenção. Eu vim conhecer, me informar a respeito. Aí fiz a inscrição e comecei o curso e com o decorrer dele eu fui me apaixonando cada vez mais. Gostei muito! Os professores incentivam muito os

alunos a continuar, a procurar, a não... assim como é que fala?... a não não deixar de mão, né. Não desistir, isso! Aí assim, eu participei com a Kênia dos projetos da oficina de literatura, comecei em primeira mão como... pelas horas que a gente precisa como aluno, pelas horas preliminares, mas no final a gente só podia participar de duas, mas eu acabei participando de quase todas, umas quatro eu participei mesmo já não era mais nem pelas horas mais, porque eu fui me apaixonando mesmo pela leitura. Então, mas é muito bom! Foi uma experiência... está sendo muito bom, revigorante, me deu vontade de continuar. Eu agora não quero mais parar, eu quero enquanto eu tiver estudo... já tenho umas três graduação em mente pra mim fazer... mestrado... doutorado... vou continuar não vou parar mais, apesar de de... assim... hoje em dia eu vejo também que, olhando pra trás, eu parei não foi nem tanto por causa do trabalho que hoje eu trabalho e tô aqui firme e forte. Então assim foi um pouco também pela idade, juventude, que você acaba desviando um pouco dos intere... dos interesses do estudo, né. Aí eu tô achando muito bom, tá sendo muito importante pra mim. Minha experiência é essa eu sou novo não tenho tanta experiência assim. Então, eu queria agradecer a oportunidade pelo convite. Professora Kênia que me convidou pra dar essa fala. Eu não vou falar tanto como os professores, eles têm mais experiência que eu. Queria agradecer a atenção da organizadora do evento, que eles estão todo ano aqui acompanhando como ouvinte, eles são muito empenhados, é um projeto muito bom mesmo. Agradecer a Universidade Federal que ês... que eu sei que eles apoiam muito, dão um grande apoio a esse projeto aqui no Instituto, sem eles talvez já tivesse até acabado. Então é essa a minha fala. [aplausos]

Prof. Sebastião: Então, agora a gente passa para aquela fase dos... dos das colocações de vocês aí. [A luz!? Diz alguém no auditório] Será que precisa? Não enxerga o povo, né! Ô ô... como é que é o nome dele? Eu sempre esqueço. [Alguém diz: José]. José! José, cê liga um pouco a luz aqui, só pra... aí... agora vocês vão morrer de calor, viu! Pelo menos a gente... Bom, então, tá aberta as inscrições aí. Eu não vou fazer comentário de coordenação, acerca de... a o que eu achei da fala da Kênia, o que eu achei da fala da... tudo muito bo... muito bom! A gente fica aqui quase sem ter o que falar, então, vamos aí ao diálogo. As inscrições! Fala o nome: Lucas! O Hercules. Mais alguém? Ou a agente vai enquanto... quem? Quem quem? A tá... Taís? Taís. Mad'Ana. Vamos começar com esses e aí a gente vai... mas eu acho que

aquela aquela proposta nossa do... aca acabou funcionando que é... Mônica! Acabou funcionando, que é a gente abrir mais e só retornar pra mesa mais ao final, vocês já fazem as colocações e já se despedem e tal, pra não ficar aquele bate bola, aquela coisa meio palestral, né. Então, já temos aqui cinco inscritos, aí a gente não vai voltar pra mesa não, quem quiser inscrever no decorrer eu vou pegando as... tá bom? Ok? Então vamos lá! Lucas.

Lucas: Boa noite a todos! Meu nome é Lucas. Eu sou membro do grêmio estudantil do IFG campus Goiânia. E, primeiramente eu gostaria de parabe parabenizar o evento, muito bonito, acompanhei aqui o possível, algumas interações e, também, vim aqui mais pra fazer uma uma autocrítica quanto a a grêmio, porque aqui no campus Goiânia a gente tem uma dificuldade muito grande que é tentar fazer uma interação com o EJA, antigamente era o Proeja. Eu não vi nenhuma gestão anterior uma tentativa de aproximação. Essa tentativa de aproximações que...éh... tavam em suposição de acontecer, não era muito certo, ou por falha ou então por... ah... algum deslize da administração do grêmio. Então, eu venho reconhecer aqui uma autocrítica contra o grêmio desse... desse distanciamento. Essa falta de diálogo e interação com o Proeja, que ao ao acompanhar o evento eu pude perceber que quem de fato perde com essa ausência de interação não é o Proeja em si, não é o Proeja como uma organização estudantil, mas sim a organização estudantil que tá perdendo muito com o Proeja, com o EJA [aplausos] porque... eu pude perceber durante o evento que de fato o os estudantes, o modelo de EJA, tem muito a ensinar não só aos estudantes do ensino regular ou seja como foi intitulado, o ensino secundarista aqui no IFG, mas sim a Instituição como um todo, porque é uma experiência que eu pude compreender aos poucos... é muito ampla! Então, eu gostaria de deixar, de certa forma, um um... não um convite, mas sim uma uma intimação contra o grêmio a participar mais com o EJA, a jogar mais com os estudantes do EJA, principalmente no campus Goiânia que a gente não tem essa construção ainda. E em relação a... ao debate, gostaria de deixar uma pergunta aqui é que é a construção do modelo politécnico de educação, eu acho que pelos slides que foram mostrados pela professora é um modelo bem diferenciado que tenta promover o máximo a aproximação do do conhecimento com o indivíduo o conhecimento que ele já tem. Uma interação bem bem interessante e que eu acho que pode proporcionar a... formação integral do indivíduo. E eu gostaria de deixar a

indagação de que seria esse modelo... ah... mais politécnico que tenta promover o indivíduo e a escola num diálogo mais próximo onde um não é submisso ao outro, mas sim ambos interagem num processo de conhecimento, seria esse o desafio da educação brasileira? E também uma uma solução aos índices de defasagem ou então de descontinuidade da... do ciclo educacional? [??] Talvez pro Gabriel, e esse modelo de interação educacional que você viu aqui que tentou englobar ao máximo as questões com o cotidiano... ah... poderiam promover uma interação maior do indivíduo com a instituição e esse indivíduo gostar mais de estudar, gostar mais de ficar aqui no IFG? Muito obrigado! Boa noite a todos. [aplausos]

Prof. Sebastião: Hércules!

Prof.^a Mad'Ana: Só... o Hércules precisa subir ai um pouquinho. Hércules, vai lá, o espaço é nosso. Pode ser mesa?

Prof. Sebastião: Pode!

Aluno Hércules: Boa noite pessoal! Meu nome é Hércules. Sou do Técnico em Informática. Éh... eu achei que foi magnífico essa ideia de discutir a educação brasileira, porque é horrível mesmo e eu tenho sofrido bastante desde quando me entendo por gente, porque, é, o primário mesmo foi muito mau feito, o ensino fundamental foi horrível também, e eu com muito orgulho e com muito nervosismo e muita preguiça de ficar em pé também eu sento aqui na cadeira pra falar sobre isso. Eu desenvolvi um texto mais o Eduardo. Antônio Eduardo que é meu amigo que me acompanhou... éh... durante vários tempos, me ajudou bastante na no Português que eu tive muita dificuldade. Ficou sequelas do primário e do ensino fundamental mau feito. Éh... desenvolvemos um texto bem bacana mesmo eu e ele. Ele não pode vim, não consegui entrar em contato com ele, não sei o que aconteceu, depois eu tenho que ligar e vê se tá tudo bem, mas enfim, vamos lá! [Passa a leitura do texto] A educação deveria ganhar mais atenção no cenário nacional visto que ele tem o poder de transformar valores, abranger o pensamento não apenas do que se refere ao campo ético mas também no âmbito social e de certa forma geral. Devido ao alto custo que as instituições de ensino de qualidade cobram a educação ideal se torna... se torna... a educação... éh... educação ideal se torna inacessível ao alcance de

peessoas mais carente, que como preparo adequado poderiam vir a ser... adequado... poderiam... só um momento... poderiam vir a ser grandes profissionais capacitados e com uns salários satisfatório. Indubitavelmente, por consequência, existiria surpreendentemente menos indício de crime... criminalidade e menos jovens envolvidos com drogas. A faculdade, eventualmente, considerado um sonho distante, difícil de se realizar. O governo deveria dedicar uma verba especial para esta... para esta área, especificamente eu acredito que a cultura é da consequência da educação habitada(?). Atualmente, notório, ver jovens paran... parando os estudos para trabalhar optando e visando mais o dinheiro. A educação uma vez que nos torno independente não apenas intelectualmente, mas sim entender em todos os aspectos se faz necessário na sociedade. Se a educação ganhasse prioridade em massa e se tornasse acessível a todas as camadas sociais consequentemente teríamos uma sociedade consciente com valores culturais elevados vistos que na sociedade os valores são decisivos para uma formação ideal. A educação é um valor que jamais pode ser roubado que em... que é um poder de transformação... é um poder de transformar tudo. E neste momento decisivo em que vamos escolher um representante nacional devemos ter o bom senso de votar presando também esta como uma das principais ferramentas da evolução social. Sem educação não tem salvação. A Coréia do Sul saída da ocupação japonesa da invasão do Norte era um país arrasador [quis dizer arrasado]. Decidiram investir em educação e na formação de oitocentos mil cientistas e a potência... e a é uma das maiores potências de hoje. O Brasil vi... vive de uma forma na educação quando deveria ser feito uma evolução. Algumas... alguns políticos que prometem educação tem poucos votos até parece que o Brasil não quer educação. Muito obrigado! [aplausos]

Prof. Sebastião: Thaís! Só repassando aqui, ó: Thaís, depois Mad'Ana, Mônica, Marcilene [apontando o dedo para a pessoa no auditório], [a pessoa diz: Deucilene]... ãh?... Ah é! Quem mandou você mudar o seu nome?! Taís... Taís... ah... tá com o neném... vamo vamo... eu vou passar aqui e eu levo o microfone... vou trocar você com a Mad'Ana... fala primeiro Mad'Ana e depois você da o... passa lá... o microfone.

Prof.^a Mad'Ana: Então tá! Eu ia falar uma coisa vou falar outra depois da fala do Lucas. Cadê o Lucas? Tá aqui, né! Éh... nós tivemos aqui no início uma... éh éh... uma iniciativa né uma provocação que nós fizemos pros alunos da Educação de Jovens e

Adultos pra criar um fórum de discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal de Goiás. Eu penso que uma provocação pro grêmio, né, o grêmio tem que entrar nessas discussões sobre as questões da formação... éh éh... dentro do Instituto Federal de Goiás, de repente vocês podem ajudar a promover, né, e criar fóruns de discussão de discussões dos alunos sobre isso. Todo mundo só tem a ganhar em relação a essa a essa questão... éh... e aí, enfim, né, os alunos da especialização leram o texto do Arroyo e colaborando... éh... éh... ratificando o que o Lucas colocou nós temos de fato muito que aprender com a Educação de Jovens e Adultos, né, eu acho que o texto do Arroyo, eu acho que o Lottermann recupera essa questão como a Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos e Educação, Jovens e Adultos é oriunda da Educação Popular, felizmente ela teve muito menos amarras para ser desenvolvida. Então ela teve muito mais liberdade pra ser discutida e ela teve muito mais, é, capacidade de traduzir porque sempre olhou para os seus sujeitos, né, as expectativas, as demandas, as necessidades desse sujeito. Então, uma Instituição que quer fazer inclusão não é somente trazer os alunos, os diversos alunos pra dentro desta instituição, mas a inclusão também se dá a partir dos saberes e das experiências que a gente tem, é, fora dos muros da instituição. Então a gente precisa repensar uma série de questões aqui dentro da instituição... éh... e democratizar é trazer mas democratizar também é repensar a estrutura organizacional, a estrutura acadêmica dentro desta instituição. Por que que nós temos que seguir, né, éh... o ritmo de aula, os horários de aula, a certificação, a diplomação, não é, tal como nos velhos tempos? Eu acho que a Educação de Jovens e Adultos vem indagar e inclusive esses parâmetros da organização da escola, não é? Então... éh... é muito importante que a gente apreenda e eu acho que o Lottermann colocou uma questão importante, né, há muita boniteza na Educação de Jovens e Adultos e a gente precisa assumir... ter humildade... nós somos doutores, nós somos mestres, nós temos que assumir com humildade que felizmente a gente não sabe tudo e a gente tá sempre começando e é no diálogo que a gente sempre começa, né. Então fica aí Lucas uma provocação... éh... eu particularmente se precisar de qualquer coisa estamos aí mas isso só vem a fortalecer a luta da gente. É mais uma consideração, não sei se vocês quiserem... se lá... [??].

Aluna Thaís: Boa noite a todos! Meu nome é Taís. Eu sou aluna da licenciatura em Artes Visuais da UFG. E a minha pergunta é direcionada especialmente pra Kênia,

né. Você falou bastante da interdisciplinaridade, que você trabalha né com outras linguagens. A primeira, eu gostaria de saber quais linguagens são estas? Aí você falou que uma delas é as Artes Visuais. Então... éh... é perceptível que você trabalha com uma proposta de trazer o cotidiano dos alunos pra pra as atividades em sala e pros seus projetos. Esta é uma proposta dentro de uma uma abordagem dentro da cultura visual. Eu queria saber se você... éh... direciona isso dentro da cultura visual ou que outros métodos você utiliza para desenvolver seus projetos.

Prof. Sebastião: Éh... Mônica! [???] Vem cá, Mônica, pro pessoal te filmar aqui. Não, você vai falar daí? Não... não... fala no microfone. É Gabriel era só um favorzinho você arrumou um emprego... não remunerado. Não, Gabriel, vem pra cá, você é palestrante aqui, depois eles trazem.

Prof.^a Mônica: No primeiro dia, não me lembro quem falou que teria que sair um documento desse encontro. Eu acho que tem que sair mesmo porque a gente viu agorinha a fala da Jaque da Jaqueline, de todos os professores, a gente tenta a interdisciplinaridade mas a instituição acho que ela tem o dever de facilitar isso, né, promovendo é horários, a construção dos horários facilitar isso... éh... por exemplo, a gente tá... tá tendo esse Diálogos EJA aqui... éh... as aulas continuam normais. Então os professores aí ficam ali na boa vontade mudando o seu planejamento... eu acho assim muito coisa precisa da instituição, tem que ser uma coisa institucionalizada e se for fazer um documento acho que isso é uma uma uma das exigências que seja foi pela escola... há vai fazer horário?... coloca um horário para pode conversar [??] no meio do corredor às vezes tem ideias ótimas, mas e aí, enquanto ela tá livre eu tenho quinhentas aulas, tenho uma coordenação, então, você não consegue esse tempo, isso fica frustrante, porque ela faz um trabalho por ali, eu faço por aqui, a Jaqueline faz de lá, o Beto faz de lá e a gente não consegue se encontrar, e aí tudo se perde, né, então acho que assim, podia fazer esse documento. A minha provocação é: eu quero um documento.

Prof. Sebastião: Eu quero um documento [??] parece que isso já é uma decisão, né, mas é bom reforçar. Deusilene!

Aluna Deusilene: Olá, boa noite a todos! Eu sou aluna do curso de Licenciatura em

Matemática e fui aluna do Proeja, né, do [?], do Tiago, Josué, Poliana, então assim [?] professores, professores novamente igual Josué, [?], no evento né [???] então como a professora estava falando a primeira turma de Uruaçu teve 70% de evasão né? Jataí, né? Então assim nós formamos 60%, somos dezesseis que formamos então teve uma evasão de 40%, então isso já foi bom, né, melhorou, e alguns assim... quando se fala em EJA não quer dizer que a gente vai fazer esse curso e parar, que assim, minha turma nós éramos dezesseis, do que eu tinha contato ainda, quatro já estão no ensino superior, igual o Alessandro que está no [??]... moreno alto que está fazendo Sociologia na UFG, eu Matemática aqui, [???] e tem Ane que formou em turismo aqui, né, e... o Eudécio(?) que começou Ciência Contábeis na PUC, trancou lá e veio fazer Técnico em Mecânica aqui. [???] É esses são só da minha turma. [?] É e eu que tô fazendo Matemática aqui. E assim eu acho que o legal é a gente procurar entender o EJA que se somos jovens trabalhadores isso não quer dizer que nós não tem capacidade de aprender igual os outros. O que nos difere dos outros alunos é que somos trabalhadores. Trabalhamos oito nove horas, então assim, sou professora hoje, já tô dando aula, sou professora do EJA, acho que a gente tem que correr mais atrás disso, querer aprender mais do EJA, porque assim, nós somos os professores em quem nos espelhamos, então eu tenho grande probabilidade de ser uma boa professora, me espelhei na Kênia, no Adolfo(?) [risos da mesa e auditório] então assim acho que tenho a probabilidade de ser melhor é maior do que ruim, né, então é isso. E assim, o que eu quero deixar para os jovens do EJA, não parar, continua, porque somos aquilo que queremos ser. É isso! [aplausos]

Prof. Sebastião: Professor! [apontando o dedo para um canto do auditório]

Prof. Otávio: É... boa noite! Essas pequenas intervenções... éh... pontuais e locais... éh... nos remetem a experiências... éh... que hoje a gente vê narradas aqui que realmente faz a diferença... éh... todos os alunos trabalhadores tem essa dificuldade de chegar no horário, por que? Porque na nossa realidade lá quem trabalha na cidade ainda tem condição de chegar mais cedo, mas a maioria trabalha fora da cidade nas usinas, porque Jataí virou um pólo... éh... [?] de de indústrias de açúcar e álcool, então, se o menino termina de trabalhar as 18 horas, o veículo vai demorar cerca de 40 minutos pra chegar na cidade, ou ele vai pra aula com o uniforme e sem

tomar banho e sem a refeição ou ele vai chegar atrasado... éh... nas nossas reuniões... éh... cadê a minha a minha coordenadora aqui... gostaria tanto que ela viesse falar... éh... a gente resolveu e e tem essa essa liberdade de chegar e adentrar a aula no momento próprio dele... é nós temos alunos e alunas que vão direto do serviço pra lá com o uniforme, quem trabalha em metalúrgica, por quê? Porque é assim que tem que a condição desse sujeito que trabalha é essa. Éh... as nossas aulas ela ia próximo as vinte e três e trinta (23h30), como ia as outras disciplinas, nós temos mais liberdade porque terminamos mais cedo porque tem hora que ele tá tão cansado que ele tá dormindo dentro da sala... éh... na nossa última reunião... éh... surgiu a sugestão da turma da Cintia que é meu objeto de estudo do primeiro ano que é muito ativo... “Professor a gente não tem condição de estudar em casa!”... então surgiu na próxima reunião que a gente trabalhe com o professor vinte minutos da última aula para fazer a tarefa acompanhado por ele na escola, porque se for pra casa não vai fazer. Éh... outra coisa interessante... “Professor, nós não quisemos a greve, a gente não quer repor aula em dia de sábado.”... É um direito deles, eles trabalham sábado até as treze horas, depois ainda vai ter que ir pra aula? E o lazer? E os que trabalham no contraturno que tem que prestar serviço no domingo? As máquinas não podem parar! Então todas essas pequenas intervenções efetivam o ensino e fazem com que o aluno se sinta valorizado e venha pra escola e e é disso que a gente precisa, porque... eu não sei se alguém já pensou e eu estou repetindo coisas que todo mundo já faz há tempo... mas essas nossas reuniões com as nossas intervenções efetivam essas pequenas mudanças e fazem com que o aluno permaneça, se sinta valorizado e retorne, inclusive, às às atividades, porque... éh... a gente tem... éh... a humildade de ligar pra ele, de saber, de correr atrás, ó, por que que você tá... éh... faltando? Por que que você deixou? Aí eles voltam, recomeçam, tava na terceira turma volta pra segunda, mas tão todos lá batalhando e conseguindo... éh... se profissionalizarem, porque eu acho que, eu acho não, eu acredito que esse retorno a palavra EJA... éh... ela desvincula que o problema profissional do Proeja porque a gente trata o aluno mais na sua integridade incluindo ele na no contexto social como como pessoa bem-vinda também não só pra fazer dele um profissional... ah... pra trabalhar. Obrigado! [aplausos]

Prof.ª Keila: Boa noite, pessoal! Eu sou a professora Keila do curso de Secretariado de Jataí e é a primeira vez que eu participo porque eu tenho... tô apenas alguns

meses, né, no IF e, assim, eu fiquei muito feliz de tá participando, eu me esforcei pra estar aqui porque sabia que ia ser bem enriquecedor e foi, né, os temas que foram... éh... levantados aqui... éh... me impressionaram e abriu um leque muito grande, me provocou em muitas coisas, e trouxe um conhecimento muito bom. Mas assim eu quero fazer uma colocação que eu acho que vai ser mais uma provocação pra mesa e pros palestrantes que estiveram aqui. Me desculpe se eu estou... éh... fora do contexto, mas eu observei que assim... éh... foi falado muito sobre integração... éh... inserir o pessoal, falar na linguagem que os alunos entendem... né... trazer esse aluno pra perto, entender a vida do aluno, foram levantadas várias questões aqui que fala da humanidade do aluno mas... éh... assim... as falas, né, muito bem elaboradas, enriquecedoras e tudo, mas muito longas, eu achei. Eu achei que foram muito longas as falas dos palestrantes e achei também a linguagem... éh... me desculpe se eu tô equivocada mas eu achei a linguagem muito técnica, é fora do contexto daquilo do vocabulário de muitos alunos. Isso me preocupou porque se é pra inserir o aluno se é pra envolver o aluno se é pra que ele se sinta parte de todo esse contexto, né, quando a linguagem é muito técnica o aluno não... ele não se inclui, ele fica meio perdido, né, e e e assim, eu posso também estar equivocada, mas eu acredito que, infelizmente, muitos alunos da minha cidade não estão mais aqui nesse momento porque eles ficaram meio... entediados! Então assim, mais uma vez eu tô preocupada por ser minha primeira vez de tá participando colocando algo assim, não é é pra... crítica mas é pra dizer que isso me incomoda, é mais pra propô que isso seja pensado e repensado, pra que realmente se é pra integrar o aluno, então, que seja feito também aqui. Porque eu sei que as pessoas, vocês são as pessoas... éh... doutores... muito especializadas, né, e isso enriquece o professor mas as vezes o aluno não está preparado pra isso. Tá! É isso que eu queria falar. Obrigada! [aplausos]

Rúbia: Boa noite! Éh... hoje à tarde eu tive a ousadia de fazer uma sugestão pra Mad'Ana e eu gostaria de levar ao plenário esta sugestão. Éh... eu sei que talvez... o Diálogo, a palavra diálogo nos remete a isso que a gente tá falando aqui agora [?] microfone e de público se coloca. Mas, às vezes a angústia de quem não tem coragem, porque não é fácil pegar o microfone e vir aqui, vai embora com ele pra casa, não é. Então eu sugeri... éh... que no próximo diálogo houvesse uma tarde... éh... de grupos... sabe de construção em cima de alguns temas que fossem colocados e a

partir disso, esses grupos elegendessem pessoas que voltariam e colocariam ao plenário o que foi decidido, aquilo que foi elencado, que foi pleiteado por cada subgrupo. Então essa é uma contribuição. [aplausos]

Prof. Sebastião: Priscila!

Priscila: Boa noite! Sou Priscila. Aluna do Secretariado de Jataí. E, realmente, eu queria confirmar o que a professora Keila disse. Ficou meio... é a minha primeira vez que eu participo do encontro... e ficamos assim sem entender algumas coisas que foram bem técnicas, mas assim, algumas foi bem enriquecedoras. Eu confesso que eu pensei que seria minha última viagem, meu último encontro... na área, mas ontem foi bem esclarecedor, particularmente, inclusive pela história do Teixeira, Teixeira né? Eu agradeço muito porque mudou muito a minha opinião, muito obrigada. E agradeço também... éh... por vocês terem a iniciativa de fazer, por que a gente muito [?], eu particularmente [?] bastante, conheço bastante... éh... peço mais uma vez pra que seja bem mais próximo da gente a próxima vez... éh... inclusive nas falas, mas sejam menos técnicos. E queria agradecer também os professores que tem muita paciência com a gente, porque realmente sofremos bastante no Proeja e a gente sofre bem mais com a gente [??]. E queria agradecer o encontro, as pessoas que se disponibilizaram a estar aqui, e que continue assim, que tenha mais e mais. Éh... só tenho agradecer e muito obrigada! [aplausos]

Prof. Sebastião: Olha, pessoal, veja bem! Éh... nós estamos com nove e trinta e cinco. Tô pensando em encerrar pra passar pra mesa pra que eles façam considerações acerca das reflexões e façam na medida que a gente possa encerrar no máximo até dez horas. Eu posso... sim... [Prof.^a Mad'Ana solicita a palavra]

Prof.^a Mad'Ana: Éh... então eu acho que essa questão dos alunos colocaram aqui ela é extremamente pertinente. Então eu queria assim só perguntar pra gente dialogar, eu acho aí Josué pra gente repensar, assim, o que vocês estão entendendo por uma linguagem mais... muito técnica? Só pra gente afinar o o o... o diálogo mesmo! Acho que isso é super bacana, no final, no último dia chegar aqui e falar isso é muito bacana e o que a gente quer... eu acho que é importante isso, acho que a gente tem que afinar esse diálogo.

Sujeito não identificado: Mad'Ana! Eu posso tá enganado, mas [???

Sujeito não identificado: [???] tem gente inscrita [???

Prof.^a Daniela: Desculpa, professor. Eu achei que tinha várias questões inscritas é só pra manter a questão da ordem. [???] É só por uma questão de ordem mesmo pra gente seguir as inscrições e respeitar quem se inscreveu pra falar, né... só isso. Acho que isso contribui pra democracia e com os diálogos que a gente tá se propondo aqui, né. Essa essa questão da linguagem, nem ia falar porque é uma questão que a gente começou a discutir desde mais cedo... desculpa... meu nome é Daniela eu sou professora do campus Formosa, sou professora da Biologia na Licenciatura em Ciências Biológicas. E essa questão da linguagem... eu ia até falar um pouquinho sobre a questão da da polissemia... eu ia falar da teoria, na verdade a gente tá falando de práticas, né, eu eu não consigo falar de práticas sem falar da teoria e aí achei bacana a mesa pediu pro Tião fazer esse resgate da teoria pra [?] a prática, né, e eu ia falar um pouco dessa questão da polissemia da teoria e que às vezes a gente... por exemplo, a polissemia da teoria, né, ela é uma exemplo exatamente do que está falando aqui, né, da polissemia é o múltiplos sentidos e significados que um termo pode assumir no uso da língua, né, [??]. Talvez, eu queria só, ao invés de entrar nessa questão mesmo, eu queria só reforçar o que a professora, Keila? Colocou aqui [???] que as minhas alunas, nós viemos só com duas alunas lá do Proeja campus Formosa, lá de Formosa, elas elas desde o primeiro dia elas falaram isso mesmo, né... teve uma situação muito engraçada que o professor Lottermann... éh... Osmar Lottermann ele ele tava falando fazendo as considerações dele, daí de repente ele inseriu o comentário de que se ele tivesse trazido uma lâmina e projetado, se ele tivesse trazido uma lâmina e ele teria falado não sei o que [?] na lâmina. A menina virou pra mim e falou assim, professora pelo amor de Deus que lâmina é essa? Sabe, ela não tava entendendo que lâmina que era essa. A lâmina é o projetor né do do do slide, que hoje a gente fala slide do PowerPoint e que eu falei não... a gente a gente usava esse termo lâmina quando a gente tinha retroprojeter, aquele papelzinho transparente que a gente botava que projetava lá. Então às vezes tem um termo [???] é um desuso [??] mas como outros termos, né, propedêutico, né, diversos termos que ao tempo todo a gente vai dialogando com elas né, fiquei sentada com elas quase que o tempo todo aí vira e mexe ela perguntava, e aí, o que

que é isso aqui? E a gente ia dialogando e ia tentando mostrar o significado de um termo ou outro. Acho que foi nesse sentido que a professora colocou e eu concordo com ela. A gente tem que tomar esses cuidados [???]. Educação também é uma área técnica, né, Educação também é um campo específico do conhecimento científico, tem seus termos próprios, sua linguagem própria, eu acho que é nesse sentido a recomendação, eu acho super pertinente. Obrigada! [aplausos]

Prof. Sebastião: [???] Veja bem! Eu acho que essas pessoas, todas essas colocações e eu acho que elas são muito pertinentes... a a a comissão, eu acho que ela deve concordar com isso de que é necessário realmente, que quanto mais a gente se sente apto a participar mais a gente participa, quanto mais a gente se sente estranho menos a gente participa, né, não há como a gente ter esse termômetro sem que vocês coloquem qual é a temperatura ideal, né. Isso tem que ser colocado daqui pra lá de lá pra cá. Afinal de contas as palavras tem que deixar de ser difíceis. Elas não podem deixar de ser ditas porque elas dificultam o diálogo. As palavras tem que continuar sendo ditas pra poder... lâminas, o que for, a gente tem que entender as palavras. Não é trocando palavras por outras que a gente vai se comunicar melhor. A gente tem que entender todas elas porque nós temos direito de entender todas elas. Então, mas eu acho que vocês tem razão no sentido de, bom, se eu não entendi, é preciso que o formato, que a gente pense num formato que atenda isso, o que não significa baratear, de maneira nenhuma, primeiro porque a EJA, como diz a Jaqueline aqui, tem que ter um [?] de elite mesmo, a gente tem que se comportar como se a gente fosse o que de fato nós somos, um ser de direito e que tem direito a tudo, pra isso a gente tem que ter um ponto em que a gente se encontre, bem barato bem caro, mas... então é preciso um ponto em que a gente dialogue e a gente se entenda. Mas, eu acho que a gente não pode terminar assim, né, como se a gente tivesse cochilando como se a gente... porque há um problema aí, acolá de comunicação entre nós, mas não de oposição entre nós. Eu acho que esse documento que Mônica menciona e que parece que a gente já tá determinado realmente a realizar, né, é um documento que possa circular que possa fazer o papel da síntese porque acho que todo diálogo deve propor uma síntese, né. A gente tem que pensar meios de divulgar esse documento. Temos o e-mail de todos os participantes, né, e a e assim, é claro, eu acho que tem que passar pra mesa pra ela fazer as considerações, eu acho que cabe a eles refletirem sobre o que foi colocado

na medida do possível e a gente levar pras nossas regiões a reflexão e avançar, né. Mas de maneira nenhuma, pense nisso, cuidado com o barato e cuidado com o caro. Tem que ter um ponto equidistante em que a gente se encontre e a gente se conheça e a gente aprenda e avance, juntos. Eu passo... pra Kênia e passo pra Jaqueline e passo pro Gabriel.

Prof.^a Kênia: Bom, a questão colocada pelo... pelo representante do Grêmio, né. Primeiro... primeiro meus parabéns por essa percepção, essa sensibilidade, esse processo de encontro, né, que não tardou, vamos dizer assim, chegou em boa hora, né, parabéns, assim como professora acho isso muito interessante e as contribuições serão de ambas as partes, eles também vão ganhar muito participando politicamente das discussões de vocês. A professora... Taís, né, colocou a questão da da da... de que tipo de cultura, né, que metodologias, que métodos, que a gente procura desenvolver. Cultura do texto escrito, Taís. Sempre texto escrito mesmo é o que mais permeia a a as atividades de sala de aula e aí claro, há uma remissão plena, todas as possibilidades de linguagens. Por exemplo, num dos relatos que eu me referi do “Céu da boca” a... a socióloga, me falha me fugiu agora a memória, ela vai colocar a questão de socializar-se com o Brasil através do alimento, devorando o Brasil, devorando o Brasil pela boca, em determinado ponto há uma remissão a... as marilenes(?) as marilenes de [?] e aí que que a gente faz? A gente vai trazendo elementos ilustrativos que vão referenciando o sentido da memória, o sentido da história, o sentido dessa cultura plural, né, essa essa ideia de expansão mesmo da compreensão das linguagens e aí nós vamo entrar na... na linguagem tematizada, né, na construção de períodos e de frases que vão resgatar conceitos, vão ser, né, elaborados ali em frases, períodos e e pequenos textos, questões discursivas, né, a gente trabalha muito com essa ideia do desenvolvimento de um raciocínio, aquisição(?) de uma... uma elaboração, um questionamento, mas em forma de microtextos. Então, texto escrito ele permeia todas as respostas(?). Há uma uma metáfora que os meninos colocam, né Gabriel, que eu chamo “metralhando”, porque é muito raro chegar pra um dia de aula com quatro ou cinco materiais que se inter-relacionam mas que, né, [?] que se inter-relacionam mas que vão acrescentando elementos, um a outro, um a outro. Então, é o texto escrito, o tempo inteiro diálogo com o texto escrito. Agora, os gêneros tem que ser garantidos, né, aí vem toda essa produção que o estudante... éh... ensino regular, ensino... éh éh... vamos dizer assim...

de idade né de aprendizado é regular coloca pra gente, de ensino fundamental, ele precisa socializar com essas essas tipologias textuais, né, com gêneros e isso tudo dialoga com a linguagem visual, com a linguagem do cinema. Na oficina de literatura tem sempre a linguagem do cinema dialogando com a literatura, né, a gente sempre trabalha essas linguagens. Nós fizemos um projeto [?] linguagem visual sim, mas que não ficou restrito a isso que foi a minissérie “Grande sertão veredas”, em quatro sábados, quatro horas de exibição, das duas às seis, né, nós viemos pro teatro... pro cineteca, e aí nós fizemos essa discussão que é uma iniciação ao mundo da linguagem especialíssima de Guimarães Rosa e aí, vejam bem, táo levantando uma questão da linguagem técnica... nós temos que fazer o trabalho permanente, contínuo, metódico, cauteloso, mas não podemos impedir os estudantes acessarem elaborações da linguagem porque se não é minimizar esse conhecimento, agora, fazemos uso dessa linguagem nas discussões que nós elaboramos com eles na sala de aula? Não é! Nosso discurso traz esses conceitos, traz essas essas essas expressões, esses termos pro cotidiano da sala de aula? É preciso que a gente tenha essa preocupação. Com relação a linguagem... acho que você... pode entender um pouco isso, né? O texto escrito ele é reiteradamente presente, assim... não temos folga. Nós táo aqui convivendo com o texto escrito e aí as mediações pra trabalhar a gente poderia desenvolver em em oficinas, né, grupos de estudo com a [?] apontou acho muito importante pra uma próxima edição do nosso Diálogos EJA, a gente precisa fazer isso mesmo, né. Com relação a... a questão da da linguagem fora de contexto [??] as dificuldades de de de... de enfrentamento mesmo, de apropriação né de... de linguagens que se usa na academia, os termos é conceituais... elas são... éh... dificuldades que estão presentes pra todos os níveis de formação, não é Educação de Jovens e Adultos só, traz essa essa preocupação, né, os os cursos superiores e até nas especializações quando nós estamos lidando com novas discussões e aprofundamento teórico a gente tem que se apropriar tem que se debruçar pra fazer a compreensão fluir, então, é, eu penso que a gente deve pensar se há outros mecanismos de resgate, de inserção, de contemplação dessas dessas necessidades, mas... éh... [??] penso também que nós professores, estudantes, comprometidos, né, com a aquisição, elaboração melhor do conhecimento, a gente também tem que... éh... se dispor, se abrir mais a a a essa essa encontro e a essa assimilação, né, desses dessas expressões e linguagens outras que podem em determinado momento causar estranhamento, né, mas esse estranhamento ele tem

que ser garantido numa perspectiva de crescimento, né, e aí sim, as vezes a pessoa senta pra tirar dúvida, né, enquanto alguém faz uma colocação de um termo ou outro, anotar enquanto o sujeito fala, anotar os termos, e depois vamos vir aqui pedir a mesa esclarecimento sobre... ó o senhor quando disse determinada coisa, eu não entendi, usou determinada expressão, eu não entendi... faz parte disso aqui também, não é, que a gente dê os esclarecimentos sobre determinadas... éh... determinadas expressões, conceitos e ideias que a gente esteja explorando. É importante a gente resgatar isso, mas também dizer que nós vamos... éh... né...desconstruir, desconsiderar a importância da gente resgatar os conceitos e fundamentar todos esse trabalho que é imenso, não é, que trata de currículo, trata de metodologia, que trata de programas, que trata de conceitos que vão fundamentar perspectivas, né, de olhares e posições político-ideológicas na educação, a gente não pode abrir mão dessas discussões, né, e a gente precisa dos termos, das palavras, que [??] não é. Então, acho que é importante, acho que é válido colocar essa dificuldade, mas pensando que a gente precisa, né, é trabalhar de ambos os lados pra que isso se... né. Bom, éh... tem mais alguma questão direcionada a mim especificamente ou não? Não tô lembrando. Acho que não né!

Prof.^a Jaqueline: Bom, na verdade o que a gente quer com currículo integrado é como a Ciavatta fala, né, vamo entender o que ela diz aqui, que “queremos que a educação geral se torne parte inseparável da educação profissional de todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho, seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos, como na formação inicial, no ensino técnico, tecnológico superior”, então, é assim que a gente entende. Quando o Hércules fala que... éh... lá no Japão se investiu no ensino ensino... na Coréia né... se investiu no ensino médio... éh... e o Japão também... éh... é exatamente esta a preocupação que a gente tem, né, porque se você forma o trabalhador à medida que ele trabalha que ele repete aquele trabalho mas ele re... ele ele tem aquele aporte de conhecimento historicamente construído, aquela técnica que ele faz ele pode recriar ela, né, considerando também a nossa cultura, que é uma cultura que não existe em outro lugar do mundo, né, nossa cultura brasileira e nós temos os diferenciais das outras culturas, então, nós temos possibilidades enormes se de fato resgatarmos essa população nossa, brasileira, olhando pro nosso país, né, nós temos milhões de pessoas que não tem a formação básica. Então, é um é um compromisso político é

um compromisso social é um olhar para o nosso país e não de costas para o nosso país, né, Tião. Então é eu só queria destacar essa questão em relação ao que ele falou aí e outra coisa que ele disse é que a faculdade é um sonho distante a ser alcançado, né, então a gente no Proeja a gente quer realmente resgatar isso, que não seja esse sonho distante mas que... éh... que não se negue o conhecimento historicamente construído aos alunos da Educação de Jovens e Adultos, né, é um compromisso, é um desafio, isso não é fácil, mas é... a gente tem que sair, foi falado muitas vezes aqui do concreto né pra você chegar numa abstração e é isso que a gente quer, né, que o conhecimento né e o desenvolvimento dos nossos educandos se dê cada vez em níveis mais elevados, né. A Mad'Ana coloca uma questão aqui da... repensar a estrutura né que casa com que o professor Otávio fala... éh... que a gente sabe que qualquer modificação que a gente faça na estrutura dessa Instituição dá muito trabalho e a gente sofre demais pra mudar um horário, né, pra mudar qualquer... éh... qualquer ação diferenciada do que já tá posto, que já tá feito, como vem sendo feito, né. Então eu penso que repensar a Instituição a... essa estrutura, inclusive por exemplo o tempo de matrícula, né, outro dia... uma pessoa... que faz a matrícula ela falava pra mim assim: “eu gasto quarenta minutos pra fazer uma matrícula do aluno de EJA enquanto o outro eu faço com cinco minutos”, pois aí já é um papel importante, né, a senhora tá gastando quarenta minutos a senhora tá fazendo um papel importante. Então é assim, a gente tem que trabalhar todos os lugares né da da escola porque não é só na sala de aula que tá nossos alunos, eles estão em todos os espaços e esse trabalho acho que tem que ser contínuo, né. Ah... essa questão da aprendizagem, né, que o aluno da EJA não aprende, né, a Deusilene... Deusilene, ela já saiu, é é um mito isso, né, nós precisamos superar isso, né, porque existe muito isso... chega chega professor e fala assim, “ah, na Educação de Jovens e Adultos a gente tem que baixar o nível”, exatamente ao contrário, tem que elevar o nível, só que a gente sai da onde o aluno está e vai levante ele pra um nível maior, né, isso é fácil fazer? Não! A gente tá demonstrando aqui que precisa... éh... o professor ter formação, mas precisa também de formação continuada, precisa de atuação na pesquisa, precisa entrelaçar de várias ações que a instituição não tem tido... éh... vamos dizer assim, práticas, né, não tem revisto suas práxis né. Então, há há necessidade de repensar isso, né, e e de formar grupos, né, como a gente tá fazendo aqui, né... éh... [??] essa questão da tarefa, né, Otávio, eu por exemplo não... dificilmente passo tarefa pra meus alunos pois sei que todos eles trabalham,

trabalham no espaço da sala de aula junto com eles e vou fazendo com eles as atividades, né, então e e e cada aula já faço avaliação junto com eles né, então eu... quando você faz isso você consegue acompanhar melhor se o aluno tá aprendendo ou não aprendendo. Então, se você passa tarefa ele não vai fazer e aí gera um conflito, né, [?] se você se aproximar do do aluno você deve fazer as tarefas dele junto, né, é um trabalho diferenciado. Em relação à linguagem, eu acho mesmo que às vezes a gente usa uns termos técnicos e a... eu penso que a gente tem que tomar mais cuidado com eles, né, porque acaba que a gente é é... eu mesmo pensei muito mais nos professores, né... éh... do que a preocupação de fato de com os alunos na na minha fala na hora de apresentar aqui e de dá uma contribuição com os professores da área e atuando e e eu acho que a gente pegou aqui em algumas palavras, que eu acho que se os alunos perguntassem a gente explicaria, né. Biodigestor! Biodecompositor!

Prof. Sebastião: Então, pessoal, olha... eu acho que essa... ah... o Gabriel.

Aluno Gabriel: Bom [Sebastião diz: “Breve, Gabriel!”] eu vou fazer só dois comentários rápidos. A respeito da da linguagem talvez eu tenha entendido de forma diferente. Professora Keila, né, colocou, a aluna Priscila. Eu acho assim que talvez eles tenham querido dizer não não pelas linguagens técnicas e difíceis que usam, mas pelo pela forma da apresentação. Assim, a apresentação é que eu acho que foi um pouco, eu também concordo... um pouco... éh... não monótona, mas assim, cansativa. Eu como estudante se eu viesse de uma região como Jataí, por exemplo, chegar aqui pra assistir uma palestra que num... igual a professora Kênia colocou, começou a fazer a apresentação dela e assim não pode nem terminar tudo o que ela queria porque o tempo também é curto. Então, talvez, assim, não pela palavras difíceis porque a gente aqui desse campus nós desde o primeiro e segundo período nós já temos textos científicos, inclusive, então pela apresentação mesmo que elas tenham querido colocar [?] uma apresentação mais rápida, mais direta com os conteúdos e se ficar assim talvez [??] eu acho que entendi dessa forma. E para o Lucas, em questão ao Grêmio Estudantil, eu quando eu fui representante eu pude... nós fomos convocados, eu pude até estar interagindo com os alunos, mas nesse período, eu podia... eu tinha um tempo pra estar vindo, uma disponibilidade pra tá vindo durante o dia porque as reuniões do Grêmio, a maioria são de dia, à tarde.

Então assim talvez pelo... o Grêmio tenha se afastado um pouco do EJA pelos convites que foram vários e os alunos não poderem comparecer, talvez eles tenham desanimado achando que os alunos do EJA não se interessam muito, né. Aí a questão, acho que assim, seria se vocês tivessem como fazer assim pelo menos uma reunião por semana a noite no horário em que alguns alunos pudessem tá participando, que eu aprendi muito, tive uma contribuição muito grande com o pequeno tempo que eu participei das reuniões, a gente se conheceu lá, inclusive, então é isso. [aplausos]

Prof. Sebastião: [??] Acho que essa mesa ter chegado ao fim, que não é o fim mas é sempre o começo, acho que é até uma uma vitória. Porque de fato essas práticas... éh... político pedagógicas de exercício de currículo integrado elas existem assim com militâncias, né, e com muito pouco institucionalização e e parece que todas as falas, inclusive essa de dizer, olha tá muito técnico tem que ser mais informal, tem que ser mais acessível, tem que ser de nós praí, não é isso que vocês falam, da nossa realidade daí, isso é fato. Agora isso tem que ter... só tem uma maneira disso se concretizar, são ações coletivas, quer dizer, tanto na fala da Kênia e o e o... na fala da Jaqueline, na experiência de construção, de perspectivas integrativas, está a reunião, está a reunião, está processos contínuos, e isso dá dica pra nós, né, então essa coisa de currículo integrado tem haver com aproximações, reuniões, permanências, continuidade, aproximações, parece que esse é o sentido da construção do currículo integrado. Com relação a... eu acho que o Josué o pessoal que tá com essa função aí de coordenador, talvez agora seja, em geral quando você termina, nós tamos terminando o nosso encontro, aí essa função horrorosa de coordenador, de cadê o tempo, porque senão a gente também tem que entregar o teatro, isso também é concreto, né. Então assim se a gente tivesse no final de de um congresso talvez a gente taria lendo agora a carta, não é o caso, né. Josué disse até, ó, fiz alguns apontamentos. E todos nós deveríamos fazer os nossos apontamentos e, talvez, pelo e-mail a gente conseguisse chegar naquilo que Mônica chamou, lá na carta ou documento que a gente tá tentando nomear isso, né, agora, isso é um compromisso, isso tem que sair, isso tem que sair, vocês tem que se sentir contemplados. Então, quer dizer, essas falas vão colocar para a organização, é, quem sabe o formato, né!? Às vezes momentos de pequenos grupos, só com o de estudantes pra que eles possam se expressar, quer dizer, tem que ter um ponto em

que a organização aproxima e que vocês tem que ter coragem de se expressar. Vocês precisam ter coragem de escrever e se expressar. Agora, às vezes, por causa do formato, por causa do tempo, nem todos falam, nem todos... isso acontece. Porque às vezes você se contenta na fala do outro e às vezes não, não me contento, tô contemplado na fala do outro. Então, é precisa fazer essa... essas curvaturas necessárias para que a gente se entenda, né. O fato é, estamos todos construindo um campo. Somos todos parceiros e militantes e temos todos que nos fortalecer pra isso. E, eu acho que essa carta é um ponta-pé inicial, não é! Eu passo aqui a agradecer a Jaqueline, a Kênia e o Gabriel, e de fato o Gabriel é o técnico, né! Então, eu fico muito satisfeito de a gente ter conseguido... eu achei outra coisa, como é que a gente pode chegar ao fim de uma mesa e essa coisa não está dada, quem é o sujeito, das outras mesas, né. Mas, a gente conseguiu. Acho que foi enriquecedor. Passo aqui para o nosso magnífico coordenador, que é o Josué Vidal.

Prof. Josué: Nada de magnífico, não! Mas olha só... éh... agradecer vocês pela paciência até agora, né, e eu acho assim, primeiro, a gente tá num diálogo mesmo, né, e eu acho que o grande desafio, provavelmente, entre vocês e até outras pessoas que não se manifestaram tenham percebido, tem haver com o fato de ser um diálogo que reúne muitos segmentos. Então, nós temos muitos segmentos aqui e de acordo com a temática que é levantada pela mesa se busca focar, às vezes mais, por exemplo, no professor do que às vezes no aluno. Essa que é a verdade. Então, por exemplo, essa mesa é uma mesa de práticas pedagógicas, né, então a tendência é que ela iria contemplar mais os professores, mais essa preocupação. A gente entende que tem alguns termos que são utilizados, como por exemplo, o professor Osmar falava em materialismo dialético, obviamente que essa esse é um assunto de domínio pra poucos. Aquela fala do primeiro dia, né, ela não existia no formato original do evento e ela foi feita, a fala... em forma de conferência... ela foi feito... éh... no sentido inclusive de contemplar a possibilidade de integração com outros Institutos Federais, né, que inclusive muita gente de outros Institutos Federais se inscreveram. Nós tivemos dois Institutos Federais de fora de Goiás, aqui. E era uma fala no sentido de trazer a defesa mesmo política da Educação de Jovens e Adultos, de tentar compartilhar as experiências que nós tínhamos... que nós temos aqui em Goiás com outros Institutos, no sentido de fortalecer a EJA e levar isso pra outros Fóruns. Em relação a essa carta que tá sendo elaborada, né, que já está mais

ou menos metade escrita, não sei o quanto está, não tem como... o tempo também não nos permite fazer a finalização dela aqui. A ideia então, é, fechar uma minuta entre nós da comissão e os colegas mais próximos que queiram fazer contribuições. Despachar para o e-mail de vocês e vocês, é, nos mandar as contribuições pra gente poder pensar essa carta. Pensar uma proposta final. Lembrando o seguinte: que essa carta não é um espaço pra desabafar os problemas que ocorreram no evento, não, é uma carta no sentido de encaminhá-la pra outras instâncias como, por exemplo, para para as diretorias, para as reitorias, para o CONIF, pra mostrar o que a gente entende por uma experiências de Educação de Jovens e Adultos que seja, digamos assim, pensada do ponto de vista dos interesses dos jovens e adultos desse país, né. Então, eu acho que o tom da carta é nessa defesa política dessa modalidade, né, claro que a gente vai assimilar as contribuições que vierem, né, mas a gente pra finalizar a gente pede a compreensão de vocês e a gente entende que essas contribuições que vocês estão dando, né, elas vão aparecer nos próximos eventos. Espero que seja assim, que ocorra dessa forma, que tenha mais participação dos campus... nós estamos tentando consolidar o fórum é da Educação de Jovens e Adultos na instituição que vai se... que vai congrega outros segmentos além, é, dos dis... dos docentes, que são os discentes, os representantes dos campus, dos servidores tal, então aí com isso acho que isso vai facilitar os diálogos e vai fazer com que esses esses próximos fóruns eles contemplem aquilo que ficou a desejar nessa edição. Tá certo? No mais é agradecer e desejar um bom retorno pra todos aí. [aplausos]

15 a 17 de
outubro de 2014

Transcrição Diálogos EJA 2014

216

ANEXOS

CARTA DO IV SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL
DIÁLOGOS EJA INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Os participantes do IV Seminário Interinstitucional “Diálogos EJA Integrada à Educação Profissional”, quais sejam discentes, docentes, gestores, pesquisadores e militantes da Educação de Jovens e Adultos de cinco Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia¹, da Universidade Federal de Goiás e da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, vêm a público manifestar-se em defesa da consolidação das políticas públicas de oferta da Educação Básica Integrada à Formação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, como também da sua ampliação no âmbito das Redes Federal, Estaduais e Municipais de Educação.

Tendo como tema “Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais em Goiás”, os participantes do evento puderam, ao longo de três dias de atividades (de 15 a 17/10/2014), compartilhar experiências, expectativas, e frustrações - inclusive aquelas relacionadas às dificuldades de compreensão por parte dos discentes dos termos técnicos usados durante as palestras e/ou mesas redondas- sobre o desenvolvimento das atuais ofertas educacionais para o público formado por jovens e adultos trabalhadores atendidos atualmente na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Já neste encontro, decidiu-se que o próximo Seminário deverá contemplar mais amplamente o diálogo entre segmentos – discentes, professores, gestores – por meio de oficinas, apresentação de trabalhos, rodas de prosa etc.

Não obstante os vários avanços obtidos ao longo dos últimos anos, considerou-se também que ainda é necessário:

- Apoio e incentivo das instâncias de gestão na participação da comunidade no Seminário Diálogos EJA.
- Apoio institucional (logístico) na criação do Fórum de estudantes da EJA do IFG.
- Garantia de verba institucional para a realização do evento Diálogos EJA.
- Levantamento de diagnóstico junto aos câmpus para subsidiar a proposta de cursos de formação continuada para os docentes que atuam em EJA.
- Levantamento, junto aos câmpus, de profissionais docentes com experiência e formação na EJA, para composição de núcleo de orientadores/formadores, a fim de atuarem em cursos de formação continuada, bem como no fomento de discussões acerca dessa modalidade de educação, inclusive com o apoio e participação da

¹ Instituto Federal de Goiás, Instituto Federal Goiano, Instituto Federal de São Paulo, Instituto Federal Catarinense e Instituto Federal Farroupilha.

UFG . As instituições devem conferir aos componentes do núcleo carga horária para a realização do referido trabalho.

- Ampla divulgação dos cursos técnicos integrados na modalidade EJA, por exemplo, por meio de convênios com as secretarias municipais, Setransp, a fim de realizar comunicação visual específica para os processos de EJA, com divulgação em terminais, associações de feiras e bairros, além de parcerias e com agências públicas (municipais e estaduais), para divulgação em áudio dos processos seletivos para a EJA.

- Levantamento, junto aos câmpus, de temáticas importantes para os servidores envolvidos na EJA e que ajudem no trabalho cotidiano com os estudantes da modalidade.

- Rediscussão das matrizes curriculares, realizando estudos que visem à adequação da carga horária dos cursos às necessidades formativas e dos sujeitos da EJA - redução da duração dos cursos de 4 anos, por meio da construção de um currículo que aponte para a integração dos conhecimentos (currículo integrado).

- Institucionalização das reuniões para planejamento pedagógico, que viabilizem ações pedagógicas interdisciplinares, aulas compartilhadas, garantindo a execução do currículo integrado.

- Constituição de uma comissão de estudos sobre legislação e experiências formativas que indiquem outras possibilidades de construção de itinerários educativos para a EJA integrada à Educação Profissional.

-Fomento, por meio de editais, com financiamento e recursos, de pesquisas vinculadas à EJA integrada à Educação Profissional nos Institutos Federais.

- Reflexão e revisão dos critérios colocados nos editais, no sentido de promover a pesquisa vinculada à Educação, sobretudo à modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional.

Em virtude das questões apresentadas, solicitamos que toda a sociedade civil e as nossas instituições educacionais se debrucem sobre essas demandas e criem meios de atendimento e solução que sejam duradouros e significativos para a expansão da EJA e sua assunção como importante modalidade de ensino no Instituto Federal de Goiás.

Goiânia, 17 de novembro de 2014.

15 a 17 de
outubro de 2014

Transcrição Diálogos EJA 2014

BANNER

219

15 a 17 de
outubro de 2014
Inscrições gratuitas!

REALIZAÇÃO:

INSTITUTO FEDERAL
INSTITUTO FEDERAL
UFG

DIÁLOGOS EJA INTEGRADA À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

OS AVANÇOS, OS DESAFIOS E O LUGAR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
NOS INSTITUTOS FEDERAIS EM GOIÁS

The banner features a background with a network of black dots connected by thin lines, overlaid on a colorful, abstract geometric pattern of overlapping polygons in shades of green, yellow, orange, blue, and pink. The text is arranged in a clear, hierarchical layout, with the dates and registration information at the top left, the organizing institutions in the middle, and the event title and theme in a dark horizontal band at the bottom.

CARTAZ

**DIÁLOGOS EJA
INTEGRADA À
EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL**

OS AVANÇOS, OS DESAFIOS E O LUGAR
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
NOS INSTITUTOS FEDERAIS EM GOIÁS

DE 15 A 17/10/2014
NO TEATRO DO IFG - CÂMPUS GOIÂNIA

Mesas Redondas, Palestras, Relatos de Experiência,
Apresentação de Pôsteres e Apresentações Culturais

Certificação de 20 horas

Inscrições gratuitas:
<http://eventos.ifg.edu.br/dialogoseja>

REALIZAÇÃO: INSTITUTO FEDERAL INSTITUTO FEDERAL UFG

PARCERIA: FÓRUM GOIANO DE EDUCAÇÃO JOVENS ADULTOS PREFEITURA DE GOIÂNIA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

APOIO: CAPES OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO

PROGRAMAÇÃO



20h Palestra de abertura:
O Currículo Integrado na EJA
Prof. Osmar Lottermann – IFFarroupilha



16/10 – quinta-feira

14h Atividade cultural

14h30 Mesa redonda
Formação Docente na EJA integrada à Educação Profissional

17h30 - 18h30 - Apresentação de pôsteres

19h Atividade cultural

19h30 Mesa redonda
O perfil e o lugar dos sujeitos de EJA integrada à Educação Profissional nos Institutos Federais



17/10 – sexta-feira

14h Atividade cultural

14h30 Mesa redonda
Permanência, Retenção e "Evasão" na EJA integrada à Educação Profissional

17h30 - 18h30 - Apresentação de pôsteres

19h Atividade cultural

19h30 Mesa redonda
Práticas Político-Pedagógicas de Currículo Integrado na EJA



PÔSTERES

IV Diálogos sobre Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional
Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

EJA: Avaliação Qualitativa das Políticas Públicas no Município de Goiânia

Autores: LILIANE COSTA DOS SANTOS
Aluna do curso de pós-Graduação Em Política e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica (IFG)
liliane.profunesion@ufg.br

PATRÍCIA GOMES FONSECA
Aluna do curso de Pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola Pública(UFG)
patriciagomesufg@ufg.br

Palavras-Chave: EJA, Educação, Políticas Públicas, Professores.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Goiânia, enquanto modalidade de Educação Popular apresenta uma trajetória de desafios, principalmente por ser uma alternativa para minimizar o problema da exclusão social.

A partir do Parecer CEB 11/2000, o Conselho Nacional de Educação regulamentou as "Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos", e com a aprovação desse parecer a EJA não possui mais apenas a função de suprir ou compensar a escolaridade perdida, mas também a função reparadora, que promove a cidadania por meio da reparação do direito negado à educação, a função equalizadora, que garante o acesso aos bens sociais e a permanência na escola de maneira equitativa, considerando cada sujeito com suas necessidades específicas, e, por último, a função qualificadora, ao efetivar uma educação permanente que corresponde às necessidades de atualização e aprendizagem contínuas.

METODOLOGIA

Análise qualitativa dos dados a que se refere às questões que procuramos responder se apoiam na dúvida, a saber, se os educadores estão preparados para exercer a sua profissão de forma a entender as especificidades dessa modalidade educacional, se estão dispostos a abrir mão da educação tradicional (educação bancária, na concepção de Paulo Freire), se acreditam na sua importância enquanto formadores de opinião.

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

Os dados coletados junto a coordenadores, diretores e supervisores serão as bases para uma análise da estrutura educacional para atender a modalidade e também para gerar parâmetros da avaliação das políticas públicas destinadas a EJA. Vale salientarmos que numa pesquisa qualitativa, como pretendida esta, a coleta de dados trás as informações substanciais para atingir os objetivos propostos.

O resultado esperado foi positivo nesta pesquisa no que tange o que é assegurado ao direito de escolha do profissional ao trabalhar a EJA com o melhor método de ensino, amplitude e duração garantindo também no sentido democrático da instituição em ser flexível na legislação que a regulamenta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim a educação popular e, por si só, uma educação crítica (de formação para a democracia) que busca desencadear um processo de transformação social à medida que são desveladas as estruturas de poder e reveladas as ideologias que justificam a desigualdade social, o papel da escola e, principalmente do educador, deve ser de engajamento, de promoção do debate acerca dos problemas sociais e de apoio à participação política efetiva de sua clientela nos meios sociais. Tal como ressaltou Paulo Freire (apud. NÓVOA, 1978), a conscientização tende a produzir alguma mudança nas relações sociais pela motivação política contra a dominação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, Miguel. O currículo para jovens e adultos ao longo do século XX. *Atualização e Cidadania*. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Metodológica do Brasil (AAMB), n. 11, 2001.

ANDRETTI, Paulo. *Baseado do Realismo*. In: SAUER, Luiz e GENTIL, Tadeu. A. (Orgs). *Revolução da política escolar no Brasil*. Descontorno, Rio de Janeiro, RJ, 4 Temp. 1999.

ANDRADE, Elvira Ribeiro. Os preceitos da EJA e a EJA nos jovens. In: BARRETO, Maria C. & PRATA, Vera Zilda. *Educação para jovens e adultos*. Rio de Janeiro: CFEA, 2004.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Câmara de Educação Básica. Parecer CEB 11/2000. *Aprovação de Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos*. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. segunda reedição. a política educacional. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

AGRADECIMENTOS

CAPES
Observatório da Educação

Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

A construção do currículo integrado na experiência PROEJA-FIC/PRONATEC em Goiânia

* Bruno Rodrigues Bueno¹ (EL - graduando em Licenciatura em História – IFG),
Sebastião Cláudio Barbosa² (PPEJA – Prof. Mestre em Educação – IFG)

1. brbueni@hotmail.com
2. sebchar3@gmail.com

Palavras-Chave: PROEJA-FIC, PRONATEC e currículo integrado.

INTRODUÇÃO

Primeiramente, é preciso observar que não há experiências completas de construção de currículo integrado no Brasil. O que há é um esforço teórico/prático nesse sentido, por exemplo, a proposta de Integração desenvolvida pela CIJUT na década de 1980. Correntemente, há o predomínio de uma prática, segundo a qual, a fragmentação do saber se reproduz a partir das disciplinas. Contudo, a apreensão disciplinar não atende mais as necessidades dos alunos enquanto cidadãos, uma vez que procura ensinar conteúdos necessários, mera e prioritariamente, para passar no vestibular. Isso faz com que os alunos estejam alienados quanto ao contexto real da sociedade no qual está inserido. Portanto, julga-se necessário analisar formas e perspectivas que superem a hegemonia pedagógica que fragmenta os estudos do trabalhador e o estabelece a "conta-gotas". Assim, uma forma de superar essa prática é a devida escolarização desses trabalhadores, para que passem a ser agentes sociais ativos, dirigentes de seus caminhos históricos.

METODOLOGIA

1. Pesquisa teórica de autores relacionados ao assunto, como, Marise Ramos e Gramsci;
2. Breve pesquisa histórica condizente com o contexto social;
3. Análise dos questionários levantados em pesquisa no PROEJA-FIC e PRONATEC em Goiânia no que se refere à opinião dos alunos.

A pesquisa abrangeu o universo de 374 educandos do turno noturno, participantes da experiência PROEJA-FIC/PRONATEC em Goiânia das seguintes instituições municipais: Presidente Vargas, Prof. Nadal Sfredo, Jardim Novo Mundo, Pedro Costa de Medeiros, Abrão Rassi, Buena Vista, Joel Marcelino de Oliveira, Nova Conquista, Jalles Machado de Siqueira e Jesuína de Abreu.

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

A formação integrada nada mais é do que possibilitar a massa trabalhadora possibilidades de ação política e social dentro da comunidade. Mas para isso temos o pressuposto de que não somente os conteúdos de senso comum devem estar dispostos aos alunos, pois os conteúdos que profissionalizam em conjunto com os de linguagem teórica ampliam aos educandos a possibilidade de ampliação de seus conhecimentos ou mesmo de participar de decisões políticas de norteamento da sociedade.

5) Há interação dos conteúdos nas aulas dos professores da formação profissional com as outras disciplinas?



10) Na sua opinião, o Proeja-FIC/Pronatec possibilita:



Assim, o estudante será inserido em um ambiente profissional, construindo dentro dele, através das aulas, uma capacidade autônoma intelectual, situando-o no contexto social de geração, gênero e relações étnico-raciais, criando nele uma identidade social de respeito a ele e ao próximo (BRASIL, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que devemos praticar agora é um ensino que valorize seus indivíduos e dê condições necessárias para os próprios alcançarem um aprendizado propício para uma emancipação cultural e não somente voltada ao capital.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Educação Profissional e Tecnológica: o novo modelo. Brasília, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Educação Profissional e Tecnológica: o novo modelo. Brasília, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Educação Profissional e Tecnológica: o novo modelo. Brasília, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Educação Profissional e Tecnológica: o novo modelo. Brasília, 2007.

AGRADECIMENTOS

CAPES
Observatório da Educação

IV Diálogos sobre Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional

Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

Perfil dos alunos do Curso Técnico em Agroindústria do IFG - Câmpus Itumbiara e as estratégias para aprendizagem significativa no ensino de química de jovens e adultos

ANNE K. SILVA¹ (EL), ROGÉRIO P. RODRIGUES² (EL), WALDICLÉCIO R. FARIAS³ (EL), LÍGIA V. ANDRADE⁴ (PPE).

1 annekamille95@hotmail.com
2 rogeriopachocorp@hotmail.com
3 clecio_016@hotmail.com
4 ligia.andrade@gmail.com

Palavras-Chave: Química, Didática, PROEJA

INTRODUÇÃO

De acordo com Budel e Guimarães (2009) muitas vezes os alunos da modalidade jovens e adultos apresentam dificuldades e frustrações por não se acharem capazes de aprender Química e por não perceberem a importância dessa disciplina no seu dia a dia. Esses alunos querem ver a aplicação imediata do que está aprendendo. Portanto, vê-se a necessidade de diversificar as estratégias de ensino.

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

Além do questionário, foi realizada atividade prática em três etapas:

- Apresentação dos conceitos ácido e base (Teoria)
- Experimento (Prática)
- Leitura e Discussão de reportagem sobre fraude e contaminação de alimentos (Contextualização)

Os dados biográficos dos alunos revelaram que 50% tem entre 18 e 24 anos, 40% tem entre 25 e 31 anos. Sobre a causa de terem parado de estudar, 10% alegaram que foi por falta de interesse, 20% para cuidar da casa/família, 40% declararam que foi para trabalhar, 20% apontaram por falta de tempo. As respostas dos alunos sobre o tipo de aula que preferem, em porcentagens obteve-se que 25% preferem aulas prática no laboratório, 25% gostam de debates nos quais discutem sobre artigos científicos, outros 25% apreciam as aulas expositivas que se utiliza quadro branco e pincel, e os demais 25% são adeptos das aulas de resoluções de exercícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alunos da EJA, frequentemente, afastaram-se das escolas devido às responsabilidades com a família e o trabalho. Portanto, estes discentes têm maiores perspectivas de aprendizagem significativa quando são utilizadas estratégias de ensino que visam a contextualização, a reflexão e a prática. A presente pesquisa buscou propiciar aos professores subsídios para renovação das estratégias didáticas na EJA.

METODOLOGIA

→ Procedimento: Coleta de dados
→ Instrumentos: Questionário
→ Sujeitos: Dez Alunos da EJA
→ Tratamento dos dados: Análise estatística

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRADECIMENTOS



O diagrama mostra 'Aprendizagem Significativa' no topo, com setas apontando para 'Motivação' e 'Contextualização' na base.



O gráfico de pizza mostra a distribuição dos alunos por faixa etária: 50% entre 18 e 24 anos (azul), 40% entre 25 e 31 anos (verde), e 10% acima de 31 anos (vermelho).

IV Diálogos sobre Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional
Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

PROPOSTA INTERDISCIPLINAR UTILIZANDO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO PROEJA

Hailton Ferreira Pereira (PPE)¹; Anna Gabriella da Silva Oliveira (PPE)¹; Octávio Marcos Martins Mani (PPE)²; Luana Hipólito Araújo (PPE)³
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás-Câmpus Jataí.
e-mail do autor: hca@viva.com.br

Palavras-chave: história em quadrinhos, interdisciplinaridade, Proeja..

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido no decorrer da disciplina Análise e Desenvolvimento de Recursos Didáticos para o Ensino de Ciências e Matemática, do Mestrado Profissional de Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás, e propõe uma sequência de ensino para o estudo do tema água nas aulas de Química utilizando a construção de histórias em quadrinhos (HQ). Escolhemos para a aplicação da proposta o 2º período do curso de Secretariado modalidade Proeja do Instituto Federal de Goiás, pois além de verificarmos que existem poucas metodologias diferenciadas nesta modalidade de ensino, outro motivo vem da angústia vivenciada pela dispersão das alunas dessa turma durante as aulas de Química

METODOLOGIA

No primeiro encontro: trabalhamos com o tema “água” de forma interdisciplinar, foi realizada uma aula expositiva dialogada, apresentou-se o tema por meio de questões problemas sobre a escassez da água. Pelas hipóteses das alunas, o professor foi abordando conceitos químicos, biológicos e ambientais. No segundo encontro: juntamente com a professora de língua portuguesa foram abordadas a origem das HQ, suas características

e potencialidades educacionais, as alunas conheceram como é a estrutura das HQ, além do significado dos “balões” de diálogo e das onomatopeias. Nesse mesmo encontro foi apresentado o *site Strip Generator*, que utilizamos para a produção das HQ. No terceiro encontro: elaboração da HQ com ações para minimizar os problemas discutidos sobre o tema trabalhado e/ou quaisquer conceitos químicos e biológicos vistos

RELATOS DA EXPERIÊNCIA



Percebemos o quanto este recurso possibilitou a sedimentação dos temas trabalhados : conceitos químicos, biológicos e ambientais de forma contextualizada, interdisciplinar e divertida, além de possibilitar a oportunidade de estimular a criatividade das alunas. A proposta mostrou-se muito interessante, foi possível perceber a mudança atitudinal das alunas que começaram a participar mais ativamente das aulas de química. A turma ficou mais unida, e o diálogo professor-aluno passou a ser mais frequente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados mostraram que as HQ são um recurso didático que pode ser usado como forma de abordar os temas trabalhados de forma lúdica e divertida. Sendo assim, consideramos que a participação ativa dos alunos foi o grande destaque desse tipo de atividade, nesse sentido acreditamos que se faz necessário usar metodologias diferenciadas em quaisquer modalidades de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRADECIMENTOS
CAPES
Observatório da Educação



IV Diálogos sobre Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional
Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ALUNO NA EJA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM GOIÂNIA

PATRICIA GOMES FONSECA
Aluna do curso de Educação a Distância (IFG)
patriciagomesufg@bol.com.br

Autores: LILIANE COSTA DOS SANTOS
Aluna do curso de pós-Graduação Em Política e Gestão da Educação Profissional e Tecnológica (IFG)
liliane.professorarioifg@gmail.com

Palavras-Chave: Eja, lei, educação.

INTRODUÇÃO

Este relato resulta da experiência em andamento de estágio em uma escola municipal de Goiânia, neste ano de 2014. Tendo como premissa de que o aluno da Educação de Jovens e Adultos é um sujeito ativo do processo de conhecimento, procuramos compreender dentro de atividades, diálogos, se eles percebem o quão são importantes neste processo de ensino aprendizagem.

METODOLOGIA

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) estabelece no capítulo II, seção V a Educação de Jovens e Adultos. De o artigo 37: "A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria". Essa definição da EJA nos esclarece o potencial de educação inclusiva e compensatória que essa modalidade de ensino possui. Os jovens e adultos, são o centro do planejamento educacional, e são considerado como um sujeito histórico e de direitos, que se desenvolvem nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizados e por ela estabelecidas com variados grupos e contextos culturais nos quais se insere.

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

Observamos situações educacionais com alguns alunos em um grupo de 53 alunos da EJA do turno noturno que através de diálogos, atividades feitas em grupos que eles representavam o seu cotidiano, a partir da citação de FUCK que diz que a educação seja o processo através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha. Mas isso não será possível se continuarmos bitolando os alfabetizando com desenhos pré-formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para seguir, com histórias que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende. (FUCK, p. 14 e 15, 1994)

Tivemos e ainda temos a intenção de mostrar que a EJA não carregue o estigma de receberem uma educação infantilizada, no sentido de exclusão, mas sim adequada a sua idade e grupo escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de uma análise local, a Educação de Jovens e Adultos em uma escola de Goiânia/GO se configura notadamente como desafio por parte da comunidade escolar, que enfrenta dificuldades, seja por parte dos docentes ou mesmo por parte dos próprios alunos, principalmente daqueles que vieram de outros estados. Pudemos mostrar aos alunos que eles podem se tornar protagonistas de suas vidas, de seu estudo, independentes de qualquer ser e situação. Assim com isso vemos que além de ser uma política educacional, a EJA é principalmente uma política social, dando condições para que os alunos melhorem suas condições de trabalho, melhorem a sua qualidade de vida e com isso sejam respeitados na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.9.394 de 20 de dezembro de 1996.

FUCK, Irene Terezinha. **Alfabetização de Adultos. Relato de uma experiência construtivista**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

AGRADECIMENTOS
CAPES
Observatório da Educação

IV Diálogos sobre Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional
Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

TRABALHAR CIÊNCIAS NA EJA: CONCEPÇÕES DE UM GRUPO DE PROFESSORES

Mistersan Carlos Sobrinho(EL)*, Jéssica Caroline Gomes Vieira (EL), Polielma Moreira de Lima (EL), Marcos Vinicius Dimas Pacífico (EL), Miriam Lucia Reis Macedo Pereira (STE), Lucianne Oliveira Monteiro Andrade¹ (PPE)

¹ lucianne.andrade@ifgoiano.edu.br

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos. Ensino das Ciências. Estratégias didáticas.

INTRODUÇÃO

Com a qualificação do trabalho, houve a necessidade dos operadores serem alfabetizados. Para tal, passou a existir a Educação de Jovens e Adultos. Sendo aos professores a responsabilidade de atender as necessidades e dificuldades destes público. Parte dos problemas do analfabetismo pôde ser resolvida com o surgimento da formação de jovens e adultos. Mas como anda esta formação? Como é a dedicação dos jovens e adultos que participam? Como estão sendo formados os professores das Ciências da EJA? Buscar respostas para estas perguntas é um dos objetivos da nossa pesquisa.

METODOLOGIA

Este presente trabalho se trata de uma pesquisa realizada com professores das Ciências na EJA, atuantes ou que já trabalharam com esse público-alvo. Para realizar tal pesquisa, usou-se a aplicação de uma entrevista composta de 8 perguntas abertas, análise de documentos

oficiais como leis e portarias, artigos e livros da área de Ensino das Ciências. Pesquisa elaborada por nós, graduandos em Licenciatura em Química do Instituto Federal Goiano – Câmpus Ceres. Participaram dessa pesquisa um grupo de seis professores das seguintes instituições escolares: Instituto Federal Goiano – Câmpus Ceres, Colégio Estadual Gilvan Sampaio em Rubiataba e Colégio Estadual Zico Monteiro em Uruana.

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

Todos os professores entrevistados apontaram que as práticas educativas do professor da EJA devem ser diferentes do professor do ensino regular, apesar de geralmente abordar as mesmas temáticas. As atividades da EJA precisam de práticas, direcionadas às vivências e ao trabalho dos alunos. P1: Este público necessita que as práticas educativas sejam repensadas e que sejam adequadas aos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação dos educadores tem o poder de transformar a realidade da educação popular. Ficam como metas a serem atingidas para um efetivo processo de ensino e aprendizagem, a criação de cursos de capacitação dos professores que atuam na EJA, além de maior abrangência das disciplinas de cunho pedagógico em relação a EJA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOSTA, S. J. D.; STRIDER, D. M. O ensino de ciências e a educação de jovens e adultos – caminhos para a formação da cultura científica. PEREZ, D. G. Formação continuada de professores de Ciências no âmbito ibero-americano. Campinas: Autores associados, 1996.

AGRADECIMENTOS

CAPES
Observatório da Educação

IV Diálogos sobre Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional
Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

AVALI(A)ÇÃO E A DIMENSÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NO PROEJA: UMA PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO

*Octávio Marcos Martins Mani (PPE)¹, Cinthia Lorena Silva (EE – Bolsista do PIBITI)²
*prof.tavao@gmail.com¹
cinthialorena.123@gmail.com²

Palavras-Chave: PROEJA, avaliação da aprendizagem, professores, educandos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho integra uma pesquisa em andamento, inserido em um Projeto cadastrado na Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação do IFG – PROPPG, beneficiado com uma bolsista no Programa PIBITI, cuja problemática é a avaliação da aprendizagem em cursos técnicos integrados na modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA). Partindo do desejo de buscar novas maneiras de ensinar, aprender e avaliar e do pressuposto de que as mudanças nas nossas ações partem antes de uma autoavaliação, inquieta-se aqui com as seguintes questões: Para quê avaliar? O quê avaliar? Como avaliar? Quem avaliamos? Quais razões nos levam a querer ensinar, aprender e avaliar no PROEJA.

METODOLOGIA

Foram selecionados somente os professores efetivos do curso, e alunos da primeira turma do Proeja - Secretariado como sujeitos desta pesquisa. A análise está sendo desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório descritivo/interpretativo, ancorada na análise de conteúdo, que se desenrola por meio de uma pesquisa-ação, tendo como instrumentos de coleta de dados grupo focais e como principal fonte de informações entrevistas e questionários semiestruturados,

contendo questões mistas (fechadas e abertas), realizadas com os dois grupos de sujeitos envolvidos nesta pesquisa, e dados documentais (Projeto do curso, Planos de Ensino e Instrumento de avaliação dos professores).

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

A questão de organização do currículo e adequações de conteúdos para a EJA foram em diversas ocasiões citadas por alunos e professores, segundo suas concepções os conteúdos devem estar minimamente de acordo com o que é previsto na matriz e nas ementas do curso, e devem ser adequadas e apropriadas a realidade cotidiana do aluno, considerando suas experiências e seus conhecimentos anteriores, que devem ser levado em consideração na hora da avaliação, e conseqüentemente otimizar sua aprendizagem. Os resultados parciais nos permitem afirmar que atividades de contextualização dos conteúdos fazem com que o educando construa seu próprio conhecimento, seja solidário, saiba trabalhar em equipe e vislumbre sempre uma aplicabilidade prática para os conteúdos e ensinamentos, propiciando com isso uma avaliação diagnóstica, processual e formativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Julgamos ser de fundamental importância compreender as concepções e práticas avaliativas na perspectiva dos alunos e professores, na medida em que ajuda a compreender as suas relações com a aprendizagem, uma vez que isto configura na finalidade da ação docente. Os resultados parciais da pesquisa nos permitiram esboçar um roteiro, construído em uma ação conjunta, alunos/professores na elaboração de uma proposta emancipatória e omnilateral para o processo ensino /aprendizagem/avaliação para o público de EJA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
_____. Pedagogia do oprimido. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2005a.

AGRADECIMENTOS
CAPES
Observatório da Educação

IV Diálogos sobre Educação de Jovens e Adultos integrada à Educação Profissional
Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

A NÃO CONSOLIDAÇÃO DO PROEJA COMO POLÍTICA PÚBLICA DE ESTADO

Jacqueline Maria Barbosa Vitorette*

vitorettejac@gmail.com (Professor-pesquisador da EJA (PPE)).

Palavras-Chave: *Proeja, Política pública, EJA, Educação Profissional (EP).*

INTRODUÇÃO

A presente tese, defendida na linha de pesquisa Estado, Políticas e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás, teve por objetivo investigar uma política pública como expressão da disputa de projetos societários, de concepções e de tensões entre correlação de forças assimétricas na sociedade brasileira capitalista. O problema deste estudo foi identificar como se institui uma política pública capaz de garantir a educação como direito fundamental na vida de jovens e adultos trabalhadores, tendo como objeto o Programa Nacional de Integração da EP com a Educação Básica na Modalidade de (EJA).

METODOLOGIA

A metodologia adotada na pesquisa segue uma abordagem qualitativa de avaliação e identificação do Proeja no âmbito da política de educação profissional partindo do estudo e da compreensão dos referenciais teóricos que o embasam, da análise dos documentos emitidos pelo MEC e pelos Institutos Federais (IFs) que implantaram o

programa. O instrumento de análise foi a entrevista semi-estruturada. Cinco IFs foram lócus da pesquisa, que abrangeu o período de 2005 a 2010. Os sujeitos entrevistados foram profissionais federais, gestores e professores tanto em âmbito nacional (Setec-MEC) quanto nos cinco IFs. Os dados foram analisados por meio da análise categorial.

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

A pesquisa baseou-se em conceitos que buscaram entender as concepções em disputa de Estado, de política pública e EP consolidadas na realidade brasileira, assim como compreender a responsabilidade pelas ações públicas de implantação, implementação e materialização das políticas sociais no Brasil. Os dados revelam que o Estado esteve presente na indução do Proeja e,

havendo ainda uma diferenciação entre a intenção declarada e a materialização do Proeja, entendimento restrito no que diz respeito à garantia do direito à educação para o público de jovens e adultos trabalhadores, confusão em relação às especificidades desses sujeitos, limites na concretização da formação de professores e ausência de professores para atuar no programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha havido um movimento contra-hegemônico nos IFs para a defesa da implantação do Proeja, o que se verifica é a concepção liberal de direitos iguais, excluindo, com isso, os diferentes e "menos capazes".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, J. M. L. de. A educação como política pública. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 166 p.).
PANA, J. Os sentidos do direito à educação de jovens e adultos. Petrópolis: DP et Alii, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005.

AGRADECIMENTOS

CAPES

IV Diálogos sobre Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional
Os avanços, os desafios e o lugar da Educação de Jovens e Adultos nos Institutos Federais de Goiás

ESTUDO MICROSCÓPICO DE CÉLULAS DE LEVEDURAS UTILIZADAS EM PROCESSOS DE PANIFICAÇÃO

Adriana A. F. Costa (EE), Alessandra M. F. Souza^{1*} (EE), Gerotina P. S. Santos (EE), Juan C. R. Oliveira (EE), Maria de Fátima N. Galvão (EE), Nívea M. Rodrigues (EE), Angel José Vieira Blanco (PPE), Simone Silva Machado (PPE).

*alessandramaria77@hotmail.com

Palavras-Chave: Fermento, *Sacharomyces*, Panificação.

INTRODUÇÃO

O fermento comercial usado na panificação é composto por *Sacharomyces cerevisiae* ou *S. cerevisiae*, que significa fungos que comem açúcar. Suas células possuem enzimas que ajudam a transformar o amido do pão em açúcar para que este possa ser metabolizado para viver e se multiplicar (EVANGELISTA, 1998; OLIVEIRA et al, 2005).

A cultura de um microorganismo refere-se à capacidade que este tem de crescer em meios nutritivos artificiais. Esse crescimento é evidenciado macroscopicamente pela formação de uma unidade estrutural, denominada colônia. As colônias de determinados fungos geralmente apresentam morfologias típicas, quando estes são semeados em meios com a mesma composição química e submetidos às mesmas condições de incubação. Este trabalho teve por objetivo a identificação de leveduras *Sacharomyces cerevisiae* comercializadas na forma de fermento tipo secos instantâneos ao microscópio óptico.

METODOLOGIA

As leveduras comerciais na forma seca instantânea foram pesadas no Laboratório de Biologia do Câmpus Inhumas do IFG, num total de 5,0g. A seguir, a amostra foi adicionada de 50 mL de água destilada. E imediatamente depois foi adicionado 5,0 g de sacarose, previamente pesada em balança analítica. A proveta foi agitada manualmente para a dissolução completa das leveduras no meio e deixada em repouso por 60 minutos. Uma pequena alíquota do meio com a levedura foi transferida para uma lâmina e sobre essa colocada a laminula e levada ao microscópio para exame nas objetivas de 10 e 40 vezes.

Logo após, a lâmina foi aquecida para secagem das células e mergulhada em um bêquer com solução preparada de violeta de genciana (cloreto de pararosanilina) onde foi deixada em repouso por 5 minutos. A seguir a lâmina foi retirada da solução e escurrida em papel toalha. Após, foi coberta com laminula e examinada novamente no microscópio nas objetivas de 10 e 40 vezes.

RELATOS DA EXPERIÊNCIA

A caracterização de uma colônia visando a auxiliar a identificação de determinada espécie fúngica, nada mais é do que um conjunto de características subjetivas, de expressão fenotípica, encontradas em determinada espécie.

Dessa forma, deve-se sempre ter em mente que, embora a colônia fúngica possa sugerir, indicar e muitas vezes até acertar o caminho da identificação, não se deve, contudo, considerá-la como única ou principal forma de identificação fúngica (Tabela 1).

CARACTERÍSTICA OBSERVADA	LEVEDURA SEM COLORAÇÃO	LEVEDURA COM COLORAÇÃO
TAMANHO	pequeno	pequeno
BORDA	lisa	lisa
TEXTURA	glicosa	glicosa
PIGMENTAÇÃO	incolorado	---

Tabela 1. Características observadas nas colônias de leveduras *S. cerevisiae*. Inhumas, GO, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leveduras são microorganismos eucarióticos, que possuem membrana plasmática típica e a presença de um citoesqueleto, em seu citoplasma, responsável pelo suporte da célula. Apresentam-se sob forma variada, de esférica a ovoide. A forma e o tamanho das células podem variar de acordo com o nutriente, as condições ambientais, o estado fisiológico ou a idade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EVANGELISTA, Jussé. *Tecnologia de alimentos*. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1998. 452 p.

OLIVEIRA, Carlo Santos de et al. *Biologia na cozinha*. São Paulo: Instituto de Química de USP, 2002. Disponível em <http://www.iahq.com.br/conteudo/ABAAAAA5QAH/abqcozinha-cozinha>. Acesso em 11 ago. 2013.

AGRADECIMENTOS

IFG

Figura 2. Colônias de levedura *S. cerevisiae* de fermento seco instantâneo. Inhumas, GO, 2014.

Figura 3. Colônias de levedura *S. cerevisiae* de fermento seco instantâneo coloradas com violeta de genciana. Inhumas, GO, 2014.

15 a 17 de
outubro de 2014

Transcrição Diálogos EJA 2014

